



Scott Hahn & Curtis Mitch

O evangelho de
SÃO MATEUS

*Cadernos de
estudo bíblico*



ECCLESIAE



DR. SCOTT HAHN é Ph.D. em Teologia Sistemática pela Marquette University. Seus estudos acadêmicos têm sido publicados em diversos meios católicos. É autor de vários

livros, incluindo os *bestsellers* *O banquete do Cordeiro* e *Todos os caminhos levam a Roma*, escrito com sua esposa Kimberly.

Atualmente é professor de Teologia e de Sagrada Escritura na Universidade Franciscana em Steubenville, Ohio, EUA.



CURTIS MITCH é mestre em Teologia e pesquisador do St. Paul Center for Biblical Theology. Especializou-se no estudo da Sagrada Escritura e vem contribuindo com seus artigos

e ensaios em diversas publicações católicas.

Atualmente é professor convidado de Teologia e Estudos Bíblicos na Universidade Franciscana em Steubenville, Ohio, EUA.

Este estudo foi projetado para conduzir o leitor pela Escritura dentro das diretrizes da Igreja – fidelidade ao cânon, à tradição e ao credo. Os princípios interpretativos usados pela Igreja, portanto, é que deram forma unificada às partes componentes deste livro, de modo a fazer com que o estudo do leitor seja eficaz e recompensador tanto quanto possível.

Através de inúmeras notas históricas e teológicas, comentários incisivos e ferramentas de estudo, o evangelho de Mateus ganha vida tanto em seu cenário histórico quanto em sua aplicação contemporânea. A sabedoria dos Padres da Igreja e o ensinamento do Magistério iluminam cada uma dessas páginas.

“A Igreja Católica faz afirmações admiráveis em relação à Bíblia. É essencial para nós, se quisermos ler a Escritura e aplicá-la à nossa vida do modo como a Igreja pretende que o façamos, que reconheçamos essas afirmações e as admitamos. Não basta que simplesmente concordemos, acenando positivamente com a cabeça, quando lemos as palavras ‘inspirada’, ‘única’ ou ‘inerrante’. É preciso que saibamos o que a Igreja quer dizer com esses termos e, depois, nós é necessário tornar pessoal essa compreensão. Afinal de contas, a forma como cremos na Bíblia influenciará inevitavelmente o modo como vamos lê-la. E o modo como lemos a Bíblia, por sua vez, é o que determina o que nós ‘tiramos’ de suas páginas sagradas”.

•••

“A palavra de Deus é, portanto, salvífica, paternal e pessoal. Justamente porque fala diretamente conosco, nós nunca devemos ser indiferentes ao seu conteúdo; afinal de contas, a palavra de Deus é, ao mesmo tempo, objeto, causa e sustento da nossa fé. Ela é, na verdade, um teste para a nossa fé, uma vez que nós só vemos na Escritura aquilo que nossa fé nos faz ver. Se nosso modo de crer é o mesmo da Igreja, vemos na Escritura a revelação salvífica e inerrante de Deus, feita por Ele mesmo. Se cremos de modo distinto, vemos um livro totalmente distinto”.

•••

“Na busca do sentido total de um texto, sempre devemos evitar a forte tendência de ‘espiritualizá-lo demais’, de modo que a verdade literal da Bíblia seja minimizada ou até negada. Santo Tomás de Aquino, muito ciente desse problema, asseverou: ‘Todos os sentidos da Sagrada Escritura devem estar fundados no literal’ (cf. CIC 116). Por outro lado, jamais devemos confinar o significado de um texto em seu sentido literal, indicado pelo seu autor humano, como se o divino Autor não intencionasse que aquela passagem fosse lida à luz da vinda do Cristo”.

Este livro conduz o leitor por um profundo estudo do evangelho de Mateus, usando como guia o próprio texto bíblico e as diretrizes da própria Igreja Católica para sua interpretação. Cada página traz várias observações e oferece novos esclarecimentos e comentários dos renomados professores Scott Hahn e Curtis Mitch, especialistas em estudo bíblico, além de algumas interpretações feitas pelos Padres da Igreja, há muito consagradas. Essas notas de estudo ajudam a tornar explícito aquilo que São Mateus freqüentemente toma por pressuposto, além de fornecerem também preciosas informações históricas, culturais, geográficas e teológicas, pertinentes ao evangelho.

Neste estudo ainda incluem-se quadros, ensaios sobre determinados tópicos e estudos específicos sobre determinadas palavras; há em cada página uma seção de referências facilmente utilizável e, para cada capítulo do evangelho, são propostas algumas questões para aprofundar o entendimento pessoal da santa Palavra de Deus. Há ainda um ensaio introdutório que abarca questões de autenticidade, data, destinatários, estrutura e temas do evangelho, além de um esquema de sua estrutura e diversos mapas.



ECCLÉSIAE

www.ecclesiae.com.br





O evangelho de
SÃO MATEUS

CADERNOS DE ESTUDO BÍBLICO

O evangelho de
SÃO MATEUS

Com introdução, comentários e notas de
Scott Hahn e Curtis Mitch
e questões para estudo de
Dennis Walters

Tradução de Thomaz Perroni



ECCLESIAE

O evangelho de São Mateus: Cadernos de estudo bíblico
1ª edição – julho de 2014 – CEDET

Título original: *Catholic Study Bible: The Gospel of Mathew* – © Ignatius Press.

Os direitos desta edição pertencem ao
CEDET - Centro de Desenvolvimento Profissional e Tecnológico
Rua Ângelo Vicentin, 70 CEP: 13084-060 – Campinas – SP
Telefone: 19-3249-0580
e-mail: livros@cedet.com.br

Editor:
Diogo Chiuso

Tradução:
Thomaz Perroni

Revisão:
Gustavo Nogy

Editoração & Capa:
J. Ontivero

Conselho Editorial:
Adelice Godoy
César Kyn d'Ávila
Diogo Chiuso
Rodrigo Gurgel
Silvio Grimaldo de Camargo

✠ ECCLESIAE – www.ecclesiae.com.br

Reservados todos os direitos desta obra. Proibida toda e qualquer reprodução desta edição por qualquer meio ou forma, seja ela eletrônica ou mecânica, fotocópia, gravação ou qualquer meio.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO A ESTE ESTUDO • 7

Inspiração e inerrância bíblica • 8

Autoridade bíblica • 9

Os sentidos da Escritura • 10

Critérios para a interpretação da Bíblia • 13

Usando este estudo • 15

Colocando tudo em perspectiva • 17

Uma nota final • 17

INTRODUÇÃO AO EVANGELHO DE MATEUS • 19

Autoria • 19

Data • 20

Destinatários • 21

Estrutura • 22

Temática • 22

ESQUEMA DO EVANGELHO DE MATEUS • 25

O EVANGELHO DE MATEUS • 27

Mapa: As viagens do nascimento de Jesus • 33

Ensaio sobre um tópico: A “Narrativa da infância” de Mateus é historicamente fiel? • 35

Estudo da palavra: Justiça • 39

Estudo da palavra: Bem-aventurado • 49

Quadro: Jesus e o Antigo Testamento • 75

Estudo da palavra: Parábola • 81

Mapa: O ministério de Jesus para além da Galiléia • 86

Estudo da palavra: Pedro • 91

Ensaio sobre um tópico: A fala de Jesus sobre casamento e divórcio • 101

Estudo da palavra: Vinda • 122

Ensaio sobre um tópico: Fim do mundo? • 123

Mapa: Aparições do Cristo Ressuscitado • 141

QUESTÕES PARA ESTUDO • 143

INTRODUÇÃO A ESTE ESTUDO

VOCÊ ESTÁ SE APROXIMANDO da “palavra de Deus”. Esse é o título mais freqüentemente atribuído à Bíblia pelos cristãos e é uma expressão rica em significado. Esse é também o título atribuído à segunda pessoa da Santíssima Trindade, o Deus Filho – Jesus Cristo, que se encarnou para a nossa salvação “e é chamado pelo nome de Palavra de Deus” (Ap 19, 13; cf. Jo 1, 14).¹

A palavra de Deus é a Sagrada Escritura. A Palavra de Deus é Jesus. Essa associação sutil entre a palavra *escrita* de Deus e sua Palavra *eterna* é intencional e presente na tradição da Igreja desde a primeira geração de cristãos. “Toda a Escritura divina é um único livro, e este livro é Cristo, ‘já que toda Escritura divina fala de Cristo, e toda Escritura divina se cumpre em Cristo’” (CIC 134). Isto não significa que a Escritura é divina da mesma maneira que Jesus é divino. Ela é, antes, divinamente inspirada e, como tal, é única na história da literatura universal, assim como a Encarnação da Palavra eterna é única na história da humanidade.

Podemos dizer ainda que a palavra inspirada assemelha-se à Palavra encarnada em muitos e importantes aspectos. Jesus Cristo é a Palavra de Deus encarnada; em sua humanidade, ele é como nós em todas as coisas, exceto no pecado. A Bíblia, enquanto obra escrita pelo homem, é como qualquer outro livro, exceto pelo fato de não conter erros. Tanto Cristo quanto a Sagrada Escritura nos são dados “para nossa salvação”,² diz o Concílio Vaticano II, e ambos nos fornecem a revelação definitiva de Deus. Portanto, nós não podemos conceber um sem o outro – a Bíblia sem Jesus, ou Jesus sem a Bíblia. Um é a chave interpretativa do outro. É porque Cristo é o sujeito e o assunto de toda a Escritura que São Jerônimo afirma que “ignorar as Escrituras é ignorar Cristo”³ (CIC 133).

Ao aproximarmos-nos da Bíblia, então, nós nos aproximamos de Jesus, a Palavra de Deus; e para que o encontremos de fato, devemos abordá-lo através de um estudo devoto e piedoso da palavra inspirada de Deus, a Sagrada Escritura.

1 Jo 1, 14: “E a Palavra se fez homem e habitou entre nós. E nós contemplamos a sua glória: glória do Filho único do Pai, cheio de amor e fidelidade”. A tradução brasileira dos textos bíblicos utilizada ao longo de todo este estudo é a da Bíblia da CNBB (NT).

2 *Dei Verbum*, 11.

3 *Dei Verbum*, 25; cf. S. Jerônimo, *Commentarii in Isaiam*, Prologus: CCL 73, 1 (PL 24, 17).

INSPIRAÇÃO E INERRÂNCIA BÍBLICA⁴

A Igreja Católica faz afirmações admiráveis em relação à Bíblia. É essencial para nós, se quisermos ler a Escritura e aplicá-la à nossa vida do modo como a Igreja pretende que o façamos, que reconheçamos essas afirmações e as admitamos. Não basta que simplesmente concordemos, acenando positivamente com a cabeça, quando lemos as palavras “inspirada”, “única” ou “inerrante”. É preciso que saibamos o que a Igreja quer dizer com esses termos e, depois, nos é necessário tornar pessoal essa compreensão. Afinal de contas, a forma como cremos na Bíblia influenciará inevitavelmente o modo como vamos lê-la. E o modo como lemos a Bíblia, por sua vez, é o que determina o que nós “tiramos” de suas páginas sagradas.

Esses princípios são válidos independentemente do que estamos lendo – uma reportagem de jornal, um aviso de “procura-se”, uma propaganda, um cheque, uma prescrição médica, uma nota de despejo... O modo como lemos essas coisas (ou até, se as lemos ou não) depende muito de nossas noções pré-conceituadas a respeito da autoridade e confiabilidade de suas fontes – e também do potencial que têm de afetar diretamente nossas vidas. Em alguns casos, a má interpretação da autoridade de um documento pode levar a conseqüências terríveis; noutros casos, pode nos impedir de desfrutar certas recompensas das quais temos o direito. No caso da Bíblia, tanto as conseqüências quanto as recompensas envolvidas têm valor definitivo.

O que quer dizer a Igreja, então, ao endossar as palavras de São Paulo – “Toda Escritura é inspirada por Deus” (2Tm 3, 16)? Uma vez que, nessa passagem, o termo “inspirada” pode ser entendido como “soprada por Deus”, segue-se então que Deus soprou sua palavra na Escritura assim como você e eu soprmos

⁴ Na linguagem cotidiana, o termo “errante” costuma significar “andar a esmo”, “andar sem rumo” ou “vaguear”; “inerrante”, nesse sentido, se diria de algo que “anda com propósito”, “com destino certo”. No entanto, o termo é empregado aqui no sentido estrito de “sem erros”, mesmo – e assim também “inerrante” quer dizer “que não erra”. Poder-se-ia dizer “infalível”, porém o autor faz uma clara distinção entre esses dois termos – “inerrante” e “infalível” – quando diz, mais à frente, que “o mistério da inerrância bíblica é de âmbito ainda mais abrangente que o de sua infalibilidade”. A distinção esclarece que o autor está se referindo à *escrita* da Bíblia como *inerrante*, enquanto que se refere à *interpretação* do que foi escrito como *infalível* – dois adjetivos distintos para duas etapas distintas da relação com o texto sagrado: a escrita e a interpretação da escrita. Ambas são feitas pelo próprio Espírito Santo e, portanto, não podem falsear.

Na *Carta Encíclica Divino Afflante Spiritu*, de setembro de 1943, o Papa Pio XII diz da doutrina da inerrância bíblica: “O primeiro e maior cuidado de Leão XIII foi expor a doutrina relativa à verdade dos Livros Sagrados e defendê-la dos ataques contrários. Por isso em graves termos declarou que não há erro absolutamente nenhum quando o hagiógrafo, falando de coisas físicas, se atém ao que aparece aos sentidos, como escreveu o Angélico [Sto. Tomás de Aquino], exprimindo-se ‘ou de modo metafórico, ou segundo o modo comum de falar usado naqueles tempos e usado ainda hoje em muitos casos na conversação ordinária mesmo pelos maiores sábios. De fato, ‘não era intenção dos escritores sagrados, ou melhor, do Espírito Santo que por eles falava – são palavras de Sto. Agostinho –, ensinar aos homens essas coisas – isto é, a íntima constituição do mundo visível – que nada importam para a salvação’. [...] Nem pode ser taxado de erro o escritor sagrado, se aos copistas escaparam algumas inexactidões na transcrição dos códices’ ou ‘se é incerto o verdadeiro sentido de algum passo’. Enfim, é absolutamente vedado ‘coarctar a inspiração unicamente a algumas partes da Sagrada Escritura ou conceder que o próprio escritor sagrado errou’, pois que a divina inspiração ‘de sua natureza não só exclui todo erro, mas exclui-o e repele-o com a mesma necessidade com que Deus, suma verdade, não pode ser autor de nenhum erro. Esta é a fé antiga e constante da Igreja” (NT).

ar quando falamos. Isso significa que Deus é o autor primordial da Bíblia. Certamente Ele se serviu também de autores humanos para essa tarefa, mas não é que Ele simplesmente os assistiu enquanto escreviam ou, então, aprovou posteriormente aquilo que tinham escrito. Deus Espírito Santo é *essencialmente* o autor da Escritura, enquanto os escritores humanos o são *instrumentalmente*. Esses autores humanos escreveram francamente tudo aquilo – e somente aquilo – que Deus queria: é a palavra de Deus nas exatas palavras de Deus. Esse milagre da dupla-autoria se estende a toda a Escritura e a cada uma de suas partes, de modo que tudo o que os seus autores humanos afirmam, Deus também afirma através de suas palavras.

O princípio da inerrância bíblica decorre logicamente do princípio de sua divina autoria. Afinal de contas, Deus não mente, e nem erra. Sendo a Bíblia divinamente inspirada, nela não pode haver erro algum quanto àquilo que seus autores, tanto o divino quanto os humanos, afirmam ser verdadeiro. Isso quer dizer que o mistério da inerrância bíblica é de âmbito ainda mais abrangente que o de sua infalibilidade – a saber, o de que é garantido que a Igreja sempre nos ensinará a verdade em tudo aquilo que disser respeito à fé e à moral. É claro que o manto da inerrância sempre cobrirá também o campo das questões de fé e moral, mas ele se estende para mais longe ainda, no sentido de nos assegurar de que todos os fatos e eventos da história de nossa salvação estão apresentados de modo exato na Escritura. A inerrância bíblica é a nossa garantia de que as palavras e os feitos de Deus narrados na Bíblia são verdadeiros e lá estão unificados, declarando numa só voz as maravilhas de seu amor salvífico.

A garantia da inerrância bíblica não quer dizer, no entanto, que a Bíblia é uma enciclopédia universal, que serve a todos os propósitos e cobre todos os campos de estudo. A Bíblia não é, por exemplo, um compêndio das ciências empíricas – e não deve ser tratado como um. Quando os autores bíblicos relatam fatos de ordem natural, podemos ter a certeza de que estão falando de modo puramente descritivo e “fenomenológico”, de acordo com a maneira como as coisas se apresentaram aos seus sentidos.

AUTORIDADE BÍBLICA

Implícito nessas doutrinas⁵ está o desejo de Deus de se fazer conhecido por todo o mundo e de estabelecer uma relação de amor com cada homem, mulher e criança que Ele criou. Deus nos deu a Escritura não apenas para nos informar ou nos motivar; mais do que tudo, Ele quer nos salvar. É este o principal propósito que perpassa cada página da Bíblia – e cada palavra sua, na verdade.

5 As doutrinas da inspiração, da inerrância e da dupla-autoria da Bíblia (NT).

No intuito de se revelar, Deus usa aquilo que os teólogos chamam de “acomodação”. Às vezes Ele se inclina para se comunicar conosco por “condescendência” – ou seja, Ele fala à maneira dos homens, como se Ele tivesse as mesmas paixões e fraquezas que nós temos (por exemplo, quando Deus diz que “se arrependeu” de ter feito o homem sobre a terra, em Gn 6, 6). Noutras vezes, Ele se comunica conosco por “elevação” – ou seja, dotando as palavras humanas de um poder divino (por exemplo, através dos profetas). Os inúmeros exemplos de acomodação divina na Bíblia são a expressão do modo sábio e paternal de proceder de Deus. Com efeito, um pai sensitivo fala com seus filhos por condescendência, usando um palavreado infantil, ou por elevação, trazendo o entendimento do filho a um nível mais maduro.

A palavra de Deus é, portanto, salvífica, paternal e pessoal. Justamente porque fala diretamente conosco, nós nunca devemos ser indiferentes ao seu conteúdo; afinal de contas, a palavra de Deus é, ao mesmo tempo, objeto, causa e sustento da nossa fé. Ela é, na verdade, um teste para a nossa fé, uma vez que nós só vemos na Escritura aquilo que nossa fé nos faz ver. Se nosso modo de crer é o mesmo da Igreja, vemos na Escritura a revelação salvífica e inerrante de Deus, feita por Ele mesmo. Se cremos de modo distinto, vemos um livro totalmente distinto.

Esse teste é válido e aplicável não só aos fiéis leigos, como também aos teólogos da Igreja e até aos seus membros da mais alta hierarquia – inclusive para o seu Magistério. Recentemente, o Concílio Vaticano II enfatizou que a Escritura deve ser “como que a alma da sagrada teologia”.⁶ O Papa Emérito Bento XVI, ainda enquanto Cardeal Ratzinger, ecoou esse ensinamento com as próprias palavras, insistindo que “os *teólogos normativos* são os autores da Sagrada Escritura” (grifo nosso). Ele nos lembra que a Escritura e o ensinamento dogmático da Igreja estão entrelaçados de forma tão firme ao ponto de serem inseparáveis: “O dogma é, por definição, nada mais que a interpretação da Escritura”. Os dogmas já definidos de nossa fé, portanto, guardam em si a interpretação infalível da Igreja daquilo que está na Escritura, e a teologia é uma reflexão posterior sobre eles.

OS SENTIDOS DA ESCRITURA

Como a Bíblia é, ao mesmo tempo, de autoria divina e humana, é necessário, para lê-la coerentemente, que dominemos um tipo de leitura distinto daquele ao qual estamos acostumados. Primeiramente, temos que lê-la de acordo com seu sentido *literal*, ou seja, do mesmo modo como lemos qualquer outro escrito humano. Neste estágio inicial, devemos nos empenhar na descoberta do significado originário que tinham as palavras e expressões usadas pelos escritores bíblicos à época em que primeiramente foram escritas e recebidas por seus contemporâneos. Isso quer dizer,

6 *Dei Verbum*, 24.

entre outras coisas, que não devemos interpretar tudo que lemos “literalmente”, como se a Escritura nunca falasse de forma figurada ou simbólica (porque frequentemente fala!). Pelo contrário: a lemos de acordo com as regras de escrita que governam seus diferentes gêneros literários, que variam dependendo do que estamos lendo – se é uma narrativa, um poema, uma carta, uma parábola ou uma visão apocalíptica. A Igreja nos exorta a ler os livros sagrados dessa maneira a fim de nos fazer compreender, com segurança, o que os autores bíblicos estavam se esforçando para explicar ao povo de Deus a cada texto.

O sentido literal, no entanto, não é o único da Escritura; nós interpretamos suas sagradas páginas também de acordo com seus sentidos *espirituais*. Dessa forma, buscamos compreender o que o Espírito Santo está tentando nos dizer para além daquilo que afirmaram conscientemente os escritores humanos. Enquanto o sentido literal da Escritura descreve realidades históricas – fatos, ensinamentos, eventos –, os sentidos espirituais desvelam os profundos mistérios abrigados através das realidades históricas. Os sentidos espirituais são para o literal o que a alma é para o corpo. Você é capaz de distingui-los; porém, se tentar separá-los, a consequência imediata é fatal. São Paulo foi o primeiro a insistir nisso e já alertava para as consequências: “Deus [...] nos tornou capazes de sermos ministros de uma aliança nova, não aliança da letra, mas do espírito; pois a letra mata, e o Espírito é que dá a vida” (2Co 3, 5-6).

A tradição católica reconhece três sentidos espirituais que se erguem sobre o alicerce do sentido literal da Escritura (cf. CIC 115):

Alegórico – O primeiro é o *alegórico*, que revela o significado espiritual e profético da história da Bíblia. As interpretações alegóricas expõem como as personagens, os eventos e as leis da Escritura podem apontar para além deles mesmos, em direção ou a grandes mistérios ainda por vir (como no caso do Antigo Testamento), ou aos frutos de mistérios já revelados (como no Novo Testamento). Os cristãos frequentemente lêem o Antigo Testamento dessa forma para descobrir de que modo o mistério da Nova Aliança do Cristo já estava contido na Antiga – e também de que modo a Antiga Aliança foi manifestada plena e finalmente na Nova. A compreensão alegórica é também latente no Novo Testamento, especialmente no relato da vida e da obra de Jesus nos evangelhos. Sendo Cristo a cabeça da Igreja e a fonte de sua vida espiritual, tudo aquilo que foi realizado por Ele enquanto viveu no mundo antecipa aquilo que ele continua realizando em seus membros através da graça. O sentido alegórico fortalece a virtude da fé.

Moral – O segundo sentido espiritual da Escritura é o moral, ou *tropológico*, que revela como as ações do povo de Deus, no Antigo Testamento, e a vida de Jesus, no Novo, nos incitam a criar hábitos virtuosos em nossa própria vida. Nesse sentido, da Escritura se

tiram alertas contra vícios e pecados, assim como nela se encontra a inspiração para se perseguir a pureza e a santidade. O sentido moral fortalece a virtude da caridade.

Anagógico – O terceiro sentido espiritual é o *anagógico*, que ascende-nos à glória celeste: mostra-nos como um incontável número de eventos contidos na Bíblia prefiguram nossa união final com Deus na eternidade; revela-nos como as coisas *visíveis* na terra são imagens das coisas *invisíveis* do céu. O sentido anagógico leva-nos a contemplar nosso destino e, portanto, é próprio para o fortalecimento da virtude da esperança.

Junto do sentido literal, esses sentidos espirituais extraem a totalidade daquilo que Deus quer nos dizer através de sua Palavra e, portanto, abarcam o que a antiga tradição chamava de “sentido total” da Sagrada Escritura.

Tudo isso significa que os feitos e eventos narrados na Bíblia são dotados de um sentido que vai além do que é imediatamente aparente ao leitor. Em essência, esse sentido é Jesus Cristo e a salvação que, morrendo, Ele nos concedeu. Isso é correto sobretudo nos livros do Novo Testamento, que explicitamente proclamam Jesus; porém, é também verdadeiro para o Antigo Testamento, que fala de Jesus de um modo mais camuflado e simbólico. Os autores humanos do Antigo Testamento nos revelaram tudo que lhes era possível revelar, mas eles não podiam, à distância em que estavam, ver claramente que forma tomariam os eventos futuros. Só o Espírito Santo, autor divino da Bíblia, podia predizer a obra salvífica do Cristo (e assim o fez), da primeira página do livro do Gênesis adiante.

O Novo Testamento, portanto, não aboliu o Antigo. Ao contrário, o Novo cumpriu o Antigo e, assim o fazendo, levantou o véu que mantinha escondida a face da noiva do Senhor. Uma vez removido o véu, vemos de súbito o mundo da Antiga Aliança cheio de esplendor. Água, fogo, nuvens, jardins, árvores, montanhas, pombas, cordeiros – todas essas coisas são detalhes memoráveis na história e na poesia do povo de Israel. Mas agora, vistas à luz de Jesus Cristo, são muito mais que isso. Para o cristão que sabe ver, a água simboliza o poder salvífico do batismo; o fogo é o Espírito Santo; o cordeiro imaculado, o próprio Cristo crucificado; Jerusalém, a cidade da glória celestial.

Essa leitura espiritual da Escritura não é novidade alguma. De fato, logo os primeiros cristãos já liam a Bíblia dessa maneira. São Paulo descreve Adão como sendo um “tipo” que prefigurava Jesus Cristo (Rm 5, 14).⁷ Um “tipo” é algo, ou alguém, ou um lugar ou um evento – reais – do Antigo Testamento que prenuncia

7 Rm 5, 14: “Ora, a morte reinou de Adão até Moisés, mesmo sobre aqueles que não haviam pecado, cometendo uma transgressão igual à de Adão, o qual é *figura* daquele que devia vir” (grifo adicionado). As traduções deste trecho (não só as brasileiras) preferem o termo *figura* à palavra *tipo*, que aparece em algumas traduções inglesas. O termo latino encontrado na Vulgata é *forma*. Aqui, mantém-se o termo *tipo* pela associação imediata que se faz com o conceito de *tipologia* – NT.

algo maior do Novo Testamento. É desse termo que vem a palavra “tipologia”, referente ao estudo de como o Antigo Testamento prefigura Cristo (CIC 128-130). Em outro trecho, São Paulo retira significados mais profundos da história dos filhos de Abraão, declarando: “Isto foi dito em alegoria” (Gl 4, 24).⁸ Ele não está sugerindo que esses eventos distantes nunca aconteceram de fato; ele está dizendo que os eventos não só aconteceram mesmo como *também* significam algo maior ainda por vir.

O Novo Testamento, depois, descreve o Tabernáculo da antiga Israel como sendo a “imitação e sombra das realidades celestes” (Hb 8, 5) e a Lei Mosaica como “uma sombra dos bens futuros” (Hb 10, 1). São Pedro, por sua vez, nota que Noé e sua família foram “salvos por meio da água” que, de certo modo, “representava” o sacramento do Batismo, “que agora salva vocês” (1Pd 3, 20-10). É interessante saber que a palavra grega que aí foi traduzida para “representava” é originalmente um termo que denota o cumprimento ou contrapartida de um antigo “tipo”.

Não é preciso, no entanto, que busquemos justificar a leitura espiritual da Bíblia considerando apenas os discípulos. Afinal de contas, o próprio Jesus lia o Antigo Testamento assim. Ele se referia a Jonas (Mt 12, 39), a Salomão (Mt 12, 42), ao Templo (Jo 2, 19) e à serpente de bronze (Jo 3, 14) como “sinais” que apontavam para Ele mesmo. Vemos no evangelho de Lucas, quando Cristo conversa com os discípulos no caminho para Emaús, que “começando por Moisés e continuando por todos os Profetas, Jesus explicava para os discípulos todas as passagens da Escritura que falavam a respeito dele” (Lc 24, 27). Foi precisamente essa interpretação espiritual do Antigo Testamento que causou um profundo impacto nesses viajantes, antes tão desencorajados, e deixou seus corações “ardendo” dentro deles (Lc 24, 32).

CRITÉRIOS PARA A INTERPRETAÇÃO DA BÍBLIA

Nós também devemos aprender a discernir o “sentido total” da Escritura e o modo como nele estão incluídos o sentido literal e os espirituais. Contudo, isso não significa que devemos “exagerar na interpretação”, buscando significados na Bíblia que não estão de fato nela. A exegese espiritual não é um vôo irrestrito da imaginação. Pelo contrário, é uma ciência sagrada que procede de acordo com certos princípios e permanece sob a responsabilidade da sagrada tradição, o Magistério, e da ampla comunidade de intérpretes bíblicos (tanto os vivos quanto os mortos).

Na busca do sentido total de um texto, sempre devemos evitar a forte tendência de “espiritualizá-lo demais”, de modo que a verdade literal da Bíblia seja minimizada ou

8 Gl 4, 24: “*Simbolicamente* isso quer dizer o seguinte: as duas mulheres representam as duas alianças [...]” (grifo adicionado). Novamente há divergências terminológicas: as traduções ora utilizam o termo *simbolicamente*, ora o termo *alegoria*. O termo latino encontrado na Vulgata é *allegoriam*. A tradução brasileira aqui escolhida, especificamente para este caso, é a da Bíblia de Jerusalém, São Paulo: Paulus, 2002; assim, mantém-se o termo *alegoria* no sentido de concordar com a uniformidade terminológica do restante da introdução – NT.

até negada. Santo Tomás de Aquino, muito ciente desse problema, asseverou: “Todos os sentidos da Sagrada Escritura devem estar fundados no literal” (cf. CIC 116).⁹ Por outro lado, jamais devemos confinar o significado de um texto em seu sentido literal, indicado pelo seu autor humano, como se o divino Autor não intencionasse que aquela passagem fosse lida à luz da vinda do Cristo.

Felizmente, a Igreja nos deu diretrizes de estudo da Sagrada Escritura. O caráter único e a autoria divina da Bíblia nos clamam a lê-la “com o espírito”.¹⁰ O Concílio Vaticano II delineou de forma prática esse conselho direcionando-nos a ler a Escritura de acordo com três critérios específicos:

1. Devemos “prestar muita atenção ‘ao conteúdo e à unidade da Escritura inteira” (CIC 112);
2. Devemos “ler a Escritura dentro ‘da Tradição viva da Igreja inteira” (CIC 113);
3. Devemos “estar atento[s] ‘à analogia da fé” (CIC 114; cf. Rm 12, 6).

Esses critérios nos protegem de muitos perigos que iludem alguns leitores da Bíblia, do mais novo estudante ao mais prestigiado erudito. Ler a Escritura fora de contexto é uma tremenda armadilha, provavelmente a mais difícil de escapar. Num desenho animado memorável dos anos 50, um jovem garoto, debruçado sobre as páginas da Bíblia, dizia à sua irmã: “Não me perturbe agora; estou tentando achar um versículo da Escritura que fundamente meus preconceitos”. Não há dúvida de que um texto bíblico, privado de seu contexto original, pode ser manipulado a dizer algo completamente diferente daquilo que seu autor realmente intencionava.

Os critérios da Igreja nos guiam justamente porque definem em que consistem os “contextos” autênticos de cada passagem bíblica. O primeiro critério dirige-nos ao contexto literário de cada verso, no que se inclui não apenas as palavras e parágrafos que o compõem e o circundam, mas também todo o corpo de escritos do autor bíblico em questão e, ainda, toda a extensão dos escritos da Bíblia. O contexto literário *completo* de qualquer parte da Escritura inclui todo e qualquer texto desde o Gênesis até o Apocalipse – já que a Bíblia é um livro unificado, não uma coleção de livros separados. Quando a Igreja canonizou o livro do Apocalipse, por exemplo, ela reconheceu que ele seria incompreensível se lido separadamente do contexto mais amplo de toda a Bíblia.

O segundo critério posiciona firmemente a Bíblia no contexto de uma comunidade que valoriza sua “tradição viva”. Tal comunidade é o Povo de Deus através dos séculos. Os cristãos viveram sua fé por bem mais que um milênio antes da invenção da imprensa. Por séculos, só alguns fiéis possuíam cópias dos evangelhos e, aliás, só

⁹ Sto. Tomás de Aquino, *Summa Theologica* I, 1, 10, ad 1.

¹⁰ *Dei Verbum*, 12.

poucas pessoas sabiam ler. Ainda assim, eles absorveram o evangelho – através dos sermões dos bispos e clérigos, através de oração e meditação, através da arte cristã, através das celebrações litúrgicas e através da tradição oral. Essas eram as expressões de uma “tradição viva”, de uma cultura de viva fé que se estende da antiga Israel à Igreja contemporânea. Para os primeiros cristãos, o evangelho não podia ser entendido à parte dessa tradição. Assim também é conosco. A reverência pela tradição da Igreja é o que nos protege de qualquer tipo de provincianismo cultural ou cronológico, como alguns modismos acadêmicos que surgem, arrebatam uma geração inteira de intérpretes e logo são rejeitados pela próxima geração.

O terceiro critério coloca a Escritura dentro do quadro da fé. Se cremos que a Escritura é divinamente inspirada, temos de crer também que ela é internamente consistente e coerente com todas as doutrinas nas quais os cristãos crêem. É importante lembrar que os dogmas da Igreja (como o da Presença Real, o do papado, o da Imaculada Conceição) não foram *adicionados* à Escritura; eles são, de fato, a interpretação infalível *da* Escritura feita pela Igreja.

USANDO ESTE ESTUDO

Este estudo foi projetado para conduzir o leitor pela Escritura dentro das diretrizes da Igreja – fidelidade ao cânon, à tradição e ao credo. Os princípios interpretativos usados pela Igreja, portanto, é que deram forma unificada às partes componentes deste livro, de modo a fazer com que o estudo do leitor seja eficaz e recompensador tanto quanto possível.

Introduções – Nós fizemos uma introdução ao texto bíblico que, na forma de ensaio, abarca as questões sobre sua autoria, a data de sua composição, seus objetivos e propósitos originais e seus temas mais recorrentes. Esse conjunto de informações históricas ajuda o leitor a compreender e a se aproximar do texto nos seus próprios termos.

Comentários – Os comentários feitos em toda página ajudam o estudante a ler a Escritura com conhecimento. De forma alguma eles esgotam os significados do texto sagrado, mas sempre providenciam um material informativo básico que auxilia o leitor a encontrar o sentido do que lê. Frequentemente, esses comentários servem para deixar explícito aquilo que os escritores sagrados tomavam por implícito. Eles também trazem um grande número de informações históricas, culturais, geográficas e teológicas pertinentes à narrativa inspirada – informações essas que podem ajudar o leitor a suprimir a distância entre o mundo bíblico e o seu próprio.

Notas e referências – Junto do texto bíblico e de seus comentários, em cada página são listadas numerosas notas que fazem referência a outras passagens da Escritura relacionadas àquela que o leitor está estudando. Essas notas de acompanhamento são essenciais

para todo e qualquer estudo sério. São também um ótimo meio de se ver como o conteúdo da Escritura “se encaixa” numa unidade providencial. Junto das notas e referências bíblicas, os comentários também apontam a determinados parágrafos do *Catecismo da Igreja Católica* (CIC). Eles não são “provas doutrinárias” e sim um auxílio para que a interpretação da Bíblia por parte do estudante esteja de acordo com o pensamento da Igreja. Os parágrafos do *Catecismo* mencionados ou tratam diretamente de algum texto bíblico ou tratam, então, de um tema mais amplo da doutrina que lança uma luz essencial ao texto bíblico relacionado.

Ensaio sobre tópicos, estudos de palavras e quadros – Esses recursos trazem ao leitor um entendimento mais profundo a respeito de determinados detalhes. Os *ensaios sobre tópicos* abordam grandes temas no sentido de explicá-los de modo mais minucioso e teológico do que o que se usa nos comentários gerais, relacionando-os com frequência às doutrinas da Igreja. Os comentários, inclusive, são ocasionalmente complementados de um *estudo de palavras* que coloca o leitor em contato com as antigas linguagens da Escritura. Isso deveria ajudar o estudante a apreciar e a entender melhor a terminologia que foi inspirada e que percorre todos os textos sagrados. Também neste livro estão incluídos vários quadros que resumem muitas informações bíblicas “num piscar de olhos”.

Ícone – Os seguintes ícones, intercalados ao longo dos comentários, correspondem cada qual a um dos três critérios de interpretação bíblica promulgados pela Igreja. Pequenas bolas pretas () indicam a que passagem (ou a que passagens) cada ícone se aplica.



Os comentários marcados pelo ícone do livro relacionam-se ao primeiro critério interpretativo, o do “conteúdo e unidade” da Escritura, a fim de que se torne explícito o modo como determinada passagem do Antigo Testamento ilumina os mistérios do Novo. Muitas das informações contidas nesses comentários explicam o contexto original das citações e indicam a maneira e o motivo pelo qual aquele trecho tem ligação direta com Cristo e com a Igreja. Por esses comentários, o leitor é capaz de desenvolver sua sensibilidade à beleza e à unidade do plano salvífico de Deus, que perpassa ambos os Testamentos.



Os comentários marcados pelo ícone da pomba relacionam-se ao segundo critério interpretativo e examinam as passagens em questão à luz da “tradição viva” da Igreja. Como o mesmo Espírito Santo foi quem inspirou os sentidos espirituais da Escritura e é quem guia agora o Magistério que a interpreta, as informações contidas nesses comentários seguem essas duas vias da interpretação. Por um lado, referem-se aos ensinamentos doutrinários da Igreja da maneira como são apresentados por vários papas e concílios ecumênicos; por outro lado, eles expõem (e parafraseiam) as interpretações espirituais de vários Padres Antigos, Doutores da Igreja e santos.



Os comentários marcados pelo ícone das chaves relacionam-se ao terceiro critério interpretativo, o da “analogia da fé”. Neles é possível decifrar como um mistério da fé “desvenda” e explica outro. Esse tipo de comparação entre alguns pontos da fé cristã evidencia a coerência e unidade dos dogmas definidos, ou seja, da interpretação infalível da Escritura feita pela Igreja.

COLOCANDO TUDO EM PERSPECTIVA

Talvez tenhamos deixado por último o mais importante aspecto de todo este estudo: a vida interior individual do leitor. O que tiramos ou deixamos de tirar da Bíblia depende muito do modo como a abordamos. Se não mantivermos uma vida de oração consistente e disciplinada, jamais teremos a reverência, a profunda humildade ou a graça necessária para ver a Escritura como ela de fato é.

Você está se aproximando da “palavra de Deus”. Mas, por milhares de anos – desde muito antes de tecer-lhe no ventre de sua mãe –, a Palavra de Deus se aproxima de você.

UMA NOTA FINAL

O livro que você tem nas mãos é apenas uma pequena parte de um trabalho muito maior que ainda está em andamento. Guias de estudo como este estão sendo preparados para *todos* os livros da Bíblia e serão publicados gradualmente, à medida que forem sendo finalizados. Nosso maior objetivo é publicar um grande estudo bíblico que, num único volume, inclua o texto completo da Escritura junto de todos os comentários, quadros, notas, mapas e os outros recursos encontrados nas páginas seguintes. Enquanto isso não acontece, cada livro será publicado individualmente, na esperança de que o povo de Deus possa já se beneficiar deste trabalho antes mesmo que esteja completo.

Aqui incluímos ainda uma longa lista de *questões de estudo*, ao final, para deixar este formato o mais útil possível, não apenas para o estudo individual, mas também para discussões em grupo. As questões foram projetadas para fazer o estudante tanto *compreender* quanto *meditar* a Bíblia, aplicando-a à própria vida. Rogamos a Deus para que faça bom uso dos seus e dos nossos esforços para renovar a face da terra!

INTRODUÇÃO AO EVANGELHO DE MATEUS

AUTORIA

A tradição cristã identifica – unanimemente – o apóstolo Mateus como sendo o autor do primeiro evangelho. Praticamente todos os manuscritos antigos nos quais o título ainda encontra-se preservado apresentam, de alguma forma, no próprio título, o complemento “segundo Mateus” (em grego, “*Kata Maththaion*”). O consenso é o mesmo entre os antigos Padres da Igreja que abordam a questão em seus escritos: Santo Irineu (180 d.C.), Orígenes (250 d.C.), São João Crisóstomo (390 d.C.), São Jerônimo (398 d.C.) e Santo Agostinho (400 d.C.) confirmam a autoria apostólica do evangelho de Mateus. Não há sinais de que tenha sobrevivido da antigüidade cristã uma certa tradição contrária, que atribuía o evangelho a um autor diferente.

No entanto, a academia moderna inclina-se notavelmente a aceitar tal tradição. Alguns até admitem que o apóstolo Mateus esteja mesmo por trás da escrita do texto, mas não é seu autor literário no sentido estrito. Embora seja de senso comum que o evangelho de Mateus foi escrito por um judeu cristão, apenas uma minoria, hoje em dia, atribui o texto ao Mateus anteriormente cobrador de impostos (cf. 9, 9), posteriormente apóstolo (cf. 10, 2-3). Uma razão para essa mudança de perspectiva é a noção altamente difundida de que o autor do evangelho de Mateus apoiava-se no evangelho de Marcos como uma de suas fontes primárias de informação sobre Jesus. Ora, não há dúvidas de que o evangelho de Marcos foi escrito por alguém que não era apóstolo e, portanto, muitos acadêmicos argumentam que também o autor do evangelho de Mateus não era apóstolo. Fosse um apóstolo, ele provavelmente escreveria suas memórias de forma menos impessoal do que a dos relatos de Marcos – essa é a base da objeção moderna.

Por muitas razões, o argumento que contraria o consenso a respeito da autoria de Mateus não é tão forte quanto alguns proponentes afirmam ser. As evidências podem ser lidas e interpretadas de outras maneiras. Por exemplo, se de fato procede que o autor do evangelho de Mateus baseou-se no evangelho de Marcos, ele pode tê-lo feito consciente de que o evangelho de Marcos aparentemente foi, por sua vez, baseado nos discursos de Pedro. Nesse caso, não é insensato nem improvável supor que um apóstolo usou o testemunho do outro, especialmente quando o apóstolo em questão é Pedro, cuja autoridade e preeminência em relação aos outros apóstolos estão entre os temas recorrentes no evangelho de Mateus (cf. 10, 2; 16, 17-19 e 17, 24-27). Por que o evangelista se sentiria compelido a produzir seu relato do zero se já estava em circulação um documento que, sabidamente, representava o testemunho propriamente

apostólico de Jesus? Além do mais, não está comprovada a hipótese de que o evangelho de Marcos foi escrito anteriormente ao de Mateus e foi por ele usado como fonte. Muitos estudiosos sustentam o contrário, isto é, que o de Mateus foi escrito antes e foi usado por Marcos como fonte. Ainda que esta seja uma posição tomada apenas pela minoria dos acadêmicos contemporâneos, ela se encaixa perfeitamente com a antiga tradição da Igreja que diz que o evangelho de Mateus foi o primeiro dos quatro evangélicos canônicos a ser escrito.

Há, também, uma ampla correspondência entre o perfil do autor que se vê emergir do próprio evangelho e a tradição que proclama a autoria de Mateus. Primeiro porque é claramente perceptível que o evangelista está mergulhado nas tradições bíblicas e religiosas de Israel e, portanto, é provável que ele fosse um judeu que acreditou em Jesus. Segundo porque o autor demonstra uma competência bilíngüe ao escrever num grego impecável e ao traduzir citações diretamente da versão hebraica do Antigo Testamento e, portanto, é também provável que ele fosse ou nativo da Palestina ou então tivesse sido educado lá, já que lá o grego era muito conhecido (especialmente na Galiléia), e o hebraico, dificilmente reconhecido fora de Israel. Terceiro porque o evangelho de Mateus faz várias referências à moeda da época, a dívidas, transações, negócios e outros assuntos financeiros (cf. 17,24-27; 18, 23-35; 20, 1-16; 25, 14-30; 26, 25; 27, 3-10). Somados, esses três aspectos do evangelho sugerem que seu autor era judeu, conhecia o hebraico e o grego, provavelmente natural da Palestina e que tinha certo interesse em episódios e ensinamentos de Jesus que envolviam dinheiro.

É claro que o Mateus ex-cobrador de impostos, posteriormente apóstolo da Galiléia, não é a única pessoa a se encaixar nessa descrição geral. Mas as linhas convergentes de correspondência de fato o tornam um candidato apropriado para a autoria do evangelho. Por essa razão, defender a autoria apostólica do evangelho de Mateus mantém-se como um posicionamento válido. As evidências externas – a antiga tradição cristã que suporta essa idéia – oferecem um apoio considerável a essa hipótese, assim como as evidências internas ao próprio evangelho podem ser consideradas compatíveis com ela.

DATA

Não há um consenso a respeito da data exata em que o evangelho de Mateus foi escrito. A maioria dos intérpretes encaixa a obra entre as décadas de 80 e 90 do primeiro século, enquanto alguns preferem datá-lo como tendo sido feito entre as décadas de 50 e 60 do mesmo século. Considerando todas as coisas, uma data da metade do primeiro século parece ser mais provável do que uma data próxima ao fim do primeiro século. Dois principais fatores fundamentam esse julgamento:

1. Mateus relembra dois dizeres de Jesus que prediziam a queda de Jerusalém – um relacionado ao incêndio da cidade (22, 7) e outro que pressagia a demolição do Templo (24, 2).
2. Ambas as predições foram cumpridas quando Jerusalém caiu diante dos conquista-

dores romanos na década de 70 do primeiro século. Significativamente, não há indicação alguma no evangelho de que essa catástrofe já havia ocorrido, ainda que Mateus faça sempre questão de enfatizar o modo como os eventos do passado têm uma significância duradoura para a Igreja de seu tempo (27, 8; 28, 15).

2. Mateus se refere aos saduceus por sete vezes, o que é mais do que os outros evangelhos juntos (duas vezes!). Ele faz questão de destacar não apenas a oposição deles a Jesus, como também o perigo que seus ensinamentos representavam para os discípulos (3, 7; 16, 1. 6. 11-12; 22, 23. 34). Presumindo que Mateus, ao escrever, estava atento à condição de seu público, é razoável supor que seus leitores estivessem sendo ameaçados pela perseguição e pela propaganda dos saduceus, cuja oposição ao cristianismo está historicamente documentada no Novo Testamento (At 4, 1-3; 5, 17-18; 23, 6). É claro que pode-se deduzir a mesma coisa dos fariseus, que também aparecem com frequência no evangelho de Mateus e, inclusive, recebem críticas ainda mais severas (cf. 23, 1-36). Mas há uma diferença entre os dois casos que vai ao encontro da questão acerca da data do evangelho: enquanto os fariseus travavam conflitos com a Igreja ao longo de todo o primeiro século, os saduceus foram um problema a ser considerado apenas entre as décadas de 30 a 70 do mesmo século, já que tal facção fora inteiramente dizimada na conquista romana de Jerusalém.

Conseqüentemente, ainda que continue sendo difícil fixar uma data precisa da escrita do evangelho de Mateus, há boas razões para se crer que ele foi composto antes da marcante década de 70 do primeiro século.

DESTINATÁRIOS

Aparentemente, Mateus escreveu seu evangelho para os judeus que viviam dentro e ao redor da Palestina. Os antigos estudiosos chegaram a essa conclusão em partes por conta de uma tradição muito difundida que afirmava que o evangelho de Mateus havia sido originalmente escrito numa língua semítica, isto é, ou em hebraico ou em aramaico. Alguns acadêmicos modernos têm argumentado que a versão canônica do texto de Mateus é, na verdade, uma tradução de um original em língua semítica; porém, hoje, a maioria dos estudiosos da Escritura permanece dissuadida disso. Seja qual for o caso, independentemente da maneira como se pode lidar com a questão lingüística, uma leitura pelo viés palestino explicaria por que Mateus aborda tantos problemas e preocupações judaicas, por que ele se refere aos costumes e instituições do povo judeu sem alongar-se em explicações e por que ele reúne em sua narrativa cerca de duzentas referências à Escritura judaica, no intuito de demonstrar que Jesus é o Messias pelo qual os judeus estavam esperando. A tendência dos estudiosos modernos é localizar os destinatários originais de Mateus ao norte da Palestina, na cidade síriaca de Antioquia. No primeiro século, essa cidade abrigava uma vasta comunidade judaica (e cristã), que viva em meio à predominante população dos gentios. A perspectiva judaica do evangelho de Mateus, combinada à sua abertura aos gentios (cf. 4, 15; 28, 19) são fatores que contribuem para tal cenário.

ESTRUTURA

A forma do evangelho de Mateus consiste numa alternância constante entre trechos de narrativa e de discurso: são cinco coleções de histórias separadas por cinco discursos, tudo isso enquadrado por um prólogo introdutório (cap. 1 e 2) e um epílogo climático (cap. 26 a 28). A forma desse esqueleto é revelada numa expressão que sempre se repete ao final de cada um dos cinco discursos e serve de transição de volta à linha principal da narrativa: “quando Jesus acabou de... [dizer; falar etc.]” (cf. 7, 28; 11, 1; 13, 53; 19, 1; 26, 1). No mínimo, essa técnica literária destaca e evidencia o duplo significado das obras e palavras de Jesus. Alguns estudiosos vão ainda mais longe e sugerem que Mateus nos dá cinco “livros” sobre o Messias, em paralelo aos cinco livros de Moisés. Nesse sentido, Mateus oferece seu evangelho como a nova *Torá* do Povo de Deus.

TEMÁTICA

O conteúdo do evangelho de Mateus tem por tema central o “Reino do Céu”. Essa expressão principal aparece mais de trinta vezes ao longo do texto, e ressoa pelos ensinamentos de Jesus (4, 17), de João Batista (3, 2) e dos doze apóstolos (10, 7). O Reino em questão não se reduz a um domínio puramente espiritual ou como que de outro mundo, nem tampouco é exclusivamente ligado às futuras bênçãos da vida eterna. É um aviso de que o Deus Pai já está agindo através do Messias no estabelecimento de sua vontade assim na terra como no céu (6, 10).

O próprio Jesus é o foco dessa ação real e divina. Através de seu ministério, o Reino do Céu é proclamado e seu poder torna-se presente na vida das pessoas comuns (cf. 4, 23; 9, 35; 12, 28). O Cristo nos apresenta o Reino como sendo, neste mundo, uma graça escondida que exerce lentamente sua influência ao longo do tempo (13, 33. 36-43). O Reino permanece entre nós sempre que o rei messiânico (25, 34) é invocado por seus discípulos reunidos (18, 20).

Ainda que não se encontre nos textos judaicos e cristãos anteriores ao evangelho de Mateus a expressão “Reino do Céu”, a idéia não é totalmente nova. Ela está enraizada nas expectativas pela era messiânica presentes no Antigo Testamento. Pode-se falar, por exemplo, de sua prefiguração apocalíptica no livro do profeta Daniel, em que é dito que o Deus dos céus triunfaria sobre todos os reinos deste mundo, estabelecendo seu domínio real por toda a terra (Dn 2 – 7). Daniel, numa visão, prevê que Deus exercerá seu reinado divino através de “alguém como um filho de homem” (Dn 7, 13-14). Por muitas vezes no evangelho de Mateus, Jesus identifica-se com a figura real prevista por Daniel (cf. 24, 30; 26, 64; 28, 18). Pode-se falar também de uma previsão histórica do Reino do Céu no antigo reinado de Davi e nas esperanças profetizadas a respeito de seu restabelecimento. O fundamento de tal esperança era a Aliança de Davi, na qual Deus havia feito um juramento de que estabeleceria o reinado de Davi para sempre (cf. 2Sm 7, 12-17; Sl 89, 3-4). Desde o colapso do reinado de Davi no século VI a.C., os profetas vislumbravam a vinda de um novo

Davi que restauraria seu reinado para sempre (cf. Is 9, 6-7; 11, 1-5; 55, 3-5; Jr 23, 5-6; Ez 34, 23-24; Os 3, 4-5; Am 9, 11-12). Mateus vê Jesus justamente como esse messiânico “filho de Davi” (1, 1; 9, 27; 12, 33; 15, 22; 20, 30; 21, 9. 15). Incorporado à linhagem real de Davi (1, 2-16) e agora entronizado no céu (26, 64), Jesus atingiu não o restabelecimento do império político de Israel, mas o cumprimento transcendental que aperfeiçoa o antigo ideal de Davi. Pelo Cristo Ressuscitado, o governo de Davi é para sempre restaurado e estende-se universalmente do céu à terra, por todas as nações (28, 11-19).

O tema do “Reino do Céu” ramifica-se por todo o texto do evangelho de Mateus e em várias direções. Partindo de Cristo como o centro, desenrola-se pelos domínios éticos, eclesiásticos e escatológicos:

1. O Reino do Céu é *ético* porque apela aos homens para que respondam a Jesus. Convoca os ouvintes ao arrependimento (4, 17), seguido de uma vida disciplinada da qual a busca pela insuperável justiça de Cristo (5, 20) é a maior prioridade (6, 33). A justiça do Reino é anunciada em termos práticos pelas ações e atitudes pregadas por Jesus ao falar das Bem-aventuranças (5, 3-10) e é explicada posteriormente pela interpretação de Nosso Senhor da Lei Mosaica (5, 21-48). Nos outros pré-requisitos para a sociedade do Reino incluem-se a observância da Regra de Ouro (7, 12), o esforço de se viver humilde como crianças (18, 1-4) e a boa vontade de se perdoar aqueles que nos ofenderem (6, 14-15; 18, 23-35); nela também é essencial o comprometimento com a oração (6, 5-13), o jejum (6, 16-18) e as obras de caridade (6, 2-4; 25, 35-40). No fim, os discípulos que construírem suas vidas sobre os ensinamentos de Jesus (7, 24-27) partirão seguramente para a bem-aventurança da vida eterna (25, 31-46).
2. O Reino do Céu é *eclesiástico* porque seu poder salvífico se faz presente no mundo através da Igreja. É notável que o evangelho de Mateus, que enfatiza a importância do Reino mais do que qualquer outro, é também o único a fazer uma referência explícita à Igreja (16, 18; 18, 17). A autoridade de ligar e desligar as coisas na terra e no céu (portanto, no Reino) é dada a Pedro, que inclusive é feito o administrador do Reino e o guardião de suas “chaves” (16, 19). Uma autoridade real similar é dada aos outros apóstolos enquanto grupo (18, 18-19). Enviados por Jesus, eles ampliam o Reino do Céu através de sua pregação (10, 7) e de suas ações sacramentais (28, 18-20).
3. Por fim, de modo *escatológico*, o Reino do Céu será cumprido no futuro. Sua presença no mundo através da Igreja é, portanto, um prelúdio de sua plena e final manifestação no fim dos tempos. Nesse sentido, a “vinda” do Reino está à espera do retorno do Cristo em sua glória (16, 28). Essa é a grande esperança da Igreja na terra; é para isso que reza ao Pai (6, 10) e prepara-se coerentemente (25, 1-13). Quando, finalmente, vier o Filho do Homem, ele separará os justos dos perversos e os mandará cada qual ao seu caminho – e a herança perpétua do Reino será dada aos que foram fiéis (25, 31-46).

ESQUEMA DO EVANGELHO DE MATEUS

I. Prólogo: Genealogia e infância de Jesus (1, 1 – 2, 23)

1. A genealogia de Jesus (1,1-17)
2. O nascimento de Jesus em Belém (1, 18-25)
3. A visita dos magos (2, 1-12)
4. A fuga da Sagrada Família para o Egito (2, 13-15)
5. O massacre dos inocentes (2,16-18)
6. O retorno da Sagrada Família a Nazaré (2, 19-23)

II. Primeiro livro: João Batista e o início do Ministério de Jesus (3, 1 – 7, 29)

1. *Narrativa*: Ministérios de João e de Jesus (cap. 3 e 4)
2. *Discurso*: O sermão da montanha (cap. 5 a 7)

III. Segundo livro: Milagres de Jesus e a escolha dos apóstolos (8, 1 – 10, 42)

1. *Narrativa*: Histórias de milagres operados por Jesus (cap. 8 e 9)
2. *Discurso*: Sermão missionário para os apóstolos (cap. 10)

IV. Terceiro livro: Polêmica crescente e o Novo Reino (11, 1 – 13, 58)

1. *Narrativa*: Jesus enfrenta uma geração perversa (cap. 11 e 12)
2. *Discurso*: Parábolas do Reino (cap. 13)

V. Quarto livro: Jesus ensina Pedro e os doze (14, 1 – 18, 35)

1. *Narrativa*: As diversas viagens e milagres de Jesus (cap. 14 a 17)
2. *Discurso*: Sermão sobre a vida na Igreja (cap. 18)

VI. Quinto livro: Jesus vai à Judéia e entra em Jerusalém (19, 1 – 25, 46)

1. *Narrativa*: Acontecimentos na Judéia e o ensinamento de Jesus no Templo (cap. 19 a 23)
2. *Discurso*: No Jardim das Oliveiras – Julgamento em Jerusalém (cap. 24 e 25)

VII. Narrativas da Paixão: Sofrimento e Ressurreição de Jesus (26, 1 – 28, 20)

1. A unção em Betânia (26, 1-16)
2. A última ceia (26, 17-29)
3. A traição e os julgamentos de Jesus (26, 30 – 27, 26)
4. A crucificação e o sepultamento de Jesus (27, 27-66)
5. A ressurreição de Jesus (28, 1-15)
6. A grande missão (28, 16-20)

O EVANGELHO DE SÃO MATEUS

1 **A genealogia de Jesus Cristo** – ¹Livro da origem de Jesus Cristo, filho de Davi, filho de Abraão. ²Abraão foi o pai de Isaac; Isaac foi o pai de Jacó; ³Jacó foi o pai de Judá e de seus irmãos. Judá, com Tamar, foi o pai de Farés e Zara; Farés foi o pai de Esrom; Esrom foi o pai de Aram. ⁴Aram foi o pai de Aminadab; Aminadab foi o pai de Naasson; Naasson foi o pai de Salmon. ⁵Salmon, com Raab, foi o pai de Booz; Booz, com Rute, foi o pai de Jobed; Jobed foi o pai de Jessé; ⁶Jessé foi o pai de Davi.

Davi, com aquela que foi mulher de Urias, foi o pai de Salomão. ⁷Salomão foi o pai de Roboão; Roboão foi o pai de Abias; Abias foi o pai de Asa. ⁸Asa foi o pai de Josafá; Josafá foi o pai de Jorão; Jorão foi o pai de Ozias. ⁹Ozias foi o pai de Joatão; Joatão foi o pai de Acáz; Acáz foi o pai de Ezequias. ¹⁰Ezequias foi o pai de Manassés; Manassés foi o pai de Amon; Amon foi o pai de Josias. ¹¹Josias foi o pai de Jeconias e de seus irmãos, no tempo do exílio na Babilônia.

¹²Depois do exílio na Babilônia, Jeconias foi o pai de Salatiel; Salatiel foi o pai de Zorobabel. ¹³Zorobabel foi o pai de Abiud; Abiud foi o pai de Eliaquim; Eliaquim foi o pai de Azor. ¹⁴Azor foi o pai de Sadoc; Sadoc foi o pai de Aquim; Aquim foi o pai de Eliud. ¹⁵Eliud foi o pai de Eleazar; Eleazar foi o pai de Matã; Matã foi o pai de Jacó. ¹⁶Jacó foi o pai de José, o esposo de Maria, da qual nasceu Jesus, que é chamado o Messias.

¹⁷Assim, as gerações desde Abraão até Davi são catorze; de Davi até o exílio na Babilônia, catorze gerações; e do exílio na Babilônia até o Messias, catorze gerações.

1,1: Lc 3, 23-38

1,3 Rt 4, 18-22; 1Cr 2, 1-15.

1,11 2Rs 24, 14; Jr 27, 20.

COMENTÁRIOS

1, 1: “Livro da origem” – É um título que serve tanto para a genealogia que se segue pelos próximos 16 versículos deste capítulo quanto para o evangelho como um todo. Essas primeiras palavras recordam a versão grega do Antigo Testamento em Gn 2, 4 e 5, 1.

“Cristo”: (em grego, *Christós*) quer dizer “O Ungido”. *Christós* é a tradução para o grego do termo hebraico “Messias”, próprio do Antigo Testamento. De acordo com Lc 4, 18-19, Jesus é ungido pelo Espírito Santo (cf. At 10, 36-38). Este é o título de Jesus que Mateus mais evidencia e esclarece ao longo de todo seu evangelho (v. “*Estudo da palavra: Messias*”, no nosso estudo bíblico sobre o evangelho de Marcos) (CIC 436).

1, 2-17: Ser da descendência de Abraão e Davi é o que estabelece as credenciais de

Jesus e o legitima como o verdadeiro Messias esperado pelo povo de Israel (1, 1. 16). Há muito tempo, Deus já havia prometido a Abraão que de sua linhagem viriam “reis” (Gn 17, 6) e, mais adiante, selou um juramento com Davi no qual lhe garantia que sua dinastia teria sempre um herdeiro (2Sm 7, 16; Sl 89, 3-4). Note que essa genealogia de Jesus traçada por Mateus remonta a Abraão, pai de Israel, enquanto que a genealogia traçada por Lucas alonga-se a Adão, pai de todas as nações (Lc 3, 23-38). A correspondência entre elas é marcada por inúmeras discrepâncias, especialmente com relação às gerações que vão de Davi a Jesus. Na tentativa de harmonizá-las, já foram propostas mais de doze soluções para essas aparentes diferenças. Deve-se, no mínimo, considerar que alguns saltos e indeterminações são fatores muito comuns

nos registros genealógicos da antigüidade. Há, ainda, muitos exemplos na Escritura de pessoas que tinham mais de um nome (v., por ex., Salomão-Jedidias e 2Sm 12, 24-25). Isso tudo deve ser considerado quando se tenta identificar os ancestrais de Jesus. Uma das soluções que se considera para esse problema é a possibilidade de Mateus ter se referido à genealogia *paterna* de Jesus, enquanto que Lucas se referia à sua genealogia *materna* (v. os comentários do nosso estudo bíblico feito sobre o evangelho de Lucas, especificamente em 3, 23-38).

1, 3-6: Não é comum, em registros genealógicos judaicos, a inclusão de mulheres (como *Tamar, Raab, Rute e aquela que foi mulher de Urias*), mas isso não é totalmente sem precedentes (1Cr 1, 32. 39. 50. e 2, 4). Todas essas que são citadas aqui são do povo gentio (cananéia, cananéia, moabita e hitita, respectivamente) e três delas (Rute é a exceção) são associadas à imoralidade sexual (Gn 38, 12-26; Js 2, 1; 2Sm 11, 2-5). É possível que isso seja uma estratégia apologética: primeiro porque a presença de sangue gentio na linhagem de Jesus antecipa o caráter universal do evangelho, que é para os homens e mulheres “de todos os povos” (28, 19); e em segundo lugar, ao listar as mulheres imorais das gerações que antecederam Salomão, Mateus desarma a acusação judaica de que as mulheres da linhagem de Jesus tirariam sua credibilidade messiânica – afinal, se essas mulheres não destituíam Salomão de sua real filiação a Davi, também não podem destituir Jesus dela, ele que, sendo o Messias, assume também o título de filho de Davi (1, 1). Na verdade, o nascimento de Salomão pelo casamento de Davi com a mulher de Urias, arranjado imoralmente (2Sm 11), contrasta vividamente com o nascimento de Jesus pela concepção virginal de Maria através do Espírito Santo (1, 18).



1, 16: “o esposo de Maria” – A última linha da genealogia sai do padrão que vinha seguindo: José não é chamado de pai de Jesus, mas apenas de esposo de Maria. Isso serve de preparação para que se entenda o nascimento de Jesus como fruto da concepção virginal de Maria, relatado em 1, 18-25. José é, no entanto, o legítimo pai adotivo de Jesus e exerce seus deveres paternais ao nomear a criança (1, 25) e proteger a Sagrada Família (2, 13-22). De acordo com os costumes judaicos, Jesus recebe de José todos os direitos hereditários, mesmo sendo adotado (CIC 437, 496).

- Na tradição católica, a paternidade de José é considerada espiritual e real, ainda que virginal – analogamente à Paternidade de Deus, que é espiritual e não-física.



1, 17: “catorze gerações” – Mateus divide a genealogia em três partes de catorze gerações. Não está completa, já que muitos nomes do Antigo Testamento foram omitidos e as três divisões dizem respeito a períodos de tempo desiguais. Mateus enfatiza o número catorze para que fique evidente que Jesus é o novo rei da descendência de Davi: primeiro porque apenas os nomes de Davi e de Jesus aparecem, na genealogia, seguidos de seus títulos (*rei*,¹ 1, 6 e *Messias*, 1, 16); segundo porque o nome de Davi é o décimo quarto da lista; e terceiro porque o valor numérico do nome de Davi em hebraico é catorze (são três consoantes: D = 4, V = 6 e D = 4).

- As 42 gerações que se seguem de Abraão até Jesus correspondem analogamente aos 42 acampamentos que fez o povo de Israel

¹ Na tradução brasileira da CNBB, usada neste estudo, omite-se o termo “rei” que precede o nome de Davi no versículo 6 do primeiro capítulo do evangelho de Mateus. Nas outras traduções brasileiras e na Vulgata latina, no entanto, o termo encontra-se sempre presente nesse versículo, antecipando o nome de Davi – NT.

O nascimento de Jesus Cristo – ¹⁸A origem de Jesus, o Messias, foi assim: Maria, sua mãe, estava prometida em casamento a José, e, antes de viverem juntos, ela ficou grávida pela ação do Espírito Santo. ¹⁹José, seu marido, era justo. Não queria denunciar Maria, e pensava em deixá-la, sem ninguém saber. ²⁰Enquanto José pensava nisso, o anjo do Senhor lhe apareceu em sonho, e disse: “José, filho de Davi, não tenha medo de receber Maria como esposa, porque ela concebeu pela ação do Espírito Santo. ²¹Ela dará à luz um filho, e você lhe dará o nome de Jesus, pois ele vai salvar o seu povo dos seus pecados”. ²²Tudo isso aconteceu para se cumprir o que o Senhor havia dito pelo profeta: ²³“Vejam: a virgem conceberá, e dará à luz um filho. Ele será chamado pelo nome de Emanuel”, que quer dizer: Deus está conosco. ²⁴Quando acordou, José fez conforme o anjo do Senhor havia mandado: levou Maria para casa ²⁵e, sem ter relações com ela, Maria deu à luz um filho. E José deu a ele o nome de Jesus.

1,18: Lc 1, 26-38

1,21 Lc 2, 21; Jo 1, 29; At 13, 23.

1,23 Is 7, 14.

durante sua jornada pelo deserto até a terra prometida (cf. Nm 33, 1-49). Essas gerações nos levam ao Messias, através de quem nós alcançamos a Terra Prometida no céu.²

“Exílio na Babilônia”: o exílio dos judeus que começou em 586 a.C., sob o reinado de Nabucodonosor, rei da Babilônia. Depois desse período, o reinado de Davi sobre Israel sucumbiu e nenhum herdeiro legítimo do trono de Davi foi deixado. Jesus vem como o esperado rei-Messias (21, 4-5; Jo 1, 49) para cumprir a aliança jurada por Deus de estabelecer e eternizar a dinastia de Davi (cf. Sl 132, 11-12 e Lc 1, 32-33).

1, 18: “prometida em casamento a José” – Na tradição judaica, o noivado era muito diferente do que costuma ser hoje: era um período temporário (durava até um ano) entre a própria celebração do casamento e a data a partir da qual os esposos passariam a viver juntos. Um noivado podia ser rompido apenas por razão de morte ou divórcio (Dt 24, 1-4), uma vez que os esposos já estavam legalmente casados nesse período.

“Pela ação do Espírito Santo”: o trecho é frequentemente interpretado como um comentário editorial para o leitor; outra interpretação é a de que a expressão indica que

José reconheceu, então, que a gravidez de Maria era o resultado de um milagre.

1, 19: “era justo” – José era um homem de uma conduta moral cristalina, comprometido a viver de acordo com a Lei Mosaica (Dt 6, 25; Lc 1, 6).

“Denunciar Maria”: originalmente, esse verbo, em grego, não necessariamente carrega uma conotação negativa; ele quer simplesmente dizer “expor” ou “exibir”.

“Pensava em deixá-la”: a tradição católica oferece três interpretações principais para explicar por que José pensou em romper seu noivado com Maria. A primeira, a *teoria da suspeita*, supõe que José, ao descobrir que Maria estava grávida, desconfiou de sua fidelidade e da possibilidade de adultério. Isso fez com que ele considerasse ir à procura do divórcio, da maneira como está dito em Dt 24, 1-4, até que veio o anjo e revelou a ele a causa miraculosa da concepção (1, 20). Nesse caso, José era tido como justo porque se esquivava de qualquer imoralidade e conduzia sua vida pelas leis de Deus. Entre os adeptos dessa teoria, incluem-se São Justino Mártir, São João Crisóstomo e Santo Agostinho. A segunda interpretação para o caso considerada pela tradição da Igreja, a *teoria da perplexidade*, propõe que José, na verdade, achou totalmente inexplicável a situação da gravidez de Maria. Para ele, o divórcio era aparentemente

2 São Jerônimo, *Cartas*, 78.

a única opção, mas ainda assim, ele preferiria fazer tudo discretamente, porque não conseguia acreditar que Maria havia sido infiel. Nesse caso, José era tido como justo porque vivia sob as leis de Deus e havia julgado a situação de Maria com extrema caridade. O principal adepto dessa teoria é São Jerônimo, cuja exegese se incorporou às notas das edições medievais da Bíblia. A terceira interpretação para o caso, a *teoria da reverência*, diz ainda que José sabia da causa miraculosa da concepção de Maria desde o princípio, ou seja, que ele já havia sido informado que a criança tinha sido concebida “pela ação do Espírito Santo” (1, 18). Sabendo disso, José teria então se considerado indigno de estar envolvido nos planos de Deus; sua decisão por se separar silenciosamente de Maria seria, portanto, uma medida discreta que ele tomaria para manter secreto o mistério que acontecia dentro dela. De acordo com essa teoria, o anjo apenas confirma a José o que ele já sabia e exorta-o a abandonar qualquer temor piedoso que tivesse, pois isso o afastaria de sua vocação para ser o legítimo pai adotivo do Messias (1, 20). Nesse caso, José é tido como justo porque se faz profundamente humilde e reverente perante os planos miraculosos de Deus. Entre os adeptos dessa teoria, incluem-se São Bernardo de Claraval e Santo Tomás de Aquino.

 **1, 20: “José”** – A mensagem do anjo é urgente: José deve manter seu casamento para que seja de fato o pai adotivo de Jesus. Ele era descendente de Davi e, como tal, concederia a Jesus essa herança real.

- O retrato de José traçado por Mateus recorda o patriarca José, do Antigo Testamento. Primeiro porque ambos têm o mesmo nome (1, 18; Gn 30, 24); segundo porque seus pais também têm o mesmo nome – Jacó (1, 16; Gn

30, 19-24); terceiro porque Deus falou com ambos através de sonhos (1, 20-21; 2, 13. 19-20. 22; Gn 37, 5-11); quarto porque ambos eram justos e castos (1, 19; Gn 39, 7-18); e quinto porque ambos salvaram suas famílias ao levá-las para o Egito (2, 13; Gn 45, 16-20).

 **1, 21: “Jesus”** – O nome grego *Iesous* é o equivalente ao hebraico *Yehoshua* (Joshua, em inglês; Josué em português), que significa “Deus salva” (Deus, em hebraico, é *Yahweh*). Era um nome comum entre os judeus do primeiro século.

- Ainda maior que Josué, que conduziu o povo judaico à terra prometida (Eclo 46, 1), Jesus conduz o povo de Deus ao eterno reino celestial (25, 34; cf. Hb 4, 1-11). Maior ainda que Davi, (2Sm 3, 18), Jesus salva seu povo de seus pecados, e não de seus inimigos nacionais, isto é, os romanos (CIC 430-432, 2666).

 **1, 23: “Vejam: a virgem conceberá”**¹ – Essa é a primeira das “citações-fórmula” que Mateus faz (2, 6. 15. 18. 23). Aqui se trata de Isaías 7, 14 da versão grega do Antigo Testamento. Mateus interpreta que a passagem se refere a Maria (*virgem*) e a Jesus (*filho*).

- Is 7, 14 profetizava, a princípio, o nascimento do rei Ezequias, que resgatou Israel de muitos males (2Rs 18, 1-6). Mateus enxerga uma realização mais plena da passagem em Jesus, visto que a ausência da figura de um pai humano na profecia já aponta para a concepção virginal do Messias (CIC 497).

“Emanuel”: nome que significa “Deus conosco” e que ganha sentido real e perfeito na encarnação de Jesus, já que sua presença divina no mundo é constante, tanto do ponto de vista eclesial (18, 20; 28, 20) quanto eucarístico (26, 26).



1, 25: “sem ter relações com ela”³ – O termo grego *éós* não sugere que José e Maria tiveram relações conjugais após o nascimento de Jesus, uma vez que essa expressão é freqüentemente usada apenas para indicar um determinado período de tempo, sem que se pressuponha com relação a ele alguma alteração futura (2Sm 6, 23 [da Septuaginta];⁴ Jo 9, 18; 1Tm 4, 13). Mateus

apenas enfatiza, aqui, que José não tivera envolvimento algum com Maria *antes* do nascimento de Jesus.

- A virgindade perpétua de Maria é dogma firmemente estabelecido pela tradição da Igreja. Sua formulação doutrinal data do Concílio de Latráo, em 649 d.C., e foi reafirmada em 1968 pelo Papa Paulo VI (*O Credo do povo de Deus*, 14; CIC 499-501).

2 **A visita dos magos** – ¹Tendo nascido Jesus na cidade de Belém, na Judéia, no tempo do rei Herodes, alguns magos do Oriente chegaram a Jerusalém, ²e perguntaram: “Onde está o recém-nascido rei dos judeus? Nós vimos a sua estrela no Oriente, e viemos para prestar-lhe homenagem”. ³Ao saber disso, o rei Herodes ficou alarmado, assim como toda a cidade de Jerusalém. ⁴Herodes reuniu todos os chefes dos sacerdotes e os doutores da Lei, e lhes perguntou onde o Messias deveria nascer. ⁵Eles responderam: “Em Belém, na Judéia, porque assim está escrito por meio do profeta: ⁶“E você, Belém, terra de Judá, Não é de modo algum a menor entre as principais cidades de Judá, Porque de você sairá um chefe, Que vai apascentar Israel, meu povo””. ⁷Então Herodes chamou secretamente os magos, e investigou junto a eles sobre o tempo exato em que a estrela havia aparecido. ⁸Depois, mandou-os a Belém, dizendo: “Vão, e procurem obter informações exatas sobre o menino. E me avisem quando o encontrarem, para que também eu vá prestar-lhe homenagem”. ⁹Depois que ouviram o rei, eles partiram. E a estrela, que tinham visto no Oriente, ia adiante deles, até que parou sobre o lugar onde estava o menino. ¹⁰Ao verem de novo a estrela, os magos ficaram radiantes de alegria. ¹¹Quando entraram na casa, viram o menino com Maria, sua mãe. Ajoelharam-se diante dele, e lhe prestaram homenagem. Depois, abriram seus cofres, e ofereceram presentes ao menino: ouro, incenso e mirra. ¹²Avisados em sonho para não voltarem a Herodes, partiram para a região deles, seguindo por outro caminho.

2, 1: Lc 2, 4-7; 1, 5. • 2, 2: Jr 23, 5; Zc 9, 9; Mc 15, 2; Jo 1, 49; Nm 24, 17. 2, 5: Jo 7, 42; 2, 6; Mc 5, 2. • 2, 11: Mt 1, 18; 12, 46. • 2, 12: Mt 2, 22; At 10, 22; Hb 11, 7.

- 3 Na *Vulgata* latina, a primeira metade deste versículo encontra-se da seguinte maneira: “*et non cognoscebat eam donec peperit filium suum primogenitum [...]*”. O termo *donec* costuma ser traduzido por *até que*, ou, no inglês, *until* (e no grego, *ἕως* – transliterado para *éós*). A única tradução brasileira que contempla este sentido da expressão é a da Bíblia de Jerusalém, São Paulo: Paulus, 2002, p. 1704, onde se lê: “Mas não a conheceu *até* o dia em que ela deu à luz um filho”. Esta observação faz-se necessária porque é justamente sobre esse sentido da expressão que o autor faz os comentários subseqüentes – NT.
- 4 Primeira versão grega da bíblia hebraica (e também a primeira versão escrita da bíblia hebraica numa língua que não fosse a hebraica), traduzida diretamente do hebraico para o grego *koiné* – isto é, o grego popular, corrente – aproximadamente no século III a.C.; versão que também é conhecida como a “*dos Setenta*”, por ter sido feita, segundo a tradição, por 72 escribas (seis de cada uma das doze tribos de Israel) e completada em 72 dias – NT.

COMENTÁRIOS



2, 1: “Belém” – Um vilarejo ao sul de Jerusalém. Seu nome significa, em hebraico, “casa do pão”; ficou conhecida, depois, por “cidade de Davi” (Lc 2, 4). Como novo rei da descendência de Davi; Jesus nasce na cidade natal da família de seu ancestral real (1Sm 16, 1). É também o lugar onde Davi foi ungido como rei (1Sm 16, 4-13).

“**O rei Herodes**”: Herodes, o Grande, governante da Palestina. Vinha de uma família edomita, não-judaica, que gozava de certos favores de Roma. Herodes foi intitulado “rei dos judeus” pelo senado romano em 40 a.C.,

substituindo assim a decadente dinastia de judeus sacerdotes-governantes. Ele tomou o poder em Jerusalém, em 37 a.C., e reinou até morrer. É conhecido por grandes projetos de construção, especialmente o de restauração do Templo de Jerusalém. Como governante, era muito severo e inflexível; não gozava de muito apreço por parte dos judeus, já que permanecia muito fiel ao imperador romano e não era um legítimo herdeiro de Davi. De acordo com o nosso calendário atual, Jesus nasceu próximo ao final do reinado de Herodes, ou entre 6 a.C. e 4 a.C., ou entre 3 a. C. e 2 a.C. (cf. 2, 16).

“Alguns magos do Oriente”: eram, provavelmente, astrólogos vindos da Pérsia, o que explicaria o interesse que tinham na “estrela” extraordinária (2, 2). No evangelho de Mateus, esses magos são os primeiros gentios a reconhecer a majestade de Jesus (CIC 528).

- A estrela recorda a profecia sobre o Messias, do Antigo Testamento. Em Nm 24, 17, Balaão prediz: “uma estrela avança de Jacó, um cetro se levanta de Israel”. O edomita Herodes ficou “alarmado” (2, 3) porque sabia que o mesmo oráculo havia previsto um desastre para sua descendência: “Edom se tornará conquista dele” (Nm 24, 18).



2, 6: “E você, Belém” – Uma citação que combina Mq 5, 2 e 2Sm 5, 2. Tanto o nascimento quanto a majestade do Messias são centrais.

- De acordo com Mq 5, 2, a grandeza de Belém ultrapassaria em muito seu pequeno tamanho físico porque um grande rei surgiria dali. A referência a 2Sm 5, 2 também está num contexto real: a narração da aliança referente ao reinado de Davi sobre as doze tribos de Israel. A menção a esses textos do Antigo Testamento feita pelos “chefes dos sacerdotes e os doutores da Lei” indica que estavam intimamente associados às expectativas messiânicas comuns à época do Novo Testamento.



2, 11: “Quando entram na casa” – Tal cenário sugere que esse acontecimento ocorreu depois que Jesus já tinha sido colocado na manjedoura (Lc 2, 7) e antes da visita dos pastores (Lc 2, 15-17).

- O episódio recorda Is 60, 3. 6, em que se relata que as nações dos gentios trouxeram *ouro e incenso* de presente ao Deus de Israel (cf. Tb 13, 11; Sl 72, 10-15).

“Mirra”: um óleo sacramental usado na consagração dos sacerdotes levíticos e do Tabernáculo do deserto (Ex 30, 23-33). Servia também para unção de sepultamento (Jo 19, 39-40).

- *Alegoricamente*, de acordo com Santo Irineu (AH 3, 9, 2), os presentes dos magos relacionam-se ao mistério da encarnação do Cristo: o ouro, símbolo da realeza, representa a majestade de Jesus; o incenso, usado na adoração a Deus, aponta sua divindade; e a mirra, um óleo de sepultamento, significava a humanidade de Cristo, especialmente no referente à sua Paixão e morte. Moralmente, de acordo com São Gregório Magno (*Hom. in Evan.* 10), os presentes significavam as doações que apresentamos a Cristo em nossa vida cotidiana: o ouro é a sabedoria de Cristo, que nos ilumina; o incenso é a adoração e oração que dedicamos a Ele (cf. Ap 8, 3-4); e a mirra representa nossos sacrifícios diários (10, 39; cf. Rm 12, 1).

2, 13: “Levante-se, pegue o menino” – Deus trabalha dentro da estrutura da família: é José o instruído pelo anjo porque ele é a cabeça da Sagrada Família e o maior responsável por seu bem-estar (cf. Ef 5, 21 – 6, 3).

“Egito”: freqüentemente, no Antigo Testamento, o Egito aparece como um lugar de refúgio (Gn 12, 10; 46, 4; 1Rs 11, 40; Jr 26, 21) e, no tempo do Novo Testamento, também como sede de grandes colônias judaicas (Alexandria e Elefantina).

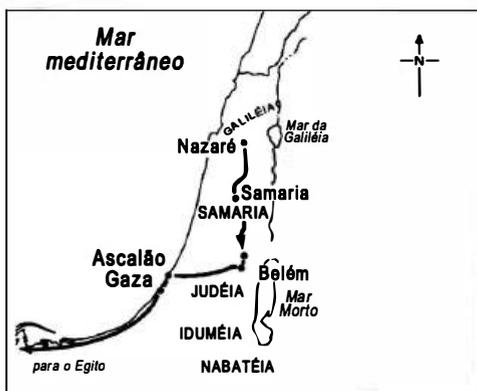
A fuga para o Egito – ¹³Depois que os magos partiram, o anjo do Senhor apareceu em sonho a José, e lhe disse: “Levante-se, pegue o menino e a mãe dele, e fuja para o Egito! Fique lá até que eu avise. Porque Herodes vai procurar o menino para matá-lo”. ¹⁴José levantou-se de noite, pegou o menino e a mãe dele, e partiu para o Egito. ¹⁵Aí ficou até a morte de Herodes, para se cumprir o que o Senhor havia dito por meio do profeta:

“Do Egito chamei o meu filho”.

¹⁶Quando Herodes percebeu que os magos o haviam enganado, ficou furioso. Mandou matar todos os meninos de Belém e de todo o território ao redor, de dois anos para baixo, calculando a idade pelo que tinha averiguado dos magos. ¹⁷Então se cumpriu o que fora dito pelo profeta Jeremias:

¹⁸“Ouviu-se um grito em Ramá,
Choro e grande lamento:
É Raquel que chora seus filhos,
E não quer ser consolada,
Porque eles não existem mais”.

2, 15: Os 11, 1; Ex 4, 22. • 2, 18: Jr 31, 15



MAPA: AS VIAGENS DO NASCIMENTO DE JESUS
Pelo decreto de César Augusto, Maria e José, que eram de Nazaré, tiveram de ir à cidade de Belém, da Judéia, para se registrarem no censo (Lc 2, 1-5). Depois que os sábios do oriente foram visitá-los para adorar a criança, José ouviu e atendeu o pedido do anjo do Senhor e levou sua família para o Egito, onde eles permaneceram até a morte de Herodes, o Grande.



2, 16: “ficou furioso” – As narrativas históricas extra-bíblicas traçam um perfil de Herodes similar ao apresentado no texto evangélico: ele assassinou a esposa que mais amava, três de seus filhos e muitos outros que ameaçaram seu trono.

- A Igreja considera essas crianças de Belém assassinadas como os primeiros mártires cristãos. Seu dia festivo é celebrado aos 28 dias do mês de dezembro.

Aqui Mateus começa a retratar Jesus como um novo e grandioso Moisés: primeiro porque tanto a vida de Moisés quanto a de Jesus foram ameaçadas durante sua infância por um mandato imperial que destinava à morte os filhos homens dos hebreus (Ex 1, 15-16); segundo porque ambos foram salvos desse decreto pela intervenção de um membro da família (2, 13; Ex 2, 1-10); terceiro porque ambos ficaram protegidos no Egito, por um tempo (2, 14-15; Ex 2, 5-10); quarto porque ambos retornaram a seus respectivos locais de nascimento depois de um tempo de fuga e exílio (2, 20; Ex 4, 19); quinto porque ambos ficaram 40 dias e 40 noites jejuando sozinhos no deserto (4, 2; Ex 43, 28); e sexto porque ambos foram mandados por Deus para disseminar sua Lei e sua Aliança (cap. 5 a 7; Dt 5, 1-21) (v. também o “Quadro: Jesus e o Antigo Testamento” em Mt 12).



2, 18: “Ouviu-se um grito” – Uma citação de Jr 31, 15.

- Jeremias vê a cidade de Ramá, situada a aproximadamente oito quilômetros ao norte de Jerusalém, como um lugar de exílio e tristeza. Os assírios foram os que primeiramente devastaram a região norte de Israel, no século VIII a.C., varrendo toda a população e engolindo a cidade (Is 10, 29; Os 5, 8); mais tarde, os babilônios conquistaram as tribos do sul,

O retorno do Egito – ¹⁹Quando Herodes morreu, o anjo do Senhor apareceu em sonho a José, no Egito, ²⁰e lhe disse: “Levante-se, pegue o menino e a mãe dele, e volte para a terra de Israel, pois já estão mortos aqueles que procuravam matar o menino”. ²¹José levantou-se, pegou o menino e a mãe dele, e voltou para a terra de Israel. ²²Mas quando soube que Arquelau reinava na Judéia, como sucessor do seu pai Herodes, teve medo de ir para lá. Por isso, depois de receber aviso em sonho, José partiu para a região da Galiléia, ²³e foi morar numa cidade chamada Nazaré. Isso aconteceu para se cumprir o que foi dito pelos profetas: “Ele será chamado Nazareno”.

2, 19: Mt 1, 20; 2, 13. • 2, 23: Lc 1, 26; Is 11, 1; Mc 1, 24.

no século VI a.C., e Ramá passou a ser lugar de refúgio para vários cativos que fugiam (Jr 40, 1). Em ambos os casos, alguns israelitas foram mortos e outros foram exilados. Mateus vê a cidade de Belém como o novo abrigo de todo esse sofrimento, onde muitos são mortos e de onde o menino Jesus, representando Israel, é exilado. Esses dois locais estão ligados pelo túmulo de *Raquel*: há uma tradição que diz que seu túmulo se encontra nos subúrbios de Belém, onde ela deu à luz – com muito sofrimento – Benjamim (Gn 35, 17-19), enquanto que outra tradição localiza o território da tribo de Benjamim próximo a Ramá (1Sm 10, 2; cf. Js 18, 25).

2, 22: “Arquelau” – Filho de Herodes, o Grande. Depois da morte de Herodes, o imperador romano Augusto dividiu seu império entre seus três filhos. Arquelau foi intitulado “etnarca”¹ da Judéia, da Iduméia e da Samaria. Rapidamente, ele veio a ter a mesma reputação que seu pai tinha, governando com mão pesada e implacável. Ele foi eventualmente banido por Augusto e mandado para a Gália, ao sexto ano do primeiro século. José levou Maria e a criança ao norte do distrito da Galiléia, onde governava Herodes Antipas, o irmão mais novo de Arquelau, que reinou como tetrarca até o ano 39 do primeiro século.



2, 23: “Nazaré” – Um vilarejo remoto da Galiléia, jamais mencionado no

Antigo Testamento, insignificante aos olhos de muitos judeus (cf. Jo 1, 46).

“Ele será chamado Nazareno”: nenhuma profecia do Antigo Testamento diz exatamente essas palavras. Mateus parafraseia, aparentemente, alguns dos *profetas* em apenas um apontamento sobre o Messias.

- Tal paráfrase é baseada numa associação entre as palavras Nazaré, cidade natal de Jesus, e *netser*, que encontra-se traduzida em Is 11, 1 como *ramo*. Isaías usou a imagem de um ramo que saía de um tronco para representar a esperança pelo reinado de Davi. A grande árvore de Davi (sua dinastia) fora cortada desde o exílio do povo judaico, mas o ramo que brotava indicava que Deus faria surgir um novo rei daquela condição de sofrimento e desesperança. Outros profetas posteriores usaram a mesma imagem para indicar o rei-Messias (Jr 23, 5; 33, 14-16) que construiria o Templo (Zc 3, 8; 6, 11-13; v. também os comentários sobre Mt 1, 17 e 16, 18).

Pelo decreto de César Augusto, Maria e José, que eram de Nazaré, tiveram de ir à cidade de Belém, da Judéia, para se registrarem no censo (Lc 2, 1-5). Depois que os sábios do oriente foram visitá-los para adorar a criança, José ouviu e atendeu o pedido do anjo do Senhor e levou sua família para o Egito, onde eles permaneceram até a morte de Herodes, o Grande.

¹ Líder de uma etnia – NT.

ENSAIO SOBRE UM TÓPICO: A “NARRATIVA DA INFÂNCIA” DE MATEUS É HISTORICAMENTE FIEL?

A confiabilidade histórica dos evangelhos cristãos é um assunto importante para a Igreja. O Concílio Vaticano II (1965) voltou a afirmar a mesma convicção: os evangelhos do Novo Testamento transmitem fielmente a verdade histórica sobre Jesus, seus ensinamentos e suas admiráveis obras.² Apesar disso, alguns acadêmicos ainda questionam, de vez em quando, se os escritores evangélicos tinham mesmo a intenção de sequer recordar a história real ou não. Alguns dizem que a *Narrativa da infância* de Mateus (cap. 1 e 2) seria um belo exemplo de que não: ela seria, na verdade, não uma narrativa estritamente fiel aos reais acontecimentos próximos ao nascimento de Jesus, mas uma *midrash* composta por Mateus sobre o Antigo Testamento.

A palavra *midrash* é um termo hebraico que originalmente significa “interpretação” ou “comentário”. Hoje, o termo tem vários significados. Às vezes denota os antigos escritos judaicos que usavam histórias do Antigo Testamento para ensinar verdades religiosas (de fácil acesso a partir do século II d.C.). Pode também ser usado como descrição dos métodos de interpretação do Antigo Testamento que esses escritos seguiam. Mais comumente ainda, o termo *midrash* é conhecido por significar a recriação de histórias bíblicas embelezadas com detalhes ficcionais. Um *midrash* conhecido sobre o nascimento de Moisés expande imaginativamente a narrativa que se encontra no segundo capítulo do livro do Êxodo, dizendo que o pai de Moisés havia tido um sonho que predizia o nascimento de seu filho, aí então um escriba egípcio havia contado ao Faraó sobre o nascimento de Moisés e ele mesmo, o escriba, mais tarde procurou matar o menino Moisés. Esses detalhes colorem a história dos primeiros anos de Moisés, mas nenhum deles se encontra na Bíblia. Assim também acontece com Mateus que, tendo pensado e escrito os dois primeiros capítulos do seu evangelho como uma reflexão devota dos fatos, é muitas vezes acusado de inventar eventos que, apesar de fazerem referência ao Antigo Testamento, não teriam embasamento histórico algum. Contra essa tese, uma resposta pode ser desenvolvida a partir de várias considerações:

1. Os dois primeiros capítulos do evangelho de Mateus são estilisticamente diferentes de um *midrash*. Diferentemente do que aconteceria num *midrash*, a história de Jesus contada pelo evangelista não está baseada num texto do Antigo Testamento. Enquanto que um *midrash* busca minar os sentidos mais profundos do Antigo Testamento, Mateus não procura interpretá-lo por conta própria. Indo mais diretamente ao ponto:

2 *Dei Verbum*, 19.

Mateus não está recriando episódios do Antigo Testamento, e sim está contando uma história inteiramente nova! É uma história com novos personagens, novos eventos e que poderia se sustentar sem apoiar-se em suas citações do Antigo Testamento. Mateus emprega trechos do Antigo Testamento em seu relato fundamentalmente para iluminar o sentido do nascimento de Jesus, mas não para determinar antecipadamente a trama e o desenlace dos acontecimentos subseqüentes.

2. Mateus vê em Jesus a realização plena das promessas do Antigo Testamento. Ele cita as Escrituras, fazendo relações diretas entre os antigos oráculos e os principais acontecimentos da história do menino Jesus (a concepção virginal, a fuga para o Egito, o massacre dos inocentes etc.) a fim de, com isso, endossar suas qualificações como o verdadeiro e esperado Messias de Israel. Se esses *acontecimentos* não estivessem efetivamente ancorados na realidade histórica, seria muito improvável que Mateus inventasse histórias *como se* Jesus fosse a plena realização do Antigo Testamento. A Escritura jamais estaria plenamente realizada se esses eventos narrados por Mateus não tivessem acontecido concretamente. No caso, a interpretação de Mateus do Antigo Testamento não passaria de um exercício de auto-enganação. Além disso, se a intenção de Mateus fosse a de inventar histórias inspiradas nos textos do Antigo Testamento, é provável que sua narrativa acabaria tomando rumos diferentes. Por exemplo: Sl 72, 10 e Is 60, 3-6 estão claramente por trás da história de Mateus sobre os magos do Oriente, do segundo capítulo do evangelho; se Mateus estivesse escrevendo um *midrash*, esses versos do Antigo Testamento provavelmente exerceriam muito maior controle na formulação de sua história – Jesus receberia apenas “dois presentes” (ouro e incenso) em vez de três, e “reis” iriam lhe prestar homenagens, e não astrólogos persas.
3. Mateus não considera o Antigo Testamento como um simples escrito anterior à vida de Jesus. Exceto pela citação de Mq 5, 2 (em Mt 2, 6), as citações do Antigo Testamento escolhidas e feitas por Mateus aparentemente não revelavam jeito algum de serem profecias messiânicas e Mateus não o teria percebido caso não estivesse buscando compreender seus mistérios mais profundamente, para muito além de seu sentido literal. Por exemplo, Is 7, 14 (em Mt 1, 23) falava, a princípio, do nascimento do rei Ezequias; Os 11, 1 (em Mt 2, 15) originalmente lançava luz sobre o êxodo de Israel do Egito; Jr 31, 15 (em Mt 2,18) descrevia a tragédia do exílio de Israel em 586 a.C.; e a referência de Mateus ao “Nazareno” (em Mt 2, 23) é até difícil de localizar. Não são, portanto,

as mais óbvias profecias sobre o Messias que Mateus está tirando do Antigo Testamento. Seu uso da Escritura é legítimo e espiritual, e não artificial. O fato de que Mateus reúne esses textos obscuros para interpretar a infância de Jesus sugere, então, que o que controlava sua história era a história real, e não as do Antigo Testamento.

4. Os dois primeiros capítulos de Mateus são muito coerentes com o que sabemos dessa história por fontes extra-bíblicas. Em primeiro lugar, a fuga da Sagrada Família para o Egito (Mt 2, 13) se encaixa com circunstâncias históricas conhecidas: naquele tempo, o Egito de fato abrigava muitas colônias de judeus (por exemplo, Alexandria e Elefantina). Em segundo lugar, o papel dos magos do oriente no segundo capítulo de Mateus corresponde ao que conhecemos sobre os sábios pesas do oriente antigo: seus interesses em astrologia naturalmente os faziam atentar aos fenômenos estelares (por exemplo, a estrela de Belém). Em terceiro lugar, a conduta moral de Herodes, o Grande, conhecida por outras fontes é consistente com suas ações em Mt 2: já tendo matado muitos pretensos adversários – e até membros da própria família – é razoável crer que Herodes mandaria executar todos recém-nascidos de Belém (Mt 2, 16) como forma de ataque preventivo contra futuras ameaças ao seu trono.
5. É relevante notar o seguinte: a Pontifícia Comissão Bíblica, instituída em 1902 pelo Papa Leão XIII, com o intuito de examinar determinadas questões bíblicas relacionadas à fé católica, abordou o problema da confiabilidade histórica da *Narrativa da infância* de Mateus. As decisões e decretos dessa comissão, embora não sejam declarações infalíveis de fé, podem ser tomadas como guiamento confiável e de autoridade no trato com esse assunto. Após um estudo cauteloso da questão, pesando tanto a tradição de interpretação bíblica antiga quanto a moderna, a comissão chegou à conclusão, em 19 de junho de 1911, que os argumentos contemporâneos que desafiam a autenticidade histórica dos dois primeiros capítulos do evangelho de Mateus não têm fundamentação sólida.

Resumindo, a Narrativa da infância de Mateus é teológica e historicamente confiável. Mateus faz uso do Antigo Testamento para *confirmar* sua história, e não para *embasá-la*. Sua intenção é a de que os leitores vejam os primeiros anos da vida de Jesus como um conjunto de fatos e personagens reais. Para Mateus, o próprio Jesus é a chave de interpretação do Antigo Testamento e sua vinda marca uma nova era na história da salvação, que reúne todas as promessas de Deus e as realiza plenamente. A confiabilidade histórica dos dois primeiros capítulos do evangelho de Mateus, portanto, é atestada pela tradição da Igreja Católica e é consistente com os sólidos princípios do estudo histórico e bíblico.

3 A pregação de João Batista – ¹Naquels dias, apareceu João Batista, pregando no deserto da Judéia: ²“Convertam-se, porque o Reino do Céu está próximo”. ³João foi anunciado pelo profeta Isaías, que disse:

“Esta é a voz daquele que grita no deserto:
Preparam o caminho do Senhor,
Endireitem suas estradas!”.

⁴João usava roupa feita de pêlos de camelo, e cinto de couro na cintura; comia gafanhotos e mel silvestre. ⁵Os moradores de Jerusalém, de toda a Judéia, e de todos os lugares em volta do rio Jordão, iam ao encontro de João. ⁶Confessavam os próprios pecados, e João os batizava no rio Jordão.

⁷Quando viu muitos fariseus e saduceus vindo para o batismo, João disse-lhes: “Raça de cobras venenosas, quem lhes ensinou a fugir da ira que vai chegar?” ⁸Façam coisas que provem que vocês se converteram. ⁹Não pensem que basta dizer: ‘Abraão é nosso pai’. Porque eu lhes digo: até destas pedras Deus pode fazer nascer filhos de Abraão. ¹⁰O machado já está posto na raiz das árvores. E toda árvore que não der bom fruto, será cortada e jogada no fogo. ¹¹Eu batizo vocês com água para a conversão. Mas aquele que vem depois de mim é mais forte do que eu. E eu não sou digno nem de tirar-lhe as sandálias. Ele é quem batizará vocês com o Espírito Santo e com fogo. ¹²Ele terá na mão uma pá: vai limpar sua eira, e recolher seu trigo no celeiro; mas a palha ele vai queimar no fogo que não se apaga”.

3, 1: Mc 1, 3-8; Lc 3, 2-17; Jo 1, 6-8, 19-28. • 3, 2: Mt 4, 17; Dn 2, 44; 4, 17; Mt 10, 7. • 3, 3: Is 40, 3. • 3, 4: 2Rs 1, 8; Zc 13, 4; Lv 11, 22. • 3, 7: Mt 12, 34; 23, 33; 1Ts 1, 10. • 3, 9: Jo 8, 33; Rm 4, 16. 3, 10: Mt 7, 19. • 3, 12: Mt 13, 30.

COMENTÁRIOS

3, 1: “João Batista” – O precursor do Messias. Levita (Lc 1, 5) e primo de Jesus (Lc 1, 36), João era considerado profeta por muitos judeus (21, 26) e até pelo próprio Jesus (11, 9). Sua pregação era acompanhada de uma vida austera de penitência e auto-negação (CIC 523).

- As roupas de João (3, 4) fazem recordar o profeta Elias, do Antigo Testamento, que “estava vestido com roupa de pêlos e usava um cinto de couro” (2Rs 1, 8). Era esperado que, antes do Messias, uma figura como Elias retornasse (Ml 4, 5) e assim se iniciasse a restauração das tribos de Israel (Eclo 48, 10).

3, 2: “Reino do Céu” – O tema central e mais abrangente do evangelho de Mateus. A expressão aparece 32 vezes no evangelho e significa a mesma coisa que “Reino de Deus” (v., por ex., 19, 23-24). No contexto judaico original, as palavras “do Céu” serviam para distinguir o reino proclamado por João (3, 2) e por Jesus (4, 17) das esperanças populares por uma restauração literal do império político de Israel (cf. At 1, 6). Ao invés disso, o reino

vindouro procede do Pai que está no céu (6, 10). A presença do reino é mediada pela Igreja, na história (16, 18-19), mas sua manifestação completa só se dará na segunda vinda do Cristo em toda sua glória (25, 31-46) (CIC 541, 669-671; v. também a *Introdução ao evangelho de Mateus*, na seção *Temática*).



3, 3: “a voz daquele que grita” – Uma citação de Isaías 40, 3.

- O oráculo de Isaías destaca a missão de João: ele é a figura importante que *prepara o caminho* para o Senhor. Todos os quatro evangelhos relacionam as palavras de Isaías com o ministério de João (Mc 1, 3; Lc 3, 4; Jo 1, 23; v. também o comentário do nosso estudo bíblico sobre o evangelho de Lucas, cap. 3, 4-6).



3, 6: “do rio Jordão” – O rio Jordão corre ao longo do lado leste da Palestina. Sua nascente fica ao norte do Mar da Galiléia e ele flui até o sul, desembocando no Mar Morto.

- No Antigo Testamento, o rio Jordão está associado à ação libertadora de Deus. Como o Mar Vermelho, ele também se abriu para que

O batismo de Jesus – ¹³Jesus foi da Galiléia para o rio Jordão, a fim de se encontrar com João, e ser batizado por ele. ¹⁴Mas João procurava impedi-lo, dizendo: “Sou eu que devo ser batizado por ti, e tu vens a mim?”. ¹⁵Jesus, porém, lhe respondeu: “Por enquanto deixe como está. Porque devemos cumprir toda a justiça”. E João concordou. ¹⁶Depois de ser batizado, Jesus logo saiu da água. Então o céu se abriu, e Jesus viu o Espírito de Deus, descendo como pomba e pousando sobre ele. ¹⁷E do céu veio uma voz, dizendo: “Este é o meu Filho amado, que muito me agrada”.

os israelitas pudessem atravessá-lo a solo seco e assim chegar à terra prometida (Js 3, 14-17). Naamã, o sírio, foi curado da lepra nesse local quando nele mergulhou (na Septuaginta: *ebaptisato*) sete vezes, a comando de Eliseu (2Rs 5, 14). Ambos os eventos prefiguram o poder salvífico do sacramento do batismo (CIC 1222).

3, 11: “Eu batizo vocês” – O batismo de João se diferenciava do batismo sacramental, que confere o perdão dos pecados e a graça regeneradora da fé justificada (At 2, 38). O batismo de João era um ato simbólico de arrependimento e preparação para a vinda o Messias (cf. Is 1, 16; Hb 9, 10; CIC 718).

“Com água”: João batizava apenas com a água, que era sinal de purificação. Mas, como visto na história de Noé, a água, por si só, não pode purificar a alma; o coração pecaminoso do homem permaneceu imutável mesmo depois do dilúvio (Gn 6, 5; 8, 21). É somente o sacramento do batismo que infunde o *Espírito Santo* (Jo 3, 5) e faz uma marca no batizado que o identifica como membro adotivo da família de Deus (28, 19) (CIC 1265).

“E com fogo”: o fogo é símbolo de Deus e de seu julgamento purificador (Dt 4, 24; Eclo 2, 5; Is 4, 3-5; At 2, 3-4; CIC 696).



3, 15: “Devemos cumprir toda a justiça” – Jesus é imaculado e não precisa do batismo de João (Hb 4, 15; 1Pd 2, 22). No entanto, Ele se submete ao ritual para se identificar com os pecadores e alinhar-se aos planos de Deus. Jesus realiza as práticas estabelecidas com a Antiga Aliança justamen-

te para cumpri-las e aperfeiçoá-las na Nova Aliança (5, 17; cf. Lc 2, 21-28, CIC 536).

- **“Misticamente”**,¹ o batismo de Jesus prefigura o sacramento cristão. A água, o Espírito e a voz divina do Pai representam os efeitos do batismo, pelos quais a alma é purificada (At 22, 16), a graça do Espírito Santo é transmitida (3, 11; 1Cor 12, 13) e a pessoa é adotada como filho amado de Deus (3, 17; Gl 3, 26-27; CIC 537).

3, 16: “o céu se abriu” – Este episódio revela a Santíssima Trindade: o Pai fala, o Filho é batizado e o Espírito Santo desce em forma de pomba.

ESTUDO DA PALAVRA: JUSTIÇA (MT 3, 15)

Dikaosune (grego): denota a retidão e fidelidade de Deus e de seu povo (Dt 6, 25; Is 48, 18). A palavra é parte de um distinto vocabulário relativo à Aliança, que se encontra no decorrer da Bíblia. Ela é usada por sete vezes no evangelho de Mateus e por 85 vezes ao longo do restante do Novo Testamento.

1) A *justiça* de Deus é uma característica de seu Ser (sagrada, portanto) e é revelada através de seu cuidado e Suas ações salvíficas em relação a Israel (Dt 32, 4; Is 5, 16; 42, 6). Deus é justo porque Ele, como um Pai divino, cumpre perfeitamente sua aliança com Israel. O Novo Testamento é embasado justamente nisso: a partir de então, Deus demonstra sua justiça através da obra salvífica de Jesus Cristo. A Nova Aliança é ratificada pela obediência de Jesus ao Pai (Mt 3, 15; Rm 3, 21-26) e é proclamada no evangelho (Rm 1, 16-17).

2) Para o povo de Deus, a *justiça* é um presente deixado pela Nova Aliança de Jesus Cristo. Ela é, primeiramente, transmitida no batismo e recebida por fé (Rm 5, 17). Significa a restauração da relação de alguém com Deus, como seu filho ou filha adotivo. Esse presente da justiça é capaz de se desenvolver através do amor e da obediência à Aliança e à Lei divinas (Mt 5, 6; 6, 33; Rm 6, 16; Ef 4, 24; 1Pd 2, 24; 1Jo 3, 7).

1 Sto. Tomás de Aquino, *Summa Theologica* 3, 39, 8.

4 **A visita dos magos** – ¹Então o Espírito conduziu Jesus ao deserto, para ser tentado pelo diabo. ²Jesus jejuou durante quarenta dias e quarenta noites e, depois disso, sentiu fome. ³Então, o tentador se aproximou e disse a Jesus: “Se tu és Filho de Deus, manda que essas pedras se tornem pães!”. ⁴Mas Jesus respondeu: “A Escritura diz: Não só de pão vive o homem, Mas de toda palavra que sai da boca de Deus”.
⁵Então o diabo o levou à cidade santa, colocou-o na parte mais alta do templo. ⁶E lhe disse: “Se tu és Filho de Deus, joga-te para baixo! Porque a Escritura diz: Deus ordenará aos seus anjos a teu respeito, E eles te levarão nas mãos, Para que não tropeces em nenhuma pedra”.
⁷Jesus respondeu-lhe: “A Escritura também diz: não tente o Senhor seu Deus”. ⁸O diabo tornou a levar Jesus, agora para um monte muito alto. Mostrou-lhe todos os reinos do mundo e suas riquezas. ⁹E lhe disse: “Eu te darei tudo isso, se te ajoelhares diante de mim, para me adorar”. ¹⁰Jesus disse-lhe: “Vá embora, Satanás, porque a Escritura diz: Você adorará ao Senhor seu Deus e somente a ele servirá”.
¹¹Então o diabo o deixou. E os anjos de Deus se aproximaram e serviram a Jesus.

4, 1: Mc 1, 12-13; Lc 4, 1-3; Hb 2, 18; 5, 15. • 4, 2: Ex 34, 28; 1Rs 19, 8. • 4, 3: Is 40, 3.

4, 4: Dt 8, 3. • 3, 7: Mt 12, 34; 23, 33; 1Ts 1, 10. • 4, 5: Mt 27, 53; Ne 11, 1; Dn 9, 24; Ap 21, 10.

4, 6: Sl 91, 11-12. • 4, 7: Dt 6, 16. • 4, 10: Dt 6, 13; Mc 8, 33. • 4, 11: Mt 26,53; Lc 22, 43.

COMENTÁRIOS



4, 1-11: A narrativa das tentações de Mateus recorda a preparação espiritual de Jesus para exercer seu ministério.

- O acontecimento contrasta a desobediência do povo de Israel com a obediência de Jesus, que representa a nova Israel: primeiro porque tanto Israel quanto Jesus são chamados de filhos de Deus (3, 17; Ex 4, 22); segundo porque as tentações de ambos são precedidas por um batismo (3, 13-17; 1Cor 10, 1-5); terceiro porque Israel foi posta à prova durante 40 anos, enquanto que Jesus ficou 40 dias e 40 noites em provação (4, 2); quarto porque enquanto Israel falhou em sua provação pelo deserto, Jesus triunfou sobre Satanás através da obediência e da auto-humilhação (4, 11). Esses paralelos são ainda sustentados pelas três respostas de Jesus ao demônio (4, 4. 7. 10), todas tiradas de Dt 6 – 8. Esses trechos (Dt 8, 3; 6, 16; 6, 13) servem de alerta aos israelitas contra a desobediência e de lembrança das providências de Deus no deserto (CIC 538-539).

Moralmente,¹ a vitória de Jesus serve de exemplo de obediência cristã. A vida na terra é uma provação no deserto para o povo de Deus que caminha para a pátria celeste. Neste período de teste, Deus quer que os fiéis superem as tentações do mundo, da carne e do demônio. O triunfo é possível através da penitência e da obediência à palavra de Deus. Ao invés de poder e alimento terrenos, os fiéis devem desejar alimentar-se com a vontade de Deus e a humildade de Cristo (11, 29; Jo 4, 34). Aqueles que vencerem a batalha herdarão o conforto celestial, na companhia dos anjos (4, 11). A Igreja lembra-nos anualmente, durante os 40 dias da Quaresma, dessa vocação nossa de toda a vida (CIC 540, 2849).



4,1: “tentado” – Tendo presenciado a declaração de Deus Pai (3, 17), Satanás testa a identidade de Jesus como Filho de Deus. Ele tenta Jesus no sentido de atrai-lo

¹ São João Crisóstomo, *Hom. in Matt.* 8.

Jesus começa a pregar na Galiléia – ¹²Ao saber que João tinha sido preso, Jesus voltou para a Galiléia.

¹³Deixou Nazaré, e foi morar em Cafarnaum, que fica às margens do mar da Galiléia, nos confins de Zabulon e Neftali, ¹⁴para se cumprir o que foi dito pelo profeta Isaías:

¹⁵”Terra de Zabulon, terra de Neftali,
Caminho do mar, região do outro lado do rio Jordão,
Galiléia dos que não são judeus!

¹⁶O povo que vivia nas trevas viu uma grande luz;
E uma luz brilhou para os que viviam na região escura da morte”.

¹⁷Daí em diante, Jesus começou a pregar, dizendo: “Convertam-se, porque o Reino do Céu está próximo”.

4, 12: Mc 1, 14; Lc 4, 14; Mt 14, 3; Jo 1, 43. • 4, 13: Jo 2, 12; Mc 1, 21; Lc 4, 23. • 4, 15: Is 9, 1-2. • 4, 17: D Mc 1, 15; Mt 3, 2; 10, 7.

a assumir uma missão terrena e política (4, 8-9) e desviá-lo de todo sofrimento e da morte. Posteriormente, Pedro é repreendido como “Satanás” (16, 23) justamente porque se recusa a aceitar o caminho de sofrimento de Jesus (16, 21).

- O Segundo Concílio de Constantinopla (em 553 d.C.) condenou a idéia de que Jesus tornou-se impecável apenas após a ressurreição (can. 12). Pelo contrário, Cristo é uma das três pessoas divinas e portanto não seria capaz de pecar em período algum de sua vida terrena (Tg 1, 13; Jo 3, 5). Além disso, as tentações vieram todas em forma de sugestões demoníacas e nada tiveram a ver com os conflitos internos e desejos desordenados típicos da natureza humana decaída com a qual vivemos (Tg 1, 14-15).



4, 6: “a Escritura diz” – Tanto Jesus (4, 4. 7. 10) quanto Satanás (4, 6) citam a Escritura. Enquanto que Jesus lida com a Escritura de forma reverente e sensível, Satanás deturpa seu sentido.

- O uso que Satanás faz do Sl 91, 11-12 viola seu sentido original. O salmo encoraja a confiança e a fé na proteção de Deus, mas não defende que devemos testá-Lo. A correta interpretação de Jesus do Dt 6, 16 (4, 7) exclui a possibilidade de distorção de sentido do salmo 91 a fim de se justificar que Deus pode ser testado.

4, 12: “Galiléia” – Região mais alta da Palestina, ao norte da Judéia e da Samaria. Na antiga Israel, a Galiléia já fora sede de várias das doze tribos da nação. Após a devastação militar pelos assírios, no século VIII a.C. (2Rs 15, 29), a Galiléia foi governada separadamente da Judéia e da Samaria e assim foi por quase toda sua história, inclusive nos tempos do Novo Testamento. À época do nascimento de Jesus, alguns judeus habitavam a região, mas a maioria era descendente das tribos do norte de Israel, que viviam junto de imigrantes gentios. Mesmo depois do período em que se passa o Novo Testamento, a Mishná judaica² (200 d.C.) ainda se refere constantemente aos galileus como sendo “israelitas”, diferente dos “judeus” do sul (cf. 10, 5-6; Jo 1, 47). Jesus escolheu a Galiléia para ser o local onde ele restabeleceria as “ovelhas perdidas do povo de Israel” (15, 24), reuniria seus discípulos dispersos (26, 31-32) e os enviaria a uma missão mundial (28, 7. 10. 16-20)



4, 15-16: “Terra de Zabulon [...] morte” – Uma citação de Is 9, 1-2 a respeito dos loteamentos de terra de duas das tribos de Israel, Zabulon e Neftali. Já que essas regiões da Galiléia foram as primeiras a

2 A *Mishná* é a primeira notável transcrição da Torá Oral, ou seja, dos ensinamentos judaicos tradicionalmente repassados de forma oral – NT.

Jesus reúne os primeiros discípulos – ¹⁸Jesus andava à beira do mar da Galiléia, quando viu dois irmãos: Simão, também chamado Pedro, e seu irmão André. Estavam jogando a rede no mar, pois eram pescadores. ¹⁹Jesus disse para eles: “Sigam-me, e eu farei de vocês pescadores de homens”. ²⁰Eles deixaram imediatamente as redes, e seguiram a Jesus. ²¹Indo mais adiante, Jesus viu outros dois irmãos: Tiago e João, filhos de Zebedeu. Estavam na barca com seu pai Zebedeu, consertando as redes. E Jesus os chamou. ²²Eles deixaram imediatamente a barca e o pai, e seguiram a Jesus.

4, 18: Mc 1, 16-20; Lc 5, 1-11; Jo 1, 35-42.

serem devastadas pelas invasões assírias de 733 a 732 a.C. (2Rs 15, 29), Jesus as mira como sendo o lugar para começar a reverter as tragédias da história de Israel, restaurando as doze tribos na Nova Aliança (cf. 15, 24; 19, 28; Ap 7, 4-8).

- Isaías prevê um “tempo futuro” (Is 9, 1) em que Deus restauraria a esperança do povo da Galiléia. Mateus relaciona isso com o período em que Jesus residiu em Cafarnaum (4, 13), uma cidade ao norte do Mar da Galiléia, intersectado pelos territórios das tribos de Zabulon e Neftali. O interesse contínuo de Mateus pela linhagem real de Jesus sugere que o contexto geral desse oráculo é também muito significativo. Is 9, 1-2 é o prefácio de uma profecia sobre o Emanuel (Deus conosco) e o nascimento de um novo rei que sentará “sobre o trono de Davi” (Is 9, 6) e reconquistará a esperança ao povo galileu (cf. Lc 1, 32-33).

habilidades naturais desses pescadores são então elevadas a um novo e espiritual patamar, pela graça. Isso dá a eles a condição de serem pescadores de almas para o Reino do Céu e missionários da Igreja.

4, 23: “sinagogas” – Construções em que os judeus adoravam a Deus, rezavam e aprendiam a Escritura. Também serviam, dentro das vilas rurais, a uma função mais geral de centros da comunidade. Aos sábados (à noite), realizavam-se assembléias cuja liturgia se centrava na proclamação e explicação da Bíblia hebraica. Elas não são mencionadas no Antigo Testamento, portanto sua origem é incerta. Seu surgimento possivelmente está ligado aos centros de ensinamento das 48 cidades levíticas (Nm 35, 1-8) ou ao retorno dos judeus do exílio na Babilônia, no século VI a.C. Uma vez que os judeus homens deveriam ir ao Templo de Jerusalém apenas três vezes ao ano

Jesus ensina multidões – ²³Jesus andava por toda a Galiléia, ensinando em suas sinagogas, pregando a Boa Notícia do Reino, e curando todo tipo de doença e enfermidade do povo. ²⁴E a fama de Jesus espalhou-se por toda a Síria. Levaram-lhe todos os doentes atingidos por diversos males e tormentos: endemoninhados, epiléticos e paralíticos. E Jesus os curou. ²⁵Numerosas multidões da Galiléia, da Decápole, de Jerusalém, da Judéia e do outro lado do rio Jordão começaram a seguir Jesus.

4, 23: Mc 1, 39; Lc 4, 15, 44; Mt 9, 35; Mc 3, 7-8; Lc 6, 17.



4, 18-22: “pescadores” – Um trabalho comum na Galiléia. Mateus enfatiza a prontidão com que os discípulos responderam *imediatamente* (4, 20, 22) a Jesus. Três deles – Pedro, Tiago e João – gozaram de uma relação especial com ele (17, 1; 26, 37).

- A graça da Nova Aliança de Deus embasa, aperfeiçoa e eleva a natureza humana. As

(Dt 16, 16), a sinagoga era um lugar complementar para a educação e a adoração não-sacrificial durante o restante do ano.

4, 25: “Decápole” – Literalmente, “as dez cidades”. Eram cidades da Palestina predominantemente habitadas pelos gentios, a maioria delas localizava-se ao leste do rio Jordão. Eram conhecidas por sua distinta arquitetura helenística (grega).

5 As bem-aventuranças – ¹Jesus viu as multidões, subiu à montanha e sentou-se. Os discípulos se aproximaram, ²e Jesus começou a ensiná-los:
³“Felizes os pobres em espírito, porque deles é o Reino do Céu.
⁴Felizes os aflitos, porque serão consolados.
⁵Felizes os mansos, porque possuirão a terra.
⁶Felizes os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados.
⁷Felizes os que são misericordiosos, porque encontrarão misericórdia.
⁸Felizes os puros de coração, porque verão a Deus.
⁹Felizes os que promovem a paz, porque serão chamados filhos de Deus.
¹⁰Felizes os que são perseguidos por causa da justiça, porque deles é o Reino do Céu.
¹¹Felizes vocês, se forem insultados e perseguidos, e se disserem todo tipo de calúnia contra vocês, por causa de mim. ¹²Fiquem alegres e contentes, porque será grande para vocês a recompensa no céu. Do mesmo modo perseguiram os profetas que vieram antes de vocês”.

5, 1: Lc 6-17. 20-23; Mc 3, 13; Jo 6, 3. • 5, 3: Mc 10, 14; Lc 22, 29. • 4, 15: Is 9, 1-2. • 5, 4: Is 61, 2; Jo 16, 20; Ap 7, 17.
 5, 5: Sl 37, 11. • 5, 6: Is 55, 1-2; Jo 4, 14; 6, 48-51. • 5, 8: Sl 24, 4; Hb 12, 14; 1Jo 3, 2; Ap 22, 4.
 5, 10: 1Pd 3, 14; 4, 14. • 5, 12: 2Cr 36, 16; Mt 23, 37; At 7, 52; 1Ts 2, 15; Tg 5, 10.

COMENTÁRIOS

5, 1 – 7, 29: O Sermão da Montanha contém toda a Lei da Nova Aliança. É uma coleção de ensinamentos de Jesus para a vida cristã e sobre como ela é o aperfeiçoamento das leis morais da Antiga Aliança (5, 17). Como primeiro dos cinco discursos descritos por Mateus (v. *Esquema do evangelho de Mateus*), o sermão dispõe nosso destino celestial baseado em nossa aceitação ou rejeição de Jesus e de seus ensinamentos (CIC 1965-1968).



5, 1: “subiu à montanha” – O cenário recorda o da entrega da Lei a Moisés no Monte Sinai (Ex 19 – 24). No entanto, Moisés levou a Lei ao povo montanha abaixo, enquanto que Jesus transmite seus ensinamentos aos discípulos que subiram à montanha com ele.

• A montanha simboliza os mais altos preceitos da justiça; os preceitos dados aos judeus eram menores. Deus deu uma lei inferior àqueles que se uniam a Ele pelos laços do medo, e uma lei superior aos que estavam prontos para serem libertos pelo amor. Os mais altos preceitos são para o Reino do Céu assim como os preceitos menores são para o reino da terra.¹

“E sentou-se”: essa era a postura de um rabino judeu que falava com autoridade (cf. 23, 1-2; Jo 8, 2).

5, 3: “pobres em espírito” – Aqueles que reconhecem sua necessidade de Deus e da graça divina. Desapegados deste mundo, eles encontram sua segurança no Senhor e contam com a Sua misericórdia ao invés de seus próprios méritos ou riquezas. Pode ser que os pobres em espírito sejam também economicamente pobres, pois esses são frequentemente ricos na fé (Tg 2, 5). A posse completa do *Reino do Céu* será deles no dia do Juízo Final (Mt 25, 34) (CIC 2544-2547).

5, 4: “os aflitos” – Aqueles que lamentam o presente estado dessa vida. Isso inclui o pranto pelos pecados assim como a tristeza de ver os santos sofrerem tanto por conta de sua fé. Na vida vindoura, eles serão *confortados* por Deus, que enxugará todas as lágrimas (Ap 7, 17).

5, 5: “os mansos” – Aqueles que aparentam ser fracos e insignificantes aos olhos do mundo. Longe de serem fracos, contudo, os mansos possuem uma força interior capaz de controlar a ira e o desencorajamento em

1 Santo Agostinho, *Sobre o Sermão da Montanha*, 1, 1, 2.

meio a adversidades. A mansidão é exemplificada na vida de Moisés (Nm 12, 3) e especialmente na de Jesus (11, 29; 21, 5). Ao final dos tempos, os mansos *possuirão a terra* (como em Sl 37, 11). Isso se refere ao próprio céu, apresentado como nova Terra Prometida (Hb 11, 16) – ou à nova criação que está por vir (Rm 8, 21; Ap 21, 1).

5, 6: “os que tem fome e sede” – Aqueles que anseiam por viver rigorosamente de acordo com a vontade de Deus. Sua prioridade é buscar o Reino de Deus e a sua *justiça* (6, 33), essenciais para sustentar suas vidas (cf. Jo 4, 34). No fim, eles serão *satisfeitos* por Deus na vida eterna (25, 46).

5, 7: “os misericordiosos” – Aqueles que buscam imitar a misericórdia do Pai (Lc 6, 36) através do perdão do próximo (Mt 18, 21-22. 33). Os misericordiosos são pacientes e compreensivos com as falhas dos outros, e são generosos ao atender os necessitados através de obras de caridade e compaixão (6, 2-4; 25, 34-40). Quando vier o Juízo Final, eles *receberão a misericórdia* perpétua (6, 14; Tg 2, 13) (CIC 2447).

essa união com Deus sem mediação de *visão beatífica* (CIC 2517-2519).

5, 9: “os que promovem a paz” – Aqueles que semeiam a paz no mundo (Tg 3, 18). Isso significa, em partes, esforçar-se para viver em paz com o próximo (Hb 12, 14) e, em grande parte, espalhar o evangelho para que os outros tenham a oportunidade de se reconciliar com Deus e viver na paz de Cristo (Rm 5, 1; Fl 4, 7). Os que promovem a paz serão chamados *filhos de Deus* (Mt 5, 45). O dom da filiação divina é tanto uma posse presente dos fiéis (Rm 8, 14-16; 1Jo 3, 1) quanto uma esperança futura relacionada à ressurreição dos corpos (Rm 8, 23) e à glória da vida eterna (Ap 21, 7) (CIC 2305).

5, 10: “os que são perseguidos” – Aqueles que são caluniados, abusados ou oprimidos por darem testemunhas em público de sua fé cristã. Eles são os alvos do ódio do mundo (Jo 15, 18-19) porque são comprometidos com a justiça do evangelho (1Pd 3, 14). Os discípulos perseguidos podem esperar grande recompensa no vindouro *Reino do Céu* (Mt 5, 12).

Sal da terra e luz do mundo – ¹³Vocês são o sal da terra. Ora, se o sal perde o gosto, com que poderemos salgá-lo? Não serve para mais nada; serve só para ser jogado fora e ser pisado pelos homens.

¹⁴Vocês são a luz do mundo. Não pode ficar escondida uma cidade construída sobre um monte. ¹⁵Ninguém acende uma lâmpada para colocá-la debaixo de uma vasilha, e sim para colocá-la no candeeiro, onde ela brilha para todos os que estão em casa. ¹⁶Assim também: que a luz de vocês brilhe diante dos homens, para que eles vejam as boas obras que vocês fazem, e louvem o Pai de vocês que está no céu”.

5, 13: Mc 9, 49-50; Lc 14, 34-35. • 5, 14: Mc 9, 49-50; Lc 14, 34-35. • 5, 15: Lc 11, 33; Mc 4, 21; 1Pd 2, 12.

5, 8: “puros de coração” – Aqueles que agem com integridade e servem a Deus sem egoísmo algum. Em termos bíblicos, o coração é o centro oculto da pessoa de onde é dito que se originam todos os seus pensamentos, palavras, ações e paixões. Um coração puro não é manchado pelo mal ou por pensamentos luxuriosos (5, 27-30; 15, 18-20) e encontra seu tesouro no céu (6, 19-21). Na eternidade, os puros de coração *verão a Deus* como os anjos O vêem agora (18, 10; 1Cor 13, 12; Ap 22, 4). A teologia católica chama



5, 13-14: Duas imagens que mostram que os discípulos tem de ser fiéis ao chamado que receberam, para que não se tornem inúteis para o reino. Sendo o *sal da terra*, eles devem temperar e conservar o mundo com a paz (Mc 9, 50) e com belos discursos (Cl 4, 5). Sendo a *luz do mundo*, eles devem ser testemunhas de Cristo e de sua mensagem (Jo 1, 9; 8, 12).

- Ambas as imagens se relacionam ao Antigo Testamento. O sal é associado à aliança sacerdotal feita com Aarão e seus descendentes

O cumprimento da Lei e dos Profetas – ¹⁷ “Não pensem que eu vim abolir a Lei e os Profetas. Não vim abolir, mas dar-lhes pleno cumprimento. ¹⁸Eu garanto a vocês: antes que o céu e a terra deixem de existir, nem sequer uma letra ou vírgula serão tiradas da Lei, sem que tudo aconteça. ¹⁹Portanto, quem desobedecer a um só desses mandamentos, por menor que seja, e ensinar os outros a fazer o mesmo, será considerado o menor no Reino do Céu. Por outro lado, quem os praticar e ensinar, será considerado grande no Reino do Céu. ²⁰Com efeito, eu lhes garanto: se a justiça de vocês não superar a dos doutores da Lei e dos fariseus, vocês não entrarão no Reino do Céu”.

5, 18: Lc 16, 17; Mc 13, 31. • 5, 19: Tg 2, 10.

(Nm 18, 19), assim como à aliança real feita com Davi e sua descendência (2Cr 13, 5). A luz é associada com a vocação de Israel de fazer com que a verdade e a justiça de Deus brilhasse por todas as nações (Is 42, 6; 49, 6).

5, 14: “uma cidade construída sobre um monte” – uma alusão a Jerusalém, no Monte Sião. É um sinal visível da cidade eterna que aguarda os santos no céu (Gl 4, 26; Hb 12, 22; Ap 21, 2).



5, 16: “o Pai de vocês” – Nenhum capítulo anterior faz menção alguma sobre a paternidade de Deus. No Sermão da Montanha, no entanto, Jesus chama Deus de “pai” por 17 vezes, no total (cap. 5 a 7).

- A paternidade divina é o mistério mais profundo relativo à Sua identidade; da eternidade ele é pai de um filho divino (Jo 1, 1) e, através da história, ele nos adota como filhos em Cristo (Jo 1, 12; Gl 4, 4-7).

5, 17: “a Lei e os Profetas” – Uma expressão que sintetiza todo o Antigo Testamento.

“Dar-lhes pleno cumprimento”: Jesus cumpriu perfeitamente toda a Lei Mosaica e as profecias do Antigo Testamento (1, 23; 2, 6. 15; 4, 15-16; Lc 24, 44-47). A tradução grega para “cumprir” tem o sentido de “realizar completamente”. A Nova Aliança, portanto, inclui e conclui a Antiga, tanto aperfeiçoando-a quanto transformando-a. Ao mesmo tempo em que as leis que envolviam sacrifício foram

extintas com o sacrifício de Jesus, a lei moral (os Dez Mandamentos etc.) foi conservada e aprimorada (5, 21. 27. 34; 19, 17). Na vida cristã, o poder do Espírito de Deus nos é necessário caso queiramos obedecer a Lei e crescer na santidade (cf. Rm 8, 4; CIC 577-581, 1967).

5, 18: “uma letra” – A letra em questão (um *iota*) é a menor letra do alfabeto hebraico (*yodh*).²

“Ou vírgula”: em hebraico, a “vírgula” é um pequeno traço que distingue letras muito parecidas.

5, 20: “a justiça de vocês” – Jesus inaugura uma nova fase – o clímax – da história da salvação. Ele apresenta o padrão de justiça da Nova Aliança, que em muito supera a já existente, porém insuficiente, justiça da Antiga Aliança (cf. Dt 6, 25; Is 48, 18). A Antiga Aliança regia os assuntos do reino terreno de Israel. A Lei Mosaica (especialmente o Deuteronômio) foi projetada para estabelecer e manter Israel como a nação governante da terra de Canaã. Suas leis regulavam a conduta pública, no sentido de manter a ordem civil; portanto, exigia um padrão externo de justiça que definisse o povo de Deus como uma nação. Jesus convida os *doutores da Lei e os fariseus* a reconhecer a Lei Mosaica como um arranjo temporário para Israel (cf. Mt 19, 8), uma forma de trazê-los para mais perto de Deus e mais longe dos pecados dos povos

² Na Vulgata latina, este versículo encontra-se da seguinte maneira: “[...]jota unum aut unus apex non prateribit a lege donec omnia fiant”. A letra em questão, então, é correspondente ao nosso jota (j) – NT.

Sobre a ira – ²¹Vocês ouviram o que foi dito aos antigos: ‘Não mate! Quem matar será condenado pelo tribunal’. ²²Eu, porém, lhes digo: todo aquele que fica com raiva do seu irmão, se torna réu perante o tribunal. Quem diz ao seu irmão: ‘imbecil’, se torna réu perante o Sinédrio; quem chama o irmão de ‘idiota’, merece o fogo do inferno. ²³Portanto, se você for até o altar para levar a sua oferta, e aí se lembrar de que o seu irmão tem alguma coisa contra você, ²⁴deixe a oferta aí diante do altar, e vá primeiro fazer as pazes com seu irmão; depois, volte para apresentar a oferta. ²⁵Se alguém fez alguma acusação contra você, procure logo entrar em acordo com ele, enquanto estão a caminho do tribunal; senão o acusador entregará você ao juiz, o juiz o entregará ao guarda, e você irá para a prisão. ²⁶Eu garanto: daí você não sairá, enquanto não pagar até o último centavo”.

5, 21: Ex 20, 13; Dt 5, 17; 16, 18. • 5, 25: Lc 12, 57-59.

gentios (Lv 15, 31; 20, 26). Os israelitas esperavam que um dia, eventualmente, Deus escreveria sua Lei dentro de seus corações (Jr 31, 31-34; cf. Dt 30, 6; Ez 36, 25-27). A Nova Aliança de Cristo assinala o amanhecer desse grande dia no qual Ele aperfeiçoa as leis morais da Antiga Aliança e dá um fim à fase temporária e nacional da Antiga Aliança. Ele implementa um novo padrão de *justiça* que se alarga para além dos limites da Lei Antiga em duas direções:

1. Externamente, o alcance da Nova Aliança é muito mais amplo do que a nação de Israel – engloba um *reino* internacional que se dá pela Igreja. Agora, todas as nações podem compartilhar a bênção de Deus e se tornar o povo da Aliança;
2. Internamente, a Nova Aliança penetra diretamente no coração; ela se lança alma adentro para governar a vida pessoal e privada segundo um padrão de santidade máxima. Assim como a Antiga Aliança formava cidadãos virtuosos em Israel, a Nova Aliança gera santos na Igreja (CIC 1963-1968; v. também *Estudo da palavra: Justiça*, em Mt 3).

5, 21-28: Trecho às vezes referido como “as seis antíteses”. Jesus age com autoridade divina para aperfeiçoar e aprofundar os códigos da Lei Mosaica (cf. 7, 29). Cada antítese segue um padrão similar: Jesus começa citando uma das antigas leis, dizendo “*vocês ouviram o que foi dito*” (5, 21. 27. 31. 33. 38. 43), e então responde, começando com os dizeres “*eu, porém, lhes digo*” (5. 22. 28. 32. 34. 39. 44). Tal padrão reforça a autoridade de Cristo como o novo Moisés e legislador da Nova Aliança (v., mais adiante, os comentários feitos sobre Mt 2, 16 e 17, 5).

5, 21: “Não mate” – Jesus reafirma a ilegalidade do assassinato (Ex 20, 13; Dt 5, 17) e introduz uma nova dimensão à lei civil. Não apenas os atos mortais de violência, mas também a raiva pessoal (5, 22) e a calúnia (5, 22) são violações da Nova Lei. São ilustrados os graus da culpa pessoal (5, 22) pelo movimento ascensional que vai de um “tribunal” local ao “Sinédrio” dos judeus e, por fim, à punição eterna do “inferno”. Em cada pata-mar, o julgamento corresponde à gravidade do pecado (CIC 2302).

Sobre o adultério – ²⁷Vocês ouviram o que foi dito: ‘Não cometa adultério’. ²⁸Eu, porém, lhes digo: todo aquele que olha para uma mulher e deseja possuí-la, já cometeu adultério com ela no coração. ²⁹Se o olho direito leva você a pecar, arranque-o e jogue-o fora! É melhor perder um membro, do que o seu corpo todo ser jogado no inferno. ³⁰Se a mão direita leva você a pecar, corte-a e jogue-a fora! É melhor perder um membro do que o seu corpo todo ir para o inferno.

5, 27: Ex 20,14; Dt 5, 18. • 5, 29: Mc 9, 43-48; Mt 18, 8-9.

Sobre o divórcio – ³¹Também foi dito: ‘Quem se divorciar de sua mulher, lhe dê uma certidão de divórcio’. ³²Eu, porém, lhes digo: todo aquele que se divorcia de sua mulher, a não ser por causa de fornicção, faz com que ela se torne adúltera; e quem se casa com a mulher divorciada, comete adultério”.

5, 31: Lc 16, 18; Mc 10, 11-12; Mt 19, 9; 1Cor 7, 10-11; Dt 24, 1-4.

5, 22: “idiota” – O termo que a Bíblia grega utiliza para isso é uma transliteração de uma palavra aramaica que significa a falta de inteligência. É um insulto que significa algo como “cabeça vazia” ou “estúpido”.

“O fogo do inferno”: essa expressão (também encontrada em 5, 29-30) denota, na Bíblia grega, o Vale da Geena, ao sul de Jerusalém, lugar que servia como um grande depósito de lixo onde tudo era incinerado continuamente. Jesus utiliza essa imagem para ilustrar a temível realidade da eterna condenação (CIC 1034-1035; v. também o “*Estudo da palavra: Inferno*” no nosso estudo bíblico sobre o evangelho de Marcos, em Mc 9).

para enfatizar a gravidade dos pecados sexuais (cf. 18, 7-9). É necessário tomar medidas drásticas para evitar as situações de pecado, os pecados em si e a eterna punição à qual eles levam.

5, 31: “uma certidão de divórcio” – O divórcio e a segunda união eram permitidos na Antiga Aliança unicamente por conta da pecaminosidade inerente ao povo de Israel (19, 8; cf. Dt 24, 1-4). Na Nova Aliança, a segunda união consiste num ato de adultério (CIC 2382).

“A não ser por causa de fornicção”: dos evangelistas, apenas Mateus recorda essa “cláusula de exceção” (cf. 19, 9). Para compreender o sentido que ela tem, veja mais adiante o “*Ensaio sobre um tópico: A fala de Jesus sobre casamento e divórcio*”, em Mt 19.

Sobre juramentos – ³³Vocês ouviram também o que foi dito aos antigos: ‘Não jure falso, mas cumpra os seus juramentos para com o Senhor’. ³⁴Eu, porém, lhes digo: não jurem de modo algum: nem pelo Céu, porque é o trono de Deus; ³⁵nem pela terra, porque é o suporte onde Ele apóia os pés; nem por Jerusalém, porque é a cidade do grande Rei. ³⁶Não jure nem mesmo pela sua própria cabeça, porque você não pode fazer um só fio de cabelo ficar branco ou preto. ³⁷Diga apenas ‘sim’, quando é ‘sim’; e ‘não’, quando é ‘não’. O que você disser além disso vem do Maligno”.

5, 33: Mt 23, 16-22; Tg 5, 12; Lv 19, 12; Nm 30, 2; Dt 23, 21. • 5, 35: Is 66, 1; At 7, 49; Sl 48, 2.

5, 27: “adultério” – Assim como a Lei Mosaica, Jesus proíbe os atos adúlteros (Ex 20, 14; Dt 5, 18). No entanto, ele estende essa proibição também para os pensamentos e desejos luxuriosos interiores a cada um. Olhar e desejar luxuriosamente uma mulher (5, 28) já é uma violação da Nova Lei, mesmo que o ato exterior de adultério não tenha sido cometido (CIC 2380).

5, 29: “arranque-o” – Uma figura de linguagem, e não uma ordem literal de auto-mutilação. Jesus faz uso de imagens fortes

5, 33: “Não jure falso” – Jesus proíbe o juramento em casos privados. Contudo, os juramentos são importantes na esfera pública e podem concorrer para o bem da sociedade. Juizes, doutores, soldados, políticos e outros profissionais fazem juramentos para prestarem seus serviços públicos. Juramentos são feitos também para se renovar as alianças (cf. Hb 6, 13-18). É comum que o santo nome de Deus seja invocado para trazer assistência divina aos justos (abençoá-los) e punição divina aos que violam suas promessas. À época de

Sobre represália e vingança – ³⁸Vocês ouviram o que foi dito: ‘Olho por olho e dente por dente!’. ³⁹Eu, porém, lhes digo: não se vinguem de quem fez o mal a vocês. Pelo contrário: se alguém lhe dá um tapa na face direita, ofereça também a esquerda! ⁴⁰Se alguém faz um processo para tomar de você a túnica, deixe também o manto! ⁴¹Se alguém obriga você a andar um quilômetro, caminhe dois quilômetros com ele! ⁴²Dê a quem lhe pedir, e não vire as costas a quem lhe pedir emprestado”.

5, 38: Ex 21, 24; Lv 24, 20; Dt 19, 21. • 5, 39: Lc 6, 29-30; 1Cor 6, 7; Rm 12, 17; 1Pd 2, 19; 3, 9; Pr 24, 29.

Jesus, no entanto, a prática de juramentos era um tanto quanto mal aplicada; as pessoas faziam juramentos privados no sentido de ganharem certos favores pessoais. Ao invocar algo relacionado ao nome de Deus (pelo céu, pela terra, por Jerusalém; 5, 34-35, os juramentos eram feitos levemente ou até com desprezo (23, 26-22). Jesus denuncia isso e ensina que apenas a honestidade e a integridade deveriam reinar sobre a vida privada. Mateus recorda três episódios em que tais juramentos ilícitos foram feitos com propósitos privados (14, 7; 26, 72. 74; 27, 25) (CIC 2153-2154).

5, 38: “Olho por olho” – Jesus proíbe o uso da Lei Mosaica como justificação de atos privados de vingança. A passagem citada, de Ex 21, 24, fazia referência aos limites que deveriam ser impostos na retribuição do que havia sido feito; jamais significou um convite a atribuir punição pessoal aos que cometiam injúrias privadas ou a fazer vingança para além da injúria que foi cometida (cf. Lv 24, 20; Dt 19, 21). A punição deveria ser equivalente ao crime, e não excedente. Jesus elimina essa política de retaliação da esfera da vida privada (cf. Rm 12, 17).

5, 41: “Se alguém obriga você” – Na Palestina da época do Novo Testamento, os soldados romanos podiam recrutar e compelir alguns judeus a prestarem serviços tem-

porários. Simão de Cirene, por exemplo, foi obrigado pelos soldados a carregar a cruz de Jesus em 27, 32. Jesus exorta-nos a sermos generosos e a aceitarmos de bom grado os deveres que nos são delegados.

5, 43: “ame o seu próximo” – Uma referência a Lv 19, 18. Jesus considera esse como um dos dois maiores mandamentos da Lei Mosaica (22, 39). Ao contrário de Jesus, alguns judeus davam uma estreita interpretação ao termo *próximo*, restringindo seu significado apenas aos companheiros e amigos israelitas (cf. Lc 10, 29-37) (CIC 1933).

“Odeie o seu inimigo”: provavelmente uma referência às leis de Israel quando em estado de guerra (Dt 20). Os gentios de Canaã adoravam falsos deuses e, portanto, eram inimigos de Deus. Moisés, então, a mando de Deus, ordenou a Israel que dissesse aquela população a fim de que Israel não a imitasse em sua idolatria (cf. Ex 23, 32-33; Sl 139, 19-22). Tomando isso por pano de fundo, Jesus contraria o desdém do povo judeu pelos gentios que ainda habitavam a Palestina. Ele amplia o sentido do termo *próximo* para incluir nele os gentios, e até os romanos que perseguiam os judeus. O tratamento imparcial de Deus Pai com relação a todos os povos é o modelo da misericórdia cristã (5, 45).

O amor pelo inimigo – ⁴³Vocês ouviram o que foi dito: ‘Ame o seu próximo, e odeie o seu inimigo!’. ⁴⁴Eu, porém, lhes digo: amem os seus inimigos, e rezem por aqueles que perseguem vocês! ⁴⁵Assim vocês se tornarão filhos do Pai que está no céu, porque ele faz o sol nascer sobre maus e bons, e a chuva cair sobre justos e injustos. ⁴⁶Pois, se vocês amam somente aqueles que os amam, que recompensa vocês terão? Os cobradores de impostos não fazem a mesma coisa? ⁴⁷E se vocês cumprimentam somente seus irmãos, o que é que vocês fazem de extraordinário? Os pagãos não fazem a mesma coisa? ⁴⁸Portanto, sejam perfeitos como é perfeito o Pai de vocês que está no céu”.

5, 43: Lc 6, 27-28; 32-36; Lv 19, 18; Pr 25, 21-22. • 5, 29: Lv 19, 2.

Sobre a esmola – ¹Prestem atenção! Não pratiquem a justiça de vocês diante dos homens, só para serem elogiados por eles. Fazendo assim, vocês não terão a recompensa do Pai de vocês que está no céu. ²Por isso, quando você der esmola, não mande tocar trombeta na frente, como fazem os hipócritas nas sinagogas e nas ruas, para serem elogiados pelos homens. Eu garanto a vocês: eles já receberam a recompensa. ³Ao contrário, quando você der esmola, que a sua esquerda não saiba o que a sua direita faz, ⁴para que a sua esmola fique escondida; e seu Pai, que vê o escondido, recompensará você”.

6, 1: Mt 23, 5. • 6, 4: Cl 3, 23-24.

5, 48: “Portanto, sejam perfeitos” – Jesus defende uma justiça moral superior à da Antiga Aliança: este é o padrão da misericórdia. Assim como Israel deveria imitar a “santidade” de Deus, Jesus chama a Igreja a imitar Sua perfeita compaixão (Lc 6, 36). O Pai é bondoso e misericordioso tanto com os bons quanto com os maus, portanto seus filhos devem também estender sua misericórdia até aos seus inimigos (5, 7; Lc 10, 29-37; Tg 2, 13; v. também o comentário feito em nosso estudo bíblico sobre o evangelho de Lucas ao capítulo 6, versículo 36) (CIC 1968, 2842).

**ESTUDO DA PALAVRA:
BEM-AVENTURADO (MT 5, 3-10)**

Makarios (grego): um adjetivo que significa “afortunado”, ou “abençoado”. É encontrado por 13 vezes no evangelho de Mateus e 37 vezes ao todo no Novo Testamento. O termo não é usado para invocar a bênção de Deus, mas para declarar que alguém ou já recebeu uma bênção de Deus (Mt 16, 17; Rm 4, 7) ou então pode esperar para recebê-la no futuro (Tg 1, 12; Ap 14, 13; 22, 14). Essa distinção tem raiz no Antigo Testamento, em que as beatitudes de *sabedoria* agraciavam aqueles que gozavam de benefícios e favores já nas condições presentes (Jó 5, 17; Pr 3, 13; Eclo 25, 8-9) enquanto que as beatitudes *escatológicas* prometiam recompensas e consolações de Deus para o futuro (Sl 1, 1-6; Is 30, 16; Dn 12, 12). As beatitudes do Sermão da Montanha são desse último tipo, porque anunciam que as bem-aventuranças da Nova Aliança serão plenamente realizadas no céu. Ainda que algumas sejam parcialmente usufruídas nesta vida, todas vão além dos conflitos e dificuldades desta vida para a bem-aventurança eterna da vida que está por vir (Mt 5, 11-12).

COMENTÁRIOS

6, 1-18: Jesus endossa três tipos de trabalho de misericórdia tradicionalmente feitos pelos judeus (cf. Tb 12, 8-10): esmola (6, 2-4), oração (6, 5-15) e jejum (6, 16-18) (CIC 1434, 1969).

“A justiça de vocês”: aqui, “justiça” tem literalmente o mesmo sentido que em 3, 15; 5, 6. 20; 6, 33 (v. o “*Estudo da palavra: Justiça*”, em Mt 3). Jesus não contesta essas práticas, mas alerta o povo a não as fazer de modo a atrair a atenção e a estima dos outros (CIC 1430).

6, 2: “der esmola” – doações que se façam caridosamente aos pobres (Eclo 17, 22; Lc 3, 11; CIC 2447).

“Os hipócritas”: o termo originalmente se refere aos “atores”, ou “intérpretes do palco”. É possível que Jesus tenha em mente, aqui, alguns fariseus e doutores da Lei (cf. 23, 5. 27-28) que exercitam suas práticas devocionais de modo a serem vistos e *elogiados pelos homens*. O exercício das práticas devocionais pode ser público, contanto que o praticante as faça honestamente de acordo com as intenções e impulsos apropriados (5, 16).

6, 6: “ocultamente” – A oração particular e secreta contrasta nitidamente com a falsa devoção dos hipócritas. Era costume do próprio Cristo afastar-se da atenção pública para rezar sozinho ao Pai (14, 23; Mc 1, 35; Lc 9, 18). A oração privada é um complemento à oração pública, e não uma rejeição a ela (cf. 18, 20; At 1, 12-14; CIC 2602, 2655).

Sobre a oração – ⁵Quando vocês rezarem, não sejam como os hipócritas, que gostam de rezar em pé nas sinagogas e nas esquinas, para serem vistos pelos homens. Eu garanto a vocês: eles já receberam a recompensa. ⁶Ao contrário, quando você rezar, entre no seu quarto, feche a porta, e reze ao seu Pai ocultamente; e o seu Pai, que vê o escondido, recompensará você.

⁷Quando vocês rezarem, não usem muitas palavras, como fazem os pagãos. Eles pensam que serão ouvidos por causa do seu palavreado. ⁸Não sejam como eles, pois o Pai de vocês sabe do que é que vocês precisam, ainda antes que vocês façam o pedido. ⁹Vocês devem rezar assim:

Pai nosso, que estás no céu, santificado seja o teu nome;

¹⁰Venha o teu reino; seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu.

¹¹Dá-nos hoje o pão nosso de cada dia.

¹²Perdoa as nossas dívidas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores.

¹³E não nos deixes cair em tentação, mas livra-nos do mal.

¹⁴De fato, se vocês perdoarem aos homens os males que eles fizeram, o Pai de vocês que está no céu também perdoará a vocês. ¹⁵Mas, se vocês não perdoarem aos homens, o Pai de vocês também não perdoará os males que vocês tiverem feito”.

6, 1: Mc 11, 25; Lc 18, 10-14. • 6, 7: 1Rs 18, 25-29. • 6, 8: Mt 6, 32; Lc 12, 30. • 6, 9: Lc 11, 2-4.

6, 9: 2Ts 3, 3; Jo 17, 15; Tg 1, 13. • 6, 14: Mt 18, 35; Mc 11, 25; Ef 4, 32; Cl 3, 13

6, 7: “muitas palavras [...] palavreado” – Jesus rapidamente comenta a falsa religiosidade dos gentios. Era costume dos pagãos recitar longas ladainhas com diversos nomes divinos para ganharem a atenção de seus deuses. Assim o faziam para garantir que falariam à divindade da maneira mais apropriada. Jesus considera tal prática como vazia, isto é, destituída de verdadeira fé e amor pela divindade. Nota-se que o alerta de Jesus não é contra a oração longa ou repetitiva em si; tal oração, feita de coração puro, pode ser verdadeiramente íntima e frutífera. O próprio Jesus, no Getsêmani, rezou três vezes ao Pai “repetindo as mesmas palavras” (26, 44) e, antes de escolher os apóstolos, durante “toda a noite” (Lc 6, 12) (CIC 2668).

6, 9-13: O *Pai nosso* é um modelo de oração. Transmitido pelo Filho de Deus, é parte da herança familiar legada aos filhos de Deus. Essa oração tem sete pedidos e pode ser dividida em duas partes: a primeira seção (6, 9-10) glorifica a Deus, enquanto que a segunda seção (6, 11-13) faz pedidos a Deus com relação às necessidades humanas (CIC 2765, 2781).

6, 9: “nosso” – A primeira pessoa do plural (nosso, nós) é proeminente na oração do *Pai nosso*. Trata-se, portanto, de uma oração para toda a Igreja (CIC 2768).

“Pai”: é possível que Jesus tenha ensinado essa oração em aramaico, uma língua próxima do hebraico antigo e de uso comum dos judeus do primeiro século. Nesse caso, então, Jesus teria usado a palavra “Abba” para se dirigir ao Pai, um título carinhoso que se preserva em outras passagens do Novo Testamento (Mc 14, 36; Rm 8, 15; Gl 4, 6). Enquanto só Jesus é Filho de Deus por natureza, nós também nos tornamos Seus filhos através da graça da divina adoção (Rm 8, 14-16; Gl 4, 4-7. Como filhos de Deus em Cristo (Jo 1, 12), os cristãos então vivem a paternidade de Deus num sentido muito mais profundo do que Israel a vivia no Antigo Testamento (Dt 32, 6) – eles participavam da vida divina de Deus (2Pd 1, 4; 1Jo 3, 1; CIC 2766, 2780).

“Santificado seja o teu nome”: um pedido para que todos reconheçam o nome de Deus como sagrado (Sl 111, 9; Lc 1, 49). Invocar o nome de Deus era uma antiga forma de adoração (Gn 4, 26), Sl 116, 17) e a Lei

Sobre o jejum – ¹⁶“Quando vocês jejuarem, não fiquem de rosto triste, como os hipócritas. Eles desfiguram o rosto para que os homens vejam que estão jejuando. Eu garanto a vocês: eles já receberam a recompensa. ¹⁷Quando você jejuar, perfume a cabeça e lave o rosto, ¹⁸para que os homens não vejam que você está jejuando, mas somente seu Pai, que vê o escondido; e seu Pai, que vê o escondido, recompensará você”.

6, 16: Is 58, 5. • 6, 18: Mt 6, 4. 6.

alerta para que não se use Seu santo nome “em vão” (Ex 20, 7) (CIC 2807).

6, 11: “pão nosso de cada dia” – O termo grego *epiousios* (traduzido para *de cada dia*) é usado no Novo Testamento apenas duas vezes: aqui e em Lc 11, 3. No original, provavelmente significa algo como “para amanhã” ou “para o futuro”. O pedido da oração, portanto, é por alimento para o corpo e para a alma:

1. As necessidades básicas para a vida, que os pais dão aos filhos, são como que o pão diário. Isso pode também se referir ao maná que Deus providenciava todos os dias aos israelitas no deserto;
2. Diversos Padres da Igreja interpretaram o *pão diário* como sendo a Santa Eucaristia – um tipo de sustento sobrenatural (At 2, 46). Ambas as conotações são coerentes, porque o próprio Jesus proclama sua dependência diária em relação ao Pai (6, 25-34) e, mais tarde, Ele mesmo associa o maná à Eucaristia (Jo 6, 30-40; CIC 2837).

6, 13: “do mal” – Termo muitas vezes traduzido também por “d’O Maligno”, como em 13, 19 (cf. Jo 17, 15; 2Ts 3, 3). Nesse sentido, é a denominação própria de Satanás, o anjo caído, adversário de Deus. O pedido projeta-se ao futuro: os cristãos rezam pela vontade de Deus nos últimos dias, quando o demônio e

o mal serão destruídos (Ap 20, 10).

6, 17: “perfume a cabeça” – O jejum era uma prática freqüente entre o povo e quase sempre acompanhada do uso de grandes sacos como roupas e a imposição de cinzas sobre a testa dos praticantes (Est 4,3; Dn 9, 3). Enquanto, na verdade, deveriam expressar o arrependimento interno que se exercia, os hipócritas faziam uso de tudo isso para parecer devotos. Lavar-se e ungi-se com perfumes eram sinais externos que simbolizavam alegria e, assim, como que disfarçavam o compromisso interno assumido com Deus (Rt 3, 3; Sl 23, 5; Is 61, 3; CIC 1438).

6, 22: “A lâmpada do corpo é o olho” – Uma antiga metáfora (Tb 10, 5; Pr 15, 30; Eclo 23, 19). Jesus a utiliza para advogar generosidade: aqueles de olho mau e doente são avarentos e mesquinhos com seus pertences (Dt 15, 19; Eclo 14, 8-10; cf. Mt 20, 15) e são tomados pela escuridão (6, 23); aqueles de olho bom e sadio partilham seus bens com os necessitados (4, 7) e são cheios da *luz*.

6, 24: “riquezas” – Um termo aramaico que significa também “bens” ou “propriedades”. Jesus chama a atenção para o fato de que os bens terrenos podem ameaçar a vivência de um amor íntegro por Deus. O Novo Testamento expõe, mais adiante, os perigos de se

Sobre a riqueza – ¹⁹“Não ajuntem riquezas aqui na terra, onde a traça e a ferrugem corroem, e onde os ladrões assaltam e roubam. ²⁰Ajuntem riquezas no céu, onde nem a traça nem a ferrugem corroem, e onde os ladrões não assaltam nem roubam. ²¹De fato, onde está o seu tesouro, aí estará também o seu coração”.

O olho sadio – ²²“A lâmpada do corpo é o olho. Se o olho é sadio, o corpo inteiro fica iluminado. ²³Se o olho está doente, o corpo inteiro fica na escuridão. Assim, se a luz que existe em você é escuridão, como será grande a escuridão!”.

6, 19: Lc 12, 33-34; Mc 10, 21; 1Tm 6, 17-19; Tm 5, 1-3. • 6, 22: Lc 11, 34-36; Mt 20, 15; Mc 7, 22.

Sobre servir a dois senhores – ²⁴“Ninguém pode servir a dois senhores. Porque, ou odiará a um e amará o outro, ou será fiel a um e desprezará o outro. Vocês não podem servir a Deus e às riquezas”.

6, 24: Lc 16, 13.

Não se preocupar – ²⁵“Por isso é que eu lhes digo: não fiquem preocupados com a vida, com o que comer; nem com o corpo, com o que vestir. Afinal, a vida não vale mais do que a comida? E o corpo não vale mais do que a roupa? ²⁶Olhem os pássaros do céu: eles não semeiam, não colhem, nem juntam em armazéns. No entanto, o Pai que está no céu os alimenta. Será que vocês não valem mais do que os pássaros? ²⁷Quem de vocês pode crescer um só centímetro, à custa de se preocupar com isso? ²⁸E por que vocês ficam preocupados com a roupa? Olhem como crescem os lírios do campo: eles não trabalham nem fiam. ²⁹Eu, porém, lhes digo: nem o rei Salomão, em toda a sua glória, jamais se vestiu como um deles. ³⁰Ora, se Deus assim veste a erva do campo, que hoje existe e amanhã é queimada no forno, muito mais ele fará por vocês, gente de pouca fé! ³¹Portanto, não fiquem preocupados, dizendo: ‘O que vamos comer? O que vamos beber? O que vamos vestir?’ ³²Os pagãos é que ficam procurando essas coisas. O Pai de vocês, que está no céu, sabe que vocês precisam de tudo isso. ³³Pelo contrário, em primeiro lugar busquem o Reino de Deus e a sua justiça, e Deus dará a vocês, em acréscimo, todas essas coisas.

³⁴Portanto, não se preocupem com o dia de amanhã, pois o dia de amanhã terá suas preocupações. Basta a cada dia a própria dificuldade”.

6, 19: Lc 12, 33-34; Mc 10, 21; 1Tm 6, 17-19; Tg 5, 1-3. • 6, 22: Lc 11, 34-36; Mt 20, 15; Mc 7, 22.

acumular muito dinheiro e bens terrenos (13, 22; Lc 12, 13-11; 1Tm 6, 10; Hb 13, 5; CIC 2113).

 **6, 28-30:** Jesus, ao ensinar, usa a lógica dos rabinos (mestres judeus): o simples fato de que Deus se importa até com os lírios do campo (6, 28) pressupõe sua maior preocupação com os homens (6, 30; CIC 2830).

- *Anagógicamente*, Deus nos dá tudo aquilo de que necessitamos corporalmente para nos indicar que o que realmente O preocupa são nossas necessidades espirituais. Da mesma forma que o amor que Ele tem pelos lírios do campo é superado pelo que tem por nós ao nos dar os que precisamos para nos vestir, assim também essas roupas que recebemos agora prefiguram a vontade que Deus tem de nos vestir de vida e glória eternas no céu (cf. 1Cor 15, 51-55; Ap 19, 7-8).

6, 33: “em primeiro lugar busquem o Reino de Deus” – Ao longo de toda sua vida, os cristãos devem dar prioridade à busca da santidade. Isso não é uma des-

culpa para se tornar preguiçoso quanto às questões práticas do mundo (2Ts 3, 6-13), mas um chamado a confiar no amor do Pai (Fl 4, 6; CIC 2608).

NOTAS

7 Sobre julgar os outros – ¹“Não julguem, e vocês não serão julgados. ²De fato, vocês serão julgados com o mesmo julgamento com que vocês julgarem, e serão medidos com a mesma medida com que vocês medirem. ³Por que você fica olhando o cisco no olho do seu irmão, e não presta atenção à trave que está no seu próprio olho? ⁴Ou, como você se atreve a dizer ao irmão: ‘deixe-me tirar o cisco do seu olho’, quando você mesmo tem uma trave no seu? ⁵Hipócrita, tire primeiro a trave do seu próprio olho, e então você enxergará bem para tirar o cisco do olho do seu irmão”.

7, 1: Lc 6, 37-38; Mc 4, 24; Rm 2, 1; 14, 10. • 7, 3: Lc 6, 41-42.

COMENTÁRIOS

7, 1- 6: O ensinamento de Jesus sobre julgamentos tem dois lados:

1. Ele condena o julgamento das faltas dos outros (7, 1-2; Lc 6, 37). Nós somos incapazes de julgar honesta e precisamente, já que somente Deus conhece o coração (Pr 21, 2; Lc 16, 15).
2. No entanto, Jesus nos manda exercitar o discernimento crítico (7, 6. 15-19; 1Ts 5, 21), que nos é necessário para que evitemos a profanação do que é sagrado (7, 6) e o assentimento com o que é falso (7, 15).

7, 2: “vocês serão julgados” – Teologicamente falando, isto é, Deus nos julgará. Nós mesmos é que definimos os padrões pelos quais seremos julgados através de nossa própria conduta perante o próximo (cf. 18, 35).

7, 6: “cães [...] porcos” – Apelidos depreciativos que os judeus davam aos pagãos (15, 26-28). Na cultura judaica, os cães geralmente não eram domesticados e a maioria era vira-lata de rua. Porcos eram especialmente desprezíveis aos judeus; eram impuros e não podiam ser comidos (Lv 11, 7-8; cf. Is 66, 3). Jesus redireciona esses insultos a toda e qualquer pessoa que se mostre inóspita quanto ao evangelho, seja judeu ou gentio (cf. Fl 3, 2; Ap 22, 15).

“O que é santo”: no judaísmo, santo era tudo aquilo que havia sido consagrado para

Sobre a profanação do sagrado – ⁶“Não dêem aos cães o que é santo, nem atirem pérolas aos porcos; eles poderiam pisá-las com os pés e, virando-se, despedaçar vocês”.

a adoração da Aliança feita com Deus. Tratar objetos sagrados de maneira usual, comum, seria profaná-los (Ex 29, 37; Lv 22, 10-16). Jesus leva essa mesma idéia à Nova Aliança e a Igreja, no princípio, a aplicava quanto à santa Eucaristia, sacramento que, justamente, não se partilhava com os não-batizados.¹

7, 7: “Peçam, e lhes será dado” – Jesus cobra que sejamos perseverantes na oração (cf. Lc 18, 1; Cl 4, 2; 1Ts 5, 17). As preces que derivam de intenções justas e carregadas de fé são atendidas (Tg 1, 5-8; CIC 2609).

7, 11: “Se vocês, que são maus” – Essa declaração se refere à natureza decaída do homem, intrinsecamente pecaminosa.

“Quanto mais”: um artifício retórico familiar aos rabinos judeus e também muito usado pelo apóstolo Paulo (Rm 5, 15-17). Veja também os comentários feitos sobre Mt 6, 28-30. **“Coisas boas”**: ou seja, tanto as necessidades materiais que temos para a viver quanto a graça de vivermos como filhos de Deus. O paralelo com Lc 11, 13 identifica essas coisas como o “Espírito Santo”.

¹ Didaquê 9, 5.

Pedir, procurar e bater à porta – ⁷“Peçam, e lhes será dado! Procurem, e encontrarão! Batam, e abrirão a porta para vocês! ⁸Pois todo aquele que pede, recebe; quem procura, acha; e a quem bate, a porta será aberta. ⁹Quem de vocês dá ao filho uma pedra, quando ele pede um pão? ¹⁰Ou lhe dá uma cobra, quando ele pede um peixe? ¹¹Se vocês, que são maus, sabem dar coisas boas a seus filhos, quanto mais o Pai de vocês que está no céu dará coisas boas aos que lhe pedirem. ¹²Tudo o que vocês desejam que os outros façam a vocês, façam vocês também a eles. Pois nisso consistem a Lei e os Profetas”.

7, 7: Lc 11, 9-13; Mc 11, 24; Jo 15, 7; 16, 23-24; Tg 4, 3; 1Jo 3, 22; 5, 14. • 7, 11: Lc 6, 31.

7, 12: “façam vocês também a eles” – Essa é a chamada “Regra de Ouro” do evangelho. É parecida com outras passagens do Antigo Testamento (Tb 4, 15; Eclo 31, 15) e também de outras tradições religiosas do mundo. Normalmente a frase aparece na forma negativa (sobre como *não* fazer ao próximo o que não quer que lhe seja feito), mas Jesus a formula de modo positivo (CIC 1970).

A porta estreita – ¹³“Entrem pela porta estreita, porque é larga a porta e espaçoso o caminho que levam para a perdição, e são muitos os que entram por ela! ¹⁴Como é estreita a porta e apertado o caminho que levam para a vida, e são poucos os que a encontram!”.

7, 13: Lc 13, 23-24; Jr 21, 8; Dt 30, 19; Jo 14, 6; 10, 7.

7, 13-14: “porta estreita” – Essa é uma imagem de várias associações possíveis:

- Algumas cidades que eram cercadas por grandes muralhas tinham portões de acesso. Os portões principais eram largos e altos o suficiente para que fosse possível a passagem de grandes caravanas de pessoas e animais; os portões menores permitiam apenas o acesso de pedestres. Jesus, então, enxerga que *muitos* são capazes de passar com facilidade pelos portões principais, porém apenas *alguns* se esforçam para passar pelos portões estreitos dos pedestres (cf. 22, 14).

O Templo de Jerusalém tinha uma série de portões que proibiam a entrada dos que não eram qualificados para entrar; apenas um pequeno grupo de privilegiados podia se aproximar bastante de Deus.

Essa lição dos dois portões, ou dois caminhos, é comum no Antigo Testamento (cf. Dt 30, 15-20; Sl 1; Sb 5, 6-7; CIC 1696).

Falsos profetas – ¹⁵“Cuidado com os falsos profetas: eles vêm a vocês vestidos com peles de ovelha, mas por dentro são lobos ferozes. ¹⁶Vocês os conhecerão pelos frutos deles: por acaso se colhem uvas de espinheiros ou figos de urtigas? ¹⁷Assim, toda árvore boa produz bons frutos, e toda árvore má produz maus frutos. ¹⁸Uma árvore boa não pode dar frutos maus, e uma árvore má não pode dar bons frutos. ¹⁹Toda árvore que não der bons frutos, será cortada e jogada no fogo. ²⁰Pelos frutos deles é que vocês os conhecerão”.

7, 15: Mt 24, 11, 24; Ez 22, 27; 1Jo 4, 1; Jo 10, 12.

7, 16: Lc 6, 43-44; Mt 12, 33-35; Mt 3, 10; Tg 3, 12; Lc 13, 7.

7, 15: “falsos profetas” – Esses auto-proclamados profetas aparentam ser inofensivos, porém seus ensinamentos proliferam erro, divisão e imoralidade (cf. 24, 24; 2Pd 2, 1-3). A distinção entre os verdadeiros e os falsos profetas está enraizada no Antigo Testamento (Dt 18, 20-22; Jr 14, 13-16).



7, 22: “Naquele dia” – O dia do Juízo Final. Jesus é apresentado como o Juiz divino (cf. 25, 31-46; Jo 5, 25-29; 2Cor 5, 10; CIC 678, 682).

- A graça santificante de Deus alegre reaviva a alma, tornando-a apta ao Reino do Céu – essa é a graça da filiação divina. Ela é manifestada através da conformidade com a vontade do Pai que provém do conhecimento e da obediência em relação a Jesus (7, 23; cf. Jo

Sobre a presunção e o auto-engano – ²¹“Nem todo aquele que me diz ‘Senhor, Senhor’, entrará no Reino do Céu. Só entrará aquele que põe em prática a vontade do meu Pai, que está no céu. ²²Naquele dia muitos me dirão: ‘Senhor, Senhor, não foi em teu nome que profetizamos? Não foi em teu nome que expulsamos demônios? E não foi em teu nome que fizemos tantos milagres?’. ²³Então, eu vou declarar a eles: Jamais conheci vocês. Afastem-se de mim, malfeitores!”

7, 21: Lc 6, 46. • 7, 22: Lc 13, 26-27; Mt 25, 12; Sl 6, 8.

17, 3; 1Jo 2, 3-6). Na tradição católica, a graça santificante se distingue das graças que se manifestam através de milagres, dons proféticos ou exorcismo. Essas graças carismáticas (carismas) são também um presente celestial, mas não indicam com certeza a santidade de alguém, ou sua filiação a Deus (CIC 2003).



7, 24: “como o homem prudente” – A verdadeira sabedoria consiste em colocar em prática os ensinamentos de Jesus e se preparar para o futuro (cf. 25, 1-13; Tg 2, 14-26).

“Sua casa”: a parábola se utiliza das reais condições de construção civil da Palestina à época do Novo Testamento. Casas feitas com tijolos de barro geralmente eram construídas durante a época de seca. Quando chegavam as chuvas torrenciais, apenas as casas que tinham uma fundação sólida resistiam à erosão e à conseqüente destruição (cf. Pr 14, 11).

- A referência que Jesus faz aos homens prudentes e suas casas remete ao rei Salomão. Ele era conhecido por sua sabedoria (1Rs 3, 10-12) e havia construído a casa de Deus, isto é, o Templo (1Rs 8, 27), fundado

sobre uma grande pedra (1Rs 5, 17; 7, 10; cf. Is 28, 16; v. também o comentário sobre Mt 16, 18).

Moralmente, a casa que permanece íntegra (7, 25) é como a alma; ela é conservada apenas através do trabalho e das ferramentas da oração e da prática virtuosa embasada em Cristo (Sl 127, 1; 1Cor 3, 11). O homem sem juízo negligencia a construção sadia e a manutenção constante, construindo sua casa sobre os fracos alicerces da riqueza e do sucesso terreno. No dia do Juízo Final, serão expostos o fundamento e o destino de todos os construtores espirituais (Pr 10, 25; 1Tm 6, 17-19).

7, 29: “alguém que tem autoridade” – O ensinamento de Jesus difere do ensinamento dos doutores da Lei, que ensinavam apenas as tradições já há muito conhecidas do judaísmo. Jesus, escalado como o novo Moisés, ensinava “novas coisas” (Mc 1, 27) que superavam perfeitamente até a Lei Moisaica (5, 21-48). Mais tarde, Jesus também denunciaria as tradições que não eram compatíveis com a palavra de Deus (15, 3-6) (CIC 581).

Os ouvintes e os praticantes – ²⁴Portanto, quem ouve essas minhas palavras e as põe em prática, é como o homem prudente que construiu sua casa sobre a rocha. ²⁵Caiu a chuva, vieram as enxurradas, os ventos sopraram com força contra a casa, mas a casa não caiu, porque fora construída sobre a rocha. ²⁶Por outro lado, quem ouve essas minhas palavras e não as põe em prática, é como o homem sem juízo, que construiu sua casa sobre a areia. ²⁷Caiu a chuva, vieram as enxurradas, os ventos sopraram com força contra a casa, e a casa caiu, e a sua ruína foi completa!”

²⁸Quando Jesus acabou de dizer essas palavras, as multidões ficaram admiradas com o seu ensinamento, ²⁹porque Jesus ensinava como alguém que tem autoridade, e não como os doutores da Lei.

7, 24: Lc 6, 47-49; Tg 1, 22-25. • 7, 28: Mc 1, 22; Lc 4, 32; Mt 11, 1; 13, 53; 19, 1; 26, 1.

8 Jesus cura um leproso – ¹Quando Jesus desceu da montanha, grandes multidões começaram a segui-lo. ²Eis que um leproso aproximou-se e ajoelhou-se diante de Jesus, dizendo: “Senhor, se queres, Tu tens o poder de me purificar”. ³Jesus estendeu a mão, tocou nele e disse: “Eu quero, fique purificado”. No mesmo instante o homem ficou purificado da lepra. ⁴Então Jesus lhe disse: “Não conte isso a ninguém! Vá pedir ao sacerdote para examinar você, e depois faça a oferta que Moisés mandou, a fim de que seja um testemunho para eles”.

8, 2: Mc 1, 40-44; Lc 5, 12-14; Mt 9, 18; 15, 25; 18, 26; 20, 20; Jo 9, 38. • 8, 4: Mc 3, 12; 5, 43; 7, 36; 8, 30; 9, 9; Lv 14, 2.

COMENTÁRIOS

8, 1 – 9, 38: Nesses trechos, Mateus reúne dez histórias de milagres. Elas retratam Jesus como portador de uma sacralidade divina ao mundo, mais poderosa que as causas de sua corrupção: o pecado, a doença, os demônios e até a morte. Os judeus – especialmente os fariseus – consideravam aqueles possuidores de tais males como impuros e intocáveis; Jesus, no entanto, adotou uma postura ofensiva perante o mal e, por suas obras grandiosas (8, 13. 16. 26. 32; 9, 6) e por seus toques sutis (8, 3. 15; 9, 21. 25. 29), curou os efeitos do pecado. Ele não só era imune às impurezas como, através do poder supremo de sua santidade, era purificador dos outros que encontrava por seu caminho. Esses episódios relatam também a aceitação de Jesus por parte de multidões (8, 1. 16. 18; 9, 8. 31. 33) e a crescente oposição a Ele por parte das autoridades célicas (9, 3. 34).

deveria ser feito por um sacerdote levita. Se a infecção se confirmasse e começasse a se espalhar, a vítima era declarada impura e era afastada da vida social e religiosa de Israel. A Lei exigia que os leprosos fossem morar em lugares isolados e mantivessem a aparência sempre descuidada (Lv 13, 45- 46). O contato direto com os leprosos deixava qualquer um impuro, portanto era chocante aos padrões judaicos que Jesus curasse os leprosos através do toque (7, 3). Tal habilidade, mais tarde, é considerada como uma das provas do messianismo de Jesus (11, 5).



8, 4: “a oferta que Moisés mandou” – Pela Lei, todo e qualquer curado de lepra deveria ser diagnosticado por um sacerdote levita (Lv 13, 1-3). Se aprova-

Jesus cura o servo de um oficial – ⁵Jesus estava entrando em Cafarnaum, quando um oficial romano se aproximou dele, suplicando: ⁶“Senhor, meu empregado está em casa, de cama, sofrendo muito com uma paralisia”. ⁷Jesus respondeu: “Eu vou curá-lo”. ⁸O oficial disse: “Senhor, eu não sou digno de que entres em minha casa. Dize uma só palavra e meu empregado ficará curado. ⁹Pois eu também obedeço a ordens e tenho soldados sob minhas ordens. E digo a um: vá, e ele vai; e a outro: venha, e ele vem; e digo ao meu empregado: faça isso, e ele faz”. ¹⁰Quando ouviu isso, Jesus ficou admirado, e disse aos que o seguiam: “Eu garanto a vocês: nunca encontrei uma fé igual a essa em ninguém de Israel! ¹¹Eu digo a vocês: muitos virão do Oriente e do Ocidente, e se sentarão à mesa no Reino do Céu junto com Abraão, Isaac e Jacó. ¹²Enquanto os herdeiros do Reino serão jogados nas trevas exteriores onde haverá choro e ranger de dentes”. ¹³Então Jesus disse ao oficial: “Vá, e seja feito conforme você acreditou”. E nessa mesma hora o empregado do oficial ficou curado.

8, 5: Lc 7, 1-10; Jo 4, 46-53. • 8, 11: Lc 13, 28-29; Is 49, 12; 59, 19; Mt 1, 11; Sl 107, 3. • 8, 12: Mt 13, 42. 50; 22, 13; 24, 51; 25, 30; Lc 13, 28

8, 2: “um leproso” – A lepra contamina o homem através do simples contato com a pele, a roupa ou até a casa de alguém que já a porta. (Lv 13 – 14). O diagnóstico de alguém com suspeita de ter pego a doença

do, o indivíduo deveria se submeter aos procedimentos de limpeza e restauração à vida religiosa de Israel, no que se incluía um sacrifício a ser feito por ele, de acordo com suas possibilidades (Lv 14, 1-32).

Jesus realiza muitas curas na casa de Pedro – ¹⁴Jesus foi para a casa de Pedro, e viu a sogra de Pedro deitada, com febre. ¹⁵Então Jesus tocou a mão dela, e a febre a deixou. Ela se levantou, e começou a servi-los. ¹⁶À tarde, levaram a Jesus muitas pessoas que estavam possuídas pelo demônio. Jesus, com a sua palavra, expulsou os espíritos e curou todos os doentes, ¹⁷para que se cumprisse o que fora dito pelo profeta Isaías: “Ele tomou as nossas enfermidades e carregou as nossas doenças”.

8, 14: Mc 1, 29-34; Lc 4, 38-41; Mt 4, 23-24. • 8, 17: Is 53, 4.

• *Simbolicamente*,¹ a cura dos leprosos por parte de Jesus aponta o sacramento da reconciliação (confissão). A lepra representa o pecado mortal, a doença espiritual que corta o canal de atuação da graça na alma da pessoa e a impede de participar efetivamente da Igreja. Essa condição pode ser também contagiosa e influenciar os outros através de escândalos e demonstrações de falsas contrições. O sacerdote levita representa os sacerdotes do Novo Testamento, que são os instrumentos da reconciliação da pessoa com Deus e da restauração daquela alma à saúde espiritual através do sacramento.

8, 5: “um oficial romano” – Um centurião, que, no exército romano, era responsável pelo comando de 100 soldados. A ênfase, aqui, recai em sua identidade étnica, ou seja, um gentio que tinha fé em Jesus (8, 10). De acordo com o evangelista Lucas, ele era simpático à nação judaica e foi responsável por construir uma sinagoga em Cafarnaum (Lc 7, 5).



8, 8: “Senhor, eu não sou digno” – Essas palavras expressam grande fé e humildade. Jesus ficou admirado (8, 10) que tamanha virtude fosse encontrada num gentio.

• Essas mesmas palavras foram adaptadas e são usadas na liturgia do rito romano da santa missa. Indignos de receber a Eucaristia, os cristãos pedem pela purificação de seus pecados e confiam no poder restaurador da palavra de Deus (CIC 1386).



8, 11: Uma alusão a uma promessa do Antigo Testamento de uma grande festa que acompanharia a chegada da era

messiânica (Is 25, 6-9; v., mais adiante, o comentário sobre Mt 22, 2).

“Abraão, Isaac e Jacó”: Jesus insinua o alcance universal do evangelho sobre todas as nações na Igreja (28, 19).

• Esses patriarcas do Antigo Testamento estão relacionados à aliança de Deus com Abraão que dizia que todas as nações eventualmente compartilhariam da graça concedida a ele (Gn 22, 18; CIC 543). Tal aliança foi renovada com Issac (Gn 26, 3-5) e com Jacó (Gn 28, 14).



8, 12: “choro e ranger de dentes” – A descrição das dores dos condenados, excluídos do banquete celestial (22, 13).

• Uma linguagem similar encontra-se no Antigo Testamento, descrevendo os perversos que caluniavam os justos com ódio e desgosto (Jó 16, 9; Sl 37, 12; 112, 10).



8, 17: “Ele tomou as nossas enfermidades” – Uma “citação-fórmula” de Is 53, 4. Jesus cumpre esse papel através das curas corporais das doenças. Pedro evoca esse mesmo contexto do Antigo Testamento para falar de Jesus também como o que realiza curas espirituais dos pecados (1Pd 2, 24-25; cf. Is 53, 5-6).

• Isaías previu a figura de um servo que carregaria os pecados do povo de Israel sozinho e curaria a todos (Is 52, 13 – 53, 12). Esse servo iniciaria a restauração das doze tribos de Israel e faria dos gentios membros da

1 Santo Agostinho, *Quaest. Evan.* 2, 40.

Os pretensos seguidores de Jesus – ¹⁸Vendo grandes multidões ao seu redor, Jesus mandou passar para a outra margem. ¹⁹Então um doutor da Lei se aproximou e disse: “Mestre, eu te seguirei aonde quer que fores”. ²⁰Mas Jesus lhe respondeu: “As raposas têm tocas e as aves do céu têm ninhos; mas o Filho do Homem não tem onde repousar a cabeça”. ²¹Outro, que era discípulo, disse a Jesus: “Senhor, deixa primeiro que eu vá sepultar meu pai”. ²²Mas Jesus lhe respondeu: “Siga-me, e deixe que os mortos sepultem seus próprios mortos”.

8, 18: Lc 9, 57-60; Mc 4, 35; Lc 8, 22. • 8, 22: Mt 9, 9; Jo 1, 43; 21, 19.

família de Deus (Is 49, 6). Mateus vê essa figura como sendo Jesus, inaugurando seu reino através da expulsão dos demônios e da cura das doenças. É sempre assumida essa estreita relação entre o pecado e a doença física (cf. Sl 107, 17; Is 33, 24; CIC 1505).



8, 22: “Siga-me” – O apostolado é baseado na imitação de Cristo (11, 29). Ao contrário dos apóstolos, que imediatamente deixaram seus trabalhos e suas famílias (4, 19. 22; 9, 9), esses pretensos seguidores de Jesus hesitam em abraçar definitivamente o chamado do Cristo (8, 21).

“Sepultem seus próprios mortos”: o sepultamento era um dever sagrado no judaísmo antigo (Gn 50, 5; Tb 4, 3-4). Jesus destaca esse costume para evidenciar a importância ainda maior do apostolado. A fidelidade a Cristo deve prevalecer até sobre os compromissos familiares (10, 37; 19, 29; Lc 14, 26). Aqueles que são espiritualmente mortos (isto é, inclinados aos deveres mundanos) podem enterrar os fisicamente mortos. Portanto, Jesus não desvaloriza o sepultamento, mas usa-o como trampolim para ilustrar as altas exigências da vida cristã.

• O episódio se assemelha ao chamado de Elias para que Eliseu se tornasse seu seguidor (1Rs 19, 19-21). Mas, ao contrário de Elias, Jesus nega o pedido de permissão para cumprir deveres familiares, mostrando que, na Nova Aliança, o apostolado carrega exigências maiores do que carregava na Antiga.

A Igreja, imitando Jesus, considera o sepultamento uma obra de misericórdia corporal (CIC 2447).



8, 23-27: Aqui Jesus revela sua autoridade divina sobre a criação (v. o comentário sobre Mt 8, 27).

• Jesus, acalmado a tempestade, recorda a experiência de Jonas, no Antigo Testamento (Jn 1, 1-16): primeiro porque ambos saem de viagem num *barco* (8, 23; Jn 1, 3); segundo porque ambos enfrentam uma *tempestade em alto mar* (8, 24; Jn 1, 4. 11); terceiro porque ambos são encontrados *dormindo* (8, 24; Jn 1, 5); quarto porque ambos estão acompanhados por navegantes medrosos (8, 24-26; Jn 1, 5); quinto porque ambos os grupos de marinheiros clamam pela ajuda do Senhor (8, 25; Jn 1, 14); sexto porque ambos são instrumentos pelos quais se alcança uma grande *calma* (8, 26; Jn 1, 12. 15); e sétimo porque em ambos os episódios, os marinheiros ficaram

Jesus acalma a tempestade no mar – ²³Então Jesus entrou na barca, e seus discípulos o acompanharam. ²⁴E eis que houve grande agitação no mar, de modo que a barca estava sendo coberta pelas ondas. Jesus, porém, estava dormindo. ²⁵Os discípulos se aproximaram e o acordaram, dizendo: “Senhor, salva-nos, porque estamos afundando!”. ²⁶Jesus respondeu: “Por que vocês têm medo, homens de pouca fé?”. E, levantando-se, ameaçou os ventos e o mar, e tudo ficou calmo. ²⁷Os homens ficaram admirados e disseram: “Quem é esse homem, a quem até o vento e o mar obedecem?”.

8, 23: Mc 4, 36-41; Lc 8, 22-25. • 8, 26: Mt 6, 30; 14, 31; 16, 8.

Jesus exorciza os gadarenos possuídos – ²⁸Quando Jesus chegou à outra margem, à terra dos gadarenos, foram ao encontro dele dois homens possuídos pelo demônio. Saíram do meio dos túmulos e eram muito selvagens, de modo que ninguém podia passar por esse caminho. ²⁹Então eles gritaram: “Que é que há entre nós, Filho de Deus? Vieste aqui para nos atormentar antes do tempo?”. ³⁰Havia, ao longe, uma grande manada de porcos que estavam pastando. ³¹Os demônios suplicavam: “Se nos expulsas, mandanos para a manada de porcos”. ³²Jesus disse: “Podem ir”. Os demônios saíram, e foram para os porcos; e eis que toda a manada se atirou monte abaixo para dentro do mar e morreu afogada. ³³Os homens que guardavam os porcos saíram correndo, foram à cidade e contaram tudo, inclusive o caso dos possuídos pelo demônio. ³⁴Então toda a cidade saiu ao encontro de Jesus. Vendo-o, começaram a suplicar que Jesus se retirasse da região deles.

8, 28: Mc 5, 1-17; Lc 8, 26-37. • 8, 29: Jz 11, 12; 2Sm 16, 10; Mc 1, 24; Jo 2, 4.

admirados com o desfecho (8, 27; Jn 1, 16). A identidade de Jesus como o novo Jonas é mencionada em 12, 39-41 e em 16, 4 (v. comentário do nosso estudo bíblico sobre o evangelho de Marcos, em Mc 4, 35-41).

Moralmente,² o barco agitado pelas ondas representa os conflitos da vivência da vida cristã. Ameaçado por ventos furiosos e ondas violentas, o povo de Deus acorda a cada investida espiritual que sofre e, então, reconhece sua própria fraqueza e desamparo. Aí então clamam ao Senhor por salvação e paz interior. A presença constante de Cristo assegura sua libertação e a rapidez do Messias fortalece sua vacilante fé.

8, 24: “agitação” – O termo grego *seismos* literalmente significa “terremoto”, como em 24, 7; 27, 54 e 28, 2. Aqui, serve para descrever as condições violentas do mar.

8, 26: “ameaçou” – Esse verbo (em grego, *epitimao*) é usado em outras partes relacionado a exorcismos e à própria ameaça de Satanás (17, 18; Mc 1, 25; Lc 4, 41; Jd 1, 9).

8, 27: “a quem até o vento e o mar obedecem” – O Antigo Testamento atribui apenas a Deus o poder sobre os mares (Jó 26, 11-14; Sl 89, 8-10; 93, 4; 107, 28-31). Cientes disso, os discípulos se admiram e se questionam a respeito da identidade de Jesus. Essa dúvida indica que Jesus, na verdade, foi

manifestando sua divindade gradualmente; foi só mais tarde, então, que eles o adoraram como “Filho de Deus” (14, 33).

8, 28: “dos gadarenos” – A cidade de Gadara ficava a aproximadamente 9,6 km ao sudeste do Mar da Galiléia. Era uma das cidades da Decápole (cf. 4, 25), habitada predominantemente por gentios. Tal cenário nada judaico é reforçado pela presença de manadas de porcos em 8, 30, animais considerados impuros pela Lei Mosaica (Lv 11, 7-8).



8, 32: “para dentro do mar” – Jesus manifesta seu poder divino ao controlar os demônios.

- No Antigo Testamento, as águas representam forças hostis (Sl 69, 1-4) que às vezes são personificadas por bestas que surgem do mar (Dn 7, 1-3; cf. Ap 13, 1). Jesus, ao mandar as bestas possuídas pelo demônio de volta ao mar, demonstra simbolicamente seu triunfo sobre as legiões de demônios do reino de Satanás.



2 São João Crisóstomo, *Hom. in Matt.* 28.

9 Jesus cura um paralítico – ¹Jesus subiu numa barca, passou para a outra margem e chegou à sua cidade. ²Nisso, levaram a Ele um paralítico deitado numa cama. Vendo a fé que eles tinham, Jesus disse ao paralítico: “Coragem, filho! Os seus pecados estão perdoados”. ³Então alguns doutores da Lei pensaram: “Esse homem está blasfemando!”. ⁴Mas Jesus, conhecendo os pensamentos deles, disse: “Por que é que vocês pensam coisas más?” ⁵O que é mais fácil dizer: ‘Os seus pecados estão perdoados’; ou dizer: ‘Levante-se e ande’? ⁶Pois bem, para que vocês saibam que o Filho do Homem tem poder na terra para perdoar pecados – então disse Jesus ao paralítico –, levante-se, pegue a sua cama e vá para a sua casa”. ⁷O paralítico então se levantou, e foi para a sua casa. ⁸Vendo isso, a multidão ficou com medo e louvou a Deus, por ter dado tal poder aos homens.

9, 1: Mc 2, 1-12; Lc 5, 17-26. • 9, 2: Mt 9, 22; Mc 6, 50; 10, 49; Jo 16, 33; At 23, 11; Lc 7, 48.

COMENTÁRIOS

9, 1: “à sua cidade” – Cafarnaum, na Galiléia (v. 4, 13; Mc 2, 1).

9, 3: “doutores da Lei”¹ – Líderes dos judeus e mestres na Lei Mosaica. Esse episódio é o começo de uma crescente resistência a Jesus, que culminará em sua morte (16, 21; 20, 18; 27, 41-43).

“Blasfemando”: uma acusação feita a Jesus por sua alegação de que podia perdoar pecados (cf. Lv 24, 16; Jo 10, 33). Do ponto de vista dos doutores da Lei, só Deus tinha o direito e o poder de perdoar pecados (Sl 103, 12; Is 43, 25; Mc 2, 7). Além do mais, essa remissão dos pecados era alcançada apenas pelo sistema sacrificial do Templo. A ação de Jesus, portanto, se mostra escandalosa: Ele não apenas diz que perdoa os pecados, mas diz que o faz sem relação alguma com o sistema da Antiga Aliança. No fim, os doutores da Lei permaneceram ignorantes do fato de que Jesus tinha a autoridade divina para inaugurar a Nova Aliança (Jr 31, 31-34; CIC 589).



9, 6: “para que vocês saibam” – Já que o público não pode comprovar se o perdão dos pecados foi efetivo mesmo ou não, Jesus demonstra seu poder através da cura de um homem. Sua autoridade com relação à paralisia aponta para além do corpo – significa

sua habilidade de curar a alma. O Antigo Testamento já dizia que a doença corporal era, muitas vezes, a evidência tangível do pecado (Sl 107, 17; Is 33, 24; cf. Jo 5, 14; 9, 2).

- *Anagógicamente*,² a cura do paralítico representa a futura ressurreição dos fiéis. O paralítico é o cristão que tem seus pecados perdoados e permanece diante de Deus como seu filho (9, 2). Quando o Senhor o ressuscitar, (9, 7), ele levará seu corpo da cama do túmulo (9, 7) e procederá à sua casa celestial com Deus (9, 6; cf. Jo 14, 2-3).



9, 8: “poder aos homens” – A multidão relaciona a autoridade de Jesus com seu poder de perdoar.

- O relato de Mateus aponta para o sacramento da reconciliação (confissão). Jesus, depois de sua ressurreição, investe em outros homens (seus apóstolos) o mesmo poder de perdoar os pecados, em nome de Jesus Cristo (Jo 20, 23; cf. Mt 18, 18; CIC 1441, 1444).

9, 9: “na coletoria de impostos” – Quem coletava impostos no território de Herodes Antipas (isto é, na Galiléia) estava frequentemente envolvido com os gentios. Muitos judeus religiosos, portanto, desprezavam o trabalho e consideravam os coletores de impostos como “pecadores” (9, 10; 11,

1 Ou, como se encontra em alguns trechos, *escribas* – NT.

2 Santo Ambrósio, *In Luc.*

O chamado de Mateus – ⁹Saindo daí, Jesus viu um homem chamado Mateus, sentado na coletoria de impostos, e lhe disse: “Siga-me!”. Ele se levantou, e seguiu a Jesus.

¹⁰Estando Jesus à mesa em casa de Mateus, muitos cobradores de impostos e pecadores foram e sentaram-se à mesa com Jesus e seus discípulos. ¹¹Alguns fariseus viram isso, e perguntaram aos discípulos: “Por que o mestre de vocês come com os cobradores de impostos e os pecadores?”. ¹²Jesus ouviu a pergunta e respondeu: “As pessoas que têm saúde não precisam de médico, mas só as que estão doentes. ¹³Aprendam, pois, o que significa: ‘Eu quero a misericórdia e não o sacrifício’. Porque eu não vim para chamar justos, e sim pecadores”.

9, 9: Mc 2, 13-17; Lc 5, 27-32; 15, 1-2; 7, 34. • 9, 13: Os 6, 6; Mt 12, 7; 1 Tm 1, 15.

19) ou gentios (18, 17). Intrépido quanto a esse costume religioso e cultural, Jesus convidou Mateus a se desligar desse meio de sustento e *seguir-lo*. A vida de pecador de Mateus, anteriormente a esse episódio, só aumentava sua necessidade de ser um discípulo.



9, 13: “Eu quero a misericórdia” – Jesus contesta os fariseus com Os 6, 6 (em 12, 7). O entendimento dessa mensagem do poeta explica a amizade de Jesus com aqueles “que estão doentes” (9, 12).

- Oséias dirige-se ao norte do reino de Israel declarando-o doente e ferido pelo pecado (Os 5, 13). Sua rebelião contra Javé (Os 4, 1-2), sua rejeição do Templo de Jerusalém e sua preferência por sacrifícios idólatricos (Os 4, 13-14; 8, 11-13; 13, 2) tornou mortal sua doença. A verdadeira tragédia é que Javé havia escolhido Israel para ser a médica de todas as nações e, no entanto, por agir de forma irresponsável, Israel contraiu justamente a doença que deveria erradicar (a idolatria). Jesus cita Oséias para fazer notar uma comparação implícita entre os contemporâneos pecadores

do profeta e os seus próprios críticos e oponentes, os fariseus. Assim como o norte do reino de Israel recusou o filho real de Davi (o rei dos judeus) para fazer sacrifícios para ídolos, também os fariseus recusaram o filho messiânico de Davi (Jesus), preferindo seguir as regulamentações de sacrifício e purificação da Lei Mosaica. Ao comer com os pecadores e coletores de impostos – quem os fariseus consideravam impuros e intocáveis –, Jesus está de fato cumprindo a vocação original de Israel de levar aos doentes a divina misericórdia (v. comentário em Mt 5, 20).

“Eu não vim para chamar justos”: Jesus não veio para perpetuar a Antiga Aliança, mas para fazer uma Nova Aliança de perdão (Jr 31, 31-34). Sua amizade e freqüente associação com os pecadores era central para tal trabalho de cura (9, 12).



9, 15: “o noivo” – Uma representação de Jesus que se encontra também em outros lugares do evangelho de Mateus (25, 1-13; v. também os comentários feitos no nosso estudo bíblico sobre o evangelho de Marcos, em Mc 2, 19).

A questão do jejum – ¹⁴Então os discípulos de João se aproximaram de Jesus, e perguntaram: “Nós e os fariseus fazemos jejum. Por que os teus discípulos não fazem jejum?”. ¹⁵Jesus respondeu: “Vocês acham que os convidados de um casamento podem estar de luto, enquanto o noivo está com eles? Mas chegarão dias em que o noivo será tirado do meio deles. Aí então eles vão jejuar. ¹⁶Ninguém põe remendo de pano novo em roupa velha, porque o remendo repuxa o pano, e o rasgo fica maior ainda. ¹⁷Também não se põe vinho novo em barris velhos, senão os barris se arrebentam, o vinho se derrama e os barris se perdem. Mas vinho novo se põe em barris novos e assim os dois se conservam”.

9, 14: Mc 2, 18-22; Lc 5, 33-39; 18, 12.

A garota revivida e a mulher curada – ¹⁸Enquanto Jesus dizia essas coisas para eles, um chefe se aproximou, ajoelhou-se diante de Jesus, e disse: “Minha filha acaba de morrer; mas vem, põe tua mão sobre ela, e ela viverá”. ¹⁹Jesus levantou-se e o seguiu, junto com seus discípulos. ²⁰Nesse momento, chegou uma mulher que fazia doze anos vinha sofrendo de hemorragia. Ela foi por trás, e tocou a barra da roupa de Jesus, ²¹porque pensava: “Ainda que eu toque só na roupa dele, ficarei curada”. ²²Jesus virou-se, e, ao vê-la, disse: “Coragem, filha! Sua fé curou você”. E, desde esse momento, a mulher ficou curada. ²³Chegando à casa do chefe, Jesus viu os tocadores de flauta e uma multidão fazendo barulho. Então disse: ²⁴“Retirem-se, porque a menina não morreu. Ela está apenas dormindo”. As pessoas começaram a caçoar dele. ²⁵Quando a multidão foi afastada, Jesus entrou, e tomou a menina pela mão. Então a menina se levantou. ²⁶E essa notícia espalhou-se por toda aquela região.

9, 18: Mc 5, 21-43; Lc 8, 40-56; Mt 8, 2, 15, 25; 18, 26; 20, 20; Jo 9, 38.

9, 20: Nm 15, 38; Dt 22, 12; Mt 14, 36; Mc 3, 10. • 9, 22: Mc 10, 52; Lc 7, 50; 17, 19; Mt 15, 28; 9, 29.

- Uma imagem análoga no Antigo Testamento representa Javé como o esposo do povo de Israel com quem estabeleceu a Antiga Aliança (Is 54,5; Jr 3, 20; Os 2 14-20). Jesus assume esse papel sobre si mesmo e é agora o divino esposo da Igreja com quem estabeleceu a Nova Aliança (Jo 3, 29; Ef 5, 25; Ap 19, 7-9) (CIC 796).

“Chegarão dias”: o jejum será apropriado somente depois da partida de Jesus (após sua Paixão e ascensão ao céu) (cf. 6, 16).



9, 16: “roupa velha” – Essa é uma imagem da Antiga Aliança. A sugestão é a de que Jesus via essa aliança já “desgastada” como uma peça de roupa que já pode ser jogada fora.

- De acordo com o Sl 102, 26, o mundo da Antiga Aliança estava programado para ficar “gasto como roupa” (cf. Hb 1, 10-12; Is 65, 17; Ap 21, 1).

explodiria. Dessa forma, Jesus ilustra a impossibilidade de inaugurar a Nova Aliança ainda mantendo a Antiga. A abundância da graça proveniente da Nova Aliança não pode ser contida pelas estruturas da Antiga (cf. Jo 1, 16). Um novo reino é necessário para contê-la – um reino projetado para durar para sempre.

9, 18: “um chefe” – Marcos (5, 22) e Lucas (8, 41) se referem a ele como “Jairo”, chefe da sinagoga de Cafarnaum.

9, 20: “a barra da roupa de Jesus” – De acordo com a Lei Mosaica, os israelitas eram instruídos a usar “borlas” costuradas “com linha violeta na franja de suas roupas” (Nm 15, 38; cf. Mt 14,36; 23, 5). Isso servia de lembrete exterior para que cumprissem os mandamentos de Deus.

Jesus cura dois homens cegos – ²⁷Quando Jesus saiu dali, dois cegos o seguiram, gritando: “Tem piedade de nós, filho de Davi”. ²⁸Jesus chegou em casa, e os cegos se aproximaram dele. Então Jesus perguntou: “Vocês acreditam que eu posso fazer isso?”. Eles responderam: “Sim, Senhor”.

²⁹Então Jesus tocou os olhos deles, dizendo: “Que aconteça conforme vocês acreditaram”. E os olhos deles se abriram. ³⁰Então Jesus lhes ordenou: “Tomem cuidado para que ninguém fique sabendo”.

³¹Mas eles saíram, e espalharam a notícia por toda aquela região.

9, 27: Mt 20, 29-34.

9, 17: “vinho novo em barris velhos” – O processo de fermentação do vinho envolve o acúmulo de pressão. O vinho, se mantido em barris já gastos e secos, certamente os

9, 27: “filho de Davi” – Um título messiânico de Jesus, usado por oito vezes ao todo no evangelho de Mateus. Algumas vezes é relacionado às curas e exorcismos realizados

Jesus cura um homem mudo – ³²Quando já tinham saído os dois cegos, levaram a Jesus um mudo que estava possuído pelo demônio. ³³Quando o demônio foi expulso, o mudo falou, e as multidões ficaram admiradas, e diziam: “Nunca se viu uma coisa assim em Israel”. ³⁴Mas os fariseus diziam: “É pelo príncipe dos demônios que Ele expulsa os demônios”.

9, 32: Lc 11, 14-15; Mt 12, 22-24; Mc 3, 22; Jo 7, 20.

A colheita é grande, mas os trabalhadores são poucos – ³⁵Jesus percorria todas as cidades e povoados, ensinando em suas sinagogas, pregando a Boa Notícia do Reino, e curando todo tipo de doença e enfermidade. ³⁶Vendo as multidões, Jesus teve compaixão, porque estavam cansadas e abatidas, como ovelhas que não têm pastor. ³⁷Então Jesus disse a seus discípulos: “A colheita é grande, mas os trabalhadores são poucos! ³⁸Por isso, peçam ao dono da colheita que mande trabalhadores para a colheita”.

9, 35: Mt 4, 23; Mc 6, 6. • 9, 36: Mc 6, 34; Mt 14, 14; 15, 32; Nm 27, 17; Zc 10, 2. • 9, 37: Lc 10, 2; Jo 4, 35.

por Jesus (20, 30-34; CIC 439; v. também o comentário sobre Mt 12, 23).



9, 36: “compaixão” – Aqueles que necessitam de cura corporal e espiritual estão sempre próximos do coração de Jesus (14, 14; 15, 32; 20, 34).

“Como ovelhas que não têm pastor”: uma comparação típica do Antigo Testamento.

- A figura da ovelha freqüentemente é usada para representar o povo de Israel (1Rs 22, 17; Jd 11, 19; Jr 23, 1-3; Zc 10, 2). A imagem do pastor, por sua vez, é usada para representar os líderes espirituais de Israel: Josué

foi o sucessor de Moisés e “pastor” de Israel (Nm 27, 17); Davi foi eleito para ser “pastor” de Israel como seu rei (2Sm 5, 2-3); em Ez 34, o próprio Deus diz que providenciaria “um só pastor” (Ez 34, 23) para prover alimento e proteção ao seu povo como o novo rei da descendência de Davi (Ez 34, 23-24; cf. Jr 23- 1-6). Jesus usa tudo isso para evidenciar seu próprio papel como pastor e rei da Igreja, a Israel restaurada (25, 31-34; Jo 10, 16; 1Pd 2, 25).

9, 37: “os trabalhadores são poucos” – Isso já antecipa a narrativa que virá a seguir, em que Jesus escolhe os apóstolos como os trabalhadores que irão guiar as “ovelhas perdidas” de Israel (10, 6; cf Jr 23, 4; Mt 15, 24).

10 Os doze discípulos – ¹Então Jesus chamou seus discípulos e deu-lhes poder para expulsar os espíritos maus, e para curar qualquer tipo de doença e enfermidade. ²São estes os nomes dos Doze Apóstolos: primeiro Simão, chamado Pedro, e seu irmão André; Tiago e seu irmão João, filhos de Zebedeu; ³Filipe e Bartolomeu; Tomé e Mateus, o cobrador de impostos; Tiago, filho de Alfeu, e Tadeu; ⁴Simão, o Cananeu, e Judas Iscariotes, que foi o traidor de Jesus.

10, 1: Mc 6, 7; 3, 16-19; Lc 9, 1; 6, 14-16; At 1, 13.

COMENTÁRIOS

10, 1 – 11, 1: Este é o segundo maior discurso do Cristo narrado por Mateus (v. *Esquema do evangelho de Mateus*). Jesus escolhe doze apóstolos, lhes dá um “sermão missionário” e os manda aos vilarejos próximos da Galiléia encarregados de proclamar que “o Reino do Céu está próximo” (10, 7; cf.

3, 2; 4, 17). Ele confere aos doze o mesmo poder de cura e exorcismo que Ele mesmo já havia demonstrado no início do seu ministério (10, 1. 8; cf. 4, 23-24; 9, 35).

10, 2: “dos Doze” – Jesus escolhe doze patriarcas – como os doze filhos de Israel, no Antigo Testamento – para levar sua missão

A missão dos doze – ⁵Jesus enviou os Doze com estas recomendações: “Não tomem o caminho dos pagãos, e não entrem nas cidades dos samaritanos. ⁶Vão primeiro às ovelhas perdidas da casa de Israel. ⁷Vão e anunciem: ‘O Reino do Céu está próximo’. ⁸Curem os doentes, ressuscitem os mortos, purifiquem os leprosos, expulsem os demônios. Vocês receberam de graça, dêem também de graça! ⁹Não levem nos cintos moedas de ouro, de prata ou de cobre; ¹⁰nem sacola para o caminho, nem duas túnicas, nem calçados, nem bastão, porque o operário tem direito ao seu alimento. ¹¹Em qualquer cidade ou povoado onde vocês entrarem, informem-se para saber se há alguém que é digno. E aí permaneçam até vocês se retirarem. ¹²Ao entrarem na casa, façam a saudação. ¹³Se a casa for digna, desça sobre ela a paz de vocês; se ela não for digna, que a paz volte para vocês. ¹⁴Se alguém não os receber bem, e não escutar a palavra de vocês, ao sair dessa casa e dessa cidade, sacudam a poeira dos pés. ¹⁵Eu garanto a vocês: no dia do julgamento as cidades de Sodoma e Gomorra serão tratadas com menos rigor do que essa cidade”.

10, 5: Lc 9, 52; Jo 4, 9; At 8, 5. **25.** • **10, 6:** Mt 15, 24; 10, 23. • **10, 7:** Lc 9, 2; 10, 9-11; Mt 4, 17.

10, 9: Mc 6, 8-11; Lc 9, 3-5; 10, 4-12; 22, 35-36. • **10, 10:** 1Cor 9, 14; 1Tm 5, 18.

10, 14: At 13, 51. • **10, 15:** Mt 11, 24; Lc 10, 12; Jd 7; 2Pd 2, 6.

adiante (Gn 35, 22-26). Ao fazer isso, Ele faz da Igreja a Israel restaurada (cf. 19, 28; Gl 6, 16).

“Discípulos”: o termo grego *apostolos* significa “aquele que é enviado” (cf. 10, 5) e investido da autoridade de quem o enviou (cf. 10, 40; v. o *Quadro: Os doze apóstolos*, no nosso estudo bíblico sobre o evangelho de Marcos, em Mc 3).

10, 5: “não tomem o caminho dos pagãos” – Jesus envia os apóstolos apenas aos israelitas da Galiléia (10, 6). Isso reflete a ordem e o direcionamento da história da salvação. Já que Deus os havia adotado como sua “propriedade especial” (Ex 19, 5) e os cumulado

de privilégios (Rm 9, 4-5), era apropriado que eles fossem os primeiros a conhecer o evangelho e a saber da Nova Aliança (cf. At 1, 8; Rm 1, 16). Após a ressurreição de Jesus, os apóstolos então foram mandados também aos gentios (28, 18-20; Mc 16, 16; CIC543; v. também o comentário sobre Mt 4, 12).

10, 14: “sacudam a poeira” – Os judeus da Palestina tinham o costume de sacudir a poeira de suas sandálias ao retornar à Terra Santa de um território gentio – um gesto que declarava o desprezo que tinham pelos gentios por eles serem pagãos. Jesus recomenda um gesto análogo aos apóstolos a fim de que fossem identificados e julgados aqueles que rejeitassem o evangelho (Lc 10, 10-12; At 13, 51).

Perseguições vindouras – ¹⁶⁹Eis que Eu envio vocês como ovelhas no meio de lobos. Portanto, sejam prudentes como as serpentes e simples como as pombas. ¹⁷Tenham cuidado com os homens, porque eles entregarão vocês aos tribunais e açoitarão vocês nas sinagogas deles. ¹⁸Vocês vão ser levados diante de governadores e reis, por minha causa, a fim de serem testemunhas para eles e para as nações. ¹⁹Quando entregarem vocês, não fiquem preocupados como ou com aquilo que vocês vão falar, porque, nessa hora, será sugerido a vocês o que vocês devem dizer. ²⁰Com efeito, não serão vocês que irão falar, e sim o Espírito do Pai de vocês é quem falará através de vocês. ²¹O irmão entregará à morte o próprio irmão; o pai entregará o filho; os filhos se levantarão contra seus pais, e os matarão. ²²Vocês serão odiados de todos, por causa do meu nome. Mas, aquele que perseverar até o fim, esse será salvo. ²³Quando perseguirem vocês numa cidade, fujam para outra. Eu garanto que vocês não acabarão de percorrer as cidades de Israel, antes que venha o Filho do Homem. ²⁴O discípulo não está acima do mestre, nem o servo acima do seu senhor. ²⁵Para o discípulo basta ser como o seu mestre, e para o servo ser como o seu senhor. Se chamaram de Belzebu o dono da casa, quanto mais os que são da casa dele!¹⁹.

10, 16: Lc 10, 3; Gn 3, 1; Rm 16, 19. • **10, 17:** Mc 13, 9-13; Lc 12, 11-12; 21, 12-19; Jo 16, 2. • **10, 18:** At 25, 24-26.

10, 20: Jo 16, 7-11. **10, 21:** Mt 10, 35-36; Lc 12, 52-53. • **10, 22:** Jo 15, 18; Mt 24, 9. • **10, 23:** Mt 16, 27; 1Ts 4, 17.

10, 24: Lc 6, 40; Jo 13, 16; 15, 20 • **10, 25:** Mt 9, 34; 12, 24; Mc 3, 22; Lc 11, 15; 2Rs 1, 2.

A quem temer – ²⁶⁹Não tenham medo deles, pois não há nada de escondido que não venha a ser revelado, e não existe nada de oculto que não venha a ser conhecido. ²⁷O que digo a vocês na escuridão, repitam à luz do dia, e o que vocês escutam em segredo, proclamem sobre os telhados. ²⁸Não tenham medo daqueles que matam o corpo, mas não podem matar a alma. Pelo contrário, tenham medo daquele que pode arruinar a alma e o corpo no inferno! ²⁹Não se vendem dois pardais por alguns trocados? No entanto, nenhum deles cai no chão sem o consentimento do Pai de vocês. ³⁰ Quanto a vocês, até os cabelos da cabeça estão todos contados. ³¹Não tenham medo! Vocês valem mais do que muitos pardais. ³²Portanto, todo aquele que der testemunho de mim diante dos homens, também Eu darei testemunho dele diante do meu Pai que está no céu. ³³Aquele, porém, que me renegar diante dos homens, Eu também o renegarei diante do meu Pai que está no céu”.

10, 26: Lc 12, 2-9; Mc 4, 22; Lc 8,17; Ef 5, 13. • 10, 28: Hb 10, 31. • 10, 31: Mt 12, 12. • 10, 32: Mc 8, 38; Lc 9, 26; Ap 3, 5; 2Tm 2, 12.

10, 23: “antes que venha o Filho do Homem” – Jesus prometeu que viria de novo ainda entre a geração dos apóstolos (16, 28; 24, 34). Como prelúdio de sua segunda e derradeira vinda, essa “vinda” inicial refere-se à sua visita em 70 d.C. para destruir uma Jerusalém já infiel – um evento que acabou com seus inimigos e reivindicou seu julgamento em Mt 24, 2 (v. comentário sobre Mt 24, 1 – 25, 46; v. também, o *Ensaio sobre um tópico: Jesus, o Filho do Homem*, no nosso estudo bíblico sobre o evangelho de Lucas, em Lc 17).

10, 25: “Belzebu” – Um deus filisteu adorado na cidade de Acaron (2Rs 1, 2-16). Seu nome significa algo como “príncipe Baal”, um deus muito conhecido dos cananeus. Os judeus jocosamente mudaram o significado desse nome para “deus das moscas” ou “deus do esterco”. No evangelho, o nome se refere a Satanás, o “príncipe dos demônios” (9, 34; 12, 24-27; Mc 3, 22; Lc 11, 15).

10, 28: “não tenham medo” – Perseguidores humanos não devem ser temidos. Os homens podem causar dor física e até levar o

corpo à morte, mas não podem forçar a morte espiritual da alma. Jesus faz uso dessa distinção entre corpo e alma para evidenciar o valor relativo da vida terrena comparado ao bem absoluto da vida eterna no céu (CIC 363).

“No entanto, tenham medo daquele”: já que Satanás causa confusão, engana a alma e a faz cair em pecado, ele é que deve ser temido e enfrentado como nosso pior inimigo (Ef 6, 11; Tg 4, 7; 1Pd 5, 8-10). Tendo em vista uma expressão similar a essa, em Is 8, 12-13, Deus também deve ser temido. Somente Ele opera a justiça perfeitamente e pode mandar o infiel ao sofrimento eterno (3, 12; 25, 41). A fim de evitar o pecado e suas conseqüências, portanto, é necessário um santo temor de Deus (Ex 20, 20; Fl 2, 12).

10, 38: “toma a sua cruz” – Uma imagem impressionante a respeito das exigências e conseqüências do apostolado. Nenhuma explicação era necessária aos judeus, já que naquela época os romanos usavam a crucificação

Tomar a própria cruz – ³⁴⁹Não pensem que Eu vim trazer paz à terra; Eu não vim trazer a paz, e sim a espada. ³⁵De fato, Eu vim separar o filho de seu pai, a filha de sua mãe, a nora de sua sogra. ³⁶E os inimigos do homem serão os seus próprios familiares. ³⁷Quem ama seu pai ou mãe mais do que a mim, não é digno de mim. Quem ama seu filho ou sua filha mais do que a mim, não é digno de mim. ³⁸Quem não toma a sua cruz e não me segue, não é digno de mim. ³⁹Quem procura conservar a própria vida, vai perdê-la. E quem perde a sua vida por causa de mim, vai encontrá-la”.

10, 34: Lc 12, 51-53; Mt 10, 21; Mc 13, 12; Mq 7, 6.

10, 37: Lc 14, 25-27; 17, 33; 9, 23-24; Mt 16, 24-25; Mc 8, 34-35; Jo 12, 25.

Recompensas – ⁴⁰Quem recebe a vocês, recebe a mim; e quem me recebe, recebe Aquele que me enviou. ⁴¹Quem recebe um profeta, por ser profeta, receberá a recompensa de profeta. E quem recebe um justo, por ser justo, receberá a recompensa de justo. ⁴²Quem der ainda que seja apenas um copo de água fria a um desses pequeninos, por ser meu discípulo, Eu garanto a vocês: não perderá a sua recompensa”.

10, 40: Lc 10, 16; Jo 13, 20; Gl 4, 14; Mc 9, 37; Mt 18, 5; Lc 9, 48. • 10, 42: Mc 9, 41; Mt 25, 40.

como meio de tortura e execução de muitos criminosos. Aqui, Jesus garante que a fidelidade e lealdade a Ele carregam em si a auto-negação, o sofrimento e, possivelmente, a morte. Antes da Paixão de Cristo, a cruz era símbolo de vergonha e rejeição; depois dela, passou a simbolizar a glória do martírio cristão (CIC 1506; v. também o comentário do nosso estudo bíblico sobre o evangelho de Marcos em Mc 15, 24).

10, 42: “um desses pequeninos” – Ou seja, um dos apóstolos. Eles devem contar com a hospitalidade do próximo para suprir suas necessidades diárias enquanto estiverem em sua missão (11, 9-11). O serviço prestado a eles é um serviço prestado ao próprio Jesus (11, 40; 25, 34-36). Jesus também transmite, através do exemplo das crianças, seus ensinamentos sobre a fé em 18, 1-4 e 19, 13-15.

11 Quando Jesus terminou de dar essas instruções aos seus doze discípulos, partiu daí, a fim de ensinar e pregar nas cidades deles.

Discípulos de João Batista – ²João estava na prisão. Quando ouviu falar das obras do Messias, enviou a Ele alguns discípulos, ³para lhe perguntarem: “És Tu Aquele que há de vir, ou devemos esperar outro?”. ⁴Jesus respondeu: “Voltem e contem a João o que vocês estão ouvindo e vendo: ⁵os cegos recuperam a vista, os paralíticos andam, os leprosos são purificados, os surdos ouvem, os mortos ressuscitam e aos pobres é anunciada a Boa Notícia. ⁶E feliz aquele que não se escandaliza por causa de mim!”.

11, 1: Mt, 7, 28; 13, 53; 19, 1; 26, 1. • 11, 2: Lc 7, 18-35. • 11, 3: Mc 1, 7-8; Hab 2, 3; Jo 11, 27. • 11, 5: Is 35, 5-6; 61, 1; Lc 4, 18-19.

COMENTÁRIOS

11, 2: “obras do Messias” – Isto é, o trabalho e os sinais que identificavam o aguardado Messias. Jesus realiza sinais messiânicos na Galiléia, relatados nos capítulos oito e nove do evangelho de Mateus (11, 5). Sua obra causa tanto alvoroço e atrai tanto interesse público que até *João Batista* fica sabendo de seu ministério quando está na *prisão*.

 **11, 5: “os cegos [...] os paralíticos [...] os leprosos [...]”** – Os milagres de Jesus recordam a profecia de Isaías e o caracterizam como um agente da cura vinda do próprio Deus (Is 26, 19; 29, 18; 35, 4-6; 61, 1-2; CIC 549; v. também o comentário sobre Mt 8, 17).

11, 7: “um caniço agitado [...]” – João não é seduzido pelos prazeres terrenos e nem se desvia do caminho da disciplina.



11, 10: “Eis que eu envio” – O ministério de João Batista recorda Ml 3, 1 (Eclo 48, 9-10). Como em Is 40, 3 (Mt 3, 3), esse *mensageiro* é também o precursor do Senhor.

- As profecias de Malaquias associam o precursor do Senhor com Elias, o grande profeta do Antigo Testamento (Ml 4, 5). Jesus vê João como sendo esse profeta, que prega o arrependimento a Israel no “espírito” de Elias (Lc 1, 17) e oferece, aos fiéis remanescentes de Deus, uma última oportunidade de

Jesus enaltece João Batista – ⁷Os discípulos de João partiram, e Jesus começou a falar às multidões a respeito de João: “O que é que vocês foram ver no deserto? Um caniço agitado pelo vento? ⁸O que vocês foram ver? Um homem vestido com roupas finas? Mas aqueles que vestem roupas finas moram em palácios de reis. ⁹Então, o que é que vocês foram ver? Um profeta? Eu lhes afirmo que sim: alguém que é mais do que um profeta. ¹⁰É de João que a Escritura diz:

‘Eis que eu envio o meu mensageiro à tua frente;

Ele vai preparar o teu caminho diante de ti’.

¹¹Eu garanto a vocês: de todos os homens que já nasceram, nenhum é maior do que João Batista. No entanto, o menor no Reino do Céu é maior do que ele. ¹²Desde os dias de João Batista até agora, o Reino do Céu sofre violência, e são os violentos que procuram tomá-lo. ¹³De fato, todos os Profetas e a Lei profetizaram até João. ¹⁴E se vocês o quiserem aceitar, João é Elias que devia vir. ¹⁵Quem tem ouvidos, ouça”.

¹⁶Com quem Eu vou comparar esta geração? São como crianças sentadas nas praças, que se dirigem aos colegas, e dizem:

¹⁷Tocamos flauta e vocês não dançaram,

Cantamos uma música triste e vocês não bateram no peito’.

¹⁸Veio João, que não come nem bebe, e disseram: ‘Ele está com um demônio’. ¹⁹Veio o Filho do Homem, que come e bebe, e dizem: ‘Ele é um comilão e beberrão, amigo dos cobradores de impostos e dos pecadores’. Mas a sabedoria foi justificada por suas obras”.

11, 9: Mt 14, 5; 21, 26; Lc 1, 76. • 11, 10: Mt 3, 1; Mc 1, 2. • 11, 12: Lc 16, 16. • 11, 14: Mt 4, 5; Mt 17, 10-13; Jo 1, 21; Lc 1, 17.

11, 15: Mt 13, 9. 43; Mc 4, 23; Ap 13, 9; 2, 7. • 11, 16: Lc 7, 31-35.

salvação (11, 15). Até a roupa de João recorda as vestes características de Elias (v. comentário sobre Mt 3, 1).

11, 11: “nenhum é maior” – João é o maior profeta do Antigo Testamento (11, 9). No entanto, até mesmo o menor dos santos da Nova Aliança brilha mais do que os mais luminosos profetas da Antiga. Eles previam a Nova Aliança, mas não compartilharam plenamente de suas bênçãos (13, 17; 1Pd 1, 10-12). Jesus então contrasta a Antiga e a Nova Aliança; Ele não menospreza a vida santa de João (CIC 523, 719).

11, 12: “sofre violência” – Trecho notavelmente obscuro. Alguns interpretam que a palavra *violência* se refere à prática ascética. Nesse caso, aqueles que muito se disciplinam através da oração e do jejum são os que se apoderam do reino. Por outro lado, de um ponto de vista histórico, é provável que Jesus esteja se referindo ao início das “desgraças

messiânicas”. De acordo com as expectativas dos judeus, o Reino de Deus viria durante um tempo de grande tribulação e intensa angústia. Tal época presenciaria uma apostasia em massa, uma ilegalidade desenfreada e uma violenta perseguição dos santos. João Batista, executado por testemunhar a vinda do Messias (14, 10), seria então o primeiro dos fiéis a morrer na chegada desse tempo lastimável. Jesus sofrerá a mesma violência (20, 18-19), e também seus discípulos (10, 17-18. 23; 24, 9).

11, 17: Jesus expõe as desculpas de seus contemporâneos. A canção das crianças realça tanto a alegria de um casamento (“*tocamos flauta*”), refletida no ministério de Jesus (11, 19; 9, 15), quanto a solenidade de um funeral (“*cantamos uma música triste*”), refletida no ministério de João sobre a penitência. Os incrédulos da geração de Jesus (11,16) recusam os convites para aceitar o reino.

Jesus repreende as cidades impenitentes – ²⁰Então Jesus começou a falar contra as cidades onde havia realizado a maior parte de seus milagres, porque elas não tinham se convertido. ²¹Ele dizia: “Ai de você, Corazin! Ai de você, Betsaida! Porque, se em Tiro e Sidônia tivessem sido realizados os milagres que foram feitos no meio de vocês, há muito tempo elas teriam feito penitência, vestindo-se de cilício e cobrindo-se de cinzas. ²²Pois bem! Eu digo a vocês: no dia do julgamento, Tiro e Sidônia terão uma sentença menos dura que vocês. ²³E você, Cafarnaum! Será erguida até o céu? Será jogada é no inferno, isso sim! Porque, se em Sodoma tivessem acontecido os milagres que foram realizados no meio de você, ela existiria até o dia de hoje! ²⁴Eu lhe digo: no dia do julgamento, Sodoma terá uma sentença menos dura que você!”

11, 20: Lc 10, 13-15. • 11, 24: Mt 10, 15; Lc 10, 12.



11, 19: “um comilão e bebedor” – Jesus é acusado de ter um comportamento perigoso e não-religioso.

- Muitos viam Jesus como o filho “rebelde e incorrigível” mencionado em Dt 21, 20. Ao evocar o contexto desse versículo do Antigo Testamento, eles indicavam que Jesus deveria ser morto (Dt 21, 21).

“A sabedoria [...] suas obras”: o trecho recorda a tradição contida no Antigo Testamento de personificar a sabedoria (Pr 8 – 9; Sb 7, 22 – 8, 21; Eclo 51, 13-30). À luz de seus milagres messiânicos, Jesus aplica isso a si mesmo (11, 1-5). Paulo também considera Jesus como nossa “sabedoria que vem de Deus” (1Cor 1, 30; v. também o comentário sobre Mt 11, 28-30).

11, 21: “Corazin [...] Betsaida” – Duas cidades ao norte do Mar da Galiléia. Ambas estão a menos de 8km da casa de Jesus em Cafarnaum e ambas não respondem bem ao seu ministério. Elas levarão maior culpa por rejeitá-lo do que as cidades de gentios

de Tiro e Sidônia, ao norte da Palestina (na costa da Fenícia), porque foram privilegiadas com a presença e a obra direta de Jesus.



11, 23: “Cafarnaum” – A cidade que abrigou Jesus durante todo o seu ministério na Galiléia (4, 13). Assim como Nazaré, a cidade que o abrigou na infância, Cafarnaum também rejeita Jesus e sua obra (13, 53-58; Lc 4, 16-30).

- Essa reprimenda que Jesus faz à cidade recorda o julgamento de Deus sobre o rei da Babilônia em Is 14, 13-15.

Moralmente, Cafarnaum representa a alma que recebe Cristo mas logo cai em pecado mortal. Como o Cristo chegou a habitar lá, a alma decaída e orgulhosa está sujeita a um julgamento mais severo (2Pd 2, 20-22; CIC 678).

“Sodoma”: a cidade destruída por Deus em Gn 19, 24-25. No Antigo Testamento, servia de exemplo proverbial para o pecado sexual e a inospitalidade que clamam ao céu e sofrem a ira de Deus (Is 1, 9; Jr 23, 14; Ez 16, 44-46; Am 4, 11).

Jesus louva o Pai – ²⁵Naquele tempo, Jesus disse: “Eu te louvo, Pai, Senhor do céu e da terra, porque escondeste essas coisas aos sábios e inteligentes, e as revelaste aos pequeninos. ²⁶Sim, Pai, porque assim foi do teu agrado. ²⁷Meu Pai entregou tudo a mim. Ninguém conhece o Filho, a não ser o Pai, e ninguém conhece o Pai, a não ser o Filho e aquele a quem o Filho quiser revelar. ²⁸Venham para mim todos vocês que estão cansados de carregar o peso do seu fardo, e Eu lhes darei descanso. ²⁹Carreguem a minha carga e aprendam de mim, porque sou manso e humilde de coração, e vocês encontrarão descanso para suas vidas. ³⁰Porque a minha carga é suave e o meu fardo é leve”.

11, 25: Lc 10, 21-22; 1Cor 1, 26-29. • 11, 27: Jo 3, 35; 5, 20; 13, 3; 7, 29; 10, 15; 17, 25; Mt 28, 18.

11, 29: Jo 13, 15; Fl 2, 5; 1Pd 2, 21; Jr 6, 16.



11, 25-27: A oração de Jesus em agradecimento ao Pai contrasta com a narrativa que a precede (11, 20-24). Enquanto muitas cidades rejeitam o Cristo, há alguns remanescentes (incluindo os discípulos) que crêem nele com a simplicidade de *pequeninos*, de crianças (11, 25; cf. 18, 1-4; 19, 13-15). A linguagem de Jesus aqui se assemelha a muitos relatos do evangelho de João que mostram sua relação ímpar com o Pai (Jo 3, 35; 10, 14-15; 17, 25).

- A intimidade entre o Pai e o Filho aponta para sua unidade dentro da Santíssima Trindade – ou seja, sua partilha do conhecimento divino implica numa partilha da natureza divina.



11, 28-30: Jesus convida os discípulos a o seguirem e a aprenderem com

Ele, o modelo da perfeita obediência ao Pai (11, 27; CIC 520).

- Jesus evoca o chamado “da sabedoria” aos humildes, no Antigo Testamento. Em Eclo 51, a sabedoria chama: “Aproximem-se de mim” (Eclo 51, 23), “coloquem o pescoço debaixo do seu jugo” (Eclo 51, 26) e “vejam com seus próprios olhos como trabalhei pouco, e acabei encontrando profundo repouso” (Eclo 51, 27). Esses paralelos reforçam a auto-identificação de Jesus com a “sabedoria” em 11, 19.

11, 29: “você encontrarão descanso” – Esse convite de Jesus deixa margem para as controvérsias a seguir a respeito do significado espiritual do sábado (12, 1-14). Enquanto que a celebração do sábado na Antiga Aliança centrava-se no descanso terreno de afazeres terrenos, Jesus oferece, na Nova, um descanso celestial (Hb 4, 1-11).

12 Colhendo milho em dia de sábado – ¹Naquele tempo, Jesus passou por uns campos de trigo, num dia de sábado. Seus discípulos ficaram com fome, e começaram a apanhar espigas para comer. ²Vendo isso, os fariseus disseram: “Eis que os teus discípulos estão fazendo o que não é permitido fazer em dia de sábado!”. ³Jesus perguntou aos fariseus: “Vocês nunca leram o que Davi e seus companheiros fizeram, quando estavam sentindo fome? ⁴Como ele entrou na casa de Deus, e eles comeram os pães oferecidos a Deus? Ora, nem para Davi, nem para os que estavam com ele, era permitido comer os pães reservados apenas aos sacerdotes. ⁵Ou vocês não leram também, na Lei, que em dia de sábado, no Templo, os sacerdotes violam o sábado, sem cometer falta? ⁶Pois eu digo a vocês: aqui está quem é maior do que o Templo. ⁷Se vocês tivessem compreendido o que significa: ‘Quero a misericórdia e não o sacrifício’, vocês não teriam condenado estes homens que não estão em falta. ⁸Portanto, o Filho do Homem é senhor do sábado”.

12, 1: Mc 2, 23-28; Lc 6, 1-5 Dt 23, 25. • 11, 3: 1Sm 21, 1-6; Lv 24, 9. • 12, 5: Nm 28, 9-10. • 12, 6: Mt 12, 41-42; Lc 11, 31-32. 12, 7: Os 6, 6; Mt 9, 13. • 12, 8: Jo 5, 1-18; 7, 19-24; 9, 1-41.

COMENTÁRIOS



12, 2: “não é permitido [...] em dia de sábado” – Os fariseus acusavam os discípulos de violarem a lei contida em Ex 34, 21, que proíbe a colheita aos sábados. Embora a passagem de Dt 23, 25 diferencie entre alimentar-se do que se produz e colher, propriamente, os fariseus proibiam até essa maneira de se alimentar, porque eram rígidos no cumprimento da proibição do versículo Êxodo.

- *Alegoricamente*,¹ a passagem de Cristo pelos campos significa a sua passagem pelo mundo através da Encarnação. As espigas da colheita são as almas humanas prontas para serem unidas à Igreja pela fome dos discípulos.



12, 3: “Vocês nunca leram” – Um insulto ao orgulho intelectual que

¹ São Hilário de Poitiers, *In Matt.* 12, 2.

O homem com a mão paralisada – ⁹Jesus saiu desse lugar, e foi para a sinagoga deles. ¹⁰Aí havia um homem com uma das mãos paralisada. E, para poderem acusar Jesus, os fariseus perguntaram: “É permitido fazer cura em dia de sábado?”. ¹¹Jesus respondeu: “Suponham que um de vocês tem uma só ovelha, e ela cai num buraco em dia de sábado. Será que ele não a pegaria e não a tiraria de lá? ¹²Ora, um homem vale muito mais do que uma ovelha! Logo, é permitido fazer uma boa ação em dia de sábado”. ¹³Então Jesus disse ao homem: “Estenda a mão”. O homem estendeu a mão, e ela ficou boa e sadia como a outra. ¹⁴Logo depois, os fariseus saíram e fizeram um plano para matar Jesus.

12, 9: Mc 3, 1-6; Lc 6, 6-11. • 11, 11: Lc 14, 5. • 12, 12: Mt 10, 31. • 12, 14: Mc 14, 1; Jo 7, 30; 8, 59; 10, 39; 11, 53.

tinham os fariseus. Jesus usa a pergunta para humilhar os líderes letrados que não tinham nem a fé de uma criança (12, 5; 19, 4; 21, 16. 24; 22, 31).

- Jesus traça os paralelos entre sua situação e 1Sm 21, 1-6: assim como os companheiros de Davi estavam com *fome* (12,1), também seus discípulos estavam; assim como Davi era o herdeiro do reino de Israel, também Jesus é herdeiro e filho de Davi. Portanto, isso implica que se os discípulos de Davi estavam em pecado, então Davi também estava – uma conclusão que jamais é sugerida no Antigo Testamento. Essa é a primeira premissa da resposta de Jesus aos fariseus (v. também o comentário sobre Mt 12, 7).

12, 5: “violam o sábado” – Os sacerdotes levitas trabalhavam todo sábado ao substituir os pães da aliança perpétua no Templo (Lv 24, 5-9) e ao oferecer holocaustos (Nm 28, 9-10). Ainda assim, eles permaneciam inocentes (CIC 582, 2173).



12, 6: “maior do que o Templo” –

O Templo de Jerusalém era espetacular, porque abrigava a própria presença de Deus entre o seu povo.

- A presença de Deus em Jesus, seu divino Filho, ultrapassa aquela no Templo (1, 23). Esse santuário terreno, então, preparava a presença mais íntima de Deus no mundo através de Cristo. Outros trechos do Novo Testamento comparam a humanidade de Jesus Cristo ao tabernáculo do deserto (Jo 1, 14) e ao Templo (Jo 2, 19-590; v. também o *Quadro: Jesus e o Antigo Testamento*).

12, 7: “Quero a misericórdia” – Citação de Oséias 6, 6. Jesus já havia desafiado os fariseus a estudarem e compreenderem o sentido desse oráculo (9, 13) e, agora, as palavras de Oséias completam a apologética de Jesus contra os fariseus. A lógica é a seguinte:

1. A misericórdia é mais importante que as regulamentações do Templo (12, 3-4);

O servo escolhido de Deus – ¹⁵Jesus soube disso, e foi embora desse lugar. Numerosas multidões o seguiram, e Ele curou a todos. ¹⁶Jesus ordenou que não dissessem quem Ele era. ¹⁷Isso aconteceu para se cumprir o que foi dito pelo profeta Isaías:

¹⁸“Eis aqui o meu servo, que escolhi;

O meu amado, no qual minha alma se compraz.

Colocarei sobre Ele o meu Espírito, e Ele anunciará o julgamento às nações.

¹⁹Não discutirá, nem gritará, e ninguém ouvirá a sua voz nas praças.

²⁰Não esmagará a cana quebrada, nem apagará o pavio que ainda fumeja,

Até que leve o julgamento à vitória.

²¹E em seu nome as nações depositarão a sua esperança”.

12, 15: Mc 3, 7-12; Lc 6, 17-19. • 11, 18: Is 42, 1-4.

Jesus e Belzebu – ²²Então levaram a Jesus um endemoninhado cego e mudo. Jesus o curou, de modo que ele falava e enxergava. ²³E todas as multidões ficaram admiradas, e perguntavam: “Será que Ele não é o filho de Davi?”. ²⁴Os fariseus ouviram isso, e disseram: “Ele expulsa os demônios através de Belzebu, o príncipe dos demônios!”. ²⁵Sabendo o que eles estavam pensando, Jesus disse: “Todo reino dividido em grupos que lutam entre si, será arruinado. E toda cidade ou família dividida em grupos que brigam entre si, não poderá durar. ²⁶E se Satanás expulsa Satanás, ele está dividido contra si mesmo. Como, então, o seu reino poderá sobreviver? ²⁷Se é através de Belzebu que Eu expulso os demônios, através de quem os filhos de vocês expulsam os demônios? Por isso, serão eles mesmos que julgarão vocês. ²⁸Mas se é através do Espírito de Deus que Eu expulso os demônios, então o Reino de Deus chegou para vocês. ²⁹Ainda: como alguém pode entrar na casa de um homem forte, e se apoderar de suas coisas, se antes não amarrar o homem forte? Só depois poderá roubar a sua casa. ³⁰Quem não está comigo, está contra mim. E quem não recolhe comigo, espalha. ³¹É por isso que Eu digo a vocês: todo pecado e blasfêmia será perdoado aos homens; mas a blasfêmia contra o Espírito não será perdoada. ³²Quem disser alguma coisa contra o Filho do Homem, será perdoado. Mas quem disser algo contra o Espírito Santo, nunca será perdoado, nem neste mundo, nem no mundo que há de vir”.

12, 22: Mc 3, 22-27; Lc 11, 14-22; Mt 9, 32-33. • 11, 24: Mt 9, 34; 10, 25; Jo 7, 20; 8, 52; 10, 20.

12, 30: Lc 11, 23; Mc 9, 40. • 12, 31: Mc 3, 28-30; Lc 12, 10, 6; Mt 9, 13.

2. As regulamentações do Templo por si só já têm prioridade sobre a guarda do sábado (12, 5);
3. Portanto, a misericórdia é mais importante que a guarda do sábado (CIC 2100).

12, 9-14: Jesus afirma seu domínio sobre o sábado (12, 8). Já que o sábado foi feito para o bem do homem, fazer boas ações no sábado não pode ser considerado irregular. Se, naquele dia, os fariseus estavam dispostos a salvar até suas criações de gado, quanto mais dispostos não deveriam estar de ver um aleijado ser disposto de seu fardo. Resumindo: no sábado eram proibidos os trabalhos servis, não os trabalhos de misericórdia.

12, 14: “fizeram um plano” – A conspiração dos fariseus marca sua completa rejeição de Jesus (v. comentário sobre Mt 27, 1).



12, 18-21: Uma referência a Is 42, 1-4. Deus Pai também evoca essa passagem no batismo de Jesus (3, 17). Sabe-se que o termo *servo* (em grego, *pais*) pode ser traduzido por “filho”.

- Mateus cita Isaías por três razões:
- 1. Porque Isaías sintetiza o perfil do Cristo tra-

çado por Mateus: Jesus é o filho *amado* de Deus (3, 17; 4, 3; 11, 25-27) e o *servo* do Senhor (8, 17; 11, 5), ungido pelo *Espírito* (3, 16), que traz a graça de Deus aos *gentios* (8, 5-13).

2. A citação também se realiza perfeitamente quando Jesus se retira da presença de seus inimigos e vai pregar aos humildes (12, 20) – Ele, portanto, não tem apego algum à aclamação pública (12, 16. 19).
3. O conteúdo da citação aponta já para os exorcismos que Jesus fará através do poder do Espírito (12, 28) (CIC 713).

12, 23: “o filho de Davi?” – A pergunta reflete o conhecimento do povo judeu do fato de que o rei Salomão, filho do rei Davi, tinha recebido de Deus o poder de exorcizar demônios (cf. Sb 7, 20). A mesma habilidade era esperada por parte do Messias que havia de vir da descendência de Davi.

12, 24: “através de Belzebu” – A cegueira espiritual dos fariseus os levou à blasfêmia – isto é, eles acharam que Jesus era um agente do exército de Satanás (CIC 574; v. também o comentário sobre Mt 10, 25).

12, 25-26: Jesus usa as imagens de *reino*, *cidade* e *casa* como alusões ocultas à cidade

A árvore e seu fruto – ³³“Se vocês plantarem uma árvore boa, o fruto dela será bom; mas se vocês plantarem uma árvore má, também o fruto dela será mau, porque é pelo fruto que se conhece a árvore. ³⁴Raça de cobras venenosas! Se vocês são maus, como podem dizer coisas boas? Pois a boca fala aquilo de que o coração está cheio. ³⁵O homem bom tira coisas boas do seu bom tesouro, e o homem mau tira coisas más do seu mau tesouro. ³⁶Eu digo a vocês: no dia do julgamento, todos devem prestar contas de cada palavra inútil que tiverem falado. ³⁷Porque você será justificado por suas próprias palavras, e será condenado por suas próprias palavras”.

12,33: Lc 6, 43-45; Mt 7, 16-20; Tg 3, 11-12; Mt 15, 18.

e ao Templo de Jerusalém. À época de Jesus, Jerusalém tinha chegado a um ponto crítico em termos de espiritualidade. Já há muito conhecida como Terra Santa, era agora centro de resistência diabólica contra Jesus, com sua liderança caminhando no sentido diametralmente oposto ao Reino do Céu. Até o Templo, àquela altura, já estava “deserto” (23, 38). A conspiração dos fariseus (12, 14) os colocavam como colaboradores involuntários e representantes do exército de Satanás. Com a crucificação de Jesus, o poder de Satanás é finalmente destruído – fato que depois será evidenciado através da pilhagem e defraudação de sua cidade (Jerusalém) e de sua casa (o Templo), em 70 d.C. (12, 29; CIC 550; v. também os comentários sobre Mt 23, 38 e 24, 1 – 25, 46).

12, 31: “blasfêmia contra o Espírito” – Isto é, o pecado de atribuir a Satanás o trabalho que é feito por Deus. É uma dureza espiritual madura que afasta o pecador da

misericórdia de Deus e termina o levando à condenação final. Alguém que blasfema contra o Espírito não pode ser perdoado porque ele se recusa a se arrepender e a pedir por perdão. Este é o pecado que os fariseus cometem em 12, 24 (CIC 1864; v. também os comentários do nosso estudo bíblico sobre o evangelho de Marcos, em Mc 3, 29).

12, 36: “cada palavra inútil” – Os insultos que são expressados verbalmente clamam ao julgamento de Deus (5, 21-26). O Novo Testamento freqüentemente faz notar que fofocas, xingamentos e mentiras são pecados graves e não condizem com a sacralidade e a pureza do discurso (2Cor 12, 20; Ef 4, 25-32; Tg 3, 1-12).



12, 41: “maior do que Jonas” – O ensinamento (16, 4) e as experiências (8, 23-27) de Jesus recordam o ministério do profeta Jonas.

- Jonas prefigura Jesus de duas maneiras:

O sinal de Jonas – ³⁸Então alguns doutores da Lei e fariseus disseram a Jesus: “Mestre, queremos ver um sinal realizado por ti”. ³⁹Jesus respondeu: “Uma geração má e adúltera busca um sinal, mas nenhum sinal lhe será dado, a não ser o sinal do profeta Jonas. ⁴⁰De fato, assim como Jonas passou três dias e três noites no ventre da baleia, assim também o Filho do Homem passará três dias e três noites no seio da terra. ⁴¹No dia do julgamento, os homens da cidade de Nínive ficarão de pé contra esta geração, e a condenarão. Porque eles fizeram penitência quando ouviram Jonas pregar. E aqui está quem é maior do que Jonas. ⁴²No dia do julgamento, a rainha do Sul se levantará contra esta geração, e a condenará. Porque ela veio de uma terra distante para ouvir a sabedoria de Salomão. E aqui está quem é maior do que Salomão”.

12, 38: Lc 11, 16; 29-32; Mc 8, 11-12; Mt 16, 1-4; Jo 2, 18; 6, 30; 1Cor 1, 22.

12, 40: Jn 1, 17. • 12, 41: Jn 3, 5. • 12, 42: 1Rs 10, 1-10; 2Cr 9, 1-12.

O retorno do espírito maligno – ⁴³Quando um espírito mau sai de um homem, ele fica vagando em lugares desertos, procurando repouso, e não o encontra. ⁴⁴Então ele diz: ‘Vou já voltar para a casa de onde saí’. Quando ele chega, encontra a casa vazia, varrida e arrumada. ⁴⁵Então ele vai, e traz consigo outros sete espíritos piores do que ele. Eles entram e moram aí; no fim, esse homem fica em condição pior do que antes. É o que vai acontecer com esta geração má’.

12, 43: Lc 11, 24-26; 2Pd 2, 20.

1. O fato de ter passado três dias dentro da baleia é análogo à ressurreição do Cristo no terceiro dia (12, 40; 16, 21).
2. Ele é, de certa forma, a imagem de Jesus enquanto profeta dos gentios: assim como Jonas foi pregar na cidade assíria de Nínive (Jn 3, 2), Jesus também prega aos gentios (8, 5-13; 15, 21-28) e ordena a pregação internacional do evangelho (28, 19; Lc 24, 45-47; v. também o *Quadro: Jesus e o Antigo Testamento*).



12, 42: “maior do que Salomão” – As ligações entre Jesus e o rei Salomão estão mais implícitas nas outras partes do evangelho (2, 11; 12, 23; 16, 18).

• Salomão foi o principal sábio do Antigo Testamento e também o construtor do Templo de Jerusalém (1Rs 4, 29-34; 5 – 8). Como filho de Davi e herdeiro de seu reino, Salomão governou Israel e estendeu seu domínio por várias outras nações (1Rs 4, 20-21). Ele, portanto, era a imagem de Cristo enquanto filho de Davi (1, 1), encarnação da sabedoria (11, 19), construtor do Templo (16, 18) e divino governador das doze tribos de Israel (19, 28) e de todas as nações do mundo (28, 19) (v. também o *Quadro: Jesus e o Antigo Testamento*).

12, 44-46: Uma parábola sobre a geração de Jesus que pode ser entendida de duas maneiras:

1. É um alerta àqueles que se beneficiam do *ministério* de Jesus sem de fato aderirem à *mensagem* de Jesus e às exigências que dela provêm. O fiel deve não só esvaziar-se de todo o mal, mas também preencher-se com

a graça divina e, portanto, a obra messiânica de Jesus deveria levar as pessoas a aceitar seu reino messiânico; do contrário, elas se colocarão num estado muito pior do que o no qual estavam antes (2Pd 2, 20-22).

2. A controvérsia sobre os exorcismos que tinham acabado de acontecer (12, 22-29) havia preparado o terreno para que Jesus estabelecesse então a superioridade de sua Nova Aliança sobre a Antiga, administrada pelos fariseus. Ainda que os fariseus expulsassem espíritos malignos (“os filhos de vocês” – 12, 27), eles deixavam um vácuo que expunha o indivíduo a um contra-ataque mais poderoso ainda por parte de Satanás. Jesus também expulsa demônios, mas, ao contrário dos fariseus, Ele preenche o fiel com o grande poder do Espírito (12, 28). Os contemporâneos de Jesus deveriam preferir essas bênçãos, provenientes do ministério de seu reino, aos benefícios – reais, porém limitados – do ministério dos fariseus; do contrário, eles estariam vulneráveis a catástrofes espirituais maiores ainda do que as anteriores.



12, 45: “esta geração má” – À época de Jesus, muitas pessoas rejeitaram sua herança do Reino do Céu.

- A expressão recorda Dt 1, 35 e a descrição de Israel enquanto no deserto. Eles viram muita coisa durante o êxodo, mas se recusaram a confiar em Deus. Deus, então, jurou que aquela “geração má” iria morrer no deserto (Nm 14, 21-23). Jesus vê uma situação análoga diante de si: dar aos fariseus um

Os verdadeiros parentes de Jesus – ⁴⁶Jesus ainda estava falando às multidões. Sua mãe e seus irmãos ficaram do lado de fora, procurando falar com Ele. ⁴⁷Alguém disse a Jesus: “Olha! Tua mãe e teus irmãos estão aí fora, e querem falar contigo”. ⁴⁸Jesus perguntou àquele que tinha falado: “Quem é minha mãe e quem são meus irmãos?”. ⁴⁹E, estendendo a mão para os discípulos, Jesus disse: “Aqui estão minha mãe e meus irmãos, ⁵⁰pois todo aquele que faz a vontade do meu Pai que está no céu, esse é meu irmão, minha irmã e minha mãe”.

12, 46: Mc 3, 31-35; Lc 8, 19-21; Jo 2, 1-12; 19, 25-27; 7, 1-10; Mc 6, 3; 1Cor 9, 5. • 12, 50: Jo 15, 14.

“sinal” (12, 38) seria inútil; eles não tinham a intenção de acreditar nele, mas apenas de “destruí-lo” (12, 14).

12, 46: “seus irmãos” – O Novo Testamento freqüentemente menciona os irmãos de Jesus (13, 55; Mc 3, 31; 6, 3; Lc 8, 19; Jo 2, 12; 7, 3; At 1, 14; Gl 1, 19). A Igreja, no entanto, conserva o dogma de que Maria, a mãe de Jesus, permaneceu virgem durante toda a sua vida. Portanto, esses chamados irmãos de Jesus são seus parentes, mas não propriamente filhos de Maria. Há quatro pontos que sustentam esse pensamento, tradicional da Igreja Católica:

1. Esses irmãos nunca são mencionados como sendo filhos de Maria, enquanto que Jesus é (Jo 2, 1; 19, 25; At 1, 14).
2. Dois dos nomes mencionados entre os irmãos, Tiago e José, são filhos de outra Maria (Mt 27, 56; Mc 15, 40).
3. É muito improvável que Jesus confiasse sua mãe ao apóstolo João, no alto da cruz, se ela tivesse outros filhos naturais que decerto cuidariam dela (Jo 19, 26-27).
4. A palavra “irmão” (em grego, *adelphoi*) tem um sentido mais amplo que “irmão de sangue”. O hebraico antigo não tinha uma palavra para “primo”, então era de costume que se usasse a palavra “irmão”, na Bíblia, para se referir também a parentes de relação distinta à de um irmão de sangue. Na versão grega do Antigo Testamento, “irmão” pode ser um primo muito distante (1Cr 23, 21-22), um parente remoto (Dt 23, 7; 2Rs 10, 13-14), um tio ou um sobrinho

(Gn 13, 8) ou até designar uma relação estabelecida entre homens através de um acordo ou aliança (2Sm 1, 26; cf. 1Sm 18, 3). Do mesmo modo, o Novo Testamento freqüentemente usa a palavra “irmão” nesse sentido mais amplo. Paulo a usa como sinônimo para seus compatriotas israelitas em Rm 9, 3. Pode também denotar cristãos que não são parentes biológicos, mas são relacionados por pertencerem à família de Deus estabelecida com a Nova Aliança (Rm 8, 29; 12, 1; Cl 1, 2; Hb 2, 11; Tg 1, 2; CIC 500).

12, 50: “a vontade do meu Pai” – A obediência a Deus Pai cria uma relação muito maior do que a que existe na família natural. Ainda que Jesus não tivesse irmãos biológicos, seus irmãos e irmãs espirituais são os filhos adotivos de Deus (Rm 8, 29; 1Jo 3, 1). A eles é dado o mesmo poder de obedecer propriamente a Deus que o que Jesus tem (cf. Jo 8, 29; 1Jo 3, 7-10; v. também o comentário sobre Mt 12, 46).

“Mãe”: longe de minimizar o papel de Maria, Jesus revela a verdadeira grandeza de sua divina maternidade. Afinal de contas, ela não foi apenas sua mãe *natural* através da geração, como também se tornou a Mãe de Deus precisamente porque aceitou a vontade do Pai (Lc 1, 38. 43). Portanto, sua relação com Jesus – tanto a física quanto a espiritual –, é enaltecida por essa declaração do Cristo (CIC 495).

QUADRO: JESUS E O ANTIGO TESTAMENTO

Mateus freqüentemente cita passagens do Antigo Testamento com o intuito de estabelecer as credenciais de Jesus enquanto Messias. Contudo, Jesus e Mateus comumente aludem ao Antigo Testamento de modos mais sutis, traçando comparações entre antigos personagens, lugares e eventos e o próprio Jesus. Essa forma de interpretação é chamada de *tipologia*. Uma leitura tipológica do Antigo Testamento sintoniza-se com certas “rimas” encontradas na história da salvação em que Deus age de forma similar (ou típica) cada vez que se revela e liberta seu povo. Desse modo, o Pai nos ensina algo sobre si através do uso de eventos e costumes já há muito conhecidos por seu povo; em resumo, Ele usa antigas verdades para instruir-nos sobre novas. Jesus e Mateus rememoram diversas figuras e instituições do Antigo Testamento para trazer ao foco a glória transcendente do Cristo e da Nova Aliança. Os grandes heróis e as memórias de antigamente iluminam a ainda maior pessoa de Cristo. A vinda de Cristo marca o dramático clímax da história do Antigo Testamento na medida em que realiza completamente todos os *tipos* que Deus havia preparado através da história da salvação.

1. **Novo Moisés.** Como supremo fornecedor da Lei da Antiga Aliança, Moisés prefigura Cristo, que por sua vez dá a nova lei no sermão da montanha (Mt 5 – 7). Jesus também reencena experiências da infância de Moisés e dos 40 dias do profeta, jejuando na solidão (Mt 4, 2; Ex 34, 28). Finalmente, Moisés dá testemunho da superior glória de Jesus no momento da transfiguração (Mt 17, 1-5), na qual Jesus é exposto como um “profeta-tal-qual-Moisés” (Mt 17, 15; Dt 18, 15).
2. **Nova Israel.** Como o Messias de Israel, Jesus reencena a experiência dos israelitas e de seu êxodo do Egito (Mt 2, 15). Ele enfrenta um período de 40 dias de teste no deserto, correspondendo aos 40 anos de provação de Israel. Ao contrário da desobediente Israel, Jesus se sobrepõe ao demônio através da obediência e confiança em Deus (Mt 4, 1-11). Os discípulos de Jesus são então incumbidos da vocação de Israel: ser a luz do mundo (Mt 5, 14; Is 42, 6).
3. **Novo Davi.** Como rei ideal de Israel, Davi prefigura o papel de Jesus, que assume seu trono real para sempre (Mt 1, 1; 2, 2; Lc 1, 32-33). Jesus é maior do que Davi (Mt 22, 41-45); seus discípulos famintos, como os companheiros de Davi, são autorizados a violar o sábado. Assim como Davi deu a Israel descanso de seus inimigos (2Sm 7, 1), Jesus salva Israel de seus pecados (Mt 1, 21).

13 **A parábola do semeador** – ¹Naquele dia, Jesus saiu de casa, e foi sentar-se às margens do mar da Galiléia. ²Numerosas multidões se reuniram em volta dele. Por isso, Jesus entrou numa barca e sentou-se, enquanto a multidão ficava de pé na praia. ³E Jesus falou para eles muita coisa com parábolas: “O semeador saiu para semear. ⁴Enquanto semeava, algumas sementes caíram à beira do caminho, e os passarinhos foram e as comeram. ⁵Outras sementes caíram em terreno pedregoso, onde não havia muita terra. As sementes logo brotaram, porque a terra não era profunda. ⁶Porém, o sol saiu, queimou as plantas, e elas secaram, porque não tinham raiz. ⁷Outras sementes caíram no meio dos espinhos, e os espinhos cresceram e sufocaram as plantas. ⁸Outras sementes, porém, caíram em terra boa, e renderam cem, sessenta e trinta frutos por um. ⁹Quem tem ouvidos, ouça!”

13, 1: Mc 4, 1-9; Lc 8, 4-8; 5, 1-3.

COMENTÁRIOS

13, 1-51: As parábolas do reino. Jesus fala dos mistérios escondidos do Reino de Deus e presentes na Igreja. Das sete parábolas, as seguintes encontram-se apenas no evangelho de Mateus: a parábola do joio e do trigo (13, 24-30), a do tesouro escondido (13, 44), a da pérola de grande valor (13, 45-46) e a da rede lançada ao mar (13, 47-50).



13, 11: “a vocês” – Jesus fala as parábolas para as “numerosas multidões” (13, 2) mas as explica somente aos discípulos. Enquanto que as imagens são bastante claras – tiradas da vida cotidiana –, as verdades que as subjazem permanecem

obscuras aos que não têm fé (13, 9. 13).

“Os mistérios do Reino”: o grupo dos apóstolos mais próximos de Jesus o aceitava com fé e tinha o privilégio de entender os mistérios de Deus (13, 36-43).

- A instrução em privado aos discípulos reflete a intenção de Jesus em organizar a Igreja de forma hierárquica. Ele investe seus apóstolos (e seus sucessores) de sua própria autoridade, a fim de que administrem os sacramentos (28, 19; Jo 20, 23; 1Cor 11, 25) e transmitam a verdade de Deus através de seus ensinamentos e pregações (28, 20; Jo 17, 17-20; 1Cor 4, 1; CIC 888, 890).

O propósito das parábolas – ¹⁰Os discípulos aproximaram-se, e perguntaram a Jesus: “Por que usas parábolas para falar com eles?” ¹¹Jesus respondeu: “Porque a vocês foi dado conhecer os mistérios do Reino do Céu, mas a eles não. ¹²Pois, a quem tem, será dado ainda mais, será dado em abundância; mas daquele que não tem, será tirado até o pouco que tem. ¹³É por isso que eu uso parábolas para falar com eles: assim eles olham e não vêem, ouvem e não escutam nem compreendem. ¹⁴Desse modo se cumpre para eles a profecia de Isaías:

É certo que vocês ouvirão, porém nada compreenderão.

É certo que vocês enxergarão, porém nada verão.

¹⁵Porque o coração desse povo se tornou insensível.

Eles são duros de ouvido e fecharam os olhos,

Para não ver com os olhos, e não ouvir com os ouvidos,

Não compreender com o coração e não se converter.

Assim eles não podem ser curados’.

¹⁶Vocês, porém, são felizes, porque seus olhos vêem e seus ouvidos ouvem. ¹⁷Eu garanto a vocês: muitos profetas e justos desejaram ver o que vocês estão vendo, e não puderam ver; desejaram ouvir o que vocês estão ouvindo, e não puderam ouvir”.

13, 10: Mc 4, 10-12; Lc 8, 9-10. • 13, 12: Mc 4, 25; Lc 8, 18; Mt 25, 29; Lc 19, 26.

13, 14: Is 6, 9-10; Mc 8, 18; Jo 12, 39-41; At 28, 26-27 • 13, 16: Lc 10, 23-24; Jo 8, 56; Hb 11, 13; 1Pd 1, 10-12

A explicação da parábola do semeador – ¹⁸“Ouçam, portanto, o que a parábola do semeador quer dizer: ¹⁹Todo aquele que ouve a Palavra do Reino e não a compreende, é como a semente que caiu à beira do caminho: vem o Maligno e rouba o que foi semeado no coração dele. ²⁰A semente que caiu em terreno pedregoso é aquele que ouve a Palavra, e logo a recebe com alegria. ²¹Mas ele não tem raiz em si mesmo, é inconstante: quando chega uma tribulação ou perseguição por causa da Palavra, ele desiste logo. ²²A semente que caiu no meio dos espinhos é aquele que ouve a Palavra, mas a preocupação do mundo e a ilusão da riqueza sufocam a Palavra, e ela fica sem dar fruto. ²³A semente que caiu em terra boa é aquele que ouve a Palavra e a compreende. Esse com certeza produz fruto. Um dá cem, outro sessenta e outro trinta por um”.

13, 18: Mc 4, 13-20; Lc 8, 11-15. • 13, 22: Mt 19, 23; 1Tm 6, 9-10. 17



13, 14-15: Uma referência a Is 6, 9-10.

• Naquele contexto de Isaías, Deus o havia incumbido de proclamar seu julgamento sobre os israelitas por terem sido infieis à aliança estabelecida. De modo análogo, Jesus usa parábolas para proclamar o julgamento de Deus sobre os infieis de sua geração (cf. Mc 4, 12; Lc 8, 10).

13, 25: “semeou joio” – Uma planta levemente venenosa, que se assemelha ao trigo quando em suas primeiras fases de crescimento. Apenas quando está plenamente maduro é que pode ser diferenciado e separado do trigo (13, 30).

A parábola do joio no meio do trigo – ²⁴Jesus contou outra parábola à multidão: “O Reino do Céu é como um homem que semeou boa semente no seu campo. ²⁵Uma noite, quando todos dormiam, veio o inimigo dele, semeou joio no meio do trigo, e foi embora. ²⁶Quando o trigo cresceu, e as espigas começaram a se formar, apareceu também o joio. ²⁷Os empregados foram procurar o dono, e lhe disseram: ‘Senhor, não semeaste boa semente no teu campo? Donde veio então o joio?’ ²⁸O dono respondeu: ‘Foi algum inimigo que fez isso’. Os empregados lhe perguntaram: ‘Queres que arranquemos o joio?’ ²⁹O dono respondeu: ‘Não. Pode acontecer que, arrancando o joio, vocês arranquem também o trigo. ³⁰Deixem crescer um e outro até à colheita. E no tempo da colheita direi aos ceifadores: arranquem primeiro o joio, e o amarrem em feixes para ser queimado. Depois recolham o trigo no meu celeiro!’”.

13, 24: Mc 4, 26-29.

13, 18-23: A parábola do semeador ilustra como as respostas indiferentes ao anúncio da *Palavra do Reino* (13, 19) se mostram infrutíferas (CIC 29). As distrações vêm do mundo (13, 22; 19, 24), da carne (13, 21; 10, 22; 26, 41) e do demônio (13, 19; 10, 28). Por outro lado, são abundantes os *frutos* que provêm de uma resposta do coração. A imagem do fruto é comumente usada na Bíblia para representar as boas ações e a fidelidade que jorram da graça divina (7, 17; 12, 33; cf. Sl 1, 1-3; Jr 17, 10; Jo 15, 5; Gl 5, 22-23).



13, 32: “se torna uma árvore” – A parábola da semente de mostarda ilustra o contraste de tamanho entre a semente de mostarda e seu arbusto quando maduro, que pode chegar a três metros de altura. Assim, Jesus semeia o reino num pequeno grupo de apóstolos esperando que o anúncio frutifique e chegue ao alcance de uma Igreja mundial.

• Parábolas similares são usadas no Antigo Testamento para representar como grandes árvores alguns grandes impérios (Ez 31, 1-13; Dn 4, 12), inclusive o reino de Israel (Ez 17,

A parábola da semente de mostarda – ³¹E Jesus contou outra parábola: “O Reino do Céu é como uma semente de mostarda que um homem pega e semeia no seu campo. ³²Embora ela seja a menor de todas as sementes, quando cresce, fica maior do que as outras plantas. E se torna uma árvore, de modo que os pássaros do céu vêm e fazem ninhos em seus ramos”.

13, 31: Mc 4, 30-32; Lc 13, 18-19; Mt 17, 20.

22-24). Nesses contextos, os *pássaros* representam as nações de gentios. A parábola de Jesus, portanto, exorta à propagação do evangelho e ao acolhimento dos gentios por parte da Igreja (28, 19).

Asafe é chamado de “profeta”. Em todo caso, todos os escritores do Antigo Testamento foram inspirados pelo Espírito e, portanto, são profetas (cf. 22, 43; 2Pd 1, 20-21).

A parábola do fermento – ³³Jesus contou-lhes ainda outra parábola: “O Reino do Céu é como o fermento que uma mulher pega e mistura com três porções de farinha, até que tudo fique fermentado”.

13, 33: Lc 13, 20-21; Gl 5, 9; Gn 18, 6.

13, 33: “como o fermento” – Imagem que muitas vezes simboliza a presença do mal no mundo (16, 5-12; 1Cor 5, 6-8). Aqui, porém, seu simbolismo é positivo. Por um lado, o fermento representa a graça do reino que santifica o mundo através da Igreja. Por outro lado, o fermento representa o indivíduo cristão que é chamado a espalhar o evangelho para o mundo e para aqueles que lhe são próximos.

“Três porções”: cerca de 22,5kg de *farinha*, que, aqui, simboliza o mundo. Na parábola, destaca-se portanto uma desproporção considerável: só um pouco de fermento é escondido na farinha e, no entanto, é o que a faz crescer abundantemente.

13, 35: “pelo profeta” – Uma referência ao Sl 78, 2, que é atribuído a Asafe. Em 2Cr 29, 30, na versão grega do Antigo Testamento,

“Coisas escondidas”: o Sl 78, 2 acentua a função positiva das parábolas: elas iluminam os humildes porque os fazem conhecedores dos mistérios de Deus (v., mais adiante, o *Estudo da palavra: Parábola*).

13, 36-43: A última separação entre o bem e o mal. Conseqüentemente, a tolerância de Deus ao pecado e ao mal no mundo durará apenas até o dia do Juízo Final; até lá, santos e pecadores continuarão lado a lado na Igreja (v. comentário sobre Mt 25, 31-46).

13, 36: “e foi para casa” – Jesus transfere sua atenção das “numerosas multidões” (13, 2) para os discípulos, a fim de lhes instruir privadamente (v. comentário sobre Mt 13, 11).

13, 39: “a colheita” – Uma imagem bíblica para o “dia do Senhor” – isto é, o dia do Juízo Final, em que Deus virá para julgar todas as nações (3, 12; cf. Jr 51, 33; Os 6, 11; Jl 3, 13; Ap 14, 14-16).

Por que Jesus fala em parábolas – ³⁴Tudo isso Jesus falava em parábolas às multidões. Nada lhes falava sem usar parábolas, ³⁵para se cumprir o que foi dito pelo profeta:

“Abrirei a boca para usar parábolas;

Vou proclamar coisas escondidas desde a criação do mundo”.

13, 34: Mc 4, 33-34; Jo 10, 6; 16, 25. • 13, 35: Sl 78, 2.

Jesus explica a parábola do joio – ³⁶Então Jesus deixou as multidões, e foi para casa. Os discípulos se aproximaram dele, e disseram: “Explica-nos a parábola do joio”. ³⁷Jesus respondeu: “Quem semeia a boa semente é o Filho do Homem. ³⁸O campo é o mundo. A boa semente são os que pertencem ao Reino. O joio são os que pertencem ao Maligno. ³⁹O inimigo que semeou o joio é o diabo. A colheita é o fim dos tempos. Os ceifadores são os anjos. ⁴⁰Assim como o joio é recolhido e queimado no fogo, o mesmo também acontecerá no fim dos tempos: ⁴¹o Filho do Homem enviará os seus anjos, e eles recolherão todos os que levam os outros a pecar e os que praticam o mal, ⁴²e depois os lançarão na fornalha de fogo. Aí eles vão chorar e ranger os dentes. ⁴³Então os justos brilharão como o sol no Reino de seu Pai. Quem tem ouvidos, ouça”.

13, 38: Jo 8, 44; 1Jo 3, 10. • 13, 41: Mt 24, 31 • 13, 41: Mt 13, 50; 8, 12; 22, 13; 24, 51; 25, 30; Lc 13, 28.

13, 42: “ranger os dentes” – Os condenados sofrerão punição (CIC 1034; v. também o comentário sobre Mt 8, 12). necessário abrir mão de apegos terrenos (19, 21. 29; Fl 3, 8). Isso pode acarretar uma pobreza literal (no caso dos monges e religiosos

Três parábolas sobre o Reino do Céu – ⁴⁴O Reino do Céu é como um tesouro escondido no campo. Um homem o encontra, e o mantém escondido. Cheio de alegria, ele vai, vende todos os seus bens, e compra esse campo. ⁴⁵O Reino do Céu é também como um comprador que procura pérolas preciosas. ⁴⁶Quando encontra uma pérola de grande valor, ele vai, vende todos os seus bens, e compra essa pérola”. ⁴⁷“O Reino do Céu é ainda como uma rede lançada ao mar. Ela apanha peixes de todo o tipo. ⁴⁸Quando está cheia, os pescadores puxam a rede para a praia, sentam-se e escolhem: os peixes bons vão para os cestos, os que não prestam são jogados fora. ⁴⁹Assim acontecerá no fim dos tempos: os anjos virão para separar os homens maus dos que são bons. ⁵⁰E lançarão os maus na fornalha de fogo. Aí eles vão chorar e ranger os dentes”.

13, 47: Mt 13, 40-42.



13, 43: “brilharão como o sol” – Aqueles que ressuscitarem na vida eterna compartilharão da glória de Jesus.

consagrados) ou espiritual (5, 3), no caso daqueles cujo estado na vida envolve intrinsecamente a posse de bens (os leigos) (CIC 546).

Coisas novas e velhas – ⁵¹“Vocês compreenderam tudo isso?”. Eles responderam: “Sim”. ⁵²Então Jesus acrescentou: “E assim, todo doutor da Lei que se torna discípulo do Reino do Céu é como pai de família que tira do seu baú coisas novas e velhas.”

• A expressão evoca Dn 12, 3. Naquele contexto, Daniel prevê a ressurreição de todos, quando os “sábios” serão julgados por Deus e “brilharão” para sempre (Dn 12, 1-4).



13, 44-46: Duas parábolas destacam o mesmo ponto – a do tesouro escondido (13, 44) e a da pérola de grande valor (13, 45-46). Ambas expressam como é inestimável o valor do reino e como, para obtê-lo, é

• *Alegoricamente*,¹ o próprio Cristo é o grande tesouro escondido no campo das Escrituras do Antigo Testamento. Somente à luz de sua morte de cruz e sua ressurreição é que se pode compreender os mistérios do Antigo Testamento, que anunciam a vinda do Filho de Deus.

¹ Santo Irineu, *AH* 4, 26, 1.

A rejeição de Jesus em Nazaré – ⁵³Quando Jesus terminou de contar essas parábolas, saiu desse lugar, ⁵⁴e voltou para a sua terra. Ensinava as pessoas na sinagoga, de modo que ficavam admiradas. Diziam: “De onde vêm essa sabedoria e esses milagres? ⁵⁵Esse homem não é o filho do carpinteiro? Sua mãe não se chama Maria, e seus irmãos não são Tiago, José, Simão e Judas? ⁵⁶E suas irmãs, não moram conosco? Então, de onde vem tudo isso?”. ⁵⁷E ficaram escandalizados por causa de Jesus. Mas Jesus disse: “Um profeta só não é estimado em sua própria pátria e em sua família”. ⁵⁸E Jesus não fez muitos milagres aí, por causa da falta de fé deles.

13, 53: Mt 7, 28; 11, 1; 19, 1; 26, 1. • 13, 54: Mc 6, 1-6; Lc 4, 16-30.

13, 47-50: A parábola da rede que é lançada ao mar prefigura o dia do Juízo Final, quando os justos serão separados dos perversos (compare 13, 49 com 25, 32). Antes que isso aconteça, os homens e as mulheres de todas as nações serão reunidos no reino, assim como a *rede* retira do *mar* todos os tipos de *peixe* que ali estão. Os pescadores da parábola são os apóstolos e os missionários da Igreja (cf. 4, 18-19). Os *anjos* são relacionados, mais à frente, com a vinda do Cristo como o grande juiz (16, 27; 2Ts 1, 7).

13, 52: “todo doutor da Lei” – Os maiores conhecedores das leis e dos direitos provenientes do primeiro século do judaísmo. Aqui Jesus se refere à instrução dos apóstolos quanto ao Reino do Céu: eles são por Ele equipados e preparados para evangelizar e catequizar (28, 28-20) o mundo a respeito dos tesouros escondidos na Aliança *velha* e que foram manifestados na *nova*. O próprio ministério de Mateus segue esse mesmo padrão: ele cita continuamente o Antigo Testamento para explicar a sua própria realização completa em Jesus Cristo.]

13, 55: “seus irmãos” – Ver comentário sobre Mt 12, 46.



**ESTUDO DA PALAVRA:
PARÁBOLA (MT 13-3)**

Parabole (em grego): uma “comparação” feita, de forma falada ou escrita, com o intuito de ilustrar a relação entre duas coisas. Essa palavra é encontrada 48 vezes ao longo dos Evangelhos Sinóticos (Mateus, Marcos e Lucas), indicando histórias curtas que se utilizam de imagens familiares e figuras de linguagem para ilustrar uma verdade ou colocar em perspectiva alguma visão de mundo comum sobre a vida e a religião. A palavra também se encontra na versão grega do Antigo Testamento, no qual frequentemente é usada como tradução da palavra hebraica *mashal*, um termo que denota os gêneros literários tais como provérbios (1Sm 10, 12; 1Rs 4, 32), enigmas (Sl 49, 4; Eclo 47, 15) e alegorias (Ez 17, 2; 24, 3). No Novo Testamento, Jesus usa parábolas por dois motivos: revelar ou esconder os mistérios divinos.

1) As parábolas incitam os humildes a ir além das imagens para compreenderem a verdade de Deus (Mt 11, 25; Mc 4, 33); elas pintam cenários mundanos para, no fundo, revelar mistérios celestiais.

2) Do mesmo modo, elas obstruem os orgulhosos e escondem os mistérios divinos daqueles que não os merecem. Elas têm, portanto, uma segunda e negativa função e são *expressas* também no julgamento dos infieis (cf. Is 6, 9-10).

No evangelho de Mateus, Jesus vai do ensinamento direto (cap. 5 a 7) às parábolas (cap. 13) imediatamente depois de sua rejeição por parte dos fariseus (12, 14). Assim como os profetas Joatão (Jz 9, 7-15) e Natã (2Sm 12, 1-6), do Antigo Testamento, Jesus fala em parábolas para o benefício dos fiéis e o prejuízo dos descrentes.

14 **A morte de João Batista** – ¹Naquele tempo, Herodes, governador da Galiléia, ouviu falar da fama de Jesus. ²Disse então a seus oficiais: “Ele é João Batista, que ressuscitou dos mortos. É por isso que os poderes agem nesse homem”. ³De fato, Herodes tinha mandado prender João, amarrá-lo e colocá-lo na prisão. Fez isso por causa de Herodíades, a mulher do seu irmão. ⁴Porque João dizia a Herodes: “Não é permitido você se casar com ela”. ⁵Herodes queria matar João, mas tinha medo da multidão, porque esta considerava João um profeta. ⁶Quando chegou o aniversário de Herodes, a filha de Herodíades dançou diante de todos, e agradou a Herodes. ⁷Então Herodes prometeu com juramento que lhe daria tudo o que ela pedisse. ⁸Pressionada pela mãe, ela disse: “Dê-me aqui, num prato, a cabeça de João Batista”. ⁹O rei ficou triste, mas por causa do juramento na frente dos convidados, ordenou que atendessem o pedido dela, ¹⁰e mandou cortar a cabeça de João na prisão. ¹¹Depois, a cabeça foi levada num prato, foi entregue à moça, e esta a levou para a sua mãe. ¹²Os discípulos de João foram buscar o cadáver, e o enterraram. Depois foram contar a Jesus o que tinha acontecido.

14, 1: Mc 6, 14-16; Lc 9, 7-9; Mc 8, 28. • 14, 3: Mc 6, 17-18; Lc 3, 19-20; Lv 18, 16; 20, 21 • 14, 5: Mc 6, 19-29.

COMENTÁRIOS

14, 1-12: O martírio de João Batista é uma narrativa *flash-back* de eventos anteriores. Tal relato tem dois propósitos:

1. Marca uma distinção clara entre João e Jesus, já que se espalhavam rumores confusos entre o povo a respeito da identidade de ambos (14, 2; 16, 14).
2. Destaca o alto preço que se pode pagar pelo apostolado cristão (5, 10-11; 10, 39). A execução de João pelas forças governantes antecipa o destino de Jesus (17, 12) e os martírios dos primeiros cristãos (Ap 20, 4).

14, 1: “Herodes, governador” – Herodes Antipas (filho de Herodes, o Grande) governou a Galiléia e a Peréia de 4 a.C. a 39 d.C. (v. o comentário sobre Mt 2, 22).

14, 4: “Não é permitido” – João denunciou publicamente a união de Herodes Antipas e sua amante, Herodíades. O Novo Testamento não dá muitos detalhes, mas por fontes extra-bíblicas se pode saber que Herodes já desejava Herodíades ainda enquanto ela era casada com o seu meio-irmão, Filipe.¹ Para se

unirem, então, Herodes Antipas e Herodíades se divorciaram de seus respectivos cônjuges. A Lei Mosaica, no entanto, proíbe a união de um homem com a mulher de seu irmão enquanto este ainda for vivo (Lv 18, 16; 20, 21). Já que Filipe ainda estava vivo a essa época, João Batista pregou contra a união dos dois em público e os desonrou perante a população (Mc 6, 19).

14, 9: “ordenou” – Herodes Antipas succumbiu à pressão de seus próximos ao fazer um juramento ilícito (14, 7) perante seus ilustres convidados (14, 9). Ao condenar um homem inocente sem que tivesse havido julgamento algum, ele se coloca na corrente de imoralidade historicamente ligada à dinastia herodiana (v. comentários sobre Mt 2, 16 e 2, 22).



14, 13-21: A multiplicação dos pães feita por Jesus aparece em todos os evangelhos. O evento antecipa a instituição da Eucaristia, o que Mateus faz questão de ressaltar ao usar o mesmo conjunto de verbos (“pegou [...] abençoou [...] partiu [...] e deu”) agora, nessa ocasião (14, 19), e também novamente na última ceia (26, 26; Mc 14, 22).

¹ A filha de Herodíades, que dançou para Herodes Antipas e, após a execução de João Batista, trouxe ao governador a cabeça do profeta em uma bandeja, chamava-se Salomé e também se tornou tradicionalmente reconhecida – NT.

Alimentando cinco mil homens – ¹³Quando soube da morte de João Batista, Jesus partiu, e foi de barca para um lugar deserto e afastado. Mas, quando as multidões ficaram sabendo disso, saíram das cidades, e o seguiram a pé. ¹⁴Ao sair da barca, Jesus viu grande multidão. Teve compaixão deles, e curou os que estavam doentes. ¹⁵Ao entardecer, os discípulos chegaram perto de Jesus, e disseram: “Este lugar é deserto, e a hora já vai adiantada. Despede as multidões, para que possam ir aos povoados comprar alguma coisa para comer”. ¹⁶Mas Jesus lhes disse: “Eles não precisam ir embora. Vocês é que têm de lhes dar de comer”. ¹⁷Os discípulos responderam: “Só temos aqui cinco pães e dois peixes”. ¹⁸Jesus disse: “Tragam isso aqui.” ¹⁹Jesus mandou que as multidões se sentassem na grama. Depois pegou os cinco pães e os dois peixes, ergueu os olhos para o céu, pronunciou a bênção, partiu os pães, e os deu aos discípulos; os discípulos distribuíram às multidões. ²⁰Todos comeram, ficaram satisfeitos, e ainda recolheram doze cestos cheios de pedaços que sobraram. ²¹O número dos que comeram era mais ou menos cinco mil homens, sem contar mulheres e crianças.

14, 13: Mc 6, 32-44; Lc 9, 10-17; Jo 6, 1-13; Mt 15, 32-38. • 14, 19: Mc 14, 22; Lc 24, 30.

• Este milagre também recorda um episódio do Antigo Testamento 2Rs 4, 42-44, em que o profeta Eliseu multiplicou cerca de 20 pães (Jo 6, 9) para alimentar 100 homens, com alguma sobra (CIC 1335).



14, 19: “os discípulos distribuíram às multidões” – Jesus alimenta a multidão através das mãos dos discípulos.

Jesus anda sobre o mar – ²²Logo em seguida, Jesus obrigou os discípulos a entrar na barca, e ir na frente, para o outro lado do mar, enquanto Ele despedia as multidões. ²³Logo depois de despedir as multidões, Jesus subiu sozinho ao monte, para rezar. Ao anoitecer, Jesus continuava aí sozinho. ²⁴A barca, porém, já longe da terra, era batida pelas ondas, porque o vento era contrário. ²⁵Entre as três e as seis da madrugada, Jesus foi até os discípulos, andando sobre o mar. ²⁶Quando os discípulos o avistaram, andando sobre o mar, ficaram apavorados, e disseram: “É um fantasma!” E gritaram de medo. ²⁷Jesus, porém, logo lhes disse: “Coragem! Sou Eu. Não tenham medo”. ²⁸Então Pedro lhe disse: “Senhor, se és Tu, manda-me ir ao teu encontro, caminhando sobre a água”. ²⁹Jesus respondeu: “Venha”. Pedro desceu da barca, e começou a andar sobre a água, em direção a Jesus. ³⁰Mas ficou com medo quando sentiu o vento e, começando a afundar, gritou: “Senhor, salva-me”. ³¹Jesus logo estendeu a mão, segurou Pedro, e lhe disse: “Homem fraco na fé, por que você duvidou?”. ³²Então eles subiram na barca. E o vento parou. ³³Os que estavam na barca se ajoelharam diante de Jesus, dizendo: “De fato, tu és o Filho de Deus”.

14, 22: Mc 6, 45-46; Jo 6, 15-17. • 14, 24: Mc 6, 47-52; Jo 6, 16-21. • 14, 26: Lc 24, 37. 14, 29: Jo 21, 7. • 14, 31: Mt 6, 30; 8, 26; 16, 8. • 14, 33: Mt 28, 9. 17.

*Moralmente,*² os cinco pães significam a esmola dada aos pobres (cf. 6, 2-4). Aqui, acentua-se que o tamanho da doação é menos importante que a generosidade do coração de quem a faz (cf. Lc 21, 1-4; 2Cor 9, 6-8). As doações feitas aos pobres são devolvidas aos doadores, multiplicadas por Deus em forma de riquezas celestiais (6, 19-21; CIC 1434).

• O papel dos apóstolos como intermediários aponta para sua missão de sacerdotes (cf. 15, 36). Eles distribuem o pão que provém de Jesus da mesma forma como distribuirão a Eucaristia, como sacerdotes da Nova Aliança, que dão o Pão da Vida através da santa comunhão na Igreja (1Cor 10, 16; CIC 1329).

14, 25: “Entre as três e as seis da madrugada” – As doze horas da noite que se

2 São João, Patriarca de Alexandria.

Jesus cura os doentes de Genesaré – ³⁴Acabando de atravessar, desembarcaram em Genesaré. ³⁵Os homens desse lugar, reconhecendo-os, espalharam a notícia por toda a região. Então levaram a Jesus todos os doentes, ³⁶e pediram que pudessem ao menos tocar a barra da roupa dele. E todos os que tocaram, ficaram curados.

14, 34: Mc 6, 53-56; Jo 6, 22-26. • 14, 36: Mc 3, 10; Nm 15, 38; Mt 9, 20.

passam das seis da tarde às seis da manhã eram divididas em quatro “vigias” (cf. Mc 13, 35). Por esse evento ter acontecido entre as três e as seis da madrugada, percebe-se que os apóstolos estavam já batalhando contra o mar por quase toda a noite.

“**Caminhando sobre a água**”: Ver comentário sobre Mt 8, 27.



14, 27: “Sou eu” – A tradução literal seria “eu sou”.

• À luz de seu poder sobre a natureza, a fala de Jesus pode ser comparada à auto-revelação de Deus na sarça ardente (Ex 3, 14; cf. Jo 8, 58; 18, 5-6). Jesus vai além de responder à dúvida dos discípulos e clama para si próprio uma divina identidade e autoridade (14, 33).

14, 33: “tu és o Filho de Deus” – Antecipação da confissão da divindade de Jesus por parte de Pedro (16, 16) e do soldado romano (27, 54).

15 A tradição dos antigos – ¹Alguns fariseus e diversos doutores da Lei, de Jerusalém, se aproximaram de Jesus, e perguntaram: ²“Por que os teus discípulos desobedecem a tradição dos antigos? De fato, comem pão sem lavar as mãos!”. ³Jesus respondeu: “Por que é que vocês também desobedecem ao mandamento de Deus em nome da tradição de vocês? ⁴Pois Deus disse: ‘Honre seu pai e sua mãe’. E ainda: ‘Quem amaldiçoa o pai ou a mãe, deve morrer’. ⁵E no entanto vocês ensinam que alguém pode dizer ao seu pai e à sua mãe: ‘O sustento que vocês poderiam receber de mim é consagrado a Deus’. ⁶E essa pessoa fica dispensada de honrar seu pai ou sua mãe. Assim vocês esvaziaram a palavra de Deus com a tradição de vocês. ⁷Hipócritas! Isaías profetizou muito bem sobre vocês, quando disse:

⁸“Esse povo me honra com os lábios, mas o coração deles está longe de mim.

⁹“Não adianta nada eles me prestarem culto, porque ensinam preceitos humanos””.

15, 1: Mc 7, 1-3. • 15, 4: Ex 20, 12; Dt 5, 16; Ex 21, 17; Lv 20, 9. • 15, 1: Is 29, 13.

COMENTÁRIOS

15, 1-20: Os conflitos entre Jesus e os líderes religiosos da época centravam-se basicamente nas tradições orais adicionadas à Lei Mosaica. Ao se dirigir aos fariseus, Jesus se refere à limpeza das mãos (15, 2. 20) e ao costume da consagração dos bens e propriedades materiais (15, 5) como sendo “a tradição de vocês” (15, 6). Ele nega que esses costumes farisaicos tenham o mesmo peso e a mesma importância que a Lei de Deus (cf. Cl 2, 8). Os fariseus estavam violando a *palavra de Deus* (15, 6) ao super-valorizarem a importân-

cia das suas próprias tradições à custa da Lei. Apenas as tradições cujo alicerce é o Cristo e a autoridade por Ele confiada aos seus apóstolos é que têm autoridade divina, uma vez que não são humanas em sua origem (1 Cor 11, 2; 2 Ts 2, 15; 3, 6; v. também o comentário do nosso estudo bíblico sobre o evangelho de Marcos sobre Mc 7, 3, além do *Ensaio sobre um tópico: Quem são os fariseus?*, também nesse estudo, em Mc 2) (CIC 83, 84).

15, 5: “é consagrado a Deus” – Acontecia, por vezes, de algum fariseu receber

As coisas que tornam o homem impuro – ¹⁰Em seguida, Jesus chamou a multidão para perto dele, e disse: “Escutem e compreendam. ¹¹Não é o que entra na boca que torna o homem impuro, mas o que sai da boca, isso torna o homem impuro”. ¹²Então os discípulos se aproximaram, e disseram a Jesus: “Sabes que os fariseus ficaram escandalizados com o que disseste?”. ¹³Jesus respondeu: “Toda planta que não foi plantada pelo meu Pai celeste será arrancada. ¹⁴Não se preocupem com eles. São cegos guiando cegos. Ora, se um cego guia outro cego, os dois cairão num buraco”. ¹⁵Então Pedro disse a Jesus: “Explica-nos a parábola”. ¹⁶Jesus respondeu: “Será que vocês ainda não entendem? ¹⁷Vocês não compreendem que tudo o que entra na boca passa pelo estômago e acaba indo para a privada? ¹⁸Ao contrário, as coisas que saem da boca vêm do coração e essas é que tornam o homem impuro. ¹⁹Pois é do coração que vêm as más intenções: crimes, adultério, imoralidade, roubos, falsos testemunhos, calúnias. ²⁰Essas coisas é que tornam o homem impuro; mas comer sem lavar as mãos não torna o homem impuro”.

15, 11: At 10, 14-15; 1Tm 4,3. • 15, 13: Is 60, 21; Jo 15, 2. • 15, 14: Lc 6, 39; Mt 23, 16. 24; Rm 2, 19
15, 19: Gl 5, 19-21; 1Cor 6, 9-10; Rm 14, 14

suporte financeiro dos pais para poder doar dinheiro para o Templo. Essa tradição de consagração provavelmente era reforçada por um voto, porque o dinheiro oferecido ao Templo jamais poderia ser retornado ao doador. Ainda que a prática de doações para o Templo aparentasse ser obra de piedade, seu efeito concreto infringia o mandamento de Deus de *honrar* os pais (15, 4; Ex 20, 12).

15, 19: “é do coração” – A verdadeira corrupção é a espiritual a moral, não a cerimonial. Os escribas e fariseus enfatizavam indevidamente as cerimônias externas e assim comprometiam o verdadeiro espírito da religião de Israel. A verdadeira e violenta profanação está arraigada nas más intenções interiores do praticante e é manifestada através de ações pecaminosas (5, 28). Jesus enfatiza a

necessidade de se ter pureza de coração internamente, não uma pureza ritualística vazia do corpo (CIC 2517; v. também o comentário sobre Mt 5, 8).

15, 21: “Tiro e Sidônia” – Cidades de gentios da região da Fenícia, ao norte da Palestina. De acordo com a tabela das nações, em Gn 10, Sídón foi o primeiro filho de Canaã (Gn 10, 15) e, por isso, a mulher é uma “cananéia” (15, 22). O evangelista Marcos se refere a ela como sendo de origem siro-fenícia (Mc 7, 26).



16, 26: “o pão dos filhos” – Isto é, Israel e o direito que lhe fora herdado de receber as graças de Deus. Como em 8, 5-13, Jesus cura uma gentia fiel mesmo tendo a intenção de primeiro exercer seu

A fé da mulher cananéia – ²¹Jesus saiu daí, e foi para a região de Tiro e Sidônia. ²²Nisso, uma mulher cananéia, que morava nessa região, gritou para Jesus: “Senhor, filho de Davi, tem piedade de mim. Minha filha está sendo cruelmente atormentada por um demônio”. ²³Mas Jesus nem lhe deu resposta. Então os discípulos se aproximaram e pediram: “Manda embora essa mulher, porque ela vem gritando atrás de nós”. ²⁴Jesus respondeu: “Eu fui mandado somente para as ovelhas perdidas do povo de Israel”. ²⁵Mas a mulher, aproximando-se, ajoelhou-se diante de Jesus, e começou a implorar: “Senhor, ajuda-me”. ²⁶Jesus lhe disse: “Não está certo tirar o pão dos filhos, e jogá-lo aos cachorrinhos”. ²⁷A mulher disse: “Sim, Senhor, é verdade; mas também os cachorrinhos comem as migalhas que caem da mesa de seus donos”. ²⁸Diante disso, Jesus lhe disse: “Mulher, é grande a sua fé! Seja feito como você quer”. E desde esse momento a filha dela ficou curada.

15, 21: Mc 7, 24-30. • 15, 24: Mt 10, 6. 23. • 15, 25: Lc 6, 39; Mt 23, 16. 24; Rm 2, 19. • 15, 19: Mt 9, 22. 28; Mc 10, 52; Lc 7, 50; 17, 19.

Jesus cura multidões – ²⁹Saindo daí, Jesus foi para a margem do mar da Galiléia, subiu a montanha, e sentou-se. ³⁰Numerosas multidões se aproximaram de Jesus, levando consigo coxos, aleijados, cegos, mudos, e muitos outros doentes. Então os colocaram aos pés de Jesus. E Ele os curou. ³¹As multidões ficaram admiradas, vendo que os mudos falavam, os aleijados saravam, os coxos andavam e os cegos viam. E glorificaram o Deus de Israel.

15, 29: Mc 7, 31-37.

ministério aos israelitas (15, 24; 10, 6; cf. Rm 1, 16).

• *Moralmente*,¹ a mulher cananéia representa a alma arrependida. Incapaz de se vangloriar, o pecador contrito inclina-se totalmente à misericórdia divina; reconhece-se extremamente fraco perante Deus e pode apenas suplicar por suas bênçãos, incapaz até de pedir ao seu Senhor os dons que Ele confere livremente. Apenas os humildes e fiéis são recompensados com a cura do espírito.

15, 32-39: Esse episódio é similar ao narrado em 14, 13-21. As diferenças estão no número de pessoas (15, 38; 14, 21), no número de pães (15, 34; 14, 17) e no número de cestos com sobras de alimento (15, 37; 14, 20). Ambas as narrativas enfatizam o poder miraculoso de Jesus e a abundância de alimento que Ele providencia (cf. 16, 9-10; v. também o comentário do nosso estudo bíblico sobre o evangelho de Marcos, em Mc 8, 19).



MAPA: O MINISTÉRIO DE JESUS PARA ALÉM DA GALILÉIA
Na região de Tiro e Sidônia, Jesus expulsa um demônio da filha de uma mulher siro-fenícia (Mc 7, 24-30). Na região da Cesaréia de Filipe, Pedro fez sua grande declaração de fé em Jesus como o Messias de Deus (Mt 16, 13-19). Jesus voltou à Galiléia por meio da região da Decápole, atravessando o rio Jordão ao sul do mar da Galiléia.

Alimentando quatro mil homens – ³²Jesus chamou seus discípulos, e disse: “Tenho compaixão dessa multidão, porque já faz três dias que estão comigo, e não têm nada para comer. Não quero mandá-los embora sem comer, para que não desmaiem pelo caminho”. ³³Os discípulos disseram: “Onde vamos buscar, nesse deserto, tantos pães para matar a fome de tão grande multidão?”. ³⁴Jesus perguntou: “Quantos pães vocês têm?”. Eles responderam: “Sete, e alguns peixinhos”. ³⁵Jesus mandou que a multidão se sentasse no chão. ³⁶Depois pegou os sete pães e os peixes, agradeceu, partiu-os, e ia dando aos discípulos, e os discípulos para as multidões. ³⁷Todos comeram, e ficaram satisfeitos. E encheram sete cestos com os pedaços que sobraram. ³⁸Os que tinham comido eram quatro mil homens, sem contar mulheres e crianças. ³⁹Tendo despedido as multidões, Jesus subiu na barca, e foi para o território de Magadá.

15, 32: Mc 8, 1-10; Mt 14, 13-21; Mt 9, 36.

¹ São João Crisóstomo, *Hom. in Matt.* 52).

16 O pedido por um sinal – ¹Os fariseus e saduceus se aproximaram de Jesus e, para tentá-lo, pediram que mostrasse para eles um sinal do céu. ²Jesus, porém, respondeu: “Ao pôr-do-sol vocês dizem: ‘Vai fazer bom tempo, porque o céu está vermelho’. ³E de manhã: ‘Hoje vai chover, porque o céu está vermelho-escuro’. Olhando o céu, vocês sabem prever o tempo, mas não são capazes de interpretar os sinais dos tempos. ⁴Uma geração má e adúltera busca um sinal, mas nenhum sinal lhe será dado, a não ser o sinal de Jonas”. Então Jesus os deixou, e foi embora.

16, 1: Mc 8, 11-12; Lc 11, 16. 29; 12, 54-56; Mt 12, 38-39; Jo 2, 18; 6, 30. • 16, 1: Jn 3, 4-5

COMENTÁRIOS

16, 1: “um sinal do céu” – Os fariseus e saduceus eram capazes de interpretar sinais no céu e prever as condições climáticas, mas eram totalmente cegos quanto às questões do espírito (15, 14; 23, 16). Jesus se recusa a fazer milagres para aqueles que não estão convencidos de sua autoridade – afinal, ela já tinha sido manifestada através das curas que ele havia operado (11, 2-5; 1Cor 1, 22).

16, 4: “o sinal de Jonas” – Uma referência à ressurreição de Jesus (v. comentário sobre Mt 12, 41).

16, 11: “o fermento” – Símbolo de uma influência oculta e eficaz (13, 33). Aqui, seu simbolismo é negativo e indica o perigo dos ensinamentos dos *fariseus* e dos *saduceus*, capazes que prevenir as pessoas de entrarem no reino (cf. 12, 24; 22, 23; 23, 13). Esse aviso de Jesus é uma preparação que Ele faz para o que logo viria a acontecer – a garantia que Ele concede a Pedro de ser o portador da verdadeira doutrina cristã.



16, 13-20: Os evangelhos geralmente destacam a preeminência de Pedro em relação aos outros apóstolos (10, 2; Lc 22, 31-32; Jo 1, 42; 21, 15-18). Este episódio define explicitamente o seu papel.

- A bênção que Jesus concede a Pedro baseia-se em várias tradições do Antigo Testamento a respeito da Aliança de Deus com Davi. Os conceitos chave e as principais imagens usadas (*Messias / Filho do Deus vivo / pedra / construirei / poder da morte / chaves / reino*) – tudo está conectado ao estabelecimento do reino de Israel sob o comando de Davi e sua confirmação por Salomão, com a construção do Templo (cf. 2Sm 7, 4-17; Sl 2, 7; 89; 132). Por mais que o império de Davi tenha desmoronado em 586 a.C., Jesus anuncia que ele seria restaurado pela Nova Aliança (cf. Mc 11, 10; Lc 1, 32-33; At 15, 15-18). Cristo é o tão aguardado “filho de Davi”, que reconstrói o antigo reino e o transforma na Igreja (v. a *Introdução ao evangelho de Mateus: Temática*).

O fermento dos fariseus e dos saduceus – ⁵Quando atravessaram para o outro lado do mar, os discípulos se esqueceram de levar pães. ⁶Então Jesus disse: “Prestem atenção, e tomem cuidado com o fermento dos fariseus e dos saduceus”. ⁷Os discípulos pensavam consigo mesmos: “É porque não trouxemos pães”. ⁸Mas Jesus percebeu, e perguntou: “Por que vocês estão pensando na falta de pães, homens de pouca fé? ⁹Vocês ainda não compreendem, nem mesmo se lembram dos cinco pães para cinco mil homens, e de quantos cestos vocês recolheram? ¹⁰Nem dos sete pães para quatro mil homens, e quantos cestos vocês recolheram? ¹¹Como é que não compreendem que Eu não estava falando de pão com vocês? Tomem cuidado com o fermento dos fariseus e saduceus”. ¹²Então eles perceberam que Jesus não tinha falado para tomar cuidado com o fermento de pão, mas com o ensinamento dos fariseus e saduceus.

16, 5: Mc 8, 13-21. • 16, 6: Lc 12, 1. • 16, 8: Mt 6, 30; 8, 26; 14, 31. • 16, 9: Mt 14, 17-21. • 16, 10: Mt 15, 34-38.

A declaração de Pedro de que Jesus é o Cristo – ¹³Jesus chegou à região de Cesaréia de Filipe, e perguntou aos seus discípulos: “Quem dizem os homens que é o Filho do Homem?”. ¹⁴Eles responderam: “Alguns dizem que é João Batista; outros, que é Elias; outros ainda, que é Jeremias, ou algum dos profetas”. ¹⁵Então Jesus perguntou-lhes: “E vocês, quem dizem que eu sou?”. ¹⁶Simão Pedro respondeu: “Tu és o Messias, o Filho do Deus vivo”. ¹⁷Jesus disse: “Você é feliz, Simão, filho de Jonas, porque não foi um ser humano que lhe revelou isso, mas o meu Pai que está no céu. ¹⁸Por isso eu lhe digo: você é Pedro, e sobre essa pedra construirei a minha Igreja, e o poder da morte nunca poderá vencê-la. ¹⁹Eu lhe darei as chaves do Reino do Céu, e o que você ligar na terra será ligado no céu, e o que você desligar na terra será desligado no céu”. ²⁰Jesus, então, ordenou aos discípulos que não dissessem a ninguém que ele era o Messias.

16, 13: Mc 8, 27-30; Lc 9, 18-21. • 16, 14: Mt 14, 2; Mc 6, 15; Lc 9, 7-8; Jo 1, 21. • 16, 16: Mt 1, 16; Jo 11, 27; 1, 49.

16, 17: 1Cor 15, 50; Gl 1, 16; Ef 6, 12; Hb 2, 14. • 16, 18: Jo 1, 40-42; 21, 15-17; 1Cor 15, 5.

16, 19: Is 22, 22; Ap 1, 18; Mt 18, 18; Jo 20, 23. • 16, 20: Mt 8, 4; Mc 3, 12; 5, 43; 7, 36; 9, 9

O Concílio Vaticano I (1870) cita essa passagem como suporte bíblico para a primazia de Pedro e de seus sucessores papas. A interpretação do concílio levanta cinco pontos da própria doutrina.

1. O Magistério construído sobre Pedro é instituído pelo próprio Jesus Cristo.
2. A Pedro é dada uma função singular: principal instrutor e governador (ou seja, possuidor da primazia jurídica) da Igreja.
3. Pedro é a cabeça visível da Igreja.
4. A autoridade de Pedro é passada aos seus sucessores.
5. Através de Pedro, o próprio Cristo garante a preservação infalível do evangelho dentro da Igreja.

16, 13: “Cesaréia de Filipe” – Uma cidade povoada predominantemente por gentios, ao norte da Palestina. Era originalmente chamada de “Panias” (ou Baniyas) porque nela havia um santuário construído em homenagem ao deus greco-romano Pã (ou Lupércio). Quando Filipe, o filho de Herodes, o Grande, se tornou o governador daquela região (de 4 a.C. a 33 d.C.), ele reconstruiu a cidade e a renomeou em homenagem a Tibério César e adicionou também seu nome no título, a fim de diferenciá-la da outra cidade chamada Cesaréia, na costa da Judéia.

16, 16: “o Filho do Deus vivo” – Tal confissão revela duas coisas: em primeiro lugar, que Pedro proclama o mistério da divindade de Cristo já como o cabeça e porta-voz da Igreja (cf. 11, 25-27; 14, 33); e em segundo lugar, que Pedro já vê Jesus como o esperado rei-Messias de Israel (26, 63; Jo 1, 49). A sutil associação entre os títulos de *Messias* e de *Filho* reflete uma tradição do Antigo Testamento segundo a qual era conhecido que os reis de Israel gozavam de uma relação ímpar com Deus: eram como que filhos para Ele (2Sm 7, 14; Sl 2, 7; 89, 27; CIC 436, 439, 442).



16, 17: “Você é feliz” – Jesus abençoa Pedro e o eleva à posição de patriarca primordial da Nova Aliança.

- Alguns paralelos entre a narrativa do Gênesis e essas palavras de Jesus (16, 17-19) sugerem que Pedro assume um papel similar ao de Abraão na história da salvação: primeiro porque ambos são abençoados por Deus (Gn 14, 19); segundo porque ambos respondem com uma fé heróica (Hb 11, 8); terceiro porque ambos recebem uma missão de Deus (Gn 12, 1-3); quarto porque ambos têm seus nomes alterados (Gn 17, 5); quinto porque ambos são chamados de “rocha” (Is 51, 1-2); e sexto porque a ambos é assegurada a vitória sobre as “portas” de seus inimigos (Gn 22, 17).

“Simão, filho de Jonas”: o nome do verdadeiro pai de Pedro é “João” (Jo 1, 42); portanto, o título que Jesus lhe confere é simbólico: primeiro porque o papel de Jesus como o novo Jonas (12, 39-41) pode sugerir que Ele vê Pedro como um filho espiritual seu; segundo porque “Jonas”, em hebraico, significa “pomba” e, portanto, pode ser que Jesus esteja se referindo à relação entre Pedro e o Espírito Santo. Certamente, o mesmo Espírito que, em forma de pomba, confirmou a filiação divina de Jesus em seu batismo (3, 16), inspira agora a resposta de Pedro.

“Não foi um ser humano”: enfatiza-se, com isso, as limitações e fraquezas naturais ao homem (Eclo 14, 18; Gl 1, 16).



16, 18: “construirei” – Jesus retrata a Igreja como sendo um Templo espiritual (cf. 1Cor 3, 16-17; 2Cor 6, 16; Ef 2, 19-22; 1Pd 2, 4-8).

- Do mesmo modo que, no Antigo Testamento, Salomão foi filho de Davi e ungido como construtor do Templo, no Novo Testamento, Jesus também é “filho” de Davi e de Deus, o Messias ungido e Aquele que constrói a Igreja. Em outra parte do evangelho, o próprio Jesus diz ser não só similar, mas superior ao rei Salomão (12, 42; v. comentário sobre Mt 7, 24).

“Minha Igreja”: dentre todos os evangelhos, apenas no de Mateus aparece a palavra *Igreja* (18, 17). Na versão grega do Antigo Testamento, essa palavra é freqüentemente usada para designar a “congregação” ou “assembléia” do povo israelita em união com Deus. Da mesma maneira, Jesus a emprega para designar a comunidade da Nova Aliança.

“O poder da morte”:¹ no Antigo Testamento,

¹ Outras traduções brasileiras usam o termo “portas do inferno”; algumas traduções inglesas usam “portões do Hades” – NT.

mento, o Hades (também chamado de “Sheol” ou “cova”) era o lugar para onde as almas dos mortos desciam e, para lá entrarem, atravessavam seus portões (Sl 9, 13. 17; Sb 16, 13; Is 38, 10; Jo 2, 2). Não era ainda o inferno, mas um reino temporário onde as almas ficavam detidas até o Juízo Final (Ap 20, 13-15). O Hades também era a habitação das forças do mal que acarretavam morte e desilusão (Ap 6, 8; 20, 1-3). De acordo com a tradição judaica, a pedra fundamental do Templo de Jerusalém bloqueava um longo e retilíneo corredor que dava acesso direto a esse submundo (Ap 9, 1-2; 20, 1-3). O Templo, construído firmemente sobre essa pedra, era, portanto, o centro do universo – a junção entre o céu e o Hades. Sabendo e partindo desse plano de fundo, Jesus garante que os poderes da morte e da desilusão não prevalecerão sobre a Igreja – isto é, o novo Templo, construído sobre Pedro. Ele capacita Pedro (e seus sucessores) de conter o mal já na porta de entrada e proclamar, seguramente, o evangelho (CIC 552).



16, 19: “as chaves” – Símbolo de autoridade no ensinamento (Lc 11, 52). Jesus consagra Pedro como o principal instrutor da Igreja, cujo ofício será continuado por seus sucessores. O uso do plural em *chaves* pode implicar numa relação com os “portões” em 16, 18 e sugerir assim que é também parte do ofício de Pedro, entre outras coisas, ter autoridade para libertar as almas dos justos que, embora estejam detidas no Hades, estão destinadas ao céu.

- No reino de Davi do Antigo Testamento, o rei escolhia um grupo de ministros para realizarem tarefas específicas do reino (1Rs 4, 1-6; 2Rs 18, 37). Desse grupo, um dos ministros era elevado à condição de superior dos outros, respondendo apenas ao próprio rei. Essa

Jesus prediz sua morte e ressurreição – ²¹E Jesus começou a mostrar aos seus discípulos que devia ir a Jerusalém, e sofrer muito da parte dos anciãos, dos chefes dos sacerdotes e dos doutores da Lei, e que devia ser morto e ressuscitar ao terceiro dia. ²²Então Pedro levou Jesus para um lado, e o repreendeu, dizendo: “Deus não permita tal coisa, Senhor! Que isso nunca te aconteça!”. ²³Jesus, porém, voltou-se para Pedro, e disse: “Fique longe de mim, Satanás! Você é uma pedra de tropeço para mim, porque não pensa as coisas de Deus, mas as coisas dos homens!”.

16, 21: Mc 8, 31 – 9, 1; Lc 9, 22-27; Mt 17, 22-23; 20, 17-19; Lc 17, 25; Mt 12, 26, 2. • 16, 23: Mt 4, 10.

estrutura de governo era comum nos reinos antigos do oriente (cf. Gn 41, 39-43; Est 3, 1-2). Aqui, Jesus evoca Is 22, 15-25, em que o governo de um primeiro ministro é passado ao seu sucessor através do ato simbólico de transferência da “chave da casa [isto é, do reino] de Davi” (Is 22, 22). No evangelho de Mateus, Jesus é o novo rei da casa de Davi e aponta Pedro como seu primeiro ministro no *Reino do Céu* do qual faz parte a Igreja. Assim como em Is 22, a posição designada a Pedro se estende também a seus sucessores; o ofício durará enquanto o próprio reino durar. Confiado com as chaves, Pedro empunha o poder e a autoridade do próprio Cristo (cf. Ap 1, 18; 3, 7).

“O que você ligar [...] desligar”: um modo de dizer típico dos primórdios da literatura judaica. A metáfora carrega em si várias significações:

1. Significa autoridade de ensinamento e capacidade de tomar decisões derradeiras. Na época, dizia-se que os mestres rabinos davam interpretações “derradeiras” da Lei.
2. Denota o poder de incluir ou excluir membros de uma comunidade eclesial.

3. Sinaliza também o poder de perdoar os pecados. O verbo *desligar* é usado com esse sentido em Ap 1, 5 (traduzido por “libertou”) e também pelos primeiros Padres da Igreja (cf. Jo 20, 23).

Portanto, Pedro é investido da autoridade do próprio Cristo e elevado a principal instrutor e governador do reino de Deus; por meio dele, o *céu* governa a Igreja na *terra* (cf. Jo 21, 15-17; 1Tm 3, 15; CIC 553, 1445).

16, 23: “Satanás” – Em contraste com a bênção que concede a Pedro em 16, 17, dessa vez Jesus o repreende. A confissão de fé de Pedro (16, 16) foi inspirada pelo Pai; neste caso, no entanto, são seus instintos naturais que se opõem a um Messias sofredor. Ele não pode, por conta própria, ver a necessidade espiritual da Paixão de Cristo para os pecadores.

16, 24: “tome a sua cruz” – Cristo lança esse desafio logo após predizer sua própria Paixão (16, 21). Com isso Ele destaca que o sofrimento e a auto-negação são centrais na vida cristã (cf. Rm 8, 17; Cl 1, 24; CIC 618; v. também o comentário sobre Mt 10, 38).

A auto-negação e a cruz – ²⁴Então Jesus disse aos discípulos: “Se alguém quer me seguir, renuncie a si mesmo, tome a sua cruz, e me siga. ²⁵Pois, quem quiser salvar a sua vida, vai perdê-la; mas, quem perde a sua vida por causa de mim, vai encontrá-la. ²⁶Com efeito, que adianta ao homem ganhar o mundo inteiro, mas perder a sua vida? O que um homem pode dar em troca da sua vida? ²⁷Porque o Filho do Homem virá na glória do seu Pai, com os seus anjos, e então retribuirá a cada um de acordo com a própria conduta. ²⁸Eu garanto a vocês: alguns daqueles que estão aqui, não morrerão sem terem visto o Filho do Homem vindo com o seu Reino”.

16, 24: Mt 10, 38-39; Lc 14, 27; 17, 33; Jo 12, 25. • 16, 27: Mt 10, 33; Lc 12, 9. 1Jo 2, 28; Rm 2, 6; Ap 22, 12.

16, 28: Mt 10, 23; 1Cor 16, 22; 1Ts 4, 15-18; Ap 1, 7; Tg 5, 7.

ESTUDO DA PALAVRA: PEDRO (MT 16-18)

Petros (em grego): um nome masculino que significa “rocha” ou “pedra”. Mesmo sendo uma palavra comum da língua grega, não há evidências de que Pedro fosse usado como nome próprio de alguém antes de Jesus renomear Simão com esse termo. Isso acentua mais ainda o simbolismo do nome: Simão é ele mesmo a pedra sobre a qual Jesus constrói a Igreja. Algumas evidências na seqüência do Novo Testamento sugerem que as palavras de Jesus a Pedro foram originalmente pronunciadas em aramaico. Nessa língua, a palavra *kepha* é o equivalente de *Pedro* e significa “rocha notável” – uma rocha apropriada para servir de fundação para uma construção. Esse nome aramaico é preservado no Novo Testamento e aparece por nove vezes como “Cefas”

(Jo 1, 42; 1Cor 1, 12; 15, 5; Gl 1, 18; 2, 9 etc.). Num outro plano, a mudança de nome de Simão recorda o episódio do Antigo Testamento em que Deus muda o nome de Abrão para Abraão (Gn 17, 5) e o de Jacó para Israel (Gn 32, 28). Pedro então passa a ser parte dessa tradição bíblica em que os novos nomes dados por Deus significam novos papéis na história da salvação. No caso de Pedro, ele é designado por Jesus como a pedra fundamental da Igreja da Nova Aliança. Assim como os templos do Antigo Testamento eram construídos sobre uma grande rocha (1Rs 5, 17; Esd 3, 10), também Jesus constrói a sua Igreja, no Novo Testamento, sobre a pedra fundamental que é Pedro (cf. Ef 2, 20; Ap 21, 14).



São Pedro recebendo as chaves de Jesus, mosaico da Basílica de São Pedro, Vaticano.

17 **A transfiguração** – ¹Seis dias depois, Jesus tomou consigo Pedro, os irmãos Tiago e João, e os levou a um lugar à parte, sobre uma alta montanha. ²E se transfigurou diante deles: o seu rosto brilhou como o sol, e as suas roupas ficaram brancas como a luz. ³Nisso lhes apareceram Moisés e Elias, conversando com Jesus. ⁴Então Pedro tomou a palavra, e disse a Jesus: “Senhor, é bom ficarmos aqui. Se queres, vou fazer aqui três tendas: uma para Ti, outra para Moisés, e outra para Elias”. ⁵Pedro ainda estava falando, quando uma nuvem luminosa os cobriu com sua sombra, e da nuvem saiu uma voz que dizia: “Este é o meu Filho amado, que muito me agrada. Escutem o que Ele diz”. ⁶Quando ouviram isso, os discípulos ficaram muito assustados, e caíram com o rosto por terra. ⁷Jesus se aproximou, tocou neles e disse: “Levantem-se, e não tenham medo”. ⁸Os discípulos ergueram os olhos, e não viram mais ninguém, a não ser somente Jesus. ⁹Ao descerem da montanha, Jesus ordenou-lhes: “Não contem a ninguém essa visão, até que o Filho do Homem tenha ressuscitado dos mortos”. ¹⁰Os discípulos de Jesus lhe perguntaram: “O que querem dizer os doutores da Lei, quando falam que Elias deve vir antes?”. ¹¹Jesus respondeu: “Elias vem para colocar tudo em ordem. ¹²Mas eu digo a vocês: Elias já veio, e eles não o reconheceram. Fizeram com ele tudo o que quiseram. E o Filho do Homem será maltratado por eles do mesmo modo”. ¹³Então os discípulos compreenderam que Jesus falava de João Batista.

17, 1: Mc 9, 2-10; Lc 9, 28-36; 2Pd 1, 17-18; Mt 26, 37; Mc 5, 37; 13, 3. • 17, 5: Mt 3, 17; Is 42, 1; Sl 2, 7; Jo 12, 28.

17, 9: Mt 8, 4; 16, 20; Mc 3, 12; 5, 43; 7, 36. • 17, 10: Mc 9, 11-13; Mt 11, 14; Ml 4, 5. • 17, 12: Mt 16, 21; 17, 22; 20, 17; 26, 2; Lc 17, 25.

COMENTÁRIOS



17, 1-8: A transfiguração de Jesus confirma sua filiação divina (3, 17; 16, 16) e também reconforta três dos primeiros líderes da Igreja (*Pedro, Tiago e João*) após o primeiro prenúncio de Jesus sobre sua Paixão (16, 21). Ao se *transfigurar diante deles*, Jesus desvela sua glória, que será mais tarde manifestada plenamente em sua ressurreição e compartilhada no céu por seus anjos (28, 2-3) e pela Virgem Maria, sua mãe (Ap 12, 1) (CIC 555, 556).

- O episódio do Antigo Testamento análogo a este é a auto-revelação de Deus a Moisés no Monte Sinai: primeiro porque ambos acontecem no sétimo dia (17, 1; Ex 24, 16); segundo porque ambos acontecem numa montanha (17, 1; Ex 24, 13. 15); terceiro porque tanto Jesus quanto Moisés levam três companheiros consigo (17, 1; Ex 24, 1); quarto porque as faces de Jesus e de Moisés brilharam com a glória de Deus (17, 2; Ex 34, 29); quinto porque em ambos estava presente a nuvem luminosa que se forma com a presença de Deus; e sexto porque em ambos os eventos, Deus falou através de uma voz divina (17, 5; Ex 24, 16).

Anagógicamente,¹ a glória que brilhou à volta dos discípulos no Monte da Transfiguração representa a contemplação de Deus na eternidade, quando os espíritos dos santos serão pra sempre erguidos para além das preocupações mais baixas e submersos na luz resplandecente da Trindade.

17, 3: “Moisés e Elias” – Representam, respectivamente, a presença da Lei e a dos Profetas (cf. 5, 17; 7, 12). Eles são as únicas figuras que ouviram a voz de Deus no topo do Monte Sinai, também chamado de Horeb (Ex 24, 18; 1Rs 19, 8-18). Neste episódio, eles testemunham a glória insuperável de Jesus como legislador e profeta da Nova Aliança (cf. Jo 5, 39; Ap 11, 3-6).

17, 4: “vou fazer aqui três tendas” – Pedro deseja prolongar a experiência divina. As tendas são pequenas, como que abrigos levantados anualmente na festa judaica dos Tabernáculos (Lv 23, 39-43). Essa festa litúrgica se tornou um dos primeiros símbolos que a Igreja usava para aludir à alegria contígua do céu (cf. Ap 7, 9-10).

¹ Dionísio Areopagita, *Dos nomes divinos*, 1.4.

Jesus cura um menino epilético – ¹⁴Eles foram em direção à multidão. Um homem aproximou-se de Jesus, ajoelhou-se, ¹⁵e disse: “Senhor, tem piedade do meu filho. Ele é epilético, e tem ataques tão fortes que muitas vezes cai no fogo ou na água. ¹⁶Eu o levei aos teus discípulos, mas eles não conseguiram curá-lo!”. ¹⁷Jesus respondeu: “Gente sem fé e perversa! Até quando deverei ficar com vocês? Até quando terei que suportá-los? Tragam o menino aqui”. ¹⁸Então Jesus ordenou, e o demônio saiu. E na mesma hora o menino ficou curado. ¹⁹Os discípulos se aproximaram de Jesus, e lhe perguntaram em particular: “Por que nós não conseguimos expulsar o demônio?”. ²⁰Jesus respondeu: “É porque vocês não têm bastante fé. Eu garanto a vocês: se vocês tiverem fé do tamanho de uma semente de mostarda, podem dizer a esta montanha: ‘Vá daqui para lá’, e ela irá. E nada será impossível para vocês. ²¹Somente oração e jejum podem expulsar esse tipo de demônio”.

17, 14: Mc 9, 14-27; Lc 9, 37-43. • 17, 19: Mc 9, 28-29; Mt 21, 21; Mc 11, 22-23; 1Cor 13, 2; Mc 9, 23.



17, 5: “meu Filho amado [...] Escutem o que Ele diz” – Palavras similares foram ditas no batismo de Jesus (3, 17; cf. Is 42, 1).

• A frase final, “escutem o que Ele diz”, evoca Dt 18, 15. Naquele contexto, Deus prometeu que viria para Israel um profeta como Moisés, que seria ouvido por seu povo – o Messias (cf At 3, 20-22; v. também o comentário sobre Mt 2, 16).

17, 6: “caíram com o rosto por terra” – A postura típica daqueles que são esmagados pela presença da glória de Deus (Gn 17, 3; Ez 1, 28; Ap 1, 17).

17, 11: “para colocar tudo em ordem” – Isto é, quanto aos relacionamentos familiares (Ml 4, 5-6) e quanto às doze tribos de Israel (Eclo 48, 10).

17, 12: “Elias já veio” – Os “escritas” (17, 10) estavam corretos em seus ensinamentos e expectativas (Ml 4, 5), mas errados ao não reconhecer a chegada de Elias em João Batista (17, 13; v. também o comentário sobre Mt 11, 10).

Jesus prediz de novo sua morte e ressurreição – ²²Quando os discípulos estavam reunidos na Galiléia, Jesus disse para eles: “O Filho do Homem vai ser entregue na mão dos homens. ²³Eles o matarão, mas no terceiro dia Ele ressuscitará”. E os discípulos ficaram muito tristes.

17, 22: Mc 9, 30-32; Lc 9, 43-45; Mt 16, 21; 20, 17-19; 26, 2.

17, 20: “vocês não têm bastante fé” – Jesus protesta contra a infidelidade de seus discípulos (8, 26; 14, 31; 16, 8). Ele deixa a entender que as tentativas deles de exorcizar os demônios (17, 16) falharam por presunção, uma vez que apenas uma pequena quantia de fé genuína é capaz de realizar grandes coisas.

17, 24: “Cafarnaum” – A cidade onde Jesus morou durante todo o seu ministério na Galiléia (4, 13).

“O imposto do Templo”: literalmente quer dizer *didracma*, ou “imposto de duas dracmas”, anualmente obrigatório a todo judeu homem acima dos 20 anos. Moisés cobrava uma quantia similar pelos serviços do Tabernáculo (Ex 30, 11-16). Isso foi

Jesus e imposto do Templo – ²⁴Quando chegaram a Cafarnaum, os fiscais do imposto do Templo foram a Pedro, e perguntaram: “O Mestre de vocês não paga o imposto do Templo?”. ²⁵Pedro respondeu: “Paga, sim”. Ao entrar em casa, Jesus adiantou-se, e perguntou: “O que é que você acha, Simão? De quem os reis da terra recebem taxas ou impostos: dos filhos ou dos estrangeiros?”. ²⁶Pedro respondeu: “Dos estrangeiros!”. Então Jesus disse: “Isso quer dizer que os filhos não precisam pagar. ²⁷Mas, para não provocar escândalo, vá ao mar, e jogue o anzol. Na boca do primeiro peixe que você pegar, vai encontrar o dinheiro para pagar o imposto. Pegue-o, e pague por mim e por você”.

17, 24: Ex 30, 13; 38, 26. • 17, 25: Rm 13, 7; Mt 22, 17-21 • 17, 24: Mt 5, 29; 18, 6-9; Jo 6, 61; 1Cor 13, 13

reimplementado pelo rei Joás com relação ao Templo de Salomão (2Cr 24, 6), enquanto que uma quantia relativa à “terceira parte de um *shekel*” (moeda israelita) era requerida para o segundo Templo (Ne 10, 32).

“**Foram a Pedro**”: o “quarto livro” do evangelho de Mateus realça a preeminência de Pedro (14, 28-33; 16, 13-19; 17, 1. 4; v. também o *Esquema do evangelho de Mateus*). Nesta passagem, os coletores de impostos o reconhecem como porta-voz dos apóstolos e o abordam como tal.

17, 26: “os filhos não precisam pagar” – A divina filiação compartilhada por Jesus (natural) e por Pedro (adotiva) os isenta do pagamento dos impostos do Templo. Ainda assim,

eles submetem a liberdade da Nova Aliança às regulamentações da Antiga. Nos primórdios da Igreja, os fiéis mantinham algumas práticas da Antiga Aliança a fim de evitar “ofensas” (17, 27) aos judeus e na esperança de converter alguns deles ao evangelho (At 16, 3; 21, 17-26; Rm 14, 13-21; 1Cor 9, 19-23).



17, 27: “vai encontrar o dinheiro” – Um *estáter* grego valia dois *didracmas* (17, 24). O shekel completo, então, pagava o imposto de meio shekel de Jesus e de Pedro.

- O pagamento único válido tanto da parte de Jesus quanto da de Pedro sublinha a união espiritual entre o Cristo e seu vigário na terra (cf. 16, 17-19).

18 A verdadeira grandeza – ¹Naquele momento, os discípulos se aproximaram de Jesus e perguntaram: “Quem é o maior no Reino do Céu?”. ²Jesus chamou uma criança, colocou-a no meio deles, ³e disse: “Eu lhes garanto: se vocês não se converterem, e não se tornarem como crianças, vocês nunca entrarão no Reino do Céu. ⁴Quem se abaixa, e se torna como essa criança, esse é o maior no Reino do Céu.

18, 1: Mc 9, 33-37; Lc 9, 46-48. • 18, 3: Mc 10, 15; Lc 18, 17; 1Pd 2, 2.

COMENTÁRIOS

18, 1-35: O “quarto discurso” do evangelho de Mateus (v. o *Esquema do evangelho de Mateus*). Jesus ensina sobre a vida na Igreja, dentro da qual a grandeza de seus líderes é medida por sua humildade, seu serviço (18, 1-14) e irrestrita misericórdia (18, 21-35).

18, 1: “Quem é o maior [...]?” – Uma questão que surgiu por conta do favoritismo de Pedro manifestado por parte de Jesus nos episódios anteriores (16, 17-19; 17, 1. 27).

18, 3: “se tornarem como crianças” – A total dependência de Deus é requerida para que se entre no *reino*. A simplicidade das crianças é especialmente exigida dos apóstolos, que devem liderar a Igreja com um espírito de servidão e humildade. No entanto, todos são chamados a confiar em seu Pai quanto às providências diárias (6, 25-33) e quanto à graça necessária à salvação (CIC 2785).

Escândalos – ⁵E quem recebe em meu nome uma criança como esta, é a mim que recebe”. ⁶“Quem escandalizar um desses pequeninos que acreditam em mim, melhor seria para ele pendurar uma pedra de moinho no pescoço, e ser jogado no fundo do mar.

⁷Ai do mundo por causa dos escândalos! É inevitável que aconteçam escândalos, mas ai do homem que causa escândalo! ⁸Se a sua mão ou o seu pé é ocasião de escândalo para você, corte-o e jogue-o para longe de você. É melhor para você entrar para a vida sem uma das mãos, ou sem um dos pés, do que ter as duas mãos ou os dois pés, e ser lançado no fogo eterno. ⁹E se o seu olho é ocasião de escândalo para você, arranque-o e jogue-o para longe de você. É melhor para você entrar para a vida com um olho só, do que ter os dois olhos, e ser jogado no inferno de fogo”.

18, 5: Mt 10, 40; Lc 10, 16; Jo 13, 20. • 18, 6: Mc 9, 42-48; Lc 17, 1-2. • 18, 6: Mt 5, 29-30; 17, 27.

A parábola da ovelha perdida – ¹⁰“Cuidado para não desprezar nenhum desses pequeninos, pois eu digo a vocês: os anjos deles no céu estão sempre na presença do meu Pai que está no céu. ¹¹O Filho do Homem veio para salvar o que estava perdido. ¹²O que vocês acham? Se um homem tem cem ovelhas, e uma delas se perde, será que ele não vai deixar as noventa e nove nas montanhas, para procurar aquela que se perdeu? ¹³Eu garanto a vocês: quando ele a encontra, fica muito mais feliz com ela, do que com as noventa e nove que não se perderam. ¹⁴Do mesmo modo, o Pai que está no céu não quer que nenhum desses pequeninos se perca”.

18, 10: At 12, 11. • 18, 11: Lc 19, 10. • 18, 12: Lc 15, 3-7.

18, 6: “que acreditam em mim” – O escândalo religioso é uma pedra no caminho dos outros e pode até causar a perda de fé por parte de alguns membros da Igreja (CIC 2284-2285).

- Este versículo é muito usado como uma evidência bíblica da existência dos anjos da guarda. Muitos Padres da Igreja ensinam que Deus ordena um anjo para cada um de nós, para nos assistir pela vida.

Ligar e desligar o pecado – ¹⁵“Se o seu irmão pecar, vá e mostre o erro dele, mas em particular, só entre vocês dois. Se ele der ouvidos, você terá ganho o seu irmão. ¹⁶Se ele não lhe der ouvidos, tome com você mais uma ou duas pessoas, para que toda a questão seja decidida sob a palavra de duas ou três testemunhas. ¹⁷Caso ele não dê ouvidos, comunique à Igreja. Se nem mesmo à Igreja ele der ouvidos, seja tratado como se fosse um pagão ou um cobrador de impostos. ¹⁸Eu lhes garanto: tudo o que vocês ligarem na terra, será ligado no céu, e tudo o que vocês desligarem na terra, será desligado no céu. ¹⁹E lhes digo ainda mais: se dois de vocês na terra estiverem de acordo sobre qualquer coisa que queiram pedir, isso lhes será concedido por meu Pai que está no céu. ²⁰Pois onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, eu estou aí no meio deles”.

18, 15: Lc 17, 3; 1Cor 6, 1-6; Gl 6, 1; Tg 5, 19-20; Lv 19, 17; Dt 19, 15. • 18, 18: Mt 16, 19; Jo 20, 23.

18, 19: Mt 7, 7; 21, 22; Tg 1, 5-7; 1Jo 5, 14; Jo 14, 13.

“Uma pedra de moinho”: uma pedra tão grande que era necessário que alguns burros e jumentos a virassem durante a moagem de cereais (cf. Ap 18, 21). Essa punição por afofamento era freqüentemente reservada aos piores criminosos.

18, 8-9: A fala severa de Jesus destaca os grandes perigos do pecado (v. comentário sobre Mt 5, 29).



18, 10: “os anjos deles” – As Escrituras retratam os anjos de Deus como protetores, guias e ajudantes de seu povo (Tb 12, 15; Jó 33, 23-24; Sl 34, 7; 91, 11; At 12, 15; Hb 1, 14). Os anjos eleitos já participam da glória porque *estão sempre na presença* de Deus no céu (CIC 329, 336).



18, 12: “cem ovelhas” – Jesus é freqüentemente descrito como um pastor (25, 32; Jo 10, 1-18; 1Pd 2, 25).

- Essa parábola faz alusão à profecia messiânica de Ez 34, 11-31. Naquele contexto, Ezequiel prevê que o próprio Deus assumiria o papel de pastor a fim de procurar e resgatar as ovelhas perdidas de seu rebanho.

Alegoricamente,¹ a ovelha perdida representa a humanidade, que se extraviou no pecado. As 99 que estão nas montanhas são os anjos no céu. Pela Encarnação, o Cristo desceu temporariamente da montanha para procurar as almas perdidas dos homens (cf. 15, 24; Lc 19, 10); pela redenção, ele restaurou os homens na graça e os elevou novamente à companhia dos anjos (cf. Hb 12, 22).

¹ De acordo com Santo Hilário e Santo Anselmo.

Perdoar frequentemente – ²¹Pedro aproximou-se de Jesus, e perguntou: “Senhor, quantas vezes devo perdoar, se meu irmão pecar contra mim? Até sete vezes?”. ²²Jesus respondeu: “Não lhe digo que até sete vezes, mas até setenta vezes sete.

18, 21: Lc 17, 4; Gn 4, 24.

18, 15-20: A disciplina é uma questão séria para os líderes da Igreja. Jesus esboça um procedimento em três fases:

1. Abordar o pecador individualmente e sozinho.
2. Abordar o pecado em questão na presença de algumas testemunhas.
3. Levar a questão à Igreja.

A ênfase está posta na reconciliação. Se o pecador resiste em corrigir-se, aí então os líderes da Igreja (os apóstolos e seus sucessores) podem exercer o poder de Cristo e assim disciplinar o impenitente. Essa decisão final é apoiada inclusive por Deus Pai (18, 19) (CIC 1463).

18, 16: “uma ou duas pessoas” – Critérios para qualquer julgamento, provenientes da Antiga Aliança com Israel (Dt 19, 15). As palavras de Cristo reforçam a identidade da Igreja como a Israel restaurada pela Nova Aliança (Gl 6, 16; cf. 2Cor 13, 1; v. também o comentário sobre Mt 5, 14).

18, 17: “à Igreja” – Mencionada explicitamente, considerando-se todos os evangelhos, apenas neste trecho e em 16, 18. Enquanto que em 16, 18 é prevista a autoridade de Pedro sobre a Igreja universal, este verso relaciona o termo com uma congregação local de cristão.

“Pagão [...] cobrador de impostos”: dois grupos sociais geralmente desprezados pelos judeus do primeiro século. A escolha desses termos sugere que Jesus requer, para esses pecadores, uma política de não-associação com aqueles que são disciplinados segundo os líderes da Igreja (cf. 1Cor 5, 9-13; 2Cor 6, 14-15).

18, 18: “tudo o que vocês ligarem [...] desligarem” – Em 16, 19, Pedro foi investido da autoridade de Cristo para ser a cabeça visível da Igreja na terra. Aos apóstolos também é dada uma autoridade que deriva e se subordina à dada a Pedro, a de ministros do reino. A autoridade dada por Cristo nesse

A parábola do empregado sem compaixão – ²³Porque o Reino do Céu é como um rei que resolveu acertar as contas com seus empregados. ²⁴Quando começou o acerto, levaram a ele um que devia dez mil talentos. ²⁵Como o empregado não tinha com que pagar, o patrão mandou que fosse vendido como escravo, junto com a mulher e os filhos e tudo o que possuía, para que pagasse a dívida. ²⁶O empregado, porém, caiu aos pés do patrão e, ajoelhado, suplicava: ‘Dá-me um prazo. E eu te pagarei tudo’. ²⁷Diante disso, o patrão teve compaixão, soltou o empregado, e lhe perdoou a dívida. ²⁸Ao sair daí, esse empregado encontrou um de seus companheiros que lhe devia cem moedas de prata. Ele o agarrou, e começou a sufocá-lo, dizendo: ‘Pague logo o que me deve’. ²⁹O companheiro, caindo aos seus pés, suplicava: ‘Dê-me um prazo, e eu pagarei a você’. ³⁰Mas o empregado não quis saber disso. Saiu e mandou jogá-lo na prisão, até que pagasse o que devia. ³¹Vendo o que havia acontecido, os outros empregados ficaram muito tristes, procuraram o patrão, e lhe contaram tudo. ³²O patrão mandou chamar o empregado, e lhe disse: ‘Empregado miserável! Eu lhe perdoei toda a sua dívida, porque você me suplicou. ³³E você, não devia também ter compaixão do seu companheiro, como eu tive de você?’. ³⁴O patrão indignou-se, e mandou entregar esse empregado aos torturadores, até que pagasse toda a sua dívida. ³⁵É assim que fará com vocês o meu Pai que está no céu, se cada um não perdoar de coração ao seu irmão”.

18, 23: Mt 25, 19. • 18, 25: Lc 7, 42. • 18, 26: Mt 8, 2. • 18, 35: Mt 6, 14.

contexto refere-se à disciplina; por extensão, é também uma autoridade sacramental para perdoar pecados (cf. Jo 20, 23. CIC 553, 1444; v. também os comentários sobre Mt 9, 8 e em 16, 19).



18, 22: “setenta vezes sete” – Isso significa dar perdão ilimitadamente e, da mesma forma, misericórdia.

- Jesus contrasta o comportamento esperado de seus apóstolos com a vingança sem limites de Lameque em Gn 4, 24 (da Septuaginta), em que as mesmas figuras do “sete” e do “setenta vezes sete” são contrastadas (CIC 982).

18, 24: “dez mil talentos” – Um talento (moeda) equivale a 6 mil denários (moedas de prata), isto é, 20 anos de salário para um trabalhador. A figura é exagerada justamente pela ênfase que se propõe: a parábola acentua

a misericórdia do rei (Deus) ao perdoar uma dívida incalculável que seria impossível ser paga pelo servo (homem).

18, 28: “cem moedas de prata” – Uma dívida menor, uma vez que um “denário” (uma moeda de prata) correspondia ao pagamento de um dia de trabalho (cf. 20, 2). Quitar uma dívida equivalente ao pagamento de 100 dias de trabalho requeria paciência (18, 29), mas não era impossível.

18, 35: “perdoar [...] ao seu irmão” – Jesus demonstra a loucura da falta de misericórdia. Alguém que havia sido perdoado do pecado e de uma dívida eterna deveria perdoar prontamente o próximo que tem pecados menores. Tal lição é sintetizada no comentário de Jesus ao *Pai nosso* em 6, 14-15 (cf. Tg 2,3; CIC 2842-2843).

19 **Ensinamentos sobre o divórcio** – ¹Quando Jesus acabou de dizer essas palavras, ele partiu da Galiléia, e foi para o território da Judéia, no outro lado do rio Jordão. ²Numerosas multidões o seguiram, e Jesus aí as curou.

³Alguns fariseus se aproximaram de Jesus, e perguntaram, para o tentar: “É permitido ao homem divorciar-se de sua mulher por qualquer motivo?”. ⁴Jesus respondeu: “Vocês nunca leram que o Criador, desde o início, os fez homem e mulher? ⁵E que ele disse: ‘Por isso, o homem deixará seu pai e sua mãe, e se unirá à sua mulher, e os dois serão uma só carne?’ ⁶Portanto, eles já não são dois, mas uma só carne. Portanto, o que Deus uniu, o homem não deve separar”. ⁷Os fariseus perguntaram: “Então, como é que Moisés mandou dar certidão de divórcio ao despedir a mulher?”. ⁸Jesus respondeu: “Moisés permitiu o divórcio, porque vocês são duros de coração. Mas não foi assim desde o início. ⁹Eu, por isso, digo a vocês: quem se divorciar de sua mulher, a não ser em caso de fornicação, e casar-se com outra, comete adultério”.

¹⁰Os discípulos disseram a Jesus: “Se a situação do homem com a mulher é assim, então é melhor não se casar”. ¹¹Jesus respondeu: “Nem todos entendem isso, a não ser aqueles a quem é concedido. ¹²De fato, há homens castrados, porque nasceram assim; outros, porque os homens os fizeram assim; outros, ainda, se castraram por causa do Reino do Céu. Quem puder entender, entenda”.

19, 1: Mt 7, 28. 11, 1; 13, 53; 26, 1; Mc 10, 1-12. • 19, 7: Dt 24, 1-4. • 19, 9: Mt 5, 32; Lc 16, 18; 1Cor 7, 10-13. • 19, 11: 1Cor 7, 7-9.

COMENTÁRIOS

19, 1: “Judéia, no outro lado do rio Jordão” – Jesus concluiu seu ministério na Galiléia e agora vai para Jerusalém. Sua presença ao leste do rio Jordão tem duplo significado:

1. Tal localização relaciona-se a João Batista (3, 5), que foi morto por ter condenado o casa-

mento de Herodes Antipas com sua amante Herodíades (14, 3-10). Essa tragédia tece todo o questionamento que desembocará na subsequente pergunta sobre o divórcio (19, 3). Alguns suspeitam que os fariseus tinham a esperança de seduzir Jesus para dentro da mesma armadilha que custou a vida de João.

Jesus abençoa as crianças – ¹³Então levaram crianças para que Jesus pusesse as mãos sobre elas, e rezasse. Mas os discípulos as repreendiam. ¹⁴Jesus, porém, disse: “Deixem as crianças, e não lhes proibam de vir a mim, porque o Reino do Céu pertence a elas”. ¹⁵E depois de pôr as mãos sobre as crianças, Jesus partiu daí.

19, 13: Mc 10, 13-16; Lc 18, 15-17; Mt 18, 2-3; 1Cor 14, 20.

2. A região para além do Jordão também foi o lugar onde Moisés deu a Israel as leis do Deuteronômio (Dt 1, 5). Parece mais do que coincidência o fato de Jesus estar prestes a revogar a concessão do Deuteronômio quanto ao divórcio e à segunda união (Dt 24, 1-4) no mesmo lugar onde ela foi ratificada.

19, 3-9: Jesus proíbe o divórcio e a segunda união (Mc 10, 11-12; Lc 16,18) e revoga o padrão da Antiga Lei que permitia o divórcio aos leigos não-levitas de Israel (Dt 24, 1-4). Jesus então reestabelece o casamento à sua integridade original (Gn 2, 24) e o eleva à condição de sacramento na Nova Aliança (Ef 5, 22-33; CIC 2382).

19, 3: “para o tentar” – Este verbo, em grego, também significa “testar” e está

frequentemente implícito nele uma intenção hostil (como em 4, 1 e 22, 18). Os fariseus, decididos por destruir Jesus (12, 14), buscam enredá-lo através de uma questão incriminadora (cf. 22, 15; Jo 8, 6).

“Por qualquer motivo”: muito lêem essa questão como sendo sobre quais condições poderiam *legitimar* o divórcio. Diz-se até que Jesus é pressionado a tomar um lado num debate entre duas escolas farisaicas, a de Hillel (liberal) e a de Shammai (conservadora). Isso é duvidoso: dar uma opinião numa disputa interna entre os próprios fariseus dificilmente seria uma armadilha. Mais provavelmente, a questão estaria mais ligada à *legalidade* do divórcio em si (como em Mc 10, 2). Possivelmente, estava se tornando cada vez mais

O jovem rico – ¹⁶Um jovem se aproximou, e disse a Jesus: “Mestre, que devo fazer de bom para possuir a vida eterna?”. ¹⁷Jesus respondeu: “Por que você me pergunta sobre o que é bom? Um só é o bom. Se você quer entrar para a vida, guarde os mandamentos”. ¹⁸O homem perguntou: “Quais mandamentos?”. Jesus respondeu: “Não mate; não cometa adultério; não roube; não levante falso testemunho; ¹⁹honre seu pai e sua mãe; e amê seu próximo como a si mesmo”. ²⁰O jovem disse a Jesus: “Tenho observado todas essas coisas. O que é que ainda me falta fazer?”. ²¹Jesus respondeu: “Se você quer ser perfeito, vá, venda tudo o que tem, dê o dinheiro aos pobres, e você terá um tesouro no céu. Depois venha, e siga-me”. ²²Quando ouviu isso, o jovem foi embora cheio de tristeza, porque era muito rico. ²³Então Jesus disse aos discípulos: “Eu garanto a vocês: um rico dificilmente entrará no Reino do Céu. ²⁴E digo ainda: é mais fácil um camelo entrar pelo buraco de uma agulha, do que um rico entrar no Reino de Deus”. ²⁵Ouvindo isso, os discípulos ficaram muito espantados, e perguntaram: “Então, quem pode ser salvo?”. ²⁶Jesus olhou para os discípulos, e disse: “Para os homens isso é impossível, mas para Deus tudo é possível”. ²⁷Então Pedro tomou a palavra, e disse: Vê! Nós deixamos tudo e Te seguimos. O que vamos receber?”. ²⁸Jesus respondeu: “Eu garanto a vocês: no mundo novo, quando o Filho do Homem se sentar no trono de sua glória, vocês, que me seguiram, também se sentarão em doze tronos para julgar as doze tribos de Israel. ²⁹E todo aquele que tiver deixado casas, irmãos, irmãs, pai, mãe, filhos, campos, por causa do meu nome, receberá muitas vezes mais, e terá como herança a vida eterna. ³⁰Muitos que agora são os primeiros, serão os últimos; e muitos que agora são os últimos, serão os primeiros”.

19, 16: Mc 10, 17-22; Lc 18, 18-23; Lc 10, 25; Lv 18, 5. • 19, 18: Ex 20, 12-16; Dt 5, 16-20; Rm 13, 9; Tg 2, 11.

19, 19: Lv 19, 18; Mt 22, 39. • 19, 21: Lc 12, 33; At 2, 45; 4, 34; Mt 6, 20. • 19, 23: Mc 10, 23-27; Lc 18, 24-27.

19, 26: Gn 18, 14; Jó 42, 2. • 19, 27: Mc 10, 28-31; Lc 18, 28-30; Mt 4, 18-22. • 19, 28: Lc 22, 30; Mt 20, 21; Ap 3, 21.

19, 30: Mt 20, 16; Lc 13, 30.

conhecido o fato de Jesus proibir o divórcio e a segunda união (5, 32; Lc 16, 18) mesmo que Moisés os tivesse permitido há muito tempo (Dt 24, 1-4). Os fariseus vêem, portanto, a oportunidade perfeita para desacreditar Jesus, colocando-o contra Moisés. No entanto, Jesus escapa brilhantemente da armadilha ao citar as próprias palavras de Moisés no Gênesis (19, 4-5) e, depois, vira jogo ao mostrar aos fariseus que eles é que estavam distantes e desligados da intenção de Deus para a vida matrimonial como revelada na Torá.

19, 4: “Vocês nunca leram” – Uma contra-questão freqüentemente usada por Jesus contra seus adversários estudiosos (isto é, fariseus e saduceus; v. também o comentário sobre Mt 12, 3).

19, 6: “Deus uniu” – Citando Gn 2, 24 (Mt 19, 5), Jesus reafirma que o casamento é uma criação de Deus, não de invenção humana. Já que Deus é quem firmou o laço indissolúvel que une um casal em matrimônio, nenhuma autoridade civil ou religiosa tem o poder de quebrá-lo (CIC 1603, 10640).

19, 9: “Eu, por isso, digo a vocês” – Jesus evoca a própria autoridade para proibir o divórcio e a segunda união. O relato de Mateus reflete a situação cultural dos judeus, na qual apenas o homem tinha o direito de se divorciar (cf. 5, 32). O evangelista Marcos é quem mais completamente recorda a afirmação de Jesus de que nem homem e nem mulher podiam se divorciar e casar pela segunda vez (Mc 10, 11-12; CIC 1614; 2382; v. também o *Ensaio sobre um tópico: A fala de Jesus sobre casamento e divórcio*).

19, 10: “é melhor não se casar” – Os discípulos ficam assombrados porque Jesus

proíbe o divórcio e a segunda união na Nova Aliança (19, 9), revertendo a permissão de longa data da Antiga Aliança (Dt 24, 1-4). Essa resposta incrédula faz com que se possa ter certeza que Jesus não permitia exceções para maridos e mulheres que estivessem ligados por esse sacramento. Esse novo e alto padrão de conduta os leva a ver a superioridade de uma vida inteira virgem em comparação a uma vida de casado (CIC 1615).



19, 12: “castrados” – Esses eunucos eram servos reais encarregados de tomar conta das esposas dos reis. Para salvá-las das tentações sexuais, os antigos eunucos do oriente eram ou impotentes ou castrados. Jesus fala de forma metafórica: aqueles que *se fizeram* castrados são os que aceitaram o celibato livremente, no intuito de imitar Jesus e a serviço do *reino*. Esses homens são líderes confiados ao cuidado da noiva de Cristo, a Igreja na terra; abraçando a virgindade consagrada, eles vivem em antecipação a vida eterna do céu (22, 30; v. também o comentário sobre Mt 9, 15).

- O Concílio de Trento (ss. 24, can. 10) ensina, de acordo com a Escritura, que o estado objetivo do celibato é mais elevado que o estado de casado, embora ambas as vocações sejam importantes para a vida da Igreja (1Cor 7, 1-8. 32-35; Ap 14, 4; CIC 1618, 1620).

19, 14: “as crianças” – A preocupação de Jesus com o casamento (19, 9) reflete uma preocupação prática com as crianças. O plano de Deus para o casamento inclui o amor mútuo entre os esposos e a responsabilidade de criar uma família piedosa e “de Deus” (Mt 2, 15; cf. CIC 1646, 1652). Neste episódio, Jesus abençoa as crianças como membros

ENSAIO SOBRE UM TÓPICO: A FALA DE JESUS SOBRE CASAMENTO E DIVÓRCIO

Desde a alvorada da criação, Deus projetou o casamento para ser permanente, exclusivo e frutífero (Gn 1, 28; 2, 24; Mt 19, 5). Contudo, desde a rebelião do homem contra Deus, a instituição do casamento sofreu diversas distorções que macularam sua beleza original tal qual concebida por Deus. Moisés permitira o divórcio e a segunda união como uma concessão pelo estado pecaminoso de Israel sob a Antiga Aliança (Dt 24, 1-4). Ainda assim era claro, em última análise, que o divórcio decepciona os planos de Deus para os casais (Ml 2, 16).

Isso conduz a uma questão importante: Jesus reafirma a permissão do divórcio estipulada em Dt 24, 1-4 ou, ao contrário, revoga essa concessão e anuncia a indissolubilidade do casamento para a Nova Aliança? A Igreja Católica veio sustentando de maneira consistente que Jesus proíbe tanto o divórcio quanto a segunda união. O vínculo que une um casal no sacramento do matrimônio é criado por Deus (Mt 19, 6) e pode ser dissolvido apenas pela morte de um dos esposos (cf. Rm 7, 1-3). Casar-se novamente, enquanto seu cônjuge ainda é vivo, consiste em cometer adultério (Mt 19, 9; Rm 7, 3).

Os ensinamentos de Jesus a respeito de casamento, divórcio e segunda união são, infelizmente, fonte de controvérsias entre os cristãos. Muita confusão gira em torno de sua afirmação em Mt 19, 9: «Eu, por isso, digo a vocês: quem se divorciar de sua mulher, a não ser em caso de fornicção, e casar-se com outra, comete adultério» (cf. Mt 5, 32). Jesus realmente faz uma «exceção» a ser considerada para o divórcio e a segunda união? Desde o surgimento do Protestantismo no século XVI, muitos grupos não-católicos responderam “sim”. Eles começaram a chamar a isso uma “cláusula de exceção”, para justificar divórcio e casamento em circunstâncias extremas. Essa visão falha, contudo, ao interpretar a afirmação de Jesus à luz de seu contexto mais imediato, bíblico. A resposta dos discípulos à afirmação de Jesus sobre o divórcio (“então é melhor não se casar” [19, 10]) demonstra que, no entendimento deles, Jesus não estava deixando nenhum espaço para divórcio ou segunda união. Na verdade, eles viam o celibato como uma alternativa preferível ao casamento precisamente por conta de os ensinamentos de Jesus nesse sentido serem tão estritos - muito mais do que os de qualquer um de seus contemporâneos judeus. A resposta incrédula dos discípulos a Jesus confirma, portanto, o ensinamento constante da Igreja Católica quanto à indissolubilidade do sacramento matrimonial.

Ainda assim, a questão permanece: o que Jesus quis dizer quando disse “a não ser em caso de fornicção” em Mt 5, 32 e 19, 9? No decorrer dos séculos,

exegeses católicas apresentaram três principais interpretações para essa cláusula de exceção. Nenhuma delas é endossada pela Igreja como seu entendimento oficial dessa passagem. Contudo, todas elas são interpretações possíveis na medida em que harmonizam a cláusula de exceção com o ensinamento revolucionário de Jesus (e da Igreja Católica) a respeito da indissolubilidade do sacramento matrimonial.

1. **Visão patrística.** Diversos padres da Igreja sugerem que Jesus permitiu o divórcio em caso de graves pecados sexuais, como adultério, mas que Ele nunca permitiu a segunda união após o divórcio. Os cônjuges devem separar-se, nessas circunstâncias, por um arranjo legal e viver separados, mas eles não podem quebrar o vínculo matrimonial, nem tampouco estão livres para casarem novamente. Essa visão encontra apoio ao considerarmos a palavra grega *porneia*, traduzida como “fornicação”, em Mt 19, 9. Ainda que a palavra tenha uma vasta gama de sentidos, ela pode significar “adultério”, como no Antigo Testamento grego (também traduzido como “prostituição”; Eclo 23, 23; Ez 16, 33; Os 2, 2). Então uma situação adúltera poderia ser causa de uma separação, contanto que os cônjuges não embarquem em um segundo casamento. Isso se conforma também com o ensinamento de São Paulo, que diz que o casal separado tem apenas duas opções: reconciliar-se um com o outro ou permanecer solteiro (1Cor 7, 10-11).
2. **Visão da Lei Levítica.** Esta posição interpreta a palavra “fornicação” em Mt 19, 9 como significando os casamentos inválidos nos quais os cônjuges têm um vínculo familiar demasiadamente próximo. Então, “a não ser em caso de fornicção” (Mt 19, 9) significa “exceto aonde há uma união ilegítima”. Tais uniões costumavam ser rompidas por conta do impedimento posto pela relação de sangue próximo. Um divórcio em tais condições não rompe um real vínculo matrimonial, pois nunca um houve ali um real casamento. Isso é equivalente à anulação. Esta visão é sustentada por duas instâncias do Novo Testamento nas quais a palavra *porneia* refere-se a incesto. Em Atos 15, 20-29, os apóstolos exortam os cristãos gentios para a abstenção do sangue e das uniões ilegítimas. A base provida pelo Antigo Testamento em Lv 18, 6-18 sugere que a expressão *uniões ilegítimas* refere-se a casamentos proibidos entre parentes próximos. Em 1Cor 5, 1-2, a palavra *porneia* (traduzida para “imoralidade”) claramente refere-se à união ilícita entre um homem e a esposa de seu pai.
3. **Visão “sem comentários”.** De acordo com essa posição, Jesus ignora o debate judaico sobre as bases do divórcio na Antiga Aliança (Dt 24). Por estar revogando a concessão do Antigo Testamento a respeito do divórcio,

Jesus joga todo o debate fora, considerando-o irrelevante. Assim, “a não ser em caso de fornicação” (Mt 19, 9) significa “apesar das bases estabelecidas pelo Antigo Testamento para divórcio”. Jesus recusa-se até mesmo a comentar Dt 24, 11. Fazê-lo embotaria a força de seu próprio ensinamento, uma vez que Ele não está esclarecendo ou reafirmando a permissão de Moisés, mas abolindo-a.

Cada uma dessas visões fielmente apóia a proibição de Jesus sobre o divórcio e a segunda união (cf. Mc 10, 11-12; Lc 16, 18). Ele restaura o casamento em sua pureza original, como uma união amorosa, fiel e duradoura de toda a vida. Mais ainda, Jesus eleva o casamento, transformando-o em um sacramento da Nova Aliança. Casais são chamados a ser imagem do Cristo e de seu perene amor pela Igreja (Ef 5, 21-33; cf. Ap 19, 6-8). Através dos sãos princípios da interpretação bíblica e a orientação da tradição, o padrão revolucionário dos ensinamentos de Jesus a respeito de casamento e divórcio é mantido intacto em sua Igreja.



20 Os trabalhadores da vinha – ¹“De fato, o Reino do Céu é como um patrão, que saiu de madrugada para contratar trabalhadores para a sua vinha. ²Combinou com os trabalhadores uma moeda de prata por dia, e os mandou para a vinha. ³Às nove horas da manhã, o patrão saiu de novo. Viu outros que estavam desocupados na praça, ⁴e lhes disse: ‘Vão vocês também para a minha vinha. Eu lhes pagarei o que for justo’. ⁵E eles foram. O patrão saiu de novo ao meio-dia e às três horas da tarde, e fez a mesma coisa. ⁶Saindo outra vez pelas cinco horas da tarde, encontrou outros que estavam na praça, e lhes disse: ‘Por que vocês estão aí o dia inteiro desocupados?’. ⁷Eles responderam: ‘Porque ninguém nos contratou’. O patrão lhes disse: ‘Vão vocês também para a minha vinha’. ⁸Quando chegou a tarde, o patrão disse ao administrador: ‘Chame os trabalhadores, e pague uma diária a todos. Comece pelos últimos, e termine pelos primeiros’. ⁹Chegaram aqueles que tinham sido contratados pelas cinco da tarde, e cada um recebeu uma moeda de prata. ¹⁰Em seguida chegaram os que foram contratados primeiro, e pensavam que iam receber mais. No entanto, cada um deles recebeu também uma moeda de prata. ¹¹Ao receberem o pagamento, começaram a resmungar contra o patrão: ¹²‘Esses últimos trabalharam uma hora só, e tu os igualaste a nós, que suportamos o cansaço e o calor do dia inteiro!’’. ¹³E o patrão disse a um deles: ‘Amigo, eu não fui injusto com você. Não combinamos uma moeda de prata?’ ¹⁴Tome o que é seu, e volte para casa. Eu quero dar também a esse, que foi contratado por último, o mesmo que dei a você. ¹⁵Por acaso não tenho o direito de fazer o que eu quero com aquilo que me pertence? Ou você está com ciúme porque estou sendo generoso?’. ¹⁶Assim, os últimos serão os primeiros, e os primeiros serão os últimos”.

20, 1: Mt 21, 28. 33. • 20, 8: Lv 19, 13; Dt 24, 15. • 20, 13: Mt 22, 12; 26, 50.
20, 15: Mt 6, 23; Mc 7, 22; Dt 15, 9. • 20, 16: Lc 13, 30; Mt 19, 30; Mc 10, 31

COMENTÁRIOS



20, 1-16: A parábola do senhor da vinha realça a generosidade de Deus (20, 15). Refere-se ao trabalho de Israel ao longo da história da salvação e culmina com a inclusão dos gentios na Nova Aliança. Apesar das reclamações, não há injustiça; Deus não é injusto com Israel, mas é simplesmente generoso com os gentios que chegam por último, tornando-os tão membros de seu povo quanto os outros (20, 12; Ef 2, 11-13).

- *Moralmente*,¹ as horas de trabalho diário correspondem aos estágios da vida em que as pessoas se convertem a Deus. Ao se converter, eles são resgatados da vida ociosa para então servir o Cristo em sua vinha, de onde eles colhem muitos frutos de Deus antes que o sol se ponha em sua vida terrena. Afinal, se nos convertemos cedo ou tarde na vida, da mesma forma somos recompensados com o dom generoso da vida eterna.

20, 1: “de madrugada” – Naquela época, o dia completo era dividido em quatro “vigias” noturnas e várias “horas” diurnas (das seis da manhã às seis da tarde). Os primeiros trabalhadores começaram seu serviço por volta das seis da manhã, de modo que os outros começaram à “terceira hora” (nove da manhã – 20, 3), à “sexta hora” (meio-dia – 20, 5) e à “nona hora” (três da tarde – 20, 5), cada qual tendo concordado em receber o pagamento que fosse justo. Os que foram contratados à “décima primeira hora” (cinco da tarde – 20, 6) trabalharam apenas cerca de uma hora, uma vez que a Lei dizia que os trabalhadores deveriam ser pagos ao pôr-do-sol (Dt 24, 14-15).

20, 2: “uma moeda de prata” – O valor padrão de um dia de trabalho (v. comentário sobre Mt 18, 28).

20, 17-19: A terceira predição da Paixão de Cristo é mais detalhada. Diferente das

¹ De acordo com Orígenes.

Jesus prediz pela terceira vez sua morte e ressurreição – ¹⁷Enquanto subia para Jerusalém, Jesus tomou consigo os doze discípulos em particular e, durante a caminhada, disse para eles: ¹⁸“Eis que estamos subindo para Jerusalém, e o Filho do Homem vai ser entregue aos chefes dos sacerdotes e aos doutores da Lei. Eles o condenarão à morte, ¹⁹e o entregarão aos pagãos para zombarem dele, flagelá-lo e crucificá-lo. E no terceiro dia Ele ressuscitará”.

20, 17: M Mc 10, 32-34; Lc 18, 31-34; Mt 16, 21; 17, 12. 22-23; 26, 2.

anteriores (16, 21; 17, 22-23), Jesus prevê que haverá um acordo entre os líderes judeus (20, 18) e as autoridades romanas (20, 19) no sentido de garantir que sua morte fosse por meio da cruz (20, 19).

20, 20: “filhos de Zebedeu” – Tiago e João (4, 21). Junto com Pedro, eles formam um círculo menor e privilegiado dentre os discípulos de Jesus (17, 1; 26, 37; Mc 5, 37).

20, 22: “beber o cálice” – Uma metáfora do Antigo Testamento que descrevia a ira de Deus despejada sobre os perversos (Sl 75, 8; Is 51, 17; Jr 25, 15). Aqui significa a Paixão

de Cristo, que Ele suporta pelos pecadores (20, 28; 26, 39; 1Pd 2, 24). A Tiago e João é assegurado que compartilharão de sua Paixão (20, 23), o que parcialmente se cumpre com o martírio de Tiago em At 12, 2.

20, 30: “Dois cegos” – Um deles era Bartimeu, filho de Timeu (Mc 10, 46).

“Filho de Davi”: o título possivelmente reflete uma crença antiga de que o Messias possuiria poderes de cura e exorcismo assim como os possuía o filho original e próprio de Davi, o rei Salomão (v. comentário sobre Mt 12, 23).

O pedido da mãe de Tiago e João – ²⁰A mãe dos filhos de Zebedeu aproximou-se de Jesus com seus filhos, e ajoelhou-se para pedir alguma coisa. ²¹Jesus perguntou: “O que você quer?”. Ela respondeu: “Promete que meus dois filhos se sentem, um à tua direita e o outro à tua esquerda, no teu Reino”. ²²Jesus, então, disse: “Vocês não sabem o que estão pedindo. Por acaso, vocês podem beber o cálice que eu vou beber?”. Eles responderam: “Podemos”. ²³Então Jesus disse: “Vocês vão beber do meu cálice. Mas não depende de mim conceder o lugar à minha direita ou esquerda. É meu Pai quem dará esses lugares àqueles para os quais ele mesmo preparou”. ²⁴Quando os outros dez discípulos ouviram isso, ficaram com raiva dos dois irmãos. ²⁵Mas Jesus chamou-os, e disse: “Vocês sabem: os governadores das nações têm poder sobre elas, e os grandes têm autoridade sobre elas. ²⁶Entre vocês não deverá ser assim: quem de vocês quiser ser grande, deve tornar-se o servidor de vocês; ²⁷e quem de vocês quiser ser o primeiro, deverá tornar-se servo de vocês. ²⁸Pois, o Filho do Homem não veio para ser servido. Ele veio para servir, e para dar a sua vida como resgate em favor de muitos”.

20, 20: Mc 10, 35-41; Mt 8, 2; 9, 18; 15, 25; 18, 26; Jo 9, 38. • 20, 21: Mt 19, 28. • 20, 22: Mt 26, 39; Jo 18, 11.

20, 23: At 12, 2; Ap 1, 9; Mt 13, 11. • 20, 25: Mc 10, 42-45; Lc 22, 25-27. • 20, 26: Mt 23, 11; Mc 9, 35; Lc 9, 48.

20, 28: Mt 26, 28. 1Tm 2, 5-6; Jo 13, 15-16; Tt 2, 14. 1Pd 1, 18

Jesus cura dois cegos – ²⁹Quando estavam saindo de Jericó, uma grande multidão seguiu a Jesus. ³⁰Dois cegos estavam sentados à beira do caminho. Ouvindo dizer que Jesus estava passando, começaram a gritar: “Senhor, filho de Davi, tem piedade de nós!”. ³¹A multidão os repreendeu, e mandou que ficassem quietos. Mas eles gritaram mais forte ainda: “Senhor, filho de Davi, tem piedade de nós!”. ³²Então Jesus parou, chamou os dois cegos, e disse: “O que vocês querem que eu faça por vocês?”. ³³Eles responderam: “Senhor, queremos que nossos olhos se abram”. ³⁴Cheio de compaixão, Jesus tocou os olhos deles, e eles imediatamente começaram a ver. E seguiram a Jesus.

20, 29: Mc 10, 46-52; Lc 18, 35-43; Mt 9, 27-31.

21 A entrada de Jesus em Jerusalém – ¹Jesus e seus discípulos se aproximaram de Jerusalém, e chegaram a Betfagé, perto do monte das Oliveiras. Então Jesus enviou dois discípulos, ²dizendo: “Vão até o povoado, que está na frente de vocês. E logo vão encontrar uma jumenta amarrada, e um jumentinho com ela. Desamarrem, e tragam os dois para mim. ³Se alguém lhes falar alguma coisa, vocês dirão: ‘O Senhor precisa deles, mas logo os mandará de volta’”. ⁴Isso aconteceu para se cumprir o que foi dito pelo profeta:

⁵”Digam à filha de Sião: eis que o seu rei está chegando até você.

Ele é manso e está montado num jumento, num jumentinho,

Cria de um animal de carga”.

⁶Os discípulos foram, e fizeram como Jesus tinha mandado. ⁷Levaram a jumenta e o jumentinho, estenderam os mantos sobre eles, e Jesus montou. ⁸Uma grande multidão estendeu seus mantos pelo caminho; outros cortaram ramos de árvores, e os espalharam pelo caminho. ⁹As multidões, que iam na frente e atrás de Jesus, gritavam: “Hosana ao Filho de Davi! Bendito Aquele que vem em nome do Senhor! Hosana no mais alto do céu!”. ¹⁰Quando Jesus entrou em Jerusalém, toda a cidade ficou agitada, e perguntavam: “Quem é Ele?”. ¹¹E as multidões respondiam: “É o profeta Jesus, de Nazaré da Galiléia”.

20, 1: Mc 11, 1-10; Lc 19, 29-38; Jo 12, 12-18. • 20, 5: Is 62, 11; Zc 9, 9. • 20, 7: 2Rs 9, 13.

20, 9: Sl 118, 26; Lc 2, 14; Mt 21, 15; 23, 39. • 20, 11: Jo 6, 14; 7, 40; At 3, 22; Mc 6, 15; Lc 13, 33.

COMENTÁRIOS

21, 1- 22: As primeiras ações de Jesus na semana da Paixão – a entrada triunfal em Jerusalém (21, 1-11), a limpeza do Templo (21, 12-17) e o amaldiçoar da figueira (21, 18-22) – são ações simbólicas. Jesus as realiza como atos proféticos que demonstravam que Ele era o Messias e que sua vinda marcava o fim da Antiga Aliança. Isso provoca a conspiração por parte dos líderes de Jerusalém para que ele fosse crucificado (26, 3-4; 27, 1-2; CIC 559-560).



21, 1-11: A entrada triunfal de Jesus recorda a coroação de Salomão como rei de Israel.

- Primeiro porque ambos são “filhos de Davi” (21, 9, 15; Pr 1, 1); segundo porque enquanto Jesus entra na cidade sobre um jumentinho (21, 7), Salomão entra montado na mula de Davi (1Rs 1, 32-40); terceiro porque ambas as procissões envolvem uma grande multidão que celebra a coroação de um novo rei (21, 8-9; 1Rs 1, 39-40); em ambas as ocasiões, a cidade de Jerusalém estava agitada (21, 10; 1Rs 1, 45; celebrações similares são narradas também em 1Mc 13, 51 e 2Mc 10, 6-7).

21, 1: “Betfagé” – Um pequeno vilarejo de localização um tanto obscura, mas que com certeza ficava ao leste de Jerusalém, perto do *Monte das Oliveiras*. Seu nome quer dizer “casa dos figos”, em hebraico.



21, 5: Uma referência tanto a Is 62, 11 quanto a Zc 9, 9.

A ênfase recai sobre dois pontos específicos:

1. A profecia de Isaías, apenas parcialmente citada, fala de uma estrada que leva a Jerusalém e da seguinte declaração de Deus: “Veja! Seu salvador está chegando”. Palavras parecidas encontradas na profecia de Zacarias relacionam esse salvador com a vinda de um *rei*.
2. A especificidade desse rei é sua humildade; Ele entra sobre um pacato *jumentinho*, ao invés de um “cavalo de guerra” (9, 10).



21, 7: “e Jesus montou” – Apenas Mateus menciona uma *jumenta* e um *jumentinho* (cf. Mc 11, 7; Lc 19, 35). Dizer que Jesus *montou* neles indica que Ele os cavalgou sucessivamente.

Jesus limpa o Templo – ¹²Jesus entrou no Templo, e expulsou todos os que vendiam e compravam no Templo. Derrubou as mesas dos cambistas e as cadeiras dos vendedores de pombas. ¹³E disse: “Está nas Escrituras: ‘Minha casa será chamada casa de oração’. No entanto, vocês fizeram dela uma toca de ladrões”. ¹⁴Os cegos e aleijados chegaram perto de Jesus no Templo, e Ele os curou. ¹⁵Os chefes dos sacerdotes e doutores da Lei ficaram indignados, quando viram as maravilhas que Jesus fazia, e as crianças gritando no Templo: “Hosana ao filho de Davi!”. ¹⁶Então eles disseram a Jesus: “Estás ouvindo o que dizem?”. Jesus respondeu: “Estou. Vocês nunca leram na Escritura: ‘Da boca das crianças e dos que mamam tiraste um louvor?’”. ¹⁷Jesus então os deixou, saiu da cidade e foi para Betânia, onde passou a noite.

20, 12: Mc 11, 15-17; Lc 19, 45-46; Jo 2, 13-17; Ex 30, 13; Lv 1, 14. • 20, 13: Is 56, 7; Jr 7, 11.

20, 15: Lc 19, 39; Mt 21, 9. • 20, 16: Sl 8, 2. • 20, 17: Mc 11, 11-14; Lc 13, 6-9.

• *Alegoricamente*,¹ os dois animais são as nações que Cristo traz sob seu comando. A *jumenta* é Israel, com sua Antiga Aliança com Deus, enquanto que o *jumentinho* é a nação dos gentios, estranhos ainda a Deus e à sua Lei. Jesus os une e os inicia em sua Igreja, na Jerusalém celestial (Gl 4, 26; Hb 12, 22).



21, 8: “estendeu seus mantos” –

Uma expressão que significava as boas-vindas dadas a um novo rei.

• De modo parecido, em 2Rs 9, 13 os mantos foram estendidos no chão para Jeú quando ele foi acolhido como novo rei de Israel (v. o comentário do nosso estudo bíblico sobre o evangelho de Marcos, em Mc 11, 8).

21, 9: “Hosana” – Uma aclamação hebraica que significava “salvai-nos” (cf. 2Sm 14, 4; Sl 118, 25).

“Bendito aquele que vem”: palavras do Sl 118, 26, o último dos salmos de Hallel (113-118),² que eram entoados como hinos de louvor nas festas israelitas da Páscoa, das Semanas e dos Tabernáculos.



21, 13: “casa de oração” – Os mercadores vendiam animais de sacrifício

no Templo para servirem aos peregrinos que queriam celebrar a Páscoa. No entanto, as taxas de câmbio monetário e os preços inflacionados tornaram o negócio lucrativo. Ao citar Is 56, 7, Jesus indica que os mercadores estão profanando o Templo. O Templo não era um lugar comum, e sim um santuário para adoração.

• No contexto de Is 56, 3-8, Isaías vê Deus reunindo todas as nações em seu Templo. Os gentios não seriam mais excluídos do povo com quem tinha fixado aliança; Deus os uniria com Ele. Tal profecia parece estar ameaçada a não se cumprir devido às presentes circunstâncias da narrativa: animais estavam sendo vendidos na parte externa do Templo, a parte dos gentios; isso os prevenia de prestar adoração verdadeiramente. Jesus, então, baseado em Isaías, acusa o estabelecimento de estar obstruindo as intenções de Deus.

“Uma toca de ladrões”: uma citação de Jr 7, 11.

• No contexto de Jr 7, Jeremias havia proferido no Templo um sermão sobre o julgamento dos israelitas. Eles presumiam que o Templo lhes garantia segurança e proteção, apesar de suas condutas pecaminosas (Jr 7, 4. 8-10). Justamente porque Israel desconsiderou o aviso de Jeremias, Deus destruiu o Templo de Salomão em 586 a.C. Aqui, Jesus recorda de tanto as

1 São Jerônimo, *Homília* 81.

2 Salmos *de Aleluia* (“hallelujah”), ou *de Louvor* – NT.

Jesus amaldiçoa uma figueira – ¹⁸Na manhã seguinte, voltando para a cidade, Jesus ficou com fome. ¹⁹Viu uma figueira perto do caminho, foi até lá, mas não achou nada, a não ser folhas. Então Jesus disse à figueira: “Que você nunca mais dê frutos”. E, no mesmo instante, a figueira secou. ²⁰Vendo isso, os discípulos ficaram espantados, e disseram: “Como é que secou tão depressa?”. ²¹Jesus respondeu: “Eu lhes garanto: se vocês tiverem fé, e não duvidarem, vocês farão não só o que eu fiz com a figueira, mas também poderão dizer a essa montanha: ‘Levante-se, e jogue-se no mar’, e isso acontecerá. ²²E tudo o que vocês na oração pedirem com fé, vocês receberão”.

21, 20: Mc 11, 20-24. • 21, 21: Mt 17, 20; Lc 17, 6; 1Cor 13, 2; Tg 1, 6.

21, 23: Jo 14, 13-14; 16, 23.

circunstâncias quanto o desfecho da profecia de Jeremias: se Israel não se arrepender, o Templo será destruído mais uma vez (CIC 584).



21, 16: “Da boca das crianças” – Uma citação do Sl 8, 2 (na Septuaginta).

- Naquele contexto, o salmo descreve a infância gloriosa do Senhor – algo que Jesus mesmo usa para apontar sua divindade (cf. 11, 25).

21, 19: “figueira” – Um símbolo da Antiga Aliança com Israel (Jr 8, 13; Os 9, 10). Jesus a amaldiçoa porque estava seca e não tinha figos (Mc 11, 21). Simbolicamente, Ele anuncia a maldição de Deus sobre os infiéis de Israel, isto é, aqueles que se recusaram a acreditar no Messias e não tinham fruto de arrependimento (3, 8-10; 21, 41. 43). A incredulidade de Israel é um exemplo negativo: a Igreja deve aprender com os erros dessa nação e rogar sempre com fé e confiança (21, 21; 17, 20; Tg 1, 6).

21, 28-32: A parábola dos dois filhos explica a questão anterior sobre a autoridade de

João Batista (21, 25). Os filhos (21, 28) apresentam dois tipos de pessoa: o primeiro é aquele dos pecadores que se arrependem através da pregação de João (21, 32) e o segundo é o dos líderes de Israel, que recusam a mensagem de João mesmo quando até os *cobreadores de impostos* e as *prostitutas* (21, 32) acreditaram nele (Lc 7, 29-30). Ao seguir o *caminho de justiça* mostrado por João (21, 32), os então pecadores faziam a *vontade do Pai* (21, 31).

21, 33-41: A parábola dos agricultores perversos é uma alegoria, isto é, cada um de seus detalhes é importante e simbólico (cf. Is 5, 1-2). O *proprietário* é Deus (21, 33) e a *vinha* é Jerusalém (21, 33). Os *agricultores* são os líderes de Jerusalém (21, 33. 45), enquanto que os *empregados* são os profetas do Antigo Testamento perseguidos por alertarem Israel para seus pecados (21, 34; cf. 23, 37). O *filho* é Jesus, que será jogado *para fora da vinha* e crucificado fora da cidade (21, 39; cf. Jo 19, 17. 20). Por causa da perversão desses agricultores, Deus os irá *matar* (21, 41) quando vier exercer

A autoridade de Jesus questionada – ²³Jesus voltou ao Templo. Enquanto ensinava, os chefes dos sacerdotes e os anciãos do povo se aproximaram, e perguntaram: “Com que autoridade fazes tais coisas? Quem foi que te deu essa autoridade?”. ²⁴Jesus respondeu: “Eu também vou fazer uma pergunta para vocês. Se responderem, Eu também direi a vocês com que autoridade faço isso. ²⁵De onde era o batismo de João? Do céu ou dos homens?”. Mas eles raciocinavam, pensando: “Se respondemos que vinha do céu, Ele vai dizer: ‘Entrão, por que vocês não acreditaram em João?’”. ²⁶Se respondemos que vinha dos homens, temos medo da multidão, pois todos consideram João como um profeta”. ²⁷Eles então responderam a Jesus: “Não sabemos”. E Jesus disse a eles: “Pois eu também não vou dizer a vocês com que autoridade faço essas coisas”.

21, 28: Mc 11, 27-33; Lc 20, 1-8; Jo 2, 18-22. • 21, 32: Mt 11, 9; 14, 5; Lc 1, 76.

seu julgamento sobre Jerusalém em 70 d.C. Ele confiará o reino da Nova Aliança aos *outros agricultores* de sua Igreja (16, 17-19; 18, 17-19; v. também o comentário sobre Mt 24, 1).



21, 42: “na Escritura” – Uma referência ao Sl 118, 22.

• Jesus afirma que Ele (a *pedra*) foi enviado por Deus (um *feito* do *Senhor*), apesar de sua rejeição por parte de Jerusalém (os *construtores*). A Escritura, portanto, prevê que o Messias, paradoxalmente, irá enfrentar a

oposição dos líderes do seu próprio povo; pelo contrário, os justos e fiéis enxergam a ação *admirável* de Deus na obra de Jesus Cristo. O Sl 118 é também citado como o fundamento bíblico da justificação e da ressurreição de Jesus (At 4, 10-11; 1Pd 2, 7; CIC 756).

21, 43: “entregue a uma nação” – Deus transferirá seu *reino* dos líderes da Antiga Aliança para os pastores da Igreja da Nova Aliança (19, 28; Lc 22, 28-30).

A parábola dos dois filhos – ²⁸⁴O que vocês acham disto? Certo homem tinha dois filhos. Ele foi ao mais velho, e disse: ‘Filho, vá trabalhar hoje na vinha’. ²⁹O filho respondeu: ‘Não quero’. Mas depois arrependeu-se, e foi. ³⁰O pai dirigiu-se ao outro filho, e disse a mesma coisa. Esse respondeu: ‘Sim, senhor, eu vou’. Mas não foi. ³¹Qual dos dois fez a vontade do pai?’. Os chefes dos sacerdotes e os anciãos do povo responderam: “O filho mais velho”. Então Jesus lhes disse: “Pois eu garanto a vocês: os cobradores de impostos e as prostitutas vão entrar antes de vocês no Reino do Céu. ³²Porque João veio até vocês para mostrar o caminho da justiça, e vocês não acreditaram nele. Os cobradores de impostos e as prostitutas acreditaram nele. Vocês, porém, mesmo vendo isso, não se arrependeram para acreditar nele”.

21, 28: Mt 20, 1; 21, 33. • 21, 32: Lc 7, 29-30.

A parábola dos agricultores perversos – ³³⁷Escutem essa outra parábola: Certo proprietário plantou uma vinha, cercou-a, fez um tanque para pisar a uva, e construiu uma torre de guarda. Depois arrendou a vinha para alguns agricultores, e viajou para o estrangeiro. ³⁴Quando chegou o tempo da colheita, o proprietário mandou seus empregados aos agricultores para receber os frutos. ³⁵Os agricultores, porém, agarraram os empregados, bateram num, mataram outro, e apedrejaram o terceiro. ³⁶O proprietário mandou de novo outros empregados, em maior número que os primeiros. Mas eles os trataram da mesma forma. ³⁷Finalmente, o proprietário enviou-lhes o seu próprio filho, pensando: ‘Eles vão respeitar o meu filho’. ³⁸Os agricultores, porém, ao verem o filho, pensaram: ‘Esse é o herdeiro. Venham, vamos matá-lo, e tomar posse da sua herança’. ³⁹Então agarraram o filho, o jogaram para fora da vinha, e o mataram. ⁴⁰Pois bem: quando o dono da vinha voltar, o que irá fazer com esses agricultores?’. ⁴¹Os chefes dos sacerdotes e os anciãos do povo responderam: “É claro que mandará matar de modo violento esses perversos, e arrendará a vinha a outros agricultores, que lhe entregarão os frutos no tempo certo”.

20, 33: Mc 12, 1-12; Lc 20, 9-19; Is 5, 1-7. • 20, 34: Mt 22, 3. • 20, 41: Mt 8, 11; At 13, 46; 18, 6; 28, 28.

A pedra que os construtores rejeitaram – ⁴²Então Jesus disse a eles: “Vocês nunca leram na Escritura: ‘A pedra que os construtores deixaram de lado tornou-se a pedra mais importante; Isso foi feito pelo Senhor, e é admirável aos nossos olhos’
⁴³Por isso eu lhes afirmo: o Reino de Deus será tirado de vocês, e será entregue a uma nação que produzirá seus frutos. ⁴⁴Quem cair sobre essa pedra, ficará em pedaços; e aquele sobre quem ela cair, será esmagado”.
⁴⁵Os chefes dos sacerdotes e os fariseus ouviram as parábolas de Jesus, e compreenderam que estava falando deles. ⁴⁶Procuraram prender Jesus, mas ficaram com medo das multidões, pois elas consideravam Jesus um profeta.

21, 42: Sl 118, 22-23; At 4, 11; 1Pd 2, 7.

22 A parábola da festa de casamento – ¹Jesus voltou a falar em parábolas aos chefes dos sacerdotes e aos anciãos do povo. ²Ele dizia: “O Reino do Céu é como um rei que preparou a festa de casamento do seu filho. ³Ele mandou seus empregados chamar os convidados para a festa, mas estes não quiseram ir. ⁴O rei mandou outros empregados, dizendo: ‘Falem aos convidados que eu já preparei o banquete, os bois e animais gordos já foram abatidos, e tudo está pronto. Que venham para a festa’. ⁵Mas os convidados não deram a menor atenção; um foi para o seu campo, outro foi fazer os seus negócios, ⁶e outros agarraram os empregados, bateram neles, e os mataram. ⁷Indignado, o rei mandou suas tropas, que mataram aqueles assassinos, e puseram fogo na cidade deles. ⁸Em seguida, o rei disse aos empregados: ‘A festa de casamento está pronta, mas os convidados não a mereceram. ⁹Portanto, vão até as encruzilhadas dos caminhos, e convidem para a festa todos os que vocês encontrarem’. ¹⁰Então os empregados saíram pelos caminhos, e reuniram todos os que encontraram, maus e bons. E a sala da festa ficou cheia de convidados.

¹¹Quando o rei entrou para ver os convidados, observou aí alguém que não estava usando o traje de festa. ¹²E lhe perguntou: ‘Amigo, como foi que você entrou aqui sem o traje de festa?’. Mas o homem nada respondeu. ¹³Então o rei disse aos que serviam: ‘Amarrem os pés e as mãos desse homem, e o joguem fora na escuridão. Aí haverá choro e ranger de dentes’. ¹⁴Porque muitos são chamados, e poucos são escolhidos”.

22, 1: Lc 14, 16-24. • 22, 1: Mt 21, 34. • 22, 10: Mt 13, 47. • 22, 12: Mt 20, 13; 26, 50.

22, 13: Mt 8, 12; 13, 42. 50; 24, 51; 25, 30; Lc 13, 28.

COMENTÁRIOS

22, 1-14: A parábola da festa de casamento é uma alegoria da história da salvação que culmina em Jesus. O rei é Deus (22, 2), que prepara um banquete no céu para o seu filho (22, 2). Os empregados são os profetas do Antigo Testamento (22, 3), encarregados de chamar Israel (22, 3). Como alguns dos convidados ignoram os profetas e outros até mataram alguns deles (22, 6; 23, 37), Deus destrói sua cidade, Jerusalém (22, 7), e envia outros empregados como apóstolos (22, 8) para convidar os gentios, maus e bons (22, 10), para a celebração. Aqueles que não estavam usando o traje apropriado foram jogados na escuridão da condenação eterna (22, 14). A parábola destaca o tratamento imparcial de Deus com relação a todos os que foram chamados – gentios e judeus. Ele recompensa e pune com base na aceitação ou rejeição de seu chamado por parte de cada um (cf. Rm 2, 6-11) (CIC 546, 796).



22, 2: “festa de casamento” – Uma imagem do regozijo e da comunhão com Deus.

- A referência é provavelmente Is 25, 6-9, em que a salvação do povo de Deus é retratada como um alegre banquete. Isso se concretiza de duas formas: em primeiro lugar, de forma *litúrgica* e no *presente*, através da santa Eucaristia, que é o banquete sacramental do Cristo (cf. Jo 6, 53-58, 1Cor 10, 16; Ap 19, 9); e em segundo lugar, de forma *escatológica* e no *futuro*, através da comunhão final com Cristo, que se dá no céu através da infinita união de Deus com seus santos.

22, 11: “não estava usando o traje da festa” – Um símbolo das boas ações que acompanham a verdadeira fé (Ap 19, 7-8). Tais boas ações aparecem no evangelho de Mateus como sendo a esmola (6, 2-4), a oração (6, 5-15), o jejum (6, 16-18) e os trabalhos de misericórdia (25, 34-40).

A questão sobre o pagamento do imposto – ¹⁵Então os fariseus se retiraram, e fizeram um plano para apanhar Jesus em alguma palavra. ¹⁶Mandaram os seus discípulos, junto com alguns partidários de Herodes, para dizerem a Jesus: “Mestre, sabemos que Tu és verdadeiro, e que ensinas de fato o caminho de Deus. Tu não dás preferência a ninguém, porque não levas em conta as aparências. ¹⁷Dize-nos, então, o que pensas: É lícito ou não é, pagar imposto a César?”. ¹⁸Jesus percebeu a maldade deles, e disse: “Hipócritas! Por que vocês me tentam? ¹⁹Mostrem-me a moeda do imposto”. Levaram então a Ele a moeda. ²⁰E Jesus perguntou: “De quem é a figura e inscrição nesta moeda?”. ²¹Eles responderam: “É de César”. Então Jesus disse: “Pois dêem a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus”. ²²Ouvindo isso, eles ficaram admirados. Deixaram Jesus, e foram embora.

22, 15: Mc 12, 13-17; Lc 20, 20-26; Mc 3, 6; 8, 15. • 22, 21: Rm 13, 7

22, 15-22: A colaboração entre fariseus e herodianos – que representam duas visões políticas opostas – revela as medidas extremas que foram tomadas para aniquilar Jesus (cf. 12, 14; 26, 4). A estratégia era pegá-lo através dessa armadilha: se Ele negasse o pagamento do imposto a César, os herodianos poderiam acusá-lo por traição e por incitar uma revolta contra os impostos de Roma; se Jesus aprovasse o pagamento do imposto, os fariseus o acusariam de infidelidade ao judaísmo e às esperanças do povo de tornar-se uma nação independente.

22, 16: “seus discípulos” – Os judeus nacionalistas se opuseram à ocupação e ao governo da Palestina por parte de Roma (v. também o *Ensaio sobre um tópico: Quem são os fariseus?*, no nosso estudo bíblico sobre o evangelho de Marcos, em Mc 2).

“Partidários de Herodes”: herodianos; davam apoio ao domínio de Roma e eram simpáticos à dinastia de Herodes (v. o comentário sobre Mt 2, 1 e Mt 2, 22).

22, 19: “a moeda” – Era um “denário” estampado com o perfil de Tibério César, o Imperador romano da época (que governou de 14 d.C. a 37 d.C.). Esse imposto, especificamente, era uma ofensa aos judeus, que sabiam que Deus tinha proibido que se fizesse qualquer tipo de imagem de qualquer criatura que fosse (Ex 20, 4).

22, 21: “o que é de César [...] o que é de Deus” – Jesus escapa da tal armadilha (22, 17) com uma resposta súbita e de caráter enigmático. Suas palavras têm muitas significações:

1. Por um lado, Jesus joga com a palavra “figura” (sinônimo de “imagem”). As moedas de César podiam ser dadas de volta a ele sem que nisso estivesse envolvido compromisso religioso algum; afinal de contas, ele mesmo havia cunhado as moedas com a própria imagem e, portanto, elas eram de sua propriedade.
2. Mais importante ainda, todos nós – criados à “imagem” e semelhança de Deus (Gn 1, 27) – temos o dever de nos dar de volta a Deus. Essa obrigação superior compete inclusive a César.
3. A resposta de Jesus joga a armadilha de seus adversários contra eles mesmos: Ele indica que os impostos são conseqüências dos próprios pecados deles – se Israel tivesse pago suas dívidas a Deus, eles próprios não seriam subjugados pelo governo romano.
4. No fim, Jesus afirma que podemos cumprir nossos deveres civis enquanto priorizamos o dever mais alto de servir a Deus (cf. Rm 13, 1-7; 1Pd 2, 13-17; CIC 2242).

22, 23: “saduceus” – Aristocracia sacerdotal que se localizava principalmente em Jerusalém (v. o *Ensaio sobre um tópico: Quem*

A questão sobre a ressurreição dos homens – ²³Os saduceus afirmam que não existe ressurreição. Alguns deles se aproximaram de Jesus, e lhe propuseram este caso: ²⁴“Mestre, Moisés disse: ‘Se alguém morrer sem ter filhos, o irmão desse homem deve casar-se com a viúva, a fim de que possam ter filhos em nome do irmão que morreu.’ ²⁵Pois bem, havia entre nós sete irmãos. O primeiro casou-se, e morreu sem ter filhos, deixando a mulher para seu irmão. ²⁶Do mesmo modo aconteceu com o segundo e o terceiro, e assim com os sete. ²⁷Depois de todos eles, morreu também a mulher. ²⁸Na ressurreição, de qual dos sete ela será mulher? De fato, todos a tiveram”.

²⁹Jesus respondeu: “Vocês estão enganados, porque não conhecem as Escrituras, nem o poder de Deus. ³⁰De fato, na ressurreição, os homens e as mulheres não se casarão, pois serão como os anjos do céu. ³¹E, quanto à ressurreição, será que não leram o que Deus disse a vocês: ³²‘Eu sou o Deus de Abraão, o Deus de Isaac e o Deus de Jacó?’ Ora, Ele não é Deus dos mortos, mas dos vivos”. ³³Ouvindo isso, as multidões ficaram impressionadas com o ensinamento de Jesus.

22, 23: Mc 12, 18-27; Lc 20, 27-38; At 4, 1-2; 23, 6-10. • 22, 24: Dt 25, 5. • 22, 32: Ex 3, 6. • 22, 33: Mt 7, 28

são os saduceus?, no nosso estudo bíblico sobre o evangelho de Marcos, em Mc 12).

“Não existe ressurreição”: Uma negação que contradizia a corrente principal do judaísmo (cf. At 23, 8). A aparente aceitação da doutrina por parte deles em 22, 28 é apenas uma fachada; eles buscavam desbancar Jesus com uma pergunta irrespondível.

22, 24: “se alguém morrer” – Um cenário hipotético baseado na lei levita de Dt 25, 5-6. Se um homem casado morre e não deixa filhos, por essa lei é requerido que um de seus irmãos se case com a viúva e então produza uma família (cf. Gn 38, 6-8). Os sete maridos mencionados (22, 26) possivelmente fazem alusão à situação em Tb 7, 11.

22, 30: “como os anjos” – Jesus afirma a ressurreição (cf. Jo 5, 28-29), indo contra os saduceus. Esse evento significará o fim dos

casamentos terrenos e seus dois propósitos – a saber: a geração de filhos e a ajuda mútua entre os esposos em direção à santificação. Na vida no céu, não será preciso povoar a Igreja e buscar a santidade, uma vez que os justos viverão como os anjos, que não geram filhos e adoram a Deus constantemente (cf. Is 6, 2-3; Ap 5, 11-12).



22, 32: “Abraão [...] Isaac [...] Jacó” – Os saduceus não têm fé no poder de Deus e, portanto, não são capazes de interpretar corretamente a Escritura. Num outro plano, a controvérsia de Jesus com os saduceus também envolve o cânone da Bíblia. Os saduceus aceitavam apenas os cinco livros de Moisés (do Gênesis ao Deuteronômio) como Escritura Sagrada e rejeitavam toda a autoridade dos profetas do Antigo Testamento. Jesus parece estar atento a isso, já que Ele pode-

O maior dentre os mandamentos – ³⁴Os fariseus ouviram dizer que Jesus tinha feito os saduceus se calarem. Então eles se reuniram em grupo, ³⁵e um deles perguntou a Jesus para o tentar: ³⁶“Mestre, qual é o maior mandamento da Lei?”. ³⁷Jesus respondeu: “Ame ao Senhor seu Deus com todo o seu coração, com toda a sua alma, e com todo o seu entendimento. ³⁸Esse é o maior e o primeiro mandamento. ³⁹O segundo é semelhante a esse: Ame ao seu próximo como a si mesmo. ⁴⁰Toda a Lei e os Profetas dependem desses dois mandamentos”.

22, 34: Mc 12, 28-34; Lc 20, 39-40; 10, 25-28. • 22, 35: Lc 7, 30; 11, 45; 14, 3. • 22, 37: Dt 6, 5.

22, 39: Lv 19, 18; Mt 19, 19; Gl 5, 14; Rm 13, 9; Tg 2, 8

A questão sobre o Messias – ⁴¹Os fariseus estavam reunidos, e Jesus lhes perguntou: ⁴²“O que é que vocês acham do Messias? Ele é filho de quem?”. Os fariseus responderam: “De Davi”. ⁴³Então Jesus disse: “Como é que Davi, pelo Espírito, o chama Senhor, quando afirma:

⁴⁴“O Senhor disse ao meu Senhor: sente-se à minha direita, Até que Eu ponha os seus inimigos debaixo dos seus pés?”

⁴⁵Se o próprio Davi o chama de Senhor, como ele pode ser seu filho?”. ⁴⁶E ninguém podia responder a Jesus uma só palavra. Desse dia em diante, ninguém mais se arriscou a fazer perguntas a Jesus.

22, 41: Mc 12, 35-37; Lc 20, 41-44. • 22, 44: L Sl 110, 1; At 2, 34-35; Hb 1, 13; 10, 13. • 22, 46: Mc 12, 34; Lc 20, 40.

ria ter citado inúmeras passagens dos profetas que falam abertamente da ressurreição (Is 26, 19; Ez 37, 1-14; Dn 12, 2). Mas, ao invés disso, Ele tece sua resposta aos saduceus estrategicamente, fazendo citações apenas dos livros de Moisés (Ex 3, 6).

- Naquele contexto, Deus se revelou a Moisés na sarça ardente como sendo o Deus dos antigos patriarcas, já mortos há muito tempo (Ex 3, 1-6). Jesus tira duas conclusões desse texto: em primeiro lugar, Abraão, Isaac e Jacó só poderiam estar ainda vivos com Deus e, em segundo lugar, sua presença constante em Deus é a condição necessária para suas ressurreições no futuro (CIC 581).

22, 40: “desses dois mandamentos” – Os 613 mandamentos da Lei Mosaica são destilados aqui em dois preceitos: amar a Deus (Dt 6, 5) e amar o próximo (Lv 19, 18). Isso resume o espírito do Antigo Testamento (*toda a Lei e os Profetas*). De acordo também com São Paulo, o amor (a caridade) é a maior das virtudes teologais (1Cor 13, 13) e é o cumprimento da lei moral de Deus (Rm 13, 8-10; CIC 1822-1824).



22, 45: “o chama de Senhor” – A questão de Jesus é sobre o sentido do Sl 110, 1. Os fariseus (22, 42) acham que o verso se refere ao Messias, mas seu entendimento é incompleto e inadequado.

- O Sl 110 é um salmo de entronização que provavelmente era usado nas cerimônias de

coroação dos reis descendentes de Davi. Nesse sentido, Davi se refere ao seu filho como “Senhor” (22, 44), um título mais apropriado para um superior. Isso implica que o Messias esperado seria maior ainda que o próprio Davi – um ponto crucial que parece fugir à mente dos fariseus (cf. At 2, 34-36). Como Messias, Jesus é o filho de Davi (1, 1) e ainda maior que Davi, por ser o Filho de Deus (3, 17; 16, 16; 17, 5) (CIC 439, 447; v. também o comentário sobre Mt 1, 17).



O SALUTARIS HOSTIA,
QUAE CAELI PANDIS OSTIUM

23 Jesus denuncia a hipocrisia dos escribas e dos fariseus – ¹Jesus falou às multidões e aos seus discípulos: ²“Os doutores da Lei e os fariseus têm autoridade para interpretar a Lei de Moisés. ³Por isso, vocês devem fazer e observar tudo o que eles dizem. Mas não imitem suas ações, pois eles falam e não praticam. ⁴Amarram pesados fardos e os colocam no ombro dos outros, mas eles mesmos não estão dispostos a movê-los, nem sequer com um dedo. ⁵Fazem todas as suas ações só para serem vistos pelos outros. Vejam como eles usam faixas largas na testa e nos braços, e como põem na roupa longas franjas, com trechos da Escritura. ⁶Gostam dos lugares de honra nos banquetes e dos primeiros lugares nas sinagogas; ⁷gostam de ser cumprimentados nas praças públicas, e de que as pessoas os chamem mestre. ⁸Quanto a vocês, nunca se deixem chamar mestre, pois um só é o Mestre de vocês, e todos vocês são irmãos. Na terra, não chamem a ninguém Pai, pois um só é o Pai de vocês, aquele que está no céu. ⁹Não deixem que os outros chamem vocês líderes, pois um só é o Líder de vocês: o Messias. ¹⁰Pelo contrário, o maior de vocês deve ser aquele que serve a vocês. ¹¹Quem se eleva será humilhado, e quem se humilha será elevado”.

¹²“Ai de vocês, doutores da Lei e fariseus hipócritas! Vocês fecham o Reino do Céu para os homens. Nem vocês entram, nem deixam entrar aqueles que desejam. ¹³Ai de vocês, doutores da Lei e fariseus hipócritas! Vocês exploram as viúvas, e roubam suas casas e, para disfarçar, fazem longas orações! Por isso, vocês vão receber uma condenação mais severa. ¹⁴Ai de vocês, doutores da Lei e fariseus hipócritas! Vocês percorrem o mar e a terra para converter alguém, e quando conseguem, o tornam merecedor do inferno duas vezes mais do que vocês.

¹⁵Ai de vocês, guias cegos! Vocês dizem: ‘Se alguém jura pelo Templo, não fica obrigado, mas se alguém jura pelo ouro do Templo, fica obrigado’. ¹⁶Irresponsáveis e cegos! O que vale mais: o ouro ou o Templo que santifica o ouro? ¹⁷Vocês dizem também: ‘Se alguém jura pelo altar, não fica obrigado, mas se alguém jura pela oferta que está sobre o altar, esse fica obrigado’. ¹⁸Cegos! O que vale mais: a oferta ou o altar que santifica a oferta? ¹⁹De fato, quem jura pelo altar, jura por ele e por tudo o que está sobre ele. ²⁰E quem jura pelo Templo, jura por ele e por Deus que habita no Templo. ²¹E quem jura pelo céu, jura pelo trono de Deus e por aquele que nele está sentado.

²²Ai de vocês, doutores da Lei e fariseus hipócritas! Vocês pagam o dízimo da hortelã, da erva-doce e do cominho, e deixam de lado os ensinamentos mais importantes da Lei, como a justiça, a misericórdia e a fidelidade. Vocês deveriam praticar isso, sem deixar aquilo. ²³Guias cegos! Vocês coam um mosquito, mas engolem um camelo.

²⁴Ai de vocês, doutores da Lei e fariseus hipócritas! Vocês limpam o copo e o prato por fora, mas por dentro vocês estão cheios de desejos de roubo e cobiça. ²⁵Fariseu cego! Limpe primeiro o copo por dentro, e assim o lado de fora também ficará limpo.

²⁶Ai de vocês, doutores da Lei e fariseus hipócritas! Vocês são como sepulcros caiados: por fora parecem bonitos, mas por dentro estão cheios de ossos de mortos e podridão! ²⁷Assim também vocês: por fora, parecem justos diante dos outros, mas por dentro estão cheios de hipocrisia e injustiça.

²⁸Ai de vocês, doutores da Lei e fariseus hipócritas! Vocês constroem sepulcros para os profetas, e enfeitam os túmulos dos justos, ²⁹e dizem: ‘Se tivéssemos vivido no tempo de nossos pais, não teríamos sido cúmplices na morte dos profetas’. ³⁰Com isso, vocês confessam que são filhos daqueles que mataram os profetas. ³¹Pois bem: acabem de encher a medida dos pais de vocês! ³²Serpentes, raça de cobras venenosas! Como é que vocês poderiam escapar da condenação do inferno? ³³É por isso que Eu envio a vocês profetas, sábios e doutores: a uns vocês matarão e crucificarão, a outros torturarão nas sinagogas de vocês, e os perseguirão de cidade em cidade. ³⁴Desse modo, virá sobre vocês todo o sangue justo derramado sobre a terra, desde o sangue de Abel, o justo, até o sangue de Zacarias, filho de Baraquias, que vocês assassinaram entre o santuário e o altar. ³⁵Eu garanto a vocês: tudo isso acontecerá a essa geração”.

23, 4: Lc 11, 46; At 15, 10. • 23, 5: Mt 6, 1. 5. 16; Ex 13, 9; Dt 6, 8; Mt 9, 20. • 23, 6: Mc 12, 38-39. Lc 20, 46; 14, 7-11; 11, 43.

23, 8: Tg 3, 1. • 23, 11: Mt 20, 26; Mc 9, 35; 10, 43; Lc 9, 48; 22, 26. • 23, 12: Lc 14, 11, 18, 14; Mt 18, 4; 1Pd 5, 6.

23, 13: Lc 11, 52. • 23, 15: At 2, 10; 6, 5; 13, 43. • 23, 16: Mt 5, 33-37; 15, 14. • 23, 17: Ex 30, 29. • 23, 21: 1Rs 8, 13; Sl 26, 8.

23, 23: Lc 11, 42; Lv 27, 30; Mq 6, 8. • 23, 25: Lc 11, 39-41; Mc 7, 4. • 23, 27: Lc 11, 44; At 23, 3; Sl 5, 9.

23, 29: Lc 11, 47-48; At 7, 51-53. • 23, 33: Mt 3, 7; Lc 3, 7. • 23, 34: Lc 11, 49-51; 1Cr 36, 15-16. Mt 10, 17. 23.

23, 35: Gn 4, 8; Hb 11, 4; Zc 1, 1; 2Cr 24, 21. • 23, 36: Mt 10, 23; 16, 28; 24, 34.

COMENTÁRIOS

23, 1-36: Jesus alerta as *multidões* e os *discípulos* (23, 1) que os *doutores da Lei* e os *fariseus* (23, 2) são perigosos e que não se deve imitar a falsa piedade deles. Jesus ataca as atitudes dos fariseus (23, 2-12) e anuncia sete “desgraças” que os acusam de homicidas (23, 34-35).

23, 2: “têm autoridade” – Isso pode se referir a uma “cadeira”, de fato – como as usadas nas sinagogas – ou estar apenas simbolizando autoridade de ensinamento. Os fariseus, portanto, pregavam a Lei Mosaica com autoridade, porém o fato de falharem na prática de seus “maiores” pontos (23, 23) não deveria ser imitado pela população (v. o *Ensaio sobre um tópico: Quem são os fariseus?*, no nosso estudo bíblico sobre o evangelho de Marcos, em Mc 2).

23, 5: “faixas largas” – Eram pequenas caixas de couro que continham trechos da Escritura. Eram amarradas ao antebraço e à testa enquanto se rezava (Dt 6, 8; 11, 18). Fazendo-os *largos*, os fariseus queriam ostentar sua piedade para serem reconhecidos publicamente por ela.

“Longas franjas”: Veja o comentário sobre Mt 9, 20.

23, 7: “mestre” – Um título para professores judeus reverenciados que, no hebraico, era muito importante (Jo 1, 38).



23, 9: “não chamem a ninguém Pai” – Jesus usa dessa hipérbole (que não deve ser entendida literalmente) para enfatizar que ninguém deveria desejar orgulhosamente algum título honorífico. Os evangelistas usam a palavra *pai* tanto para o pai natural (Hb 12, 7-11) quanto para os pais espirituais da Igreja (1Cor 4, 15; Fm 10).

• A paternidade espiritual concedida aos sacerdotes da Nova Aliança é uma extensão de sua aplicação aos sacerdotes da Antiga Aliança (Jz 17, 10; 18, 19).



23, 13: “Ai de vocês” – Recorda os oráculos de julgamento do Antigo Testamento (Is 5, 8-23; Ez 24, 6. 9; Hab 2, 6-20). Essa é a primeira das sete “desgraças” que Jesus denuncia quanto aos fariseus (23, 15. 16. 23. 25. 27. 29). Ele apresenta o contrato de aliança contra a infiel Israel e proclama as “desgraças” como maldições de aliança que cairão sobre os impenitentes (cf. Dt 27, 15-26). No evangelho de Mateus, essas sete “desgraças” são a oposição das bênçãos da Nova Aliança proclamadas pelas Bem-aventuranças (5, 3-12; cf. Lc 6, 24-26).

A referência do Antigo Testamento para esse episódio provavelmente é Lv 26 e a promessa de Deus de vingar-se exatamente “sete vezes” dos israelitas caso eles violassem a aliança (Lv 26, 18. 21. 24. 28).

23, 15: “para converter alguém” – Isto é, ao judaísmo farisaico.

23, 16-22: Os fariseus faziam distinções falsas e minuciosas entre os juramentos, supondo que o objeto invocado pelo juramento (pelo Templo, por outro, pelo altar etc.) era o que determinava a força vinculativa do juramento feito. Essa distinção, por fazerem que alguns juramentos se tornassem menos comprometedores que outros, abusava da sacralidade dessa prática e a desvalorizava (CIC 2153; v. também o comentário sobre Mt 5, 33).

23, 23: “da hortelã, da erva-doce e do cominho” – Pequenas ervas usadas para temperar. De acordo com a Lei, a décima parte (*dizimo*) do que era produzido deveria

Lamentação por Jerusalém – ³⁷Jerusalém, Jerusalém, que mata os profetas e apedreja os que foram enviados a você! Quantas vezes Eu quis reunir seus filhos, como a galinha reúne os pintinhos debaixo das asas, mas você não quis! ³⁸Vejam! a casa de vocês ficará deserta. ³⁹De fato, Eu lhes digo que, daqui em diante, vocês não me verão mais, até que digam: Bendito seja Aquele que vem em nome do Senhor!”.

23,37: Lc 13, 34-35. • 23,38: 1Rs 9, 7; Jr 22, 5. • 23,39: Mt 21, 9; Sl 118, 26.

ser oferecido a Deus (Lv 27, 30; Dt 14, 22-23). Os fariseus, cheios de escrúpulos, aderiam fortemente a esse comando, mas negligenciavam outros princípios maiores e mais importantes; como a *justiça*, a *misericórdia* e a *fidelidade*, que eram os fundamentos da Lei Mosaica e deveriam inspirar todo e qualquer ato de obediência a Deus (cf. 9, 13).

23, 24: “um mosquito” – Um dos menores seres considerados impuros, o qual os judeus não podiam comer (Lv 11, 41-43). Os fariseus, para coarem os mosquitos e forçá-los para fora das bebidas, coavam tudo que bebiam obedientemente através de um pano.

“Um camelo”: um dos maiores animais considerados impuros (Lv 11, 4). Esse contraste de Jesus expõe os fariseus e o modo como cumpriam os mais pormenorizados preceitos das leis de Deus às custas dos maiores princípios da vida espiritual.

23, 27: “sepulcros caiados” – O contato direto com os mortos tornava os judeus impuros temporariamente. Era comum, então, que se demarcasse com cal (ou seja, que se caiasse) os lugares onde ficavam as covas, a fim de que se as fizesse visíveis e se prevenisse qualquer contato descuidado com elas (Nm 19, 11-20). De acordo com Jesus, essa prática evidencia o modo como a piedade aparente e ostentada dos fariseus apenas servia para contrastar com sua corrupção e hipocrisia interiores.

23, 35: “de Abel [...] até [...] Zacarias” – Alguns estudiosos vêem nessa passagem uma referência ao primeiro (Gn 4, 8) e ao últi-

mo (2Cr 24, 20-22) assassinatos do Antigo Testamento. Isso está baseado na organização palestina do Antigo Testamento, que coloca o Gênesis como o livro de abertura e o 2º Livro das Crônicas como o último. Isso dificilmente se sustenta, porque o Zacarias apresentado em 2Cr 24, 20 é o “filho do sacerdote Joiada”, e não o *filho de Baraquias*. O Zacarias, filho de Baraquias, é o profeta do Antigo Testamento (Zc 1, 1) cuja morte, aliás, não consta relatada em nenhum trecho da Bíblia. Ao invés disso, Jesus pode estar se baseando numa tradição antiga, do mesmo modo que o martírio de Isaías não é mencionado em parte alguma da Bíblia, mas faz-se alusão a ele em Hb 11, 37 como o profeta “serrado em dois”. Na verdade, uma tradição rabínica sustenta que Zacarias, filho de Baraquias, foi morto no Templo (como no *Targum* – tradução em aramaico – do livro das *Lamentações*, 2, 20). De qualquer modo, o cálice da iniquidade, preenchido desde o começo da história, começa a transbordar com as intenções dos fariseus de assassinar Jesus (12, 14). Ao rejeitar o Deus Messias, a geração de Jesus atrai para si o julgamento divino que já se acumulava há séculos.



23, 37: “como a galinha” –

A Terra Santa recusou persistentemente os mensageiros de Deus. Jesus também é rejeitado, ainda que Ele tenha tentado proteger e reunir seus fiéis (CIC 558).

As falas de Jesus evocam Is 31, 5 e a proteção divina sobre Jerusalém. Outros textos do Antigo Testamento também retratam Deus

como uma ave que voa para proteger Israel (Dt 30, 10-12; Sl 91, 4).

- Alegoricamente, a galinha é a Igreja, que constantemente chama seus filhos jovens para que não se afastem. Assim como a galinha cuida dos seus, a Igreja também regenera os fiéis através do Batismo, os alimenta através das pregações e os ama com um carinho maternal.¹



23, 38: “a casa de vocês ficará deserta” – A cidade e o Templo de Jerusalém são abandonadas por Deus para serem julgadas (cf. Jr 12, 7; Dn 9, 17). Jesus, o Deus encarnado, simbolicamente decreta isso ao sair do Templo (Mt 24, 1) e ir para o Monte das Oliveiras (24, 3).

- A saída de Jesus do Templo recorda a visão de Ezequiel no Antigo Testamento. Ele testemunhou a glória de Deus deixando o Templo de Salomão e indo parar no Monte das Oliveiras, ao leste da cidade (Ez 10, 18; 11, 23). O afastamento de Deus foi logo seguido pela primeira destruição do Templo em 586 a.C.

24 O prenúncio da destruição do Templo – ¹Jesus saiu do Templo, e ia embora, quando os discípulos se aproximaram Dele para lhe mostrar as construções do Templo. ²Jesus respondeu: “Vocês estão vendo tudo isso? Eu garanto a vocês: aqui não ficará pedra sobre pedra; tudo será destruído”.

24, 1: Mc 13, 1-31; Lc 21, 1-33. • 24, 2: Mt 26, 61; 27, 39-40; Lc 19, 44; Jo2, 19.

COMENTÁRIOS



24, 1 – 25, 46: O discurso no Monte das Oliveiras é o último discurso de Jesus narrado no evangelho de Mateus (v. o *Esquema do evangelho de Mateus*). Seu objetivo é revelar eventos do futuro próximo e do distante.

- *Profeticamente*, Jesus prediz a conquista de Jerusalém e do Templo pelos romanos que aconteceu em 70 d.C. Sua predição dessa catástrofe e das tribulações que a preparariam é expressada em linguagem apocalíptica, como a dos profetas do Antigo Testamento, a qual é freqüentemente obscura e simbólica. O objetivo é mostrar que a ruína de Jerusalém será um abalo de proporções mundiais e trará grandes conseqüências para o plano da salvação.

2. *Tipologicamente*, a devastação do Templo, que era o símbolo arquitetônico da criação, antecipa a dissolução final do céu e da terra. Isso ocorrerá ao final dos tempos, quando Jesus voltar em toda a sua glória para julgar os vivos e os mortos (2Pd 3, 10-13; Ap 20, 11-15; CIC 585-586).

24, 3: “Monte das Oliveiras” – Ergue-se imediatamente ao leste de Jerusalém.

“Quando [...] qual”: a pergunta dos discípulos determina o foco do discurso do Monte das Oliveiras, que – todos reconhecem – é de difícil interpretação.

1. Alguns lêem a pergunta como sendo *dupla*, referindo-se a dois eventos distintos: a queda do Templo e a segunda vinda do Cristo. Vários adeptos dessa opinião afirmam que Jesus fala do primeiro evento em 24, 4-35 e

¹ Auctor Imperfecti, *Comentários incompletos sobre Mateus*.

do segundo em 24, 36 – 25, 46.

2. Outros a lêem como uma pergunta *simples* mesmo, sobre um único evento e as circunstâncias que o rodeiam. Para uns, todo o discurso é sobre a queda de Jerusalém e do Templo; para outros, o principal tópico é a segunda vinda do Cristo. De qualquer forma, o conteúdo todo de Mt 24 – 25 é tomado como uma exposição unificada, sendo que em 24, 36 é feita uma mudança de ênfase, mas não de assunto.

A favor dessa visão de que se trata de uma pergunta *simples*, pode-se notar que o evangelho de Lucas também apresenta alguns dos tópicos que abrangem as duas partes de Mt 24 (terraço – 24, 17; relâmpago – 24, 27; cadáver e urubus – 24, 28; Noé – 24, 37; mulheres moendo – 24, 41), porém organizados numa seqüência diferente, todos apontando para um mesmo momento em que tudo se concretizará (v. Lc 17, 22-37). A exposição de Lucas, portanto, enfraquece a hipótese da separação do discurso em duas partes, cada qual referente a um assunto diferente. Considerando que o assunto principal seja a destruição do Templo, confira o *Ensaio sobre um tópico: Fim do mundo?*

“Fim do mundo”: a teologia judaica diferencia a “era atual” da “era que está por vir”, que será anunciada pelo Messias. A teologia cristã transpôs esse esquema tradicional das duas eras que se dão no mesmo plano da história terrestre e, em vez disso, faz uma distinção entre a presente era histórica e temporal em que vivemos – ainda dominada pelo pecador

do e pelo mal (2Cor 4, 4; Gl 1, 4) – e a era que se dará na vida eterna, em estado de ressurreição (Mc 10, 30; Lc 20, 24-36). Considera-se que, nesse discurso todo, Jesus tenha falado a respeito do fim dos tempos em ambas as perspectivas: Ele não apenas fala da destruição do Templo (24, 2), que marca o fim da era de adoração pré-messianica (cf. Jo 4, 21; Hb 9, 26), como também prevê o fim dos céus e da terra (24, 35), referindo-se então também ao fim da história (como em 28, 20).



24, 8: “das dores” – Uma expressão que, no original, significa “dor de parto”.

- Uma imagem profética do Antigo Testamento que representa a tristeza que toma os pecadores por completo quando Deus vem para exercer julgamento (Is 26, 17-18; Jr 6, 24; Os 13, 13).

24, 14: “pelo mundo inteiro” – Essa expressão é também usada em outros trechos para se referir à extensão da presença do cristianismo no Império Romano (Rm 1, 8; Cl 1, 6. 23). O evangelho foi espalhado vasta e substancialmente pelo mundo romano à metade do primeiro século depois de Cristo (cf. 1Ts 1, 8).



24, 15: “a abominação da desolação” – Alude a Dn 9, 27; 11, 31 e 12, 11.

- Naquele contexto, Daniel prevê a dessacralização do Templo por parte do governador gentio Antíoco IV Epifânio (167 a.C.). An-

Sinais da vinda do Cristo e do fim dos tempos – ³Jesus estava sentado no Monte das Oliveiras. Seus discípulos se aproximaram Dele em particular, e disseram: “Dize-nos quando vai acontecer isso, e qual será o sinal da Tua vinda e do fim do mundo”. ⁴Jesus respondeu: “Cuidado, para que ninguém engane vocês. ⁵Porque muitos virão em meu nome, dizendo: ‘Eu sou o Messias’. E enganarão muita gente. ⁶Vocês vão ouvir falar de guerras e rumores de guerra. Prestem atenção, e não fiquem assustados, pois essas coisas devem acontecer, mas ainda não é o fim. ⁷De fato, uma nação lutará contra outra, e um reino contra outro reino. Haverá fome e terremotos em vários lugares. ⁸Mas tudo isso é o começo das dores”.

Perseguições previstas – ^{9a}Então os homens vão entregar vocês à tribulação e matá-los. Vocês serão odiados por todas as nações por causa do meu nome. ¹⁰Muitos ficarão escandalizados, trairão e odiarão uns aos outros. ¹¹Vão surgir muitos falsos profetas, que enganarão muita gente. ¹²A maldade se espalhará tanto, que o amor de muitos se resfriará. ¹³Mas, quem perseverar até o fim, será salvo. ¹⁴E esta Boa Notícia sobre o Reino será anunciada pelo mundo inteiro, como um testemunho para todas as nações. Então chegará o fim”.

24, 9: Mt 10, 17-18; Jo 15, 18; 16, 2. • 23, 13: Mt 10, 22; Ap 2, 7. • 23, 14: Mt 28, 19; Rm 10, 18.

tíoco queima Jerusalém, saqueia os artefatos sagrados do Templo e, nos seus arredores, ergue uma imagem idolatrando Zeus, o deus dos gregos (1Mc 1, 31. 37. 54). Jesus baseia-se nesse evento e, projetando-o, prevê a destruição final do Templo de Jerusalém por parte do exército romano, em 70 d.C. (cf. Lc 21, 20).



24, 16: “fujam para as montanhas” – Um alerta aos primeiros cristãos para que escapem de Jerusalém antes de seu julgamento e para que resistam às tentações de defender a cidade. De acordo com Eusébio, Padre da Igreja (340 d.C.), os cristãos que viviam na cidade fugiram para Pela, ao leste do rio Jordão.

- O aviso de Cristo recorda Zc 14. Naquele contexto, Zacarias prevê um dia de julgamento para Jerusalém, quando seria dito aos fiéis para “fugirem” da cidade (Zc 14, 5; cf. Jl 2, 32; Ab 17). De modo similar, em 1Mc 1, 37-39; 2, 27-28, em tempos de crise, os justos

têm de evacuar as cidades impuras de Jerusalém e Modi'in-Maccabim-Re'ut.



24, 27: “relâmpago” – Apontamentos a respeito da rapidez com que acontecerá o julgamento divino da cidade.

- De modo similar, o Antigo Testamento retrata a presença de Deus e sua temerosa condenação como uma furiosa tempestade (Sl 97, 4; Is 29, 5-6; Zc 9, 14).

“**A vinda**”: confira o *Estudo da palavra: Vinda* (Mt 24, 3).



24, 28: “os urubus” – Animais (imagem para os romanos) que comem os restos das carcaças (imagem para Jerusalém). É de se notar que os estandartes militares romanos mostravam a águia como o símbolo do império.

- No Antigo Testamento, a águia (termo que originalmente também podia se traduzir para

A abominação da desolação – ¹⁵Quando vocês virem a abominação da desolação, da qual falou o profeta Daniel, estabelecida no lugar onde não deveria estar, - que o leitor entenda! ¹⁶então, os que estiverem na Judéia fujam para as montanhas. ¹⁷Quem estiver no terraço, não desça para apanhar os bens de sua casa. ¹⁸Quem estiver no campo, não volte para pegar o manto. ¹⁹Infelizes as mulheres grávidas, e aquelas que estiverem amamentando nesses dias! ²⁰Rezem para que a fuga de vocês não aconteça no inverno, nem num dia de sábado. ²¹Pois nessa hora haverá uma grande tribulação, como nunca houve outra igual. ²²Se esses dias não fossem abreviados, ninguém conseguiria salvar-se. Mas esses dias serão abreviados por causa dos eleitos. ²³Se alguém disser a vocês: ‘Aqui está o Messias’, ou: ‘Ele está ali’, não acreditem. ²⁴Porque vão aparecer falsos messias e falsos profetas, que farão grandes sinais e prodígios, a ponto de enganar até mesmo os eleitos, se fosse possível. ²⁵Vejam que Eu estou falando isso para vocês, antes que aconteça. ²⁶Se disserem a vocês: ‘O Messias está no deserto’, não saiam; ‘Ele está aqui no esconderijo’, não acreditem. ²⁷Porque a vinda do Filho do Homem será como o relâmpago que sai do oriente e brilha até o ocidente. ²⁸Onde estiver o cadáver, aí se reunirão os urubus”.

24, 15: Dn 9, 27; 11, 31; 12, 11. • 24, 17: Lc 17, 31. • 24, 19: Lc 23, 29. • 24, 21: Dn 12, 1; Jl 2, 2.

24, 21: Dn 12, 1; Jl 2, 2. • 24, 26: Lc 17, 22-24; Ap 1, 7. • 24, 28: Lc 17, 37; Jó 39, 30.

A vinda do Filho do Homem – ²⁹Logo depois da tribulação daqueles dias, o sol vai ficar escuro, a lua não brilhará mais, e as estrelas cairão do céu, e os poderes do espaço ficarão abalados. ³⁰Então aparecerá o sinal do Filho do Homem no céu; todas as tribos da terra baterão no peito, e verão o Filho do Homem vindo sobre as nuvens do céu com poder e grande glória. ³¹Ele enviará seus anjos que tocarão bem alto a trombeta, e que reunirão os eleitos Dele, desde os quatro cantos da terra, de um extremo do céu até o outro”.

24, 29: Ap 8, 12; Is 13, 10; Ez 32, 7; Jl 2, 10-11; Sf 1, 15. • 24, 30: Mt 16, 27; Dn 7, 13; Ap 1, 7.

“abutre”) simbolizava as nações pagãs que vinham trazer sofrimento a Israel (Dt 28, 49; Hab 1, 8; cf. Os 8, 1).



24, 29: “sol [...] lua [...] estrelas” – Imagens de catástrofes cósmicas destacam a magnitude da destruição de Jerusalém que estava por vir.

- Representações do caos e de desordem celestial são usadas pelos profetas do Antigo Testamento para predizer a queda de reinos pagãos (Is 13, 9-10; Ez 32, 7-8; Jl 2, 10. 31; Am 8, 9). Jesus redireciona essas expressões para a própria Jerusalém: o reino de Israel, da Antiga Aliança, será devastado por ter se corrompido desde dentro, como se dá com os reinos pagãos, e ter rejeitado Jesus.



24, 30: “o Filho do Homem” – Uma alusão a Dn 7, 13.

- Naquele contexto, Daniel, numa visão, prediz a vinda de “um filho de homem”, por entre as *nuvens do céu*, e sua apresentação diante de Deus; a Ele é dado glória, “reino” e “poder eterno” (Dn 7, 14) sobre todas as nações (cf. 28, 18). Essa visão de Daniel ganha forma histórica com a ressurreição de Cristo e sua ascensão ao Pai (Mc 16, 19; At 1, 9). A vitória de Jesus sobre seus inimigos será visivelmente manifestada no julgamento de Jerusalém e no fim da Antiga Aliança (v. o *Ensaio sobre um tópico: Jesus, o Filho do Homem* no nosso estudo bíblico sobre o evangelho de Lucas, em Lc 17).



24, 31: “anjos” – Refere-se, presumivelmente, aos anjos do céu, que acom-

panharão Cristo quando Ele voltar em toda a sua glória (16, 27; 2Ts 1, 7). Pode se referir também – já que a palavra grega *angeloi* pode também significar mensageiros humanos – aos pregadores do evangelho (como é o caso, por exemplo, de João Batista, em 11, 10).

“Tocarão bem alto a trombeta”: Uma alusão a Is 27, 13.

- Naquele contexto, Isaías prevê uma restauração de Israel por parte do Messias. Convocadas pela trombeta do Senhor, as doze tribos de Jacó (Israel) serão libertadas de seu exílio por entre as nações e se unirão mais uma vez com Deus.

“Os quatro cantos”: as quatro direções da bússola (os quatro pontos cardeais).

- Essa afirmação recorda as passagens do Antigo Testamento que versam sobre a reunião do povo de Deus que vem de várias partes do mundo (Dt 30, 4; Is 11, 12; Zc 2, 6).

24, 34: “esta geração” – Essa expressão, em grego, pode tanto significar “essa raça” quanto “esses meus contemporâneos”. O segundo sentido cabe melhor nessa circunstância, não apenas porque Jesus está, com isso, prevendo sua primeira volta ainda dentro do tempo de vida de seus primeiros discípulos (16, 28), mas também porque Ele frequentemente se dirige aos seus contemporâneos que não lhe são fiéis usando o mesmo termo (11,16), ora contrastando-os com uma geração anterior que respondeu bem à mensagem de Deus (12, 41-42), ora comparando-os

A lição da parábola da figueira – ³²“Aprendam, portanto, a parábola da figueira: quando seus ramos ficam verdes, e as folhas começam a brotar, vocês sabem que O verão está perto. ³³Vocês também, quando virem todas essas coisas, fiquem sabendo que Ele está perto, já está às portas. ³⁴Eu garanto a vocês: tudo isso vai acontecer antes que morra esta geração que agora vive. ³⁵O céu e a terra desaparecerão, mas as minhas palavras não desaparecerão.

24, 34: Mt 16, 28. • 24, 35: Mt 5, 18; Lc 16, 17.

implicitamente com a geração infiel de Israel que não entrou na terra prometida (12, 39. 45; 16, 4; 17, 17; cf. Dt 1, 35; 32, 5).



24, 35: “O céu e a terra desaparecerão” – Essa é uma previsão grave, e não apenas um artifício retórico, hipotético, de contraste. Jesus está profetizando o fim da ordem da Antiga Aliança, isto é, da antiga criação que esperava uma renovação em Cristo (cf. 2Cor 5, 17; Ap 21, 1). Assim como a era do Antigo Testamento foi substituída pela do Novo Testamento através das *palavras* poderosas de Cristo, também a era do Novo Testamento dará lugar à vida eterna quando a história humana acabar.

- A afirmação de Jesus recorda os oráculos do Antigo Testamento que descreviam a palavra de Deus (Is 40, 8) e a salvação por Ele nos concedida (Is 51, 6) como mais duradouras do que os frágeis elementos do cosmos.

24, 36 – 25, 46: Jesus passa a ocultar certos detalhes, ao invés de continuar revelando

grandes profecias. A queda de Jerusalém será precedida de alguns sinais (24, 5-8. 30. 33), porém o momento exato de seu julgamento continuará desconhecido (24, 42. 44; 25, 13).



24, 36: “nem o Filho. Somente o pai” – Essa passagem se compara à de 20, 23, em que Jesus diz que é o Pai, e não Ele, quem determina a posição de cada um no Reino do Céu. Aqui, também, a palavra *somente* aponta para o tempo da volta gloriosa do Filho. O desconhecimento que Jesus diz ter a respeito desse *dia* e dessa *hora* pode ser entendido como uma figura de hipérbole (exagero), o que seria parte de uma técnica de ensino muito usada pelos rabinos judeus e também pelo próprio Cristo (5, 34; 23, 9; Lc 14, 26).

- A tradição católica sustenta que essa aparente ignorância de Jesus não é uma afirmação literal que Ele faz, mas sim uma figura de linguagem que Ele usa; já que o Filho e o Pai compartilham tudo em profunda união, inclusive o

A necessidade da vigia constante – ³⁶Quanto a esse dia e essa hora, ninguém sabe nada, nem os anjos do céu, nem o Filho. Somente o Pai é quem sabe. ³⁷A vinda do Filho do Homem será como no tempo de Noé. ³⁸Porque, nos dias antes do dilúvio todos comiam e bebiam, casavam-se e davam-se em casamento, até o dia em que Noé entrou na arca. ³⁹E eles nada perceberam, até que veio o dilúvio, e arrastou a todos. Assim acontecerá também na vinda do Filho do Homem. ⁴⁰Dois homens estarão trabalhando no campo: um será levado, e o outro será deixado. ⁴¹Duas mulheres estarão moendo no moinho: uma será levada, a outra será deixada. ⁴²Portanto, fiquem vigiando! Porque vocês não sabem em que dia virá o Senhor de vocês. ⁴³Compreendam bem isto: se o dono da casa soubesse a que horas viria o ladrão, certamente ficaria vigiando, e não deixaria que a sua casa fosse arrombada. ⁴⁴Por isso, também vocês estejam preparados. Porque o Filho do Homem virá na hora em que vocês menos esperarem.

24, 36: At 1, 6-7. • 24, 37: Lc 17, 26-27; Gn 6, 5-8; 7, 6-24. • 24, 40: Lc 17, 34-35.

24, 42: Mc 13, 35; Lc 12, 40; Mt 25, 13. • 24, 43: Lc 12, 39-46; 1Ts 5, 2; Ap 3, 3; 16, 15; 2Pd 3, 10.

O empregado fiel e o mau empregado – ⁴⁵Qual é o empregado fiel e prudente? É aquele que o Senhor colocou como responsável pelos outros empregados, para dar comida a eles na hora certa. ⁴⁶Feliz o empregado cujo senhor o encontrar fazendo assim quando voltar. ⁴⁷Eu garanto a vocês: ele colocará esse empregado à frente de todos os seus bens. ⁴⁸Mas, se for mau empregado, pensará: ‘Meu senhor está demorando’. ⁴⁹Então começará a bater nos companheiros, a comer e a beber com os bêbados. ⁵⁰O senhor desse empregado virá num dia em que ele não espera, e numa hora que ele não conhece. ⁵¹Então o senhor o cortará em pedaços, e o fará participar da mesma sorte dos hipócritas. Aí haverá choro e ranger de dentes”.

24, 45: Mt 25, 21.23. • 24, 49: Lc 21, 34. • 24, 51: Mt 8, 12; 13, 42. 50; 22, 13; 25, 30; Lc 13, 28.

divino conhecimento (11, 17; Jo 3, 35; 10, 15; 17,25). Aqui Jesus demonstra não ter conhecimento humano algum a respeito do momento exato em que o Pai enviará o Filho para julgar todas as nações, justamente porque esse mistério está fora daquilo que o Pai quer que o Filho revele aos homens (CIC 472-474).

24, 38: A lição do *dilúvio* baseia-se na imprevisibilidade da catástrofe (cf. Dn 9, 26). A não ser por Noé e sua família, o resto da geração toda não mostrava preocupação alguma com relação a Deus. Estavam todos distraídos com as preocupações mundanas e foram todos destruídos pelo julgamento divino.

24, 40: “**um será levado, e o outro será deixado**” – Essa história dá seqüência ao exemplo do dilúvio dado por Jesus (24, 37). Os justos serão deixados, assim como Noé e sua família foram poupados (Eclo 44, 17), e os perversos serão levados, assim como a geração toda de Noé foi varrida pelo dilúvio (Mt 24, 39; 2Pd 2, 4-10).

24, 42: “**Portanto, fiquem vigiando**” – Um tema recorrente na pregação de Jesus (24, 43; 25, 13; 26, 38-41). Faz referência à *vinda* gloriosa de Cristo em três níveis distintos:

1. Quanto ao *passado histórico*: os discípulos, então, deveriam ficar atentos ao julgamento de Jerusalém por parte do Cristo (em 70 d.C.), para que não falhassem em obedecer ao comando que Ele havia deixado – para que evacuassem a cidade antes de sua destruição (24, 16).

2. Quanto ao *presente litúrgico*: os discípulos, agora, devem olhar com fé para a Eucaristia e reconhecer a vinda do Cristo através dela. Nesse caso, a presença do Cristo deve também ser vividamente considerada para que, toda vez que Ele vier no sacramento, evite-se estar em condições favoráveis ao julgamento negativo por parte de Deus.
3. Quanto ao *futuro escatológico*: os discípulos devem estar sempre atentos para a segunda vinda do Cristo ao final dos tempos. É necessário estar vigilante na fé e na realização das boas obras para adentrar a vida eterna com Cristo (25, 34-36; v. também o *Estudo da palavra: Vinda* (Mt 24, 3)).

ESTUDO DA PALAVRA: VINDA (MT 24, 3)

Parousia (em grego): significa, literalmente, “presença”, mas pode se traduzir por “aparência” ou “visita”. Essa palavra é usada por quatro vezes em Mt 24 e por mais 20 vezes ao longo de todo o Novo Testamento. É usada algumas vezes na literatura grega para descrever a visita de um rei (ou de um grande oficial) a uma cidade que ele já conquistou. Nesse sentido, pressupõe-se um período de ausência do rei até que ele finalmente retorne. Na Bíblia, essa palavra é usada de forma similar para denotar a chegada de pessoas importantes (Jz 10, 18; 2Mc 8, 12; 2Cor 7, 6; Fl 1, 26). Mais que isso, ela é usada também para se referir à volta de Jesus Cristo, que irá julgar seus inimigos (Mt 24, 37. 39; 2Ts 2, 8) e resgatar seus discípulos (1Cor 15, 23; 1Ts 3, 13; 1Jo 2, 28). Nesse sentido, a palavra pode tanto referir à “visita” de Cristo em 70 d.C., por ocasião da destruição de Jerusalém, quanto ao segundo advento de Jesus, ao final dos tempos, como o supremo juiz dos vivos e dos mortos (cf. At 1, 11; 2Tm 4, 1).

ENSAIO SOBRE UM TÓPICO: FIM DO MUNDO

O discurso de Jesus no Monte das Oliveiras em Mt 24-25 é de difícil interpretação (cf. Mc 13; Lc.21). Ele fala extensivamente a respeito de tragédias enormes, sinais dos Céus e o julgamento a ser feito por Deus. Isso levou alguns a pensarem que Jesus estava predizendo sua segunda vinda e o fim do mundo visível. Essa interpretação parece levar as palavras de Jesus a sério e assumi-las em seu sentido literal. No entanto, ela conduz a um cenário problemático: Jesus esperava que esses eventos altamente impactantes ocorressem logo após sua ascensão. Afinal, Ele disse aos discípulos: “Eu garanto a vocês: tudo isso vai acontecer antes que morra esta geração que agora vive” (Mt 24:34). Jesus estava enganado? Devemos nos sentir desconfortáveis pelo fato de o mundo ainda estar aqui, conosco, quase dois mil anos após ele haver profetizado esse temível fim?

Um olhar próximo das palavras de Jesus no contexto do antigo Judaísmo revela uma melhor interpretação. A saber, Jesus estava predizendo a destruição do Templo de Jerusalém – o símbolo arquitetônico da Antiga Aliança. Em nível literal-histórico, o discurso inteiro de Jesus é uma extensão de seu misterioso comentário acerca do Templo: “Eu garanto a vocês: aqui não ficará pedra sobre pedra; tudo será destruído” (Mt 24, 2). Ouvindo isso, os discípulos provavelmente se lembraram de um evento similar ocorrido na Antiga Aliança, quando Deus permite que o Templo seja destruído em 586 a.C. como punição pelos pecados de Israel (2Rs 25, 8-10). Interpretar as palavras de Jesus deste modo faz mais jus ao simbolismo de sua linguagem e ao testemunho da história. Antigas fontes confirmam sua profecia: os romanos destruíram Jerusalém e o Templo em 70 d.C., tragédia que custou a vida de mais de um milhão de judeus. Desse ponto de vista, o que Jesus diz é corroborado, na medida em que suas palavras de fato se concretizaram durante a vida de seus contemporâneos.

Mas como devemos entender os detalhes da estranha linguagem de Jesus? Será que Ele esperava que associássemos trágicas reviravoltas como guerras entre nações (Mt 24, 6-7), catástrofes de proporção global (Mt 24, 7-8), o escurecimento do sol e da lua (Mt 24, 29), e estrelas caindo do céu (Mt 24, 29) com o colapso de um edifício sagrado? A resposta está no conhecimento das visões bíblicas e tradicionais do Templo. Assim como muitas religiões no Oriente Próximo, os israelitas viam seu Templo como uma réplica em miniatura ou micro-cosmo do mundo; era um modelo arquitetônico do universo modelado por Deus. Reciprocamente, o universo em si era um macro-templo, no qual Deus habita com seu povo. Isso é melhor resumido pelo salmista: “Construiu seu santuário como o céu, e o firmou para sempre, como a terra” (Sl 78, 69). Outras indicações dessa teologia do Templo são encontradas em paralelos com o Antigo Testamento e tradições judaicas que relacionam o Templo e o mundo de maneira próxima:

1. **O local de repouso de Deus.** Após uma semana inteira de construção do mundo, “Deus então abençoou e santificou o sétimo dia, porque foi nesse dia que Deus descansou de todo o seu trabalho como criador” (Gen 2, 3). De igual forma, quando Deus estabeleceu ordem e deu aos israelitas “descanso” de seus inimigos (2Sm 7, 1), Ele encomendou a construção do Templo por Salomão como sua “mansão para sempre” (Sl 132, 14; cf. 2Cr 6, 41; Eclo 24, 11; Is 66, 1).
2. **O simbolismo do sete.** A criação do mundo por Deus é descrita como a construção de um templo (Jó 38, 4-6; Am 9, 6) que é completada e abençoada no sétimo dia (Gen 2, 2-3). De forma similar, Salomão construiu o Templo de Jerusalém em sete anos (1Rs 6, 38) e dedicou-o ao sétimo mês (1Rs 8, 2) durante os sete dias da festa dos Tabernáculos (1Rs 8, 65).
3. **Uma casa de glória.** A visão que Isaias teve do Senhor (Is 6, 1-7) traz uma comparação implícita: o Templo e o cosmos são mutuamente – e de maneira intercambiável – repletos de glória divina. Assim como a barra do manto de Deus “enche o Templo” (Is 6, 1) e a casa de Deus “se encheu de fumaça” (Is 6, 4), também os anjos clamam que “a sua glória enche toda a terra” (Is 6, 3).
4. **Tradição judaica.** Escritores judeus da época de Jesus descrevem com grande detalhamento o Templo enquanto modelo do universo. Josefo, Fílon e posteriores escritos rabínicos interpretam as divisões, o mobiliário, as cores e a arquitetura como símbolos do cosmo. Uma tradição relaciona as três divisões do Templo com os três níveis do mundo: o Céu é o lugar mais sagrado, a terra é o lugar sagrado e o mar é o pátio externo e a bacia de bronze para água.¹

Essas considerações nos ajudam a encontrar sentido nas palavras de Jesus dentro de seu contexto histórico. Com o surgimento da Nova Aliança, Deus teve de superar o símbolo central da Antiga Aliança, o Templo. A Igreja é o templo novo e espiritual de Deus, construído com as pedras vivas dos fiéis cristãos (Mt 16, 18; Ef 2, 20-22; 1Pd 2, 4-5). Sob esse aspecto, a destruição do Templo e o julgamento de Israel em 70 a.C. podem ser vistos como uma abertura a coisas melhores. Quer dizer, o término da Antiga Aliança prefigura a destruição do universo, o macro-templo de Deus, e o julgamento de todas as nações por Cristo (cf. 2Pd 3, 5-7). Portanto, o discurso de Jesus no Monte das Oliveiras (Mt 24, 25) é inicialmente cumprido no primeiro século como Ele havia dito (Mt 24, 34). Há, no entanto, embutidas nas palavras de Cristo, verdades espirituais que apontam à sua segunda vinda gloriosa e ao fim do mundo visível.

1 Cf. Ex 38, 8; 40, 30 (NT).

25 A parábola das dez virgens – ¹Naquele dia, o Reino do Céu será como dez virgens que pegaram suas lâmpadas de óleo, e saíram ao encontro do noivo. ²Cinco delas não tinham juízo, e as outras cinco eram prudentes. ³Aquelas sem juízo pegaram suas lâmpadas, mas não levaram óleo consigo. ⁴As prudentes, porém, levaram vasilhas com óleo, junto com as lâmpadas. ⁵O noivo estava demorando, e todas elas acabaram cochilando e dormiram. ⁶No meio da noite, ouviu-se um grito: ‘O noivo está chegando. Saiam ao seu encontro’. ⁷Então as dez virgens se levantaram, e prepararam as lâmpadas. ⁸Aquelas que eram sem juízo disseram às prudentes: ‘Dêem um pouco de óleo para nós, porque nossas lâmpadas estão se apagando’. ⁹As prudentes responderam: ‘De modo nenhum, porque o óleo pode faltar para nós e para vocês. É melhor vocês irem aos vendedores e comprar’. ¹⁰Enquanto elas foram comprar óleo, o noivo chegou, e as que estavam preparadas entraram com ele para a festa de casamento. E a porta se fechou. ¹¹Por fim, chegaram também as outras virgens, e disseram: ‘Senhor, Senhor, abre a porta para nós’. ¹²Ele, porém, respondeu: ‘Eu garanto a vocês que não as conheço’. ¹³Portanto, fiquem vigiando, pois vocês não sabem qual será o dia, nem a hora”.

25, 1: Lc 12, 35-38; Mc 13, 34. • 25, 2: Mt 7, 24-27. • 25, 10: Ap 19, 9.

25, 11: Lc 13, 25; Mt 7, 21-23. • 25, 13: Mt 24, 42. Mc 13, 35; Lc 12, 40.

COMENTÁRIOS



25, 1-13: A parábola das dez virgens enfatiza a necessidade da vigia (25, 13). A linha narrativa se desenvolve a partir de um costume matrimonial judaico: após o período de noivado, o noivo conduzia uma procissão para levar a noiva até a casa deles, onde eles festejariam durante uma semana, dando banquetes aos familiares e amigos. Na história, o *noivo* (25, 6; 9, 15) chega para começar a alegre procissão e levar sua noiva à *festa do casamento*. Despreparadas e sem o óleo (25, 3), as virgens *sem juízo* foram excluídas da celebração (22, 1-14), enquanto que as *prudentes* participaram até o fim. Do mesmo modo, os cristãos são chamados a estarem preparados espiritualmente: o momento da visita de Jesus para julgar Jerusalém era desconhecido, assim como o é o momento de sua segunda vinda como juiz supremo (CIC 672, 796; v. também o comentário sobre Mt 1, 18).

• *Moralmente*,¹ a espera pelo noivo representa nossa incerteza quando ao tempo de vida que ainda temos – ninguém sabe a

hora exata de sua morte e seu julgamento. As lâmpadas representam a fé católica, e o óleo representa as boas ações; portanto, a fé sem obras é inútil (Tg 2, 17). As almas devem estar preparadas para o encontro com Cristo (o noivo) através do amor a Deus e ao próximo (Mt 25, 35-40; 1Jo 3, 7), uma vez que aqueles que não possuem boas obras serão excluídos do banquete celestial.

25, 14-30: A parábola dos talentos fala sobre administração. A história chama a atenção para os perigos da preguiça, pela qual as bênçãos e habilidades dadas por Deus são desperdiçadas por medo (25, 25) e indolência (25, 26-28). No entanto, a diligência pessoal é muito recompensada através de dons e responsabilidades ainda maiores (25, 21, 23). Para Cristo, ser responsável é desafiador; os dons de Deus devem ser investidos para o (e no) bem do próximo e, assim, aumentarem as conquistas celestes.

25, 14: “ia viajar” – Por um tempo suficiente para que os servos multiplicassem a riqueza do patrão. No contexto do sermão de Jesus, esse tempo de viagem corresponde ao que houve entre a ascensão do Cristo aos

¹ De acordo com Orígenes e Santo Hilário.

A parábola dos talentos – ¹⁴Acontecerá como um homem que ia viajar para o estrangeiro. Chamando seus empregados, entregou seus bens a eles. ¹⁵A um deu cinco talentos, a outro dois, e um ao terceiro: a cada qual de acordo com a própria capacidade. Em seguida, viajou para o estrangeiro. ¹⁶O empregado que havia recebido cinco talentos saiu logo, trabalhou com eles, e lucrou outros cinco. ¹⁷Do mesmo modo o que havia recebido dois lucrou outros dois. ¹⁸Mas, aquele que havia recebido um só, saiu, cavou um buraco na terra, e escondeu o dinheiro do seu patrão. ¹⁹Depois de muito tempo, o patrão voltou, e foi ajustar contas com os empregados. ²⁰O empregado que havia recebido cinco talentos, entregou-lhe mais cinco, dizendo: ‘Senhor, tu me entregaste cinco talentos. Aqui estão mais cinco que lucrei’. ²¹O patrão disse: ‘Muito bem, empregado bom e fiel! Como você foi fiel na administração de tão pouco, eu lhe confiarei muito mais. Venha participar da minha alegria’. ²²Chegou também o que havia recebido dois talentos, e disse: ‘Senhor, tu me entregaste dois talentos. Aqui estão mais dois que lucrei’. ²³O patrão disse: ‘Muito bem, empregado bom e fiel! Como você foi fiel na administração de tão pouco, eu lhe confiarei muito mais. Venha participar da minha alegria’. ²⁴Por fim, chegou aquele que havia recebido um talento, e disse: ‘Senhor, eu sei que tu és um homem severo pois colhes onde não plantaste, e recolhes onde não semeaste. ²⁵Por isso, fiquei com medo, e escondi o teu talento no chão. Aqui tens o que te pertence’. ²⁶O patrão lhe respondeu: ‘Empregado mau e preguiçoso! Você sabia que eu colho onde não plantei, e que recolho onde não semei. ²⁷Então você devia ter depositado meu dinheiro no banco, para que, na volta, eu recebesse com juros o que me pertence’. ²⁸Em seguida o patrão ordenou: ‘Tirem dele o talento, e dêem ao que tem dez. ²⁹Porque, a todo aquele que tem, será dado mais, e terá em abundância. Mas daquele que não tem, até o que tem lhe será tirado. ³⁰Quanto a esse empregado inútil, joguem-no lá fora, na escuridão. Aí haverá choro e ranger de dentes’.

25, 14: Lc 19, 12-28. • 25, 19: Mt 18, 23. • 25, 21: Lc 16, 10; Mt 24, 25.

25, 29: Mt 13, 12; Mc 4, 25; Lc 8, 18. • 25, 30: Mt 8, 12; 13, 42. 50; 22, 13; Lc 13, 28.

céus e o julgamento de Jerusalém por parte de Deus, em 70 d.C. (Lc 19, 11-27). A um nível pessoal, isso indica o tempo de vida de cada um, ao longo do qual Deus espera que seus dons sejam cultivados (1Pd 4, 10).

25, 15: “talentos” – Moedas que tinham valor financeiro. O conceito moderno de “talento” como uma habilidade dada por Deus é derivado dessa parábola (CIC 1936, 1937; v. também o comentário sobre Mt 18, 24).

25, 26: “Empregado mau e preguiçoso!” – O patrão repreendeu seu empregado por ser mais do que preguiçoso – ele era *mau*. O servo, provavelmente, ficou insultado com o patrão por ter recebido apenas um talento (25, 15), enquanto outros receberam mais. Então, em desprezo ao seu patrão, o empregado se recusou a trocar (e também a investir) seu talento, para que seu mestre não se beneficiasse de sua administração. A

parábola alerta então contra a preguiça que é motivada pela inveja (cf. Lc 19, 14).

25, 28: Não usar e não cultivar o próprio talento causa a perda daquele que o possui.

25, 31-46: A profecia de Jesus a respeito do julgamento final se desdobra em dois sentidos históricos:

1. Inicialmente, Ele prevê o julgamento do povo de Israel da Antiga Aliança. Isso envolve a sua “visita” a Jerusalém (em 70 d.C.) como o pastor que separa as fiéis ovelhas de Israel de seus bodes perversos (10, 23; 16, 27-28; cf. 34, 17-22).
2. Finalmente, Ele prevê o julgamento geral de toda a história dos homens. Isso envolve a segunda vinda do Cristo e a ressurreição completa de todos, quando cada pessoa comparecerá perante o seu trono para ser ou *abençoada* (25, 34) ou *amaldiçoada* (25, 41), de acordo com suas obras (cf. Jo 5, 25-29; Ap 20, 11-12; CIC 1038-1039).

O julgamento das nações – ³¹Quando o Filho do Homem vier na sua glória, acompanhado de todos os anjos, então se assentará em seu trono glorioso. ³²Todos os povos da terra serão reunidos diante dele, e Ele separará uns dos outros, assim como o pastor separa as ovelhas dos cabritos. ³³E colocará as ovelhas à sua direita, e os cabritos à sua esquerda. ³⁴Então o Rei dirá aos que estiverem à sua direita: ‘Venham vocês, que são abençoados por meu Pai. Recebam como herança o Reino que meu Pai lhes preparou desde a criação do mundo. ³⁵Pois Eu estava com fome, e vocês me deram de comer; Eu estava com sede, e me deram de beber; Eu era estrangeiro, e me receberam em sua casa; ³⁶Eu estava sem roupa, e me vestiram; Eu estava doente, e cuidaram de mim; Eu estava na prisão, e vocês foram me visitar’. ³⁷Então os justos lhe perguntarão: ‘Senhor, quando foi que te vimos com fome e te demos de comer, com sede e te demos de beber?’ ³⁸Quando foi que te vimos como estrangeiro e te recebemos em casa, e sem roupa e te vestimos?’ ³⁹Quando foi que te vimos doente ou preso, e fomos te visitar?’. ⁴⁰Então o Rei lhes responderá: ‘Eu garanto a vocês: todas as vezes que vocês fizeram isso a um dos menores de meus irmãos, foi a mim que o fizeram’. ⁴¹Depois o Rei dirá aos que estiverem à sua esquerda: ‘Afastem-se de mim, malditos. Vão para o fogo eterno, preparado para o diabo e seus anjos. ⁴²Porque Eu estava com fome, e vocês não me deram de comer; Eu estava com sede, e não me deram de beber; ⁴³Eu era estrangeiro, e vocês não me receberam em casa; Eu estava sem roupa, e não me vestiram; Eu estava doente e na prisão, e vocês não me foram visitar’. ⁴⁴Também estes responderão: ‘Senhor, quando foi que te vimos com fome, ou com sede, como estrangeiro, ou sem roupa, doente ou preso, e não te servimos?’. ⁴⁵Então o Rei responderá a esses: ‘Eu garanto a vocês: todas as vezes que vocês não fizeram isso a um desses pequeninos, foi a mim que não o fizeram’. ⁴⁶Portanto, estes irão para o castigo eterno, enquanto os justos irão para a vida eterna”.

25, 31: Mt 16, 27; 19, 28. • 25, 32: Ez 34, 17. • 25, 34: Lc 12, 32; Mt 5, 3; Ap 13, 8; 17, 8.

25, 35: Is 58, 7; Tg 1, 27; 2, 15-16; Hb 13, 2; 2Tm 1, 16. • 25, 40: Mt 10, 42; Mc 9, 41; Hb 6, 10; Pr 19, 17.

25, 41: Mc 9, 48. Lc 16, 23; Ap 20, 10. • 25, 46: Dn 12, 2; Jo 5, 29.

25, 40: “foi a mim que o fizeram” – Jesus se identifica com todos os homens, e especialmente com os pobres e aflitos. Portanto, ao servir o próximo, nós servimos a Cristo; ao realizar obras de misericórdia, esperamos encontrar misericórdia (Tg 2, 1-13). Na verdade, o próprio ministério de Jesus foi marcado pela preocupação com os desfavorecidos (4, 23-24; 8, 1-17; 11, 4-6).

25, 41: “o fogo eterno” – Uma descrição do inferno. Os malditos são condenados ao sofrimento eterno ao lado do *diabo* e seus *anjos* caídos (Mc 9, 48; 2Pd 2, 4; Ap 20, 10; CIC 1033-1035).

26 **A conspiração para matar Jesus** – ¹Quando Jesus acabou de dizer todas essas palavras, Ele falou a seus discípulos: ²“Vocês sabem que daqui a dois dias vai ser a festa da Páscoa, e o Filho do Homem será entregue para ser crucificado”. ³Então os chefes dos sacerdotes e os anciãos do povo se reuniram no palácio de Caifás, o sumo sacerdote. ⁴Decidiram juntos que prenderiam Jesus com esperteza, e o matariam. ⁵Mas diziam: “Não vamos fazer isso durante a festa, para que não haja confusão no meio do povo”.

26, 1: Mt 7, 28; 11, 1; 13, 53; 19, 1. • 26, 2: Mc 14, 1-2; Lc 22, 1-2; Jo 11, 47-53.

COMENTÁRIOS

26, 1 – 27, 66: Todos os evangelhos dão maior atenção aos últimos dias de Jesus do que ao resto de seu ministério. No caso do evangelho de Mateus, a semana da Paixão (cap. 21 a 28) compreende aproximadamente um terço de toda a narrativa. Essa ênfase inigualável reflete a importância central da Paixão e ressurreição de Cristo para a mensagem do evangelho.

26, 2: “festa da Páscoa” – Uma das grandes festas do calendário judaico. Ela comemora a libertação do Egito que Deus concede

A unção em Betânia – ⁶Jesus se encontrava em Betânia, na casa de Simão, o leproso. ⁷Então chegou uma mulher com um vaso de alabastro, cheio de perfume muito precioso. Ela derramou o perfume na cabeça de Jesus, enquanto Ele estava à mesa. ⁸Vendo isso, os discípulos ficaram com raiva, e disseram: “Por que esse desperdício? ⁹Isso poderia ser vendido bem caro, para dar o dinheiro aos pobres”. ¹⁰Jesus percebeu, e disse: “Por que vocês aborrecem essa mulher? Ela está me fazendo uma coisa muito boa. ¹¹Vocês terão sempre os pobres com vocês, mas Eu não vou estar sempre com vocês. ¹²Ela derramou esse perfume em meu corpo, preparando-me para a sepultura. ¹³Eu garanto a vocês: por toda a parte, onde esta Boa Notícia for pregada, também contarão o que ela fez, e ela será lembrada”.

26, 6: Mc 14, 3-9; Jo 12, 1-8; Lc 7, 36-38. • 26, 11: Dt 15, 11. • 26, 12: 19, 40.

ao povo de Israel (Ex 12) e é celebrada no décimo quinto dia do primeiro mês do calendário litúrgico do Antigo Testamento (para nós, março/abril), denominado Nissan (ou Abib, na Torá). Junto da festa das Semanas e a dos Tabernáculos, é uma das três festas que exigiam que os israelitas fossem a Jerusalém (Ex 23, 14; Lv 23, 4-8; Dt 16, 16). À época do Novo Testamento, a Páscoa era celebrada em conjunção com outra festa, a dos Pães Ázimos (26, 17).

presença de Cristo. O óleo caríssimo não é desperdiçado, e sim usado num generoso ato de reverência e adoração.

2. Aponta também para a Paixão e morte de Jesus como sendo o seu próprio presente, caríssimo, para a salvação dos homens.

26, 15: “trinta moedas de prata” – O preço de um escravo (Ex 21, 32). A traição de Judas a “preço de sangue” (27, 6) contrasta com o gesto generoso da mulher (26, 6-13). Ele dá a Jesus um valor irrisório e, ao

Judas aceita trair Jesus – ¹⁴Então um dos Doze, chamado Judas Iscariotes, foi aos chefes dos sacerdotes, ¹⁵e disse: “O que é que vocês me darão para eu entregar Jesus a vocês?”. Combinaram, então, trinta moedas de prata. ¹⁶E a partir desse momento, Judas procurava uma boa oportunidade para entregar Jesus.

25, 1: Mt 7, 28; 11, 1; 13, 53; 19, 1. • 25, 2: Mc 14, 1-2; Lc 22, 1-2; Jo 11, 47-53.

26, 3: “Caifás” – O sumo sacerdote de Jerusalém de 18 d.C. a 36 d.C.

26, 6: “Betânia” – Um pequeno vilarejo a cerca de 3,2km de Jerusalém (Jo 11, 18). Fica na encosta leste do Monte das Oliveiras e era a cidade natal de Maria, Marta e Lázaro, amigos de Jesus (Jo 11, 1).

26, 7: “perfume muito precioso” – Um extrato de nardo puro, muito caro, que foi derramado *sobre a cabeça* e os pés de Jesus (Mc 14, 3; Jo 12, 3).

26, 12: “para a sepultura” – Essa unção de Jesus tem duplo sentido:

1. Aponta para o valor incomensurável da

invés do Cristo, prefere o ganho pessoal.

26, 17: “No primeiro dia dos ázimos” – A festa dos Pães Ázimos começava no dia da Páscoa. Durante os sete dias de festa, os judeus comiam apenas pão sem fermento (Ec 12, 14-20).

26, 26-29: O relato de Mateus da última ceia destaca três aspectos da Eucaristia (CIC 1339-1390):

1. Jesus relaciona o *pão* sem fermento e o *cálice* de vinho com o seu *corpo* e o seu *sangue* (26, 26-28). Através das palavras que Ele diz, acontece o mistério da “transsubstanciação”: seu corpo e seu sangue substituem completamente as substâncias do pão e do

A Páscoa com os discípulos – ¹⁷No primeiro dia dos ázimos, os discípulos se aproximaram de Jesus, e perguntaram: “Onde queres que façamos os preparativos para comermos a Páscoa?”. ¹⁸Jesus respondeu: “Vão à cidade, procurem certo homem, e lhe digam: ‘O Mestre manda dizer: O meu tempo está próximo, Eu vou celebrar a Páscoa em sua casa, junto com os meus discípulos’”. ¹⁹Os discípulos fizeram como Jesus mandou, e prepararam a Páscoa.

²⁰Ao cair da tarde, Jesus se pôs à mesa, com os doze discípulos. ²¹Enquanto comiam, Jesus disse: “Eu lhes garanto: um de vocês vai me trair”. ²²Eles ficaram muito tristes e, um por um, começaram a lhe perguntar: “Senhor, será que sou eu?”. ²³Jesus respondeu: “Quem vai me trair é aquele que comigo põe a mão no prato. ²⁴O Filho do Homem vai morrer, conforme a Escritura fala a respeito dele. Porém, ai daquele que trair o Filho do Homem. Seria melhor que nunca tivesse nascido!” ²⁵Então Judas, o traidor, perguntou: “Mestre, será que sou eu?” Jesus lhe respondeu: “É como você acaba de dizer.”

26, 17: Mc 14, 12-16; Lc 22, 7-13. • 26, 18: Mt 26, 45; Jo 7, 6; 12, 23; 13, 1; 17, 1. • 26, 19: Mt 21, 6; Dt 16, 5-8.

26, 20: Mc 14, 17-21; Lc 22, 14. 21-23; Jo 13, 21-30. • 26, 24: Sl 41, 9; Lc 24, 25; 1Cor 15, 3; At 17, 2-3; Mt 18, 7.

vinho. Ainda que sua presença seja imperceptível através dos sentidos, o impacto do verbo “é”¹ (em grego, *estin*) não deve ser reduzido por palavras como “representa” ou “simboliza”. Toda a fé da Igreja está fundamentada nessas graves palavras (cf. Jo 6, 68; 2Cor 5, 7).

2. Jesus relaciona a Eucaristia com o seu sacrifício na Cruz que estava por vir (27, 35; Jo 19, 34). A expressão “é derramado” (26, 28) recorda a maneira como os sacerdotes da Antiga Aliança derramavam o sangue das oferendas de sacrifício sobre a base do altar do Templo, para fazer a expiação dos pecados (Lv 4, 16-20; cf. Dt 12, 26. 27; Is 53, 12). Derramando o próprio sangue, Jesus é, ao mesmo tempo, o sacerdote e a vítima de sacrifício oferecida na Nova Aliança; sua oferenda sacerdotal é apresentada de um modo não sangrento no sacramento da Eucaristia e nos assegura a *remissão dos pecados*.
3. A presença real de Cristo na Eucaristia torna o sacramento numa verdadeira comunhão com Jesus (1Cor 10, 16). A expressão “o sangue da aliança” é retirada de Ex 24, 8, quando Deus estabeleceu uma aliança de amor e comunhão com Israel através do sacrifício. O consumo do sangue – que sem-

pre foi proibido na Antiga Aliança (Lv 17, 11-12) – é agora parte principal da Nova, já que comunica a vida divina de Jesus Cristo aos fiéis (Jo 6, 53; CIC 1329, 1374, 1381).



26, 26: A Eucaristia é simbolizada na distribuição dos pães multiplicados às multidões (v. comentário sobre Mt 14, 13-21).

• *Anagógicamente*,² a Eucaristia é sinal e garantia da glória celestial. Enquanto, no presente, o sacramento é uma união verdadeira com Cristo, ele aponta também para a nossa união perfeita com ele no futuro da vida eterna. No céu, os sacramentos darão lugar à comunhão sem intermediação dos santos com a Santíssima Trindade (CIC 1402).

26, 30: “cantado salmos” – A liturgia da Páscoa incluía o canto de vários salmos de louvor. Normalmente, os Sl 113-114 eram entoados antes da refeição principal, enquanto que os Sl 115-118 o eram depois dela.

26, 31: “Ferirei o pastor” – Uma citação de Zc 13, 7. Ela se cumpre quando os apóstolos fogem do Getsêmani (26, 56). A garantia de Jesus de que ele reapareceria depois na *Galiléia* (26, 32) implica que os apóstolos

¹ Em “isto é o meu corpo” e “isto é o meu sangue” – NT.

² Santo Tomás de Aquino, *Ofício do Santíssimo Sacramento*.

A instituição da Eucaristia – ²⁶Enquanto comiam, Jesus tomou um pão e, tendo pronunciado a bênção, o partiu, distribuiu aos discípulos, e disse: “Tomem e comam, isto é o meu corpo.” ²⁷Em seguida, tomou um cálice, agradeceu, e deu a eles dizendo: “Bebam dele todos, ²⁸pois isto é o meu sangue, o sangue da aliança, que é derramado em favor de muitos, para remissão dos pecados. ²⁹Eu lhes digo: de hoje em diante não beberei desse fruto da videira, até o dia em que, com vocês, beberei o vinho novo no reino do meu Pai”.

26, 26: Mc 14, 22-25; Lc 22, 17-19; 1Cor 10, 16; 11, 23-26; Mt 14, 19; 15, 36. 26, 28: Hb 9, 20; Mt 20, 28; Mc 1, 4; Ex 24, 6-8.

O abandonariam apenas temporariamente – eles seriam reunidos mais uma vez (28, 16; cf. Lc 22, 31-32).

26, 34: “antes que o galo cante” – Isso poderia ser uma referência ao toque do clarim que anunciava o fim da terceira vigia da noite. Os romanos se referiam a essa vigia (que ia da meia-noite às três da manhã) como “a do canto do galo”, ou então “madrugada”, simplesmente (como em Mc 13, 35; v. também o comentário sobre Mt 14, 25).

26, 36: “Getsêmani” – Uma palavra hebraica que significa “prensa de óleo”. É um jardim localizado pela tradição ao pé do Monte das Oliveiras, de frente para Jerusalém (cf. Jo 18, 1).

26, 37: Este é o terceiro episódio em que apenas Pedro, Tiago e João têm o privilégio de acompanhar Jesus. Os outros dois episódios que eles testemunham são a ressurreição da filha de Jairo (Mc 5, 37) e a transfiguração (17, 1).

26, 39: “afaste-se de mim este cálice” – Jesus teme sua Paixão e crucificação. Como homem, Ele tem uma aversão natural ao sofrimento, tanto física (crucificação) quanto

espiritualmente (carregar os pecados do mundo). Como Filho de Deus, Ele poderia ter acabado com suas dores humanas usando seu poder divino, mas Ele escolhe seguir o plano do Pai até mesmo na mais extrema agonia. Essa provação no jardim é tradicionalmente vista como a investida mais agressiva de Satanás em Jesus (Lc 22, 53; CIC 612; v. também o comentário sobre Mt 20, 22).

“Não seja feito como eu quero”: Jesus confia-se ao Pai, apesar de seu temor da morte (cf. Fl 2, 8; Hb 5, 7). Faz-se notar que sua vontade humana está perfeitamente harmonizada com a vontade divina (cf. Jo 6, 38; CIC 475).

26, 45: “dormir” – A sonolência dos discípulos é uma clara evidência de que “a carne é fraca” (26, 41). O privilégio de estarem presentes na companhia de Jesus à hora em que mais se angustiou foi desperdiçado por sua falta de atenção e de oração (v. o comentário do nosso estudo bíblico sobre o evangelho de Marcos, em Mc 14, 38).

26, 52: “Guarda a espada na bainha” – Jesus repreende Pedro por ter respondido com violência, recuando, assim, de qualquer

Prenúncio da negação de Pedro – ³⁰Depois de terem cantado salmos, foram para o monte das Oliveiras. ³¹Então Jesus disse aos discípulos: “Esta noite vocês todos vão ficar desorientados por minha causa, porque a Escritura diz: ‘Ferirei o pastor, e as ovelhas do rebanho se dispersarão.’ ³²Mas depois de ressuscitar, Eu irei à frente de vocês para a Galiléia”. ³³Pedro disse a Jesus: “Ainda que todos fiquem desorientados por tua causa, Eu jamais ficarei”. ³⁴Jesus declarou: “Eu garanto a você: esta noite, antes que o galo cante, você me negará três vezes”. ³⁵Pedro respondeu: “Ainda que eu tenha de morrer contigo, mesmo assim não te negarei”. E todos os discípulos disseram a mesma coisa.

26, 30: Mc 14, 26-31; Lc 22, 33-34. 39; Jo 14, 31; 18, 1; 13, 36-38. • 26, 31: Zc 13, 7; Jo 16, 32. • 26, 32: Mt 28, 7. 10. 16.

A oração de Jesus no Getsêmani – ³⁶Então Jesus foi com eles a um lugar chamado Getsêmani. E disse aos discípulos: “Sentem-se aqui, enquanto Eu vou até ali para rezar”. ³⁷Jesus levou consigo Pedro e os dois filhos de Zebedeu, e começou a ficar triste e angustiado. ³⁸Então disse a eles: “Minha alma está numa tristeza de morte. Fiquem aqui e vigiem comigo”. ³⁹Jesus foi um pouco mais adiante, prostrou-se com o rosto por terra, e rezou: “Meu Pai, se é possível, afaste-se de mim este cálice. Contudo, não seja feito como eu quero, e sim como Tu queres”. ⁴⁰Voltando para junto dos discípulos, Jesus encontrou-os dormindo. Disse a Pedro: “Como assim? Vocês não puderam vigiar nem sequer uma hora comigo? ⁴¹Vigiem e rezem, para não caírem na tentação, porque o espírito está pronto, mas a carne é fraca”. ⁴²Jesus afastou-se pela segunda vez, e rezou: “Meu Pai, se este cálice não pode passar sem que eu o beba, seja feita a tua vontade!”. ⁴³Ele voltou de novo, e encontrou os discípulos dormindo, porque seus olhos estavam pesados de sono. ⁴⁴Deixando-os, Jesus afastou-se, e rezou pela terceira vez, repetindo as mesmas palavras. ⁴⁵Então voltou para junto dos discípulos, e disse: “Agora vocês podem dormir e descansar. Olhem, a hora está chegando. Vejam: o Filho do Homem vai ser entregue ao poder dos pecadores. ⁴⁶Levantem-se! Vamos! Aquele que vai me trair já está chegando”.

26, 36: Mc 14, 32-42; Lc 22, 40-46. • 26, 38: Jo 12, 27; Hb 5, 7-8. • 26, 39: Jo 18, 11; Mt 20, 22.

26, 41: Mt 6, 13; Lc 11, 4. • 26, 42: Jo 4, 34; 5, 30; 6, 38. • 26, 45: Mt 26, 18; Jo 12, 23; 13, 1; 17, 1.

tentativa de frustrar o plano do Pai. Sua obediência e o amor que o faz entregar a própria vida cumprem perfeitamente a Escritura (26, 54; cf. Is 53, 4-12; CIC 2262).

26, 53: “doze legiões” – No exército romano, uma “legião” correspondia a aproximadamente seis mil soldados. Não é a vontade de Deus mandar, nesse momento, um exército de anjos para libertar Jesus dos pecadores; que Ele seja traído e entregue à crucificação é essencial ao plano de redenção de Deus.



26, 56: “o que os profetas escreveram” – Uma realização do que está escrito em Zc 13, 7, anteriormente citado em 26, 31.

- A traição de Jesus recorda a conspiração contra o rei Davi em 2Sm 17. O papel de Judas Iscariotes, particularmente, se compara ao de Aitofel, que planejava seguir Davi à noite (2Sm 17, 1; cf. Mt 26, 31), quando ele estivesse “cansado e vulnerável” (2Sm 17, 2), de forma que seus companheiros fugiriam (cf. Mt 26, 38, 56). Ele se preparava para “matar o rei quando ele estiver sozinho” (2Sm 17, 2; cf. Mt 26, 31). Quando Aitofel viu que seu plano havia falhado, ele “se enforcou” (2Sm 17, 23; cf. Mt 27, 5).

26, 57: “Caifás” – O sumo sacerdote de Jerusalém (de 18 d.C. a 36 d.C.) e representante de Israel. Ele presidiu o Sinédrio, a suprema corte dos judeus, durante o julgamento de Jesus (cf. Jo 11, 49; 18, 14).

26, 59: “todo o Sinédrio” – Todos os membros do Sinédrio. Sua função principal era regulamentar e julgar os casos internos ao judaísmo. Eles queriam encontrar “falsas testemunhas” (Mt 26, 60) que justificassem as medidas extremas tomadas pelos líderes de Jerusalém na condenação de Jesus (v. o comentário do *nosso estudo bíblico sobre o evangelho de Marcos*, em Mc 14, 55).

26, 61: “o Templo [...] em três dias” – Uma deformação do que Jesus disse em Jo 2, 19. Jesus estava falando a respeito da ressurreição do seu corpo, e não anunciando um plano de reconstrução de um edifício decaído (Jo 2, 21).



26, 64: “É como você acabou de dizer” – Jesus quebra o silêncio ao qual tinha o direito enquanto sob julgamento. De acordo com Mc 14, 62, a resposta de Jesus a Caifás é inequívoca: Ele aceita completamente a acusação de ser o Messias e o divino rei de Israel.

Traição e entrega de Jesus – ⁴⁷Jesus ainda falava, quando chegou Judas, um dos Doze, com uma grande multidão armada de espadas e paus. Iam da parte dos chefes dos sacerdotes e dos anciãos do povo. ⁴⁸O traidor tinha combinado com eles um sinal, dizendo: “Jesus é aquele que eu beijar; prendam”. ⁴⁹Judas logo se aproximou de Jesus, e disse: “Salve, Mestre”. E o beijou. ⁵⁰Jesus lhe disse: “Amigo, faça logo o que tem a fazer”. Então os outros avançaram, lançaram as mãos sobre Jesus, e o prenderam. ⁵¹Nesse momento, um dos que estavam com Jesus estendeu a mão, puxou da espada, e feriu o empregado do sumo sacerdote, cortando-lhe a orelha. ⁵²Jesus, porém, lhe disse: “Guarda a espada na bainha. Pois todos os que usam a espada, pela espada morrerão. ⁵³Ou você pensa que eu não poderia pedir socorro ao meu Pai? Ele me mandaria logo mais de doze legiões de anjos. ⁵⁴E, então, como se cumpriram as Escrituras, que dizem que isso deve acontecer?”. ⁵⁵E nessa hora, Jesus disse às multidões: “Vocês saíram com espadas e paus para me prender, como se Eu fosse um bandido. Todos os dias, no Templo, Eu me sentava para ensinar, e vocês não me prenderam”. ⁵⁶Porém, tudo isso aconteceu para se cumprir o que os profetas escreveram. Então todos os discípulos, abandonando a Jesus, fugiram.

26, 47: Mc 14, 43-50; Lc 22, 47-53; Jo 18, 2-11. • 26, 50: Mt 20, 13; 22, 12.

26, 52: Gn 9, 6; Ap 13, 10. • 26, 55: Lc 19, 47; Jo 18, 19-21.

“Eu lhes digo”: Jesus parece ser a vítima, mas Ele proclama ser o vencedor. Baseado em dois trechos do Antigo Testamento (Sl 110, 1 e Dn 7, 13), Jesus antecipa sua reivindicação por parte de Deus.

• Naquele contexto, Sl 110 e Dn 7 compartilham imagens parecidas. Ambos prevêem um trono celestial junto da presença de Deus (Sl 110, 1; Dn 7, 9); ambos retratam um rei Messias que governa junto de Deus (Sl 110, 1; Dn 7, 14); e ambos mostram essa figura triunfante sobre seus inimigos (Sl 110, 2. 5-6;

Dn 7, 23-27). Jesus parte de ambos os textos e os tece como sendo o seu próprio perfil: Ele é o rei, *Filho do Homem*, próximo de ser vingado sobre seus inimigos e colocado à direita de Deus. Em contraste, o sumo sacerdote e todo o conselho aparecem como os adversários do Messias que querem matá-lo. Caifás, particularmente, é derrubado de sua posição. Como representante e cabeça de Israel, ele é a única pessoa que pode entrar na câmara mais íntima do Templo. Jesus proclama algo maior ainda para ele: como o Messias, Jesus, depois de sua ascensão, é que é a verdadeira

Jesus diante do Sumo Sacerdote – ⁵⁷Aqueles que prenderam Jesus O levaram à casa do sumo sacerdote Caifás, onde os doutores da Lei e os anciãos estavam reunidos. ⁵⁸Pedro seguiu Jesus de longe, até o pátio da casa do sumo sacerdote. Entrou, e sentou-se com os guardas, para ver como terminaria tudo isso. ⁵⁹Ora, os chefes dos sacerdotes e todo o Sinédrio procuravam algum falso testemunho contra Jesus, a fim de O condenarem à morte. ⁶⁰E nada encontraram, embora se apresentassem muitas falsas testemunhas. Por fim, se apresentaram duas testemunhas, ⁶¹e afirmaram: “Esse homem declarou: ‘Posso destruir o Templo de Deus, e construí-lo de novo em três dias’”. ⁶²Então o sumo sacerdote levantou-se, e perguntou a Jesus: “Nada tens a responder ao que esses testemunham contra Ti?”. ⁶³Mas Jesus continuou calado. E o sumo sacerdote disse: “Eu te conjuro pelo Deus vivo que nos digas se Tu és o Messias, o Filho de Deus”. ⁶⁴Jesus respondeu: “É como você acabou de dizer. Além disso, Eu lhes digo: de agora em diante, vocês verão o Filho do Homem sentado à direita do Todo-poderoso, e vindo sobre as nuvens do céu”. ⁶⁵Então o sumo sacerdote rasgou as próprias vestes, e disse: “Blasfemou! Que necessidade temos ainda de testemunhas? Pois agora mesmo vocês ouviram a blasfêmia. ⁶⁶O que vocês acham?”. Responderam: “É réu de morte!”. ⁶⁷Então cuspiram no rosto de Jesus, e O esbofetearam. Outros lhe deram bordoadas, ⁶⁸dizendo: “Faze-nos uma profecia, Messias: quem foi que te bateu?”.

26, 57: Mc 14, 53-72; Lc 22, 54-71; Jo 18, 12-27. • 26, 61: Mt 24, 2; 27, 40; At 6, 14; Jo 2, 19.

26, 63: Mt 27, 11; Jo 18, 33. • 26, 64: Mt 16, 28; Dn 7, 13; Sl 110, 1. • 26, 65: Nm 14, 6; At 14, 14; Lv 24, 16.

Pedro nega Jesus – ⁶⁹Pedro estava sentado fora, no pátio. Uma criada chegou perto dele, e disse: “Você também estava com Jesus, o galileu”. ⁷⁰Mas Pedro negou diante de todos: “Não sei o que você está dizendo”. ⁷¹E saiu para a entrada do pátio. Então outra criada viu Pedro, e disse aos que aí estavam: “Esse também estava com Jesus, o Nazareno”. ⁷²Pedro negou outra vez, jurando: “Nem conheço esse homem!”. ⁷³Pouco depois, os que aí estavam aproximaram-se de Pedro, e disseram: “É claro que você também é um deles, pois o seu modo de falar o denuncia”. ⁷⁴Então Pedro começou a maldizer e a jurar, dizendo: “Nem conheço esse homem!”. Nesse instante, o galo cantou. ⁷⁵Pedro se lembrou então do que Jesus tinha dito: “Antes que o galo cante, você me negará três vezes”. E, saindo, chorou amargamente.

26, 57: Mt 26, 34.

cabeça dos fiéis israelitas da Igreja e assumirá seu trono na parte mais íntima do santuário da glória divina (Mc 16, 19; CIC 663, 664).

26, 65: “rasgou as próprias vestes” – Um gesto de extrema aflição e transgressão – a Lei Mosaica proibia o *sumo sacerdote* de rasgar suas vestimentas sagradas (Lv 10, 6; 21, 10).

“Blasfemou!”: o Sinédrio acusa Jesus de blasfemar contra o nome de Deus e emite uma sentença de morte (Lv 2, 16). No entanto, na Palestina da época do Novo Testamento, os romanos é que reservavam exclusivamente a si a autoridade de administrar as questões de pena de morte (Jo 18, 31). Por essa razão, o Sinédrio entrega Jesus ao governador romano, Pilatos (27, 2), na intenção de obrigá-lo a exercer o julgamento que tinham emitido (CIC 591, 596).

26, 73: “o seu modo de falar” – O *sotaque* galilaico de Pedro era estranho aos nativos de Jerusalém (Mc 14, 70).



26, 74: “o galo cantou” – Pedro não quer ser identificado com Jesus e nega até que O conhece. Ouvindo então o galo, ele recorda a profecia de Jesus (26, 34) e, provavelmente, também o seu tolo excesso de confiança (26, 35; v. também o comentário sobre Mt 26, 34).

• *Moralmente*,³ Pedro tipifica, aqui, a propensão do homem ao pecado. O galo é a consciência, que nos acusa dos pecados, relembra-nos dos mandamentos de Deus e move a alma à contrição. Como aconteceu com Pedro, a consciência leva também todos os pecadores para longe do desespero, na direção do arrependimento sincero.



“São Pedro negando Jesus”, gravura de Gustave Doré (1832-1883)

3 São Lourenço Justiniano, *de Christi agone*, cap. 9.

27 Jesus é levado a Pilatos – ¹De manhã cedo, todos os chefes dos sacerdotes e os anciãos do povo convocaram um conselho contra Jesus, para O condenarem à morte. ²Eles O amarraram e O levaram, e O entregaram a Pilatos, o governador.

27, 1: Mc 15, 1; Lc 23, 1; Jo 18, 28.

COMENTÁRIOS



27, 1: “convocaram um conselho” – A conspiração feita pelos adversários de Jesus (12, 14; 22, 15; 26, 4).

- A descrição da conspiração que Mateus faz alude ao Sl 2, 2 (At 4, 25-27). Naquele contexto, Davi é quem descreve o modo como os governantes “conspiram contra Javé e contra o seus Messias”.

27, 2: “Pilatos, o governador” – Pôncio Pilatos, o representante romano que governou a Judéia, a Iduméia e a Samaria de 26 d.C. a 36 d.C. Ele é reconhecido por fontes diretas do primeiro século como um tirano severo. Por mais que ele não tenha considerado Jesus culpado de algum crime digno de pena de morte (27, 33), ele não tem a integridade de libertá-lo por sua própria autoridade. Ele foi imortalizado no Credo dos Apóstolos como aquele que foi responsável pelo sofrimento e crucificação de Cristo.

27, 5: “foi enforcar-se” – O suicídio de Judas é de difícil interpretação. Mateus descreve um enforcamento, mas é sugerido em At 1, 18 que a morte de Judas se deu através

de uma queda de ponta cabeça, por conta da qual “suas entranhas se esparramaram”. Já que tanto o enforcamento (Mt) quanto a queda (At) parecem envolver uma considerável altura relacionada ao incidente, ambos podem ser interpretados como complementares, ainda que a exatidão dos acontecimentos não esteja garantida (v. o comentário sobre Mt 26, 56).

27, 6: “preço de sangue” – Os sacerdotes consideram inadequado usar o dinheiro da traição de Judas como oferta religiosa no Templo.



27, 8-10: Uma alusão a passagens do Antigo Testamento de *Jeremias* e *Zacarias*.

- O tema central da compra de um campo de oleiro é o que relaciona esses dois profetas. Jeremias fez uma visita a um oleiro (Jr 18, 1-11) e foi ordenado por Deus a comprar um campo (Jr 32, 6-9), enquanto que Zacarias narra o modo como os pastores perversos de Israel avaliaram o Senhor em meros “trinta siclos de prata” (Zc 11, 12), um valor tão insignifican-

Judas se enforca – ³Então Judas, o traidor, ao ver que Jesus fora condenado, sentiu remorso, e foi devolver as trinta moedas de prata aos chefes dos sacerdotes e anciãos, ⁴dizendo: “Pequei, entregando à morte sangue inocente”. Eles responderam: “E o que temos nós com isso? O problema é seu”. ⁵Judas jogou as moedas no santuário, saiu, e foi enforcar-se. ⁶Recolhendo as moedas, os chefes dos sacerdotes disseram: “É contra a Lei colocá-las no tesouro do Templo, porque é preço de sangue”. ⁷Então discutiram em conselho, e as deram em troca pelo Campo do Oleiro, para aí fazer o cemitério dos estrangeiros. ⁸É por isso que esse campo até hoje é chamado de «Campo de Sangue». ⁹Assim se cumpriu o que tinha dito o profeta Jeremias: “Eles pegaram as trinta moedas de prata – preço com que os israelitas o avaliaram – ¹⁰e as deram em troca pelo Campo do Oleiro, conforme o Senhor me ordenou”.

27, 3: M At 1, 16-20; Mt 26, 15; Ex 21, 32.

27, 6: Dt 23, 18. • 27, 9: Zc 11, 12-13; Jr 32, 6-15; 18, 2-3.

Pilatos questiona Jesus – ¹¹Jesus foi posto diante do governador, e este o interrogou: “Tu és o rei dos judeus?”. Jesus declarou: “É você que está dizendo isso”. ¹²E nada respondeu quando foi acusado pelos chefes dos sacerdotes e anciãos. ¹³Então Pilatos perguntou: “Não estás ouvindo de quanta coisa eles te acusam?”. ¹⁴Mas Jesus não respondeu uma só palavra, e o governador ficou vivamente impressionado.

27, 11: Mc 15, 2-15; Lc 23, 2. 18-25; Jo 18, 29 – 19, 16. • 27, 14: Lc 23, 9; Mt 26, 62; Mc 14, 60; 1Tm 6, 13.

te que acabou sendo dado a um oleiro (Zc 11, 13). O contexto mais amplo da história de Jeremias dá a esses oráculos um foco geográfico: o profeta também quebrou um vaso do oleiro no portão com vista para o vale da Geena, como um sinal de que Jerusalém e Judéia seriam destruídas por derramarem sangue inocente (Jr 19, 1-15). A tradição antiga enquadrava o local de sepultamento de Judas (“*Campo de Sangue*”) neste mesmo vale da Geena (ou, “Hinnom”), precisamente onde Jeremias havia quebrado o vaso e previsto seu destino como cemitério (Jr 19, 11). É possível que Mateus considere o vaso quebrado, que originalmente era um sinal da destruição da Judéia, também como um sinal profético da destruição de Judas.

27, 11: “rei dos judeus?” – Os líderes de Jerusalém deram a Jesus um título com óbvias conotações políticas, preocupados em fazer notar que Jesus poderia ser uma ameaça à autoridade de Roma; caso fosse, Pilatos teria então motivos legais para matá-lo por insubordinação.

27, 19: “em sonhos” – Apenas Mateus recorda esse episódio que acontece com a mu-

lher de Pilatos. Assim como na *Narrativa da infância*, os sonhos aqui são canais para instruções e alertas divinos (1, 20; 2, 12-13. 22).

27, 24: “uma revolta” – A mesma palavra é traduzida por “tumulto” (em grego, *thorybos*) em Mt 26, 5). Os líderes de Jerusalém não queriam, a princípio, gerar uma agitação pública, mas agora eles incitam uma revolta a seu favor.

“Lavou as mãos”: um gesto vaidoso de Pilatos que serviu para que ele demonstrasse que não assumiria as responsabilidades sobre a morte de Jesus (v. comentário sobre Mt 27, 2).

27, 25: “Que o sangue Dele caia sobre nós” – Uma fórmula de juramento (cf. Js 2, 17-19). O populacho de Jerusalém invocava uma maldição sobre si mesmo, apostando suas vidas através de seu juramento. Infelizmente, seu juramento foi precipitado e inadequado; eles não levaram a sério as consequências da crucificação de Cristo. Eventualmente, sua culpa trouxe o julgamento sobre a Cidade Santa (cf. Jr 26, 15; At 5, 28; CIC 597-598; v. também o comentário sobre Mt. 5, 33).

Barrabás ou Jesus? – ¹⁵Na festa da Páscoa, o governador costumava soltar o prisioneiro que a multidão quisesse. ¹⁶Nessa ocasião tinham um prisioneiro famoso, chamado Barrabás. ¹⁷Então Pilatos perguntou à multidão reunida: “Quem vocês querem que eu solte: Barrabás, ou Jesus, que chamam de Messias?”. ¹⁸De fato, Pilatos bem sabia que eles haviam entregado Jesus por inveja. ¹⁹Enquanto Pilatos estava sentado no tribunal, sua mulher mandou dizer a ele: “Não se envolva com esse justo, porque esta noite, em sonhos, sofri muito por causa dele”. ²⁰Porém, os chefes dos sacerdotes e os anciãos convenceram as multidões para que pedissem Barrabás, e que fizessem Jesus morrer. ²¹O governador tornou a perguntar: “Qual dos dois vocês querem que eu solte?”. Eles gritaram: “Barrabás”. ²²Pilatos perguntou: “E o que vou fazer com Jesus, que chamam de Messias?”. Todos gritaram: “Seja crucificado!”. ²³Pilatos falou: “Mas que mal fez ele?”. Eles, porém, gritaram com mais força: “Seja crucificado!”.

27, 19: Lc 23, 4. • 27, 21: At 3, 13-14.

Pilatos entrega Jesus à crucificação – ²⁴Pilatos viu que nada conseguia, e que poderia haver uma revolta. Então mandou trazer água, lavou as mãos diante da multidão, e disse: “Eu não sou responsável pelo sangue desse Homem. É um problema de vocês”. ²⁵O povo todo respondeu: “Que o sangue Dele caia sobre nós e sobre os nossos filhos”. ²⁶Então Pilatos soltou Barrabás, mandou flagelar Jesus, e O entregou para ser crucificado.

27, 24: Dt 21, 6-9; Sl 26, 6. • 27, 25: At 5, 28; Js 2, 19.

27, 27: “palácio do governador” – Também chamado de “pretório”, era a residência do oficial romano responsável pela região (em Jerusalém, Pilatos).

27, 28: “um manto vermelho” – A capa militar dos soldados romanos.



27, 29: “rei dos judeus!” – Um título sugerido pelo Sinédrio e usado jocosamente pelos soldados (Lc 23, 2). É também o inscrito na cruz de Cristo (27, 37). Os reis magos são os únicos a usar este título, ao longo de todo o evangelho de Mateus, de forma positiva e honrosa (2, 2).

• *Alegoricamente*, o título e os objetos usados para caluniar Jesus significam sua majestade e seu triunfo sobre o pecado. O manto vermelho (27, 28) representa a vitória de Jesus sobre Satanás ao derramar o próprio sangue; a coroa de espinhos (27, 29) aponta para a coroa de glória que adorna Jesus em sua ascensão aos céus; a vara (27, 29) significa o cetro de seu reino celestial. Por essas imagens, a vitória de Cristo é paradoxalmente anunciada em meio à sua aparente derrota.

27, 33: “Gólgota” – Um termo aramaico

que significa “caveira”. A tradução da Vulgata latina para essa palavra (*calvariae*) é a fonte do termo moderno “calvário”. Gólgota fica fora dos muros de Jerusalém (Jo 19, 20) e provavelmente ganhou esse nome por ser um lugar comumente usado para a execução de criminosos.

27, 34: “fel” – Uma mistura de ervas e mirra usada como narcótico (cf. Mc 15, 23). A recusa de Jesus por anestésicos significa sua completa aceitação da vontade do Pai e também a grandeza de seu amor sacrificial (cf. Jo 10, 17-18; Rm 5, 8).

27, 35: “o crucificarem” – A crucificação era própria para facilitar uma morte lenta e dolorosa. As vítimas morriam por uma combinação de perda de sangue e asfixia (v. comentário do nosso estudo bíblico sobre o evangelho de Marcos em Mc 15, 24).

“Repartindo [...] as roupas dele”: uma alusão ao Sl 22, 18, o mesmo salmo que é citado por Jesus antes de sua morte (Mt 27, 46; cf. Jo 19, 24).



27, 45: “meio-dia [...] três horas” – Confira o comentário em Mt 20, 1.

Os soldados achincalham Jesus – ²⁷Em seguida, os soldados de Pilatos levaram Jesus ao palácio do governador, e reuniram toda a tropa em volta de Jesus. ²⁸Tiraram a roupa Dele, e O vestiram com um manto vermelho; ²⁹depois teceram uma coroa de espinhos, puseram a coroa em sua cabeça, e uma vara em sua mão direita. Então se ajoelharam diante de Jesus e zombaram Dele, dizendo: “Salve, rei dos judeus!”. ³⁰Cuspiram Nele e, pegando a vara, bateram na sua cabeça. ³¹Depois de zombarem de Jesus, tiraram-lhe o manto vermelho, e O vestiram de novo com as próprias roupas Dele; daí O levaram para crucificar.

27, 27: Mc 15, 16-20; Lc 23, 11; Jo 19, 2-3.

A crucificação de Jesus – ³²Quando saíram, encontraram um homem chamado Simão, da cidade de Cirene, e o obrigaram a carregar a cruz de Jesus. ³³E chegaram a um lugar chamado Gólgota, que quer dizer “lugar da Caveira”. ³⁴Aí deram vinho misturado com fel para Jesus beber. Ele provou, mas não quis beber. ³⁵Depois de O crucificarem, fizeram um sorteio, repartindo entre si as roupas dele. ³⁶E ficaram aí sentados, montando guarda. ³⁷Acima da cabeça de Jesus puseram o motivo da sua condenação: “Este é Jesus, o Rei dos Judeus”. ³⁸Com Jesus, crucificaram também dois ladrões, um à direita e outro à esquerda. ³⁹As pessoas que passavam por aí, O insultavam, balançando a cabeça, ⁴⁰e dizendo: “Tu que ias destruir o Templo, e construí-lo em três dias, salve-te a Ti mesmo! Se és o Filho de Deus, desce da cruz!”. ⁴¹Do mesmo modo, os chefes dos sacerdotes, junto com os doutores da Lei e os anciãos, também zombavam de Jesus: ⁴²“A outros Ele salvou... A si mesmo não pode salvar! É Rei de Israel... Desça agora da cruz, e acreditaremos Nele. ⁴³Confiou em Deus; que Deus O livre agora, se é que O ama! Pois Ele disse: Eu sou Filho de Deus”. ⁴⁴Do mesmo modo, também os dois bandidos que foram crucificados com Jesus O insultavam.

27, 32: Mc 15, 21; Lc 23, 26; Jo 19, 17; Hb 13,12. • 27, 33: Mc 15, 22-32; Lc 23, 33-39; Jo 19, 17-24.

27, 35: Sl 22, 18. • 27, 39: Sl 22, 7-8; 109, 25. • 27, 40: Mt 26, 61; At 6, 14; Jo 2, 19.

• Os fenômenos em torno da crucificação de Cristo recordam Am 8, 8-10. Naquele contexto, Amós profetiza o dia do Senhor, em que Deus julgaria seus inimigos e os pecadores de seu povo. Nesse dia, a terra iria “tremor”, o sol iria “se esconder ao meio-dia” e haveria “gemidos” como forma de “luto por um filho único”.

Simbolicamente,¹ os distúrbios da Sexta-feira Santa representam a aflição da criação pela morte de seu criador. O sol, particularmente, retira seu brilho e olha para longe, para não ser forçado a encarar os crimes dos inimigos de Jesus.



27, 46: “Eli, Eli” – Uma citação, parte em hebraico, parte em aramaico, do Sl 22, 1. Mateus se refere a este salmo em 27, 35 (Sl 22, 18), 27, 39 (Sl 22, 7) e 27, 43 (Sl 22, 8).

• Naquele contexto, o Sl 22 retrata o apuro de um justo sofredor. Mesmo sendo inocente, Ele é escarnecido e abusado pelos ímpios. Ele então se volta a Deus, em meio às suas aflições, e suplica por libertação. Ao citar as primeiras linhas deste salmo, Jesus expressa sua agonia enquanto experimenta o peso total da rejeição.

Isso evoca toda a trama do Sl 22, na qual a humilhação do sofredor abre caminho para a sua reivindicação. Portanto, Jesus não considera sua Paixão desprovida de sentido ou falha em seus propósitos; muito menos Ele sucumbe a um pecado de desespero. Pelo contrário, Ele “confiou em Deus” (27, 43) e entregou seu espírito ao Pai (Lc 23, 46). Como o sofredor inocente do Sl 22, Ele confia que Deus transformará sua miséria em vitória.

27, 51: “cortina do santuário” – Ela ficava pendurada entre as duas câmaras mais sagradas do Templo de Jerusalém, o Santo e o Santo dos santos (Ex 26, 31-34). Este véu era um sinal de que os pecadores não podiam se aproximar da infinita santidade de Deus (cf. Hb 9, 8). Pela morte salvadora de Jesus, o perdão dos pecados é assegurado ao homem e o acesso ao céu é reaberto (Ef 2, 18; Hb 10, 19-22). Isso é anunciado pelo próprio Deus, quando rasga esse véu *de alto a baixo* (v. o comentário do nosso estudo bíblico sobre o evangelho de Marcos em Mc 15, 38).

27, 52: “santos [...] ressuscitaram” – A não ser pelo evangelho de Mateus, toda a história se silencia a respeito desse acontecimento e das personalidades do Antigo Testamento

¹ São Cipriano, *De bono patientiae*, 7.

A morte de Jesus – ⁴⁵Desde o meio-dia até às três horas da tarde houve escuridão sobre toda a terra. ⁴⁶Pelas três horas da tarde Jesus deu um forte grito: “Eli, Eli, lamá sabactâni?”, isto é: “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?”. ⁴⁷Alguns dos que aí estavam, ouvindo isso, disseram: “Ele está chamando Elias!”. ⁴⁸E logo um deles foi correndo pegar uma esponja, a ensopou em vinagre, colocou-a na ponta de uma vara, e deu para Jesus beber. ⁴⁹Outros, porém, disseram: “Deixe, vamos ver se Elias vem salvá-lo!”. ⁵⁰Então Jesus deu outra vez um forte grito, e entregou o espírito.

⁵¹Imediatamente a cortina do santuário rasgou-se em duas partes, de alto a baixo; a terra tremeu, e as pedras se partiram. ⁵²Os túmulos se abriram e muitos santos falecidos ressuscitaram. ⁵³Saindo dos túmulos depois da ressurreição de Jesus, apareceram na Cidade Santa, e foram vistos por muitas pessoas. ⁵⁴O oficial e os soldados que estavam com ele guardando Jesus, ao notarem o terremoto e tudo o que havia acontecido, ficaram com muito medo, e disseram: “De fato, Ele era mesmo Filho de Deus!”.

⁵⁵Grande número de mulheres estavam aí, olhando de longe. Elas haviam acompanhado Jesus desde a Galiléia, prestando-lhe serviços. ⁵⁶Entre elas estavam Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago e de José, e a mãe dos filhos de Zebedeu.

27, 45: Mc 15, 33-41; Lc 23, 44-54; Jo 19, 28-30. • 27, 46: Sl 22, 1. • 27, 48: Sl 69, 21.

27, 50: Hb 9, 8; 10, 19; Ex 26, 31-35; Mt 28, 2. • 27, 54: Mt 3, 17; 17, 5. • 27, 56: Lc 24, 10.

O sepultamento de Jesus – ⁵⁷Ao entardecer, chegou um homem rico de Arimatéia, chamado José, que também se tornara discípulo de Jesus. ⁵⁸Ele foi procurar Pilatos, e pediu o corpo de Jesus. Então Pilatos deu ordem para que o cadáver fosse entregue a José. ⁵⁹José, tomando o corpo, o envolveu num lençol limpo, ⁶⁰e o colocou num túmulo novo, que ele mesmo havia mandado escavar na rocha. Em seguida, rolou uma grande pedra para fechar a entrada do túmulo, e retirou-se. ⁶¹Maria Madalena e a outra Maria estavam aí sentadas, em frente ao sepulcro.

27, 57: Mc 15, 42-47; Lc 23, 50-56; Jo 19, 38-42; At 13, 29.

que estão envolvidas. Não existem referências a respeito de *quem* ressuscitou, *por quanto tempo* eles ficaram aqui ou *que tipo de corpo* esses santos possuíam; no entanto, não há razões para que Mateus relatasse esses acontecimentos se não fossem confirmados pelas testemunhas de Jerusalém (27, 53). Teologicamente, é essencial fazer notar que esses santos do Antigo Testamento ressuscitaram depois da manhã da Páscoa (27, 53), já que Jesus foi o primeiro a ressuscitar em glória (Cl 1, 18).

27, 65: “Vocês têm uma guarda” – Provavelmente, uma guarda militar romana particular, já que se vê que eles buscaram refúgio com os sacerdotes de Jerusalém depois, quando verificaram que o sepulcro de Jesus estava vazio (28, 11). Isso foi feito para que não ficassem “preocupados” com Pilatos (28, 14), já que a consequência do desaparecimento de Jesus para esses soldados muito provavelmente envolveriam pena de morte (cf. At 12, 19; 16, 27).

A guarda do sepulcro – ⁶²No dia seguinte, um dia depois da Preparação, os chefes dos sacerdotes e os fariseus foram ter com Pilatos, ⁶³e disseram: “Senhor, nós lembramos que Aquele impostor, quando ainda estava vivo, falou: ‘Depois de três dias Eu ressuscitarei’”. ⁶⁴Portanto, mande guardar o sepulcro até o terceiro dia, para não acontecer que os discípulos venham roubar o corpo, e digam ao povo: ‘Ele ressuscitou dos mortos!’. Então essa última mentira seria pior do que a primeira”. ⁶⁵Pilatos respondeu: “Vocês têm uma guarda: vão e guardem o sepulcro o melhor que puderem”. ⁶⁶Então eles foram manter o sepulcro em segurança: lacraram a pedra, e montaram guarda.

27, 63: Mt 16, 21; 17, 23; 20, 19. • 27, 66: Mt 27, 60; 28, 11-15.

28 **Aressurreição de Jesus** – ¹Depois do sábado, ao amanhecer do primeiro dia da semana, Maria Madalena e a outra Maria foram ver a sepultura. ²De repente houve um grande tremor de terra: o anjo do Senhor desceu do céu e, aproximando-se, retirou a pedra, e sentou-se nela. ³Sua aparência era como a de um relâmpago, e suas vestes eram brancas como a neve. ⁴Os guardas tremeram de medo diante do anjo, e ficaram como mortos. ⁵Então o anjo disse às mulheres: “Não tenham medo. Eu sei que vocês estão procurando Jesus, que foi crucificado. ⁶Ele não está aqui. Ressuscitou, como havia dito! Venham ver o lugar onde Ele estava. ⁷E vão depressa contar aos discípulos que Ele ressuscitou dos mortos, e que vai à frente de vocês para a Galiléia. Lá vocês o verão. É o que tenho a lhes dizer”. ⁸As mulheres saíram depressa do túmulo; estavam com medo, mas correram com muita alegria para dar a notícia aos discípulos. ⁹De repente, Jesus foi ao encontro delas, e disse: “Alegrem-se!”. As mulheres se aproximaram, e se ajoelharam diante de Jesus, abraçando seus pés. ¹⁰Então Jesus disse a elas: “Não tenham medo. Vão anunciar aos meus irmãos que se dirijam para a Galiléia. Lá eles me verão”.

28, 1: Mc 16, 1-8; Lc 24, 1-9; Jo 20, 1-2; Lc 8, 2; Mt 27, 56. • 28, 2: Mt 27, 51. 60. • 28, 4: Mt 27, 62-66.

28, 7: Mt 26, 32; 28, 16; Jo 21, 1-23. • 28, 9: Jo 20, 14-18.

COMENTÁRIOS

28, 1: “primeiro dia da semana” – Domingo, o dia que se seguia ao sábado judaico. A fim de comemorar a ressurreição de Cristo, os primeiros cristãos deram a esse dia o título de “dia do Senhor” (Ap 1, 10) e o designaram como um dia para reuniões sagradas, adoração da Eucaristia e oração (At 20, 7; CIC 2174).

28, 6: “Ressuscitou, como havia dito!” – Por seis vezes ao longo do evangelho de Mateus, Jesus previu sua ressurreição (12, 40; 16, 21; 17, 9. 23; 20, 19; 26, 32). Historicamente, o milagre da ressurreição de Jesus é central à fé cristã e é a prova definitiva de sua divindade (Jo 10, 17-18). O acontecimento não consiste em uma mera ressuscitação do

corpo de Jesus, mas na glorificação de sua humanidade, corpo e alma. A ressurreição de Cristo antecipa a ressurreição geral de todas as pessoas antes do Juízo Final (cf. Jo 5, 28. 29; 1Cor 15, 20-24; Ap 1, 5; CIC 638).

28, 15: “tal boato” – Uma invenção desesperada por parte dos líderes de Jerusalém. O suborno dos guardas romanos demonstra como a cegueira voluntária é capaz de endurecer o coração e forçá-lo a resistir a verdades que não lhe são confortáveis, mesmo que sejam evidências cristalinas (cf. Rm 1, 18-21).

28, 18: “Toda a autoridade” – O Pai reivindicava Jesus em sua ressurreição e lhe dá poder total sobre a criação (cf. Dn 7, 13. 14;

O relato dos guardas – ¹¹Quando as mulheres partiram, alguns guardas do túmulo foram à cidade, e comunicaram aos chefes dos sacerdotes tudo o que havia acontecido. ¹²Os chefes dos sacerdotes se reuniram com os anciãos, e deram uma grande soma de dinheiro aos soldados, ¹³dizendo-lhes: “Digam que os discípulos dele foram durante a noite, e roubaram o corpo, enquanto vocês dormiam. ¹⁴Se o governador ficar sabendo disso, nós o convenceremos, e vocês não precisam ficar preocupados”. ¹⁵Os soldados pegaram o dinheiro, e agiram de acordo com as instruções recebidas. E assim, tal boato espalhou-se entre os judeus, até o dia de hoje.

28, 11: Mt 27, 62-66.

Jesus ordena os discípulos – ¹⁶Os onze discípulos foram para a Galiléia, ao monte que Jesus lhes tinha indicado. ¹⁷Quando viram Jesus, ajoelharam-se diante Dele. Ainda assim, alguns duvidaram. ¹⁸Então Jesus se aproximou, e falou: “Toda a autoridade foi dada a mim no céu e sobre a terra. ¹⁹Portanto, vão e façam com que todos os povos se tornem meus discípulos, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo, ²⁰e ensinando-os a observar tudo o que ordenei a vocês. Eis que Eu estarei com vocês todos os dias, até o fim do mundo”.

28, 16: 1Cor 15, 5; Jo 21, 1-23. • 28, 18: Mt 11, 27; Lc 10, 22; Fl 2, 9; Ef 1, 20-22.

28, 19: Lc 24, 47; At 1, 8. • 28, 20: Mt 13, 39. 49; 24, 3; 18, 20; At 18, 10.

Ef 1, 19-22). Jesus confere sua autoridade aos apóstolos para que, como testemunhas de sua ressurreição, preguem o evangelho e “façam [...] discípulos” (27, 19).



28, 19: “Portanto, vão” – Esta ordem do Cristo para que o mundo seja evangelizado e catequizado é o cumprimento do juramento feito por Deus a Abraão de que “todas as nações” seriam abençoadas (Gn 22, 18); Gl 3, 8). Seu projeto para a missão da Igreja tem três linhas principais:

1. Evangelizar *todas as nações* envolve mais do que ganhar alguns discípulos individualmente; carrega em si o objetivo de converter culturas inteiras. Todos os aspectos da vida devem ser conduzidos sob o senhorio do Cristo e de acordo com o evangelho.
2. A administração dos sacramentos é parte essencial da missão da Igreja e de nossa resposta a ela. *Batizar* recém-convertidos é o primeiro passo de um longo processo de santificação e participação na vida da Igreja.
3. A transmissão de tudo que Cristo ensinou é uma tarefa assistida pelo Espírito Santo, que guia a Igreja na proclamação infalível do evangelho (cf. Jo 14, 26; v. também o comentário do nosso estudo bíblico sobre o evangelho de João, em Jo 16, 13).

O sacramento do batismo incorpora os cristãos na divina família da Trindade como filho de Deus (cf. Gl 3, 26. 27). Os nomes do Pai, do Filho e do Espírito Santo revelam a unidade da vida interior e da natureza de Deus.

Essa expressão se tornou a fórmula normativa de batismo da Igreja (CIC 849, 1122, 1257; v. também o comentário sobre Mt 3, 11).

28, 20: “Eu estarei com vocês todos os dias” – As últimas palavras de Jesus elucidam o nome profético que Isaías dá ao Messias, “*Emanuel [...] Deus conosco*” (1, 23). A presença constante do Cristo ressuscitado na Igreja é tanto eclesial (18, 20) quanto eucarística (26, 26-28); Ele, portanto, dirige e fortalece a missão mundial da Igreja através da história (CIC 860, 2743).

NOTAS

MAPA: APARIÇÕES DO CRISTO RESSUSCITADO

A ressurreição corporal de Jesus é central à Fé Cristã. Ao registrar as aparições da ressurreição, o Novo Testamento não deixa dúvidas sobre este evento.

EM JERUSALÉM E NAS PROXIMIDADES

Para Maria Madalena:

Mc 16, 9; Jo 20, 11-18

Para outras mulheres:

Mt 29, 8-10

Para Pedro:

Lc 24, 34

Para dez discípulos:

Lc 24, 36-43; Jo 20, 19-25

Aos onze, incluindo Tomé:

Mc 16, 14; Jo 20, 26-29

Em sua ascensão:

Mc 16, 19; 20; Lc 24, 50-53; At 1, 4-12

OUTRAS APARIÇÕES

Aos discípulos na estrada de Emaús:

Mc 16, 12; 13; Lc 24, 13-35

Na Galiléia:

Mt 28, 16-20; Jo 21, 1-24

Para 500 pessoas:

1Cor 15, 6

Para Tiago e os outros apóstolos:

1Cor 15, 7

Para Paulo no caminho para Damasco:

At 9, 1-6; 22, 1-10; 26, 12-18; 1Cor 15, 18



QUESTÕES PARA ESTUDO

CAPÍTULO I

Para compreender

1. (cf. 1, 2-17) Qual é o objetivo de Mateus ao traçar a genealogia de Jesus? O que significa dizer que essa ancestralidade é “fundadora”?
2. (cf. 1, 16) Mesmo não sendo o pai biológico de Jesus, José tinha algumas responsabilidades e exercia certo direito paterno sobre o filho à época de seu nascimento. Quais eram esses direitos e responsabilidades?
3. (cf. 1, 23) Mateus cita Isaías 7, 14 e o aplica a Jesus. A que nascimento Isaías se referia? Em que sentido o nome “Emanuel” se aplica a Jesus?
4. (cf. 1, 25) Como se pode entender o trecho “José [...] levou Maria para casa, e, sem ter relações com ela, Maria deu à luz um filho”?

Para meditar

1. (cf. 1,1-17) A genealogia de Jesus foi traçada por Mateus na intenção de embasar a fé do leitor em Jesus como o Messias. Ao estudá-la, o que nela faz com que você confirme a sua própria fé no Cristo Jesus?
2. (cf. 1, 20) Quando o anjo aparece a José em sonho, encorajando-o a não temer em “receber Maria como esposa”, ele já estava compromissado com ela. Nos momentos em que você, temeroso ou não, põe em questão o estado em que se encontra na vida e tem de tomar decisões, como Deus o aborda?
3. (cf. 1, 24) Quão importante é o detalhe de José ter “acordado” após colocar em questão seu relacionamento com Maria? Que eventos da sua vida levaram você a um “despertar” parecido com esse? Em que eles resultaram?
4. (cf. 1, 25) Mateus diz que foi José (e não Maria) quem nomeou a criança e diz que ele sabia o significado do nome. Quem nomeou você e por qual motivo? O que seu nome significa para você? O que ele significa para Deus?

CAPÍTULO 2

Para compreender

1. (cf. 2, 1-3) Quais eram as origens de Herodes? Que profecia do Antigo Testamento o deixou “alarmado”?
2. (cf. 2, 11) Costuma-se entender que os três presentes dos magos têm um significado simbólico e espiritual. No plano alegórico, como Santo Irineu entende esses presentes? No plano moral, como São Gregório Magno interpreta seu significado?
3. (cf. 2, 15) Mateus cita Oséias 11, 1 quando se refere ao retorno da Sagrada Família do Egito à Palestina. Que conexão ele está estabelecendo entre esse acontecimento e a história de Israel?
4. (cf. *Ensaio sobre um tópico: A Narrativa da infância* de Mateus é historicamente fiel?) Quais são as cinco razões oferecidas como defesa da veracidade histórica da *Narrativa da infância* de Mateus?

Para meditar

1. (cf. 2, 6) De acordo com a interpretação de São Gregório Magno dos três presentes dos sábios, você consegue identificar de que modo o seu comportamento diário se traduz em sabedoria, adoração e sacrifício?
2. (cf. 2, 16-18) Deus não impediu que Herodes, determinado a matar Jesus, matasse crianças inocentes. Que efeito causam em você, em sua fé e na de seus próximos, as tragédias que envolvem pessoas inocentes? Como você lida com isso?
3. (cf. 2, 19-23) Considere o modo como Deus ajudou José a cuidar da Sagrada Família e protegê-la dos perigos. Como você tem notado o guiamento do Espírito Santo na sua vida? Quão certo você está de que Ele de fato o guia? Apesar da incerteza, como você O tem obedecido?

CAPÍTULO 3

Para compreender

1. (cf. 3, 2) Por que Mateus prefere a expressão “Reino do Céu”, ao invés de “Reino de Deus”?
2. (cf. 3, 6) Outros dois acontecimentos no Rio Jordão, relatados no Antigo Testamento, antecipam o poder salvífico do batismo. Quais são eles?

3. (cf. 3, 15) Por que Jesus deixa que João O batize mesmo não tendo pecado algum e não necessitando do batismo para se arrepender de nada?
4. (cf. 3, 15 e *Estudo da palavra*: Justiça) O que significa dizer que Deus é justo? O que significa, para nós, a palavra “justiça”? Como ela é usada na Sagrada Escritura?

Para meditar

1. (cf. 3, 1-2) Coloque-se na seguinte situação: João Batista está falando diretamente com você, alertando-o para se arrepender “porque o Reino do Céu está próximo”. Que arrependimento você acha que Deus espera de você?
2. (cf. 3, 7) Suponha, então, que João, ao falar com você, o inclui na “raça de cobras venenosas”. Como essa classificação pode se aplicar a você? Como você responderia a essa acusação?
3. (cf. 3, 7. 10) Compare a pregação de João Batista com a passagem do evangelho de João 15, 2. 6, em que Jesus ensina os apóstolos.¹ Quando o Batista fala da “ira que vai chegar” e das árvores que não deram bons frutos sendo jogadas no fogo, de que modo se assemelham sua pregação e o ensinamento do Cristo? Que tipo de fruto o Batista espera de você?
4. (cf. 3, 15) Que justiça Deus está guardando para você? Que resultado Ele espera da sua vida?

CAPÍTULO 4

Para compreender

1. (cf. 4, 1-11) Encontre, na Bíblia, as passagens do Deuteronômio comentadas no estudo deste capítulo.² De que maneira a tentação de Jesus no deserto, do modo como Mateus a narra, cumprem essas passagens? Que virtude a Igreja vê no comportamento de Jesus? Como é possível notá-la?
2. (cf. 4, 1) Sendo Jesus uma pessoa divina, jamais poderia pecar. Qual é o sentido em tentá-lo, então?
3. (cf. 4, 12-16) Por que Jesus escolhe justamente a Galiléia como foco primeiro de seu ministério?

1 Jo 15, 2. 6: “Todo ramo que não dá fruto em mim, o Pai o corta. Os ramos que dão fruto, ele os poda para que dêem mais fruto ainda./Quem não fica unido a mim será jogado fora como um ramo, e secará. Esses ramos são ajuntados, jogados no fogo e queimados” – NT.

2 A saber: Dt 8, 3; 6, 16; 6, 13, as respostas do Cristo às falas do demônio – NT.

4. (cf. 4, 23) Mateus conta que Jesus ensinava nas sinagogas. Diferente da do Templo de Jerusalém, qual era a importância das sinagogas para os judeus?

Para meditar

1. (cf. 4, 1) Diz Mateus que “o Espírito conduziu Jesus ao deserto, para ser tentado pelo diabo”. Que *benefício* espiritual pode-se tirar de uma tentação? Por que o Espírito Santo conduziria você (ou permitiria que você fosse levado) a enfrentar uma tentação?
2. (cf. 4, 6) Satanás cita um trecho do Salmo 91 fora de contexto e Jesus imediatamente o corrige. De que modo você já testou Deus ou presumiu que Ele estava certamente cuidando de você? Qual foi o resultado disso? Como a resposta de Jesus a Satanás ensina você a agir perante o cuidado de Deus?
3. (cf. 4, 17) Jesus começa sua pregação pública com a mesma mensagem de João Batista, seu primo. Se Jesus aparecesse a você para lhe revelar os planos que ele tem para a sua vida, com que palavras você acha que ele começaria a fala? Por quê?
4. (cf. 4, 20. 22) Mateus enfatiza que os primeiros discípulos, pescadores, imediatamente abandonaram família e trabalho para seguir Jesus. No seu caso, como o chamado de Jesus afetou sua vida, suas relações com sua família, especialmente com seus pais e seus parentes mais velhos?

CAPÍTULO 5

Para compreender

1. (cf. 5, 3-12; e também Is 11, 2)³ Reflita e discorra sobre o modo como as sete primeiras bem-aventuranças correspondem aos sete dons do Espírito Santo.
2. (cf. 5, 17) Se a Antiga Aliança não está abolida, para que veio a Nova Aliança? Por que as leis sobre o sacrifício animal não devem mais ser seguidas? O que aconteceu com a lei moral transmitida pela Antiga Aliança?
3. (cf. 5, 21-30) Como se pode entender a nova dimensão que Jesus dá aos mandamentos de não matar e não cometer adultério?

3 Is 11, 2: “Sobre ele pousará o espírito de Javé: espírito de *sabedoria e inteligência*, espírito de *conselho e fortaleza*, espírito de *conhecimento e temor de Javé*”. Na Bíblia Vulgata Latina, no mesmo versículo se encontra a expressão “*spiritus scientiae et pietatis*”, indicando que o sétimo dom é o da *pietade*. Os sete dons do Espírito Santo, então, são comumente considerados na tradição católica de acordo com as seguintes denominações: sabedoria, inteligência (às vezes referida como entendimento), conselho, fortaleza, ciência (às vezes referida como conhecimento), piedade e temor de Deus – NT.

4. (cf. 5, 38-42) Que comentário faz Jesus a respeito da lei da vingança (“olho por olho e dente por dente”)? Qual era o objetivo daquela lei e qual é a resposta de Jesus a ela?

Para meditar

1. (cf. 5, 1-11) Faça um exame das oito bem-aventuranças no que diz respeito ao modo como elas se aplicam à sua vida – a começar pela pobreza de espírito. Como os sofrimentos mencionados nas bem-aventuranças já lhe ocorreram? Mesmo sabendo que essas bênçãos se realizarão plenamente apenas no paraíso, de que maneira elas já se dão aqui e agora, na sua vida terrena?
2. (cf. 5, 19-20) Que atitude você acha que Jesus espera que você tome no que diz respeito ao cumprimento da lei que Ele anunciou? De que forma a sua justiça pode superar à dos fariseus e doutores da Lei?
3. (cf. 5, 27-30) Numa época em que a manifestação dos impulsos sexuais é não apenas permitida como incentivada, você encontra meios (quais?) de evitar os olhares de cobiça e luxúria? Para você, como os alertas de Jesus nos versículos 29 e 30 servem de orientação quanto à importância do auto-controle?
4. (cf. 5, 43-48) Quais inimigos seus Deus já pediu para que você amasse? De que forma você pôde amá-los? Por que Ele pede que você os ame?

CAPÍTULO 6

Para compreender

1. (cf. 6, 7-8) Se Jesus não está condenando aquele tipo de oração decorada e repetitiva, o que propriamente Ele está condenando?
2. (cf. 6, 9-13) Veja a estrutura da oração do *Pai nosso*. Por que ela é considerada “o modelo das orações”?
3. (cf. 6, 22-23) Leia o trecho deste estudo referente aos versículos 22 e 23 deste capítulo. De que forma esses versículos se enquadram naquilo que Jesus diz sobre a atitude correta perante o dinheiro e as riquezas?
4. (cf. 6, 28-30) Nos versículos de 28 a 30 deste capítulo, Jesus argumenta à maneira dos rabinos. Que argumento Ele está colocando? Qual é o significado anagógico desta passagem?

Para meditar

1. (cf. 6, 1-18) Enquanto pratica o jejum, a esmola e a oração, você é capaz de identificar em si mesmo aspectos de hipocrisia (uma pretensão de ser melhor do que você de fato é)? De que modo isso está presente em sua prática devocional? O que você tem feito para eliminar esses fatores?
2. (cf. 6, 12. 14-15) Quando você reza o *Pai nosso*, como você reage à 5ª súplica (“perdoa nossas dívidas assim como nós perdoamos aos nossos devedores”)? A quem você precisa perdoar? Se você se recusa a perdoá-lo, o que você está pedindo, então, para Deus fazer com você?
3. (cf. 6, 24) Qual é a sua atitude perante os seus bens, seu estado, sua carreira e tudo o mais ao que você dá valor? De que modo você está “servindo” a essas coisas? Como se relaciona essa sua atitude com aquilo que Jesus diz em Mt 5, 3?
4. (cf. 6, 31-34) Jesus avisa frequentemente seus discípulos para que não sejam ansiosos, porque a ansiedade contradiz justamente a atitude que o Cristo está ensinando. Pelo que você geralmente fica ansioso? De que modo Jesus propõe que você lide com a sua ansiedade?

CAPÍTULO 7

Para compreender

1. (cf. 7, 1-6) Que tipo de julgamento Jesus proíbe no início deste capítulo? De acordo com os comentários de estudo relativos a esse trecho do evangelho, que tipo de julgamento Jesus exige na seqüência deste mesmo capítulo?
2. (cf. 7, 13-14) Em que se baseia a comparação entre a porta estreita que leva à vida e a larga que leva à perdição? Qual era a função das portas do Templo de Jerusalém?
3. (cf. 7, 21-23) O que pode assegurar a alguém sua salvação se até mesmo a operação de milagres em nome de Jesus não é garantia de que Ele não o condenará? Que relação há entre a graça santificante e o relato narrado nos versículos 21 a 23 deste capítulo do evangelho?
4. (cf. 7, 24-27) Numa compreensão moral dos versículos 24 a 27 deste capítulo, como deve o homem prudente construir e manter a casa de sua alma? Em que sentido pode-se dizer que o homem desajuizado falha ao construir e manter a sua da maneira como o faz?

Para meditar

1. (cf. 7, 1-5) Jesus fala sobre a tendência do homem de ver os pecados alheios como mais graves que os seus próprios. De quem você é mais crítico ou a quem você costuma se comparar e se considerar melhor? O que suscita esse criticismo e essa comparação? Que trava você precisa remover de seus próprios olhos?
2. (cf. 7, 7-12) Qual a ligação entre o que está contido no versículo 12 deste capítulo e o ato de perseverar na oração? Que conexões você pode notar entre o ato de rezar por você ou pelo próximo e o modo como você trata os outros?
3. (cf. 7, 21-23) Como seus talentos naturais e dons carismáticos contribuíram para que você crescesse em santidade? Por outro lado, como eles atrapalharam esse processo?
4. (cf. 7, 24-27) Com que frequência você faz uso dos meios normais de santificação – especialmente a oração e os sacramentos da confissão e da eucaristia?

CAPÍTULO 8

Para compreender

1. (cf. 8, 4) De que modo o pecado mortal é como a lepra? Qual é o papel do sacerdote no processo de repurificação?
2. (cf. 8, 11-12) Em que sentido Abraão, Isaac e Jacó estão ligados às nações de gentios que virão do Ocidente e do Oriente para a mesa do Reino do Céu?
3. (cf. 8, 22) O que Jesus quer dizer quando fala: “[...] deixe que os mortos sepultem seus próprios mortos”? O que Ele quer que se entenda com isso?
4. (cf. 8, 32) Qual é o significado de conduzir os porcos à queda no mar da Galiléia?

Para meditar

1. (cf. 8, 8) Na missa, antes de recebermos a Eucaristia, repetimos essas mesmas palavras do oficial. Com que frequência você realmente presta atenção ao que está dizendo? Quão sincero você está sendo ao dizer essas palavras?
2. (cf. 8, 18-22) De que modo os confortos materiais e os compromissos familiares afetam seu propósito de seguir Jesus? Seus amigos ou as pessoas que o conhecem bem concordariam com essa avaliação que acaba de fazer?

3. (cf. 8, 26) Em que momentos da sua vida você clamou pela ajuda de Deus porque estava com medo? De que maneira a sua fé em Jesus acalma seus temores?
4. (cf. 8, 33-34) Os cidadãos gadarenos prestaram mais atenção ao que aconteceu com os possuídos ou ao que aconteceu com os porcos? Se a ação de Deus modifica a sua vida ou a de um próximo, sua tendência é prestar mais atenção à mudança que teve a vida ou a Deus, que foi quem a mudou?

CAPÍTULO 9

Para compreender

1. (cf. 9, 3) Por que os doutores da Lei acusaram Jesus de blasfêmia quanto Ele perdoou os pecados do paralítico?
2. (cf. 9, 13) O que levou Jesus a citar Oséias 6, 6 – “Eu quero a misericórdia e não o sacrifício”? Qual é o sentido dessa passagem de Oséias?
3. (cf. 9, 16-17) Nesses dois versículos,⁴ o que Jesus quer fazer entender a respeito da relação entre a Nova e a Antiga Aliança?
4. (cf. 9, 36) Que significado têm as imagens das ovelhas e do pastor no Antigo Testamento?

Para meditar

1. (cf. 9, 8) Mateus insinua que a multidão, vendo Jesus perdoar os pecados do paralítico e depois o curando, encheu-se de medo do Deus que dá tamanho poder ao homem. Lembre-se agora de um momento de sua vida em que Deus agiu de forma poderosa. Que atitude perante Deus esse acontecimento fez com que você adotasse?
2. (cf. 9, 9-13) Qual é o tipo de companhia adequado para um cristão? Como você responde quando o tipo “errado” aproxima-se de sua paróquia para participar da sua comunidade?
3. (cf. 9, 17) O Espírito Santo é aí comparado ao vinho novo, e as pessoas a barris de vinho. De que forma o Espírito Santo faz com que você “se alargue” ao agir em sua vida?
4. (9, 14-15) Quanto de sua vida religiosa é dedicado ao jejum? Quais são suas razões para jejuar ou deixar de jejuar?

⁴ A referência das perguntas está sempre entre parêntesis e é sempre aos trechos ali identificados que a pergunta se dirige – NT.

CAPÍTULO IO

Para compreender

1. (cf. 10, 2) Por que Jesus escolheu *doze* apóstolos, e não dez ou catorze?
2. (cf. 10, 5) Por que Jesus diz aos apóstolos para não tomarem “o caminho dos pagãos”?
3. (cf. 10, 28) Já que os discípulos não devem temer aqueles “que matam o corpo, mas não podem matar a alma”, quem eles *deveriam* temer e por quê?
4. (cf. 10, 42) Quem são os “pequeninos” desse versículo?

Para meditar

1. (cf. 10, 9-10) De que modo você tem sido chamado a exercitar a fé no sentido colocado por este versículo? De que modo você tem sido chamado a dar o tipo de hospitalidade que esse versículo apresenta?
2. (cf. 10, 24-24) Quando surgem as perseguições, os desentendimentos e a incompreensão contra você ou contra aquilo pelo que você busca, o quanto você se assemelha ao seu mestre?
3. (cf. 10, 34-39) Quais tipos de separação Jesus causou em sua vida? O que você faria se Ele pedisse que você abandonasse aqueles que você mais ama?
4. (cf. 10, 39) De que modo o paradoxo apresentado neste versículo se resolve em sua vida? Se não consegue responder, o que então pode significar para você a idéia de “perder a sua vida” por causa de Jesus?

CAPÍTULO I I

Para compreender

1. (cf. 11, 11) O que Jesus quer dizer quando fala que “de todos os homens que já nasceram, nenhum é maior do que João Batista” e, logo em seguida, que “o menor no Reino do Céu é maior do que ele”? Neste versículo, Jesus está criticando a santidade de seu primo?
2. (cf. 11, 12) O que Jesus quer dizer quando fala que são os violentos que tomam o Reino do Céu à força?
3. (cf. 11, 23-24) Por que Jesus compara e desfavorece Cafarnaum em relação a Sodoma?

4. (cf. 11, 25-27) Procure e leia as passagens do evangelho de João referidas nos comentários de estudo para estes versículos. Qual delas se parece mais com esses versículos do evangelho de Mateus? Por quê? O que eles significam?

Para meditar

1. (cf. 11, 2-6) Quando você faz uma pergunta a Jesus, Ele responde com palavras ou mostrando a você aquilo que Ele já operou em sua vida? De que maneira esses feitos Dele lhe apontaram para a resposta que estava procurando?
2. (cf. 11, 16-19) Você tem a tendência de avaliar a maneira como você vive o evangelho de acordo com os padrões de vivência religiosa e de práticas sociais ao seu redor? Ou, então, tem a tendência de avaliar os padrões de vivência religiosa e de práticas sociais à sua volta de acordo com o evangelho? Qual das duas coisas é a mais difícil de fazer?
3. (cf. 11, 25) De que forma seu nível de educação afeta as respostas que você dá às palavras e obras de Jesus – já foi motivo de contribuição ou de impedimento? Você se considera como sendo um dos “sábios e inteligentes” ou como um dos “pequeninos”? Qual você deveria ser?
4. (cf. 11, 29) A palavra “carga” sugere um trabalho duro e pesado e, no entanto, o que Jesus está oferecendo é descanso. Qual é a diferença entre a carga que Ele oferece e o fardo pesado que Ele nos convida a largar?

CAPÍTULO 12

Para compreender

1. (cf. 12, 18) Por que Mateus cita Isaías 42, 1-4 neste versículo?
2. (cf. 12, 31) O que é a “blasfêmia contra o Espírito”? Por que ela não pode ser perdoada?
3. (cf. 12, 46) Quatro observações sustentam a tradição da Igreja que diz que Maria foi, é e sempre será virgem, perpetuamente, e que Jesus não tem irmãos. Quais são essas observações?
4. (cf. *Quadro*: Jesus e o Antigo Testamento) O que é tipologia? Por que ela é importante para o entendimento da Escritura?

Para meditar

1. (cf. 12, 9-14) Leia os comentários de estudo para estes versículos. Que tipo de

trabalho você faz no “sábado cristão”, o Dia do Senhor?⁵ Como você usa o dia de descanso? O que você acha que Jesus acharia da maneira como você vive esse dia?

2. (cf. 12, 36-37) Quão cuidadosamente você pensa antes de falar qualquer coisa? O que esta passagem lhe sugere a respeito das conversas casuais em que se está sempre criticando alguém?
3. (cf. 12, 43-45) Após receber o perdão por seus pecados, você costuma responder através de um crescimento nas virtudes? Você costuma deixar sua alma aberta ao retorno de antigos hábitos pecaminosos ou à graça de Deus?
4. (cf. 12, 50) Como você reconheceria um irmão ou uma irmã de Jesus nos dias de hoje?

CAPÍTULO 13

Para compreender

1. (cf. 13, 11) De que modo as instruções privadas de Jesus aos discípulos refletem sua intenção de organizar hierarquicamente a Igreja?
2. (cf. 13, 33) De que forma a imagem do fermento é usada nessa passagem? Como ela é freqüentemente usada na Escritura?
3. (cf. *Estudo da palavra*: Parábola) De quantas maneiras são usadas parábolas no Antigo Testamento? Com que objetivo Jesus faz uso delas?
4. (cf. 13, 52) Como se pode ver no ministério de Mateus o papel do “doutor da Lei que se torna discípulo do Reino do Céu”?

Para meditar

1. (cf. 13, 3-9) Jesus compara o modo como se recebe a palavra de Deus com diferentes tipos de solo na qual ela pode cair. Que tipo de solo melhor se adequa ao modo como *você* responde à palavra de Deus? Por quê?
2. (cf. 13, 24-30) Como você responde à crítica que diz que a Igreja Católica está “morta” ou “fria”? Onde você encontra sinais de que, ao contrário, o milho está crescendo?

5 Para os cristãos, após a ressurreição de Cristo, o descanso feito pelos judeus aos sábados transferiu-se para o *domingo*, que “se distingue expressamente do sábado, ao qual sucede cronologicamente, a cada semana, e cuja prescrição ritual substitui, para os cristãos. Leva à plenitude, na Páscoa de Cristo, a verdade espiritual do sábado judeu e anuncia o repouso eterno do homem em Deus” (CIC 2175) – NT.

3. (cf. 13, 44-45) Que valor tem o Reino do Céu para você? Reflita sobre o modo como você gasta o seu tempo e se pergunte: o que você sacrificaria em troca do céu?
4. (cf. 13, 54-57) Algum parente ou amigo próximo uma vez já tentou evangelizar você? Qual foi sua reação? Quão parecida essa experiência chegou a ser com o comentário que Cristo faz no versículo 57 deste capítulo?

CAPÍTULO 14

Para compreender

1. (cf. 14, 1-12) Essa narrativa quer dizer duas coisas. Quais? O que ela sugere a respeito do destino daqueles que se comprometem com o cristianismo?
2. (cf. 14, 4) Qual é o argumento bíblico que faz com que João Batista condene o desejo de Herodes de se casar com Herodíades?
3. (cf. 14, 13-21) De que modo a distribuição de comida aos cinco mil homens reflete a comunhão eucarística? Qual evento do Antigo Testamento é similar a esse?
4. (cf. 14, 19) De que modo a função dos discípulos de distribuir os pães e os peixes se relaciona ao sacerdócio?

Para meditar

1. (cf. 14, 4) Qual é a sua atitude perante as uniões ilegais, sejam matrimoniais ou sexuais, que acontecem dentro de sua família ou de sua comunidade paroquial? De que maneira você tem solicitado o conselho de Deus a respeito de como responder a tais uniões?
2. (cf. 14, 13-21) Em que momentos de sua vida Deus lhe pediu algo para o qual você não tinha os meios necessários? Como você sabia que era aquilo mesmo que Ele estava pedindo? Como você respondeu e qual foi o resultado?
3. (cf. 14, 12-13. 23) Como você responde espiritualmente à dor? Como é sua oração nos momentos em que você está de luto ou desolado?
4. (cf. 14, 28-31) Em que momentos de sua vida você pediu a Deus para que Ele deixasse você fazer algo para o qual você não tinha os meios necessários? Qual foi o resultado? Como se aplica a você a pergunta que Jesus fez a Pedro?

CAPÍTULO I 5

Para compreender

1. (cf. 15, 1-20) De que maneira os fariseus, que diziam seguir à risca os mandamentos de Deus, estavam na verdade transgredindo a lei divina?
2. (cf. 15, 19) Qual é a verdadeira violação na religião? De onde ela surge?
3. (cf. 15, 26) A nível tropológico (moral), que tipo de pessoa a mulher cananéia representa? Como pode tal pessoa receber tratamento e cura tanto espiritual quanto fisicamente?
4. (cf. 15, 32-39) Quais são as diferenças e semelhanças entre a multiplicação dos alimentos desta passagem e a daquela que se encontra em 14, 13-21?

Para meditar

1. (cf. 15, 3-6) De que modo as suas práticas e atitudes religiosas podem ter diminuído o (ou tomado completamente o lugar do) cuidado genuíno que você deve à sua família, especialmente aos seus pais?
2. (cf. 15, 8-9) Que práticas e atitudes espirituais suas derivam, na verdade, de suas preferências pessoais, de sua região, dos costumes de sua família ou das tradições de sua raça ou país? De que modo Jesus avaliaria o efeito que isso tem para uma sincera adoração a Deus?
3. (cf. 15, 13) Quais práticas ou atitudes religiosas você uma vez teve e agora não mais tem? O que aconteceu com elas? O desaparecimento delas de sua vida reflete o que é narrado nesta passagem ou na verdade você deveria reconsiderá-las?
4. (cf. 15, 22-27) O que acontece com a sua fé nos momentos em que Deus parece não responder? Você desiste ou se mantém firme?

CAPÍTULO I 6

Para compreender

1. (cf. 16, 13-20) Quais são as imagens e os conceitos chave usados nessa passagem e qual seu significado no Antigo Testamento? De que modo o Concílio Vaticano I via a importância dessa passagem?
2. (cf. 16, 17) Nessa passagem, quais paralelos se notam entre a narrativa do Gên-

nesis e o evangelho de Mateus?

3. (cf. 16, 19) Qual é a importância da metáfora das chaves? Que significado tem a autoridade de Pedro de ligar e desligar as coisas?
4. (cf. *Estudo da palavra*: Pedro) Qual palavra grega traduz o termo aramaico *kepha*? O que significam ambas as palavras? Qual a outra importância, além da que se compreende no próprio significado do nome, da mudança do nome de Simão para Pedro?

Para meditar

1. (cf. 16, 8-11) Quão freqüentemente você se esquece das maneiras pelas quais Deus revela, na sua vida, o cuidado amoroso que tem por você? De que modo Ele faz com que você se lembre da preocupação que Ele tem por você?
2. (cf. 16, 6) De que maneiras as suas próprias idéias sobre cristianismo e catolicismo foram influenciadas pelo “fermento” proveniente de alguns dissidentes da Igreja? O que você tem feito para se atentar ao alerta de Jesus narrado nesse versículo?
3. (cf. 16, 15) Nos termos práticos da vida cotidiana, como você mesmo responde à pergunta de Cristo a Pedro narrada nesse versículo?
4. (cf. 16, 24-26) De que forma o seu comprometimento com Jesus e com a Igreja implicam a você uma auto-negação? De que modo você entende que já “perdeu a vida” negando a si próprio? Como isso se compara com o que você já ganhou por ter aceitado e tomado a própria cruz?

CAPÍTULO 17

Para compreender

1. (cf. 17, 1-8) Qual é o acontecimento do Antigo Testamento que se assemelha à transfiguração de Jesus? Quais são os pontos principais de comparação?
2. (cf. 17, 5) Nessa passagem, Moisés e Elias representam o quê? Por que sua presença na montanha onde ocorre a transfiguração é importante?
3. (cf. 17, 20) Qual parece ser o verdadeiro problema da “pouca fé” dos discípulos, que não conseguiam exorcizar aquele demônio?
4. (cf. 17, 27) Qual é o significado da ação de Jesus ao pedir a Pedro que pagasse o imposto do Templo por eles dois?

Para meditar

1. (cf. 17, 5) O que você faz para obedecer ao mandamento do Pai de escutar o que o Filho diz?
2. (cf. 17, 7-8) De que maneiras você tem medo de Deus? De que modo esse medo é superado quando você olha somente para Jesus?
3. (cf. 17, 19-21) Em que momentos de sua vida você já perguntou a Deus o porquê de você não ter conseguido realizar algo para o qual você sabia que tinha a habilidade necessária? De que modo essa incapacidade pode estar relacionada à falta de fé?
4. (cf. 17, 24-27) Quão generoso você é na ajuda financeira que dá à Igreja? Qual é a sua atitude perante esse tipo de contribuição?

CAPÍTULO 18

Para compreender

1. (cf. 18, 10) O que este versículo tem a ver com a fé da Igreja Católica nos anjos da guarda? O que fazem os anjos?
2. (cf. 18, 15-20) Faça um esquema das três fases do processo de disciplinarização da Igreja exposto por Jesus nessa passagem.
3. (cf. 18, 18) Compare essa passagem com Mt 16, 19. Qual é a diferença entre essas duas passagens em termos de autoridade? Qual é a conexão entre esse versículo e o poder que tem o sacerdote de perdoar os pecados?
4. (cf. 18,22) O que quer dizer o número de que Jesus fala nessa passagem (setenta vezes sete) e no que ele implica em relação ao perdão do próximo? Que tipo de comparação ou contraste pode se fazer entre esse número e aquele usado por Lamec em Gn 4, 24?⁶

Para meditar

1. (cf. 18, 7-9) Você já tentou, intencionalmente, induzir alguém a pecar? O que você fez para reparar esse dano? Você acha que essa sua atitude persuasiva se encaixa no que Jesus chama, com repugnância, de “escândalo”? Portanto, acha que Jesus pode ter se repulsado de você por conta dessa atitude? Quão repul-

⁶ Gn 4, 23-24: “Lamec disse para as suas mulheres: ‘Ada e Sela, ouçam minha voz; mulheres de Lamec, escutem minha palavra: Por uma ferida, eu matarei um homem, e por uma cicatriz matarei um jovem. Se a vingança de Caim valia por sete, a de Lamec valerá por setenta e sete” – NT.

sado?

2. (cf. 18, 15-17) Como você lida com as discordâncias ou ofensas cometidas pelos outros (especialmente por familiares) em relação a você? Que padrão de conduta você segue? Quão próximo é esse padrão que você segue desse que está descrito nessa passagem?
3. (cf. 18, 21-22) Quais são os limites da sua disposição para perdoar os outros? Você perdoa prontamente ou espera pelo pedido de desculpas do próximo? Ou, ainda, você vê o ato de perdoar o próximo como um sinal de fraqueza? Qual deveria ser o limite da sua disposição de perdoar?
4. (cf. 18, 23-35) Multiplique por 20 o valor bruto de tudo que você ganha num ano, apenas, e aí multiplique o resultado por 10 mil. Agora, multiplique o que você ganha num dia, apenas, por 100. Compare os dois valores. Essa diferença é mesma que aquela que existia, na parábola, entre a quantia que o empregado devia ao rei e a quantia que o companheiro desse empregado devia a ele. O que essa diferença diz a você sobre a disposição que Deus tem para perdoar você e a sua disposição para perdoar os outros?

CAPÍTULO 19

Para compreender

1. (cf. *Ensaio sobre um tópico*: A fala de Jesus sobre casamento e divórcio) Como se compara o ensinamento de Jesus sobre a indissolubilidade do casamento e o que foi legislado por Moisés em Dt 24, 1-4?⁷ A princípio, por que Deus permitiu o divórcio e a segunda união?
2. (cf. *Ensaio sobre um tópico*: A fala de Jesus sobre casamento e divórcio) Resuma as três vias de abordagem usadas pelos teólogos católicos para esclarecer o argumento de Jesus sobre a proibição do divórcio “a não ser em caso de fornicação”. De que modo cada uma dessas abordagens reforça o ensinamento da Igreja sobre a indissolubilidade do casamento?
3. (cf. 19, 14) Qual é a relação entre a bênção que Jesus dá às crianças e sua discussão anterior sobre o divórcio?

⁷ Dt 24, 1-4: “Quando um homem se casa com uma mulher e consoma o matrimônio, se depois ele não gostar mais dela, por ter visto nela alguma coisa inconveniente, escreva para ela um documento de divórcio e o entregue a ela, deixando-a sair de casa em liberdade. Tendo saído de sua casa, se ela se casar com outro, e também este se divorciar dela e lhe entregar nas mãos um documento de divórcio e a deixar ir embora em liberdade, ou se o segundo marido morrer, então o primeiro marido, que se havia divorciado dela, não poderá casar-se outra vez com ela, pois estará contaminada: seria um ato abominável diante de Javé. Você não deve tornar culpada de pecado a terra que Javé seu Deus vai lhe dar como herança” – NT.

4. (cf. 19, 28) Qual é o significado dessa promessa de Jesus aos discípulos – de que eles se sentariam em doze tronos e julgariam as doze tribos de Israel?

Para meditar

1. (cf. 19, 3-9) Compare a atitude de Jesus perante o casamento exposta nesses versículos com a atitude corrente da nossa cultura contemporânea quanto a esse assunto. A atitude que você tem perante essa questão é mais próxima da de Jesus ou da que a cultura atual tem?
2. (cf. 19, 10-12) Qual é a sua atitude pessoal quanto ao celibato? Você o considera como uma oportunidade de servir ao Reino do Céu ou como um fardo inconcebível, desnecessário à época moderna? Se você não é casado, já considerou a possibilidade de ter uma vocação para o modo de vida celibatário? Quão seriamente você considera isso?
3. (cf. 19, 21-22) O que a pobreza tem a ver com a perfeição? Que renúncia Jesus pede que você faça como forma de segui-lo? De que modo sua resposta tem se assemelhado à do jovem rico?
4. (cf. 19, 27-30) Em que momentos de sua vida você já perguntou a Jesus isso que Pedro pergunta a Ele nessa passagem? Como você reagiria à resposta que Ele deu a Pedro?

CAPÍTULO 20

Para compreender

1. (cf. 20, 1-16) Por que Deus não está sendo injusto com Israel ao incluir os gentios na Nova Aliança?
2. (cf. 20, 17-19) Qual é a principal diferença entre essa predição da Paixão de Cristo e as outras que aparecem ao longo do restante do evangelho de Mateus?
3. (cf. 20, 22) Que “cálice” é esse ao qual Jesus se refere? De que modo ele se concretizará para os filhos de Zebedeu?
4. (cf. 20, 30) Que crença, possivelmente, o título “filho de Davi” reflete nessa passagem?

Para meditar

1. (cf. 20, 1-16) Partindo da idéia de que as horas do dia, na parábola, correspondem analogamente ao momento de nossas vidas em que respondemos ao chamado de Jesus Cristo, em que parte da parábola você acha que se encaixaria

melhor? A parábola fala do tipo de pagamento que os trabalhadores receberiam; o que Jesus está oferecendo a você?

2. (cf. 20, 11) Em que momentos de sua vida você já se queixou a Deus por Ele ter sido generoso com outros?
3. (cf. 20, 21-22) Alguma vez você já pediu algo a Deus e, no momento do pedido, foi percebendo retroativamente que, na verdade, você não tinha idéia do tamanho real que tinha aquilo que você pedia? Qual foi o pedido? E o resultado? Como você encara, hoje, o resultado?
4. (cf. 20, 25-28) Considerando que o Filho do Homem não veio para ser servido, mas sim para servir, para que você está aqui?

CAPÍTULO 21

Para compreender

1. (cf. 21, 1-11) De que forma a entrada triunfal de Jesus em Jerusalém recorda a coroação de Salomão como rei de Israel?
2. (cf. 21, 13) Vender animais no Templo era o trabalho dos peregrinos. O que havia de errado nisso? Por que Jesus cita Isaías 56, aplicado aos gentios?
3. (cf. 21, 19) Por que Jesus amaldiçoa a figueira?
4. (cf. 21, 42) De que modo Jesus aplica o Salmo 118 a ele mesmo? De que outras maneiras o evangelho se utiliza desse salmo?

Para meditar

1. (cf. 21, 12-13) Considerando que você é o templo do Espírito Santo, que tipo de “ladrões” você acha que Jesus quer expulsar?
2. (cf. 21, 28-32) Com relação a essa passagem, você se assemelha mais ao primeiro irmão ou ao segundo? De que maneira?
3. (cf. 21, 33-43) Como você respondeu, até então, às pessoas que tentaram evangelizar você? Se já ficou ofendido, por que se ofendeu? Quanto de evangelização você acha que precisa agora? Por quê?
4. (cf. 21, 23) O que você faz quando discorda da autoridade da Igreja? Você a questiona, a desafia ou submete-se a ela? De que modo você vê a autoridade de Jesus através dela?

CAPÍTULO 22

Para compreender

1. (cf. 22, 11) Qual é o “traje da festa” que o convidado em questão não estava usando?
2. (cf. 22, 15-22) Qual é a malícia do plano que os fariseus fizeram com alguns partidários de Herodes de perguntar a Jesus sobre o pagamento do imposto?
3. (cf. 22, 32) De que modo Jesus adapta sua resposta aos saduceus, que só aceitavam os cinco primeiros livros da Bíblia hebraica? Que conclusão Jesus tira do trecho em questão?
4. (cf. 22, 45) Que esclarecimento Jesus faz aos fariseus a respeito do Salmo 110, que eles aparentemente não haviam entendido?

Para meditar

1. (cf. 22, 4-5) Você é um “cristão de domingo”? À luz do seu dia-a-dia, em que medida você está respondendo ao chamado de Deus para o banquete que Ele preparou?
2. (cf. 22, 21) Quão honesto você é no pagamento dos impostos ao seu governo local, estadual e federal? Que desculpas você dá a si mesmo para evitar o pagamento dos impostos? Quão generoso você é no suporte financeiro que você dá à Igreja?
3. (cf. 22, 37) O que significa para você amar a Deus com todo o seu coração, toda a sua alma e todo o seu entendimento? O que você faz para demonstrar esse amor?
4. (cf. 22, 39) O que significa amar o próximo como a você mesmo? Como você ama a você mesmo? Como isso se aplica ao modo como você ama o seu próximo?

CAPÍTULO 23

Para compreender

1. (cf. 23, 9) O que quer dizer Jesus quando fala a seus discípulos e à multidão para que “na terra, não chamem a ninguém pai”? Como se pode comparar essa passagem a outras do Novo Testamento em que o título “pai” é usado pelos

próprios apóstolos?

2. (cf. 23, 35) Quem são esses profetas que Jesus cita nessa passagem? Em que sentido Jesus está comparando seu destino com o deles?
3. (cf. 23, 37) Nessa passagem, que imagens do Antigo Testamento são ecoadas pela metáfora da galinha? De que modo essa metáfora se aplica ao Magistério da Igreja?
4. (cf. 23, 38) Leia Ezequiel 10, 18 e 11, 23.⁸ De que maneira a retirada de Jesus do Templo recorda, nessa passagem, a visão de Ezequiel?

Para meditar

1. (cf. 23, 2-3) Que tipo de confiança você deposita em seu mestre espiritual? Se você é um pai ou uma mãe de família, um catequista ou um mestre espiritual, quanto bem você põe em prática tudo o que você diz?
2. (cf. 23, 12) Que histórias da sua vida ilustram a verdade dessa passagem para você? Quando você foi humilhado? O que você aprendeu dessas experiências?
3. (cf. 23, 16-22) Com que frequência, numa conversa particular, você usa expressões, dizeres ou epítetos como “eu juro por Deus” a fim de endossar sua honestidade? Por que você deve evitar isso?
4. (cf. 23, 23-24) De que modo a condenação dos doutores da Lei e dos fariseus por parte de Jesus se aplica à prática da sua devoção católica? Por exemplo: como se compara o escrúpulo que tem ao praticar sua devoção favorita com sua prática efetiva de caridade e amor ao próximo?

CAPÍTULO 24

Para compreender

1. (cf. 24, 1-46) Por quais dois níveis de entendimento se pode compreender o que Jesus fala ao longo de todo esse sermão?
2. (cf. *Ensaio sobre um tópico*: Fim do mundo?) De que maneiras estão relacionados o mundo e o Templo na Bíblia e na antiga tradição judaica? Qual a relação entre o fim do Templo e o fim do cosmos? O que isso tudo tem a ver com a Igreja de hoje?

8 Ez 10, 18: “Em seguida, a glória de Javé deixou o limiar da porta do Templo e foi pousar em cima dos querubins”; Ez 11, 23: “A glória de Javé saiu de cima da cidade e foi pousar no monte que fica ao oriente da cidade” – NT.

3. (cf. 24, 15) O que é a “abominação da desolação” de que se fala nesse versículo? De que modo Jesus usa essa imagem?
4. (cf. 24, 29) O que costuma representar as imagens de queda do sol, da lua e das estrelas no Antigo Testamento? Como Jesus reformula o significado desse imaginário?
5. (cf. 24, 36) De que modo a tradição cristã interpreta a aparente ignorância de Jesus a respeito de sua segunda vinda?

Para meditar

1. (cf. 24, 12) Em sua experiência, de que modo a maldade “se espalhou tanto” ao seu redor ou em sua própria vida ao ponto de fazer seu amor por Deus esfriar? O que pode fazer com que ele seja reaquecido?
2. (cf. 24, 23-26) Como você costuma responder aos convites que lhe são feitos para aderir a novos estilos de vida, novos (ou recém-reavivados) movimentos ou a certas práticas religiosas que lhe prometem paz de espírito, serenidade, auto-realização e harmonia interior, mas que são inconsistentes (ou totalmente distintos) em relação à mensagem cristã?
3. (cf. 24, 36-44) De que modo se aplica à maneira como você vive a sua vida o aviso de Jesus para que fiquemos sempre vigiando? Em que sentido seus afazeres podem se tornar distrações para você? O que você precisa fazer para se preparar para a vinda do Senhor?

CAPÍTULO 25

Para compreender

1. (cf. 25, 1-13) Em que costume matrimonial judaico essa parábola é baseada? Que interpretação moral dão a essa parábola os primeiros Padres da Igreja (Orígenes, Hilário de Poitiers)?
2. (cf. 25, 26) Por que o servo que escondeu seu talento foi tão duramente repreendido por sua indolência?
3. (cf. 25, 31-46) A parábola do julgamento das nações opera seus significados em dois níveis históricos. Quais são eles?
4. (cf. 25, 40) Por que Jesus diz que servindo (ou não) ao próximo, serve-se (ou não) a Ele mesmo?

Para meditar

1. (cf. 25, 1-13) Quais preparações você vem fazendo para a chegada do Noivo?
2. (cf. 25, 14-30) Quão fiel você tem sido no trabalho com aquilo que Deus lhe deu para fazer? De que modo pode ser que você esteja escondendo o seu talento?
3. (cf. 25, 31-40) De todos os trabalhos de misericórdia corporais e espirituais listados nessa passagem, qual você tem feito? Qual deles vem sendo o mais proveitoso para você e para os outros?
4. (cf. 25, 41-46) De todos os trabalhos de misericórdia corporais e espirituais listados nessa passagem, qual você tem deixado de fazer, mesmo tendo a oportunidade – ou até mesmo, às vezes,

CAPÍTULO 26

Para compreender

1. (cf. 26, 29) Que aspectos da última ceia são destacados pela narrativa de Mateus? O relato de Mateus incorpora quais práticas e imagens do Antigo Testamento?
2. (cf. 26, 39) Por que Jesus reza ao pai para que afaste Dele o cálice da Paixão? Como a Igreja tradicionalmente interpreta o episódio do Getsêmani?
3. (cf. 26, 64) Por que Jesus rompe seu silêncio diante de Caifás? Qual é o sentido da resposta de Jesus a Caifás, sendo ele o Sumo Sacerdote?
4. (cf. 26, 74) Qual é a interpretação dada pelos santos para o cantar do galo após as negações de Pedro?

Para meditar

1. (cf. 26, 10-13) Como tem sido sua reação às pessoas que “desperdiçam” sua vida em Jesus (indo para o convento ou entrando para um seminário, por exemplo, quando podiam muito bem casar)? Em que momentos da sua vida você já “desperdiçou” algo seu em Jesus?
2. (cf. 26, 30-35) Você já quis ser um mártir? Por que (ou, por que não)? Se já quis e agora não quer mais, o que lhe fez mudar de idéia?
3. (cf. 26, 39) Como você vem lidando com as maiores dificuldades da condição em que vive? O que significa para você submeter-se à vontade de Deus? Em que medida a sua obediência é similar à de Jesus?

4. (cf. 26, 63) Como você tem respondido aos ataques e acusações que lhe fazem por praticar a sua fé? Você mantém o silêncio diante dos seus detratores ou os responde na mesma moeda?

CAPÍTULO 27

Para compreender

1. (cf. 27, 8-10) Qual é o fundamento, no Antigo Testamento, do Campo do Oleiro? Qual é o foco geográfico dessas passagens do Antigo Testamento e como isso se aplica ao Novo?
2. (cf. 27, 46) Por que Jesus cita o Salmo 22 quando está na cruz (além da óbvia referência ao próprio sofrimento que ele passava contida na primeira linha do salmo)?
3. (cf. 27, 51) O que significa o rasgar da cortina do Templo?
4. (cf. 27, 52) Como podemos entender a ressurreição dos falecidos que se seguiu à do próprio Cristo?

Para meditar

1. (cf. 27, 4-5) Em que momentos de sua vida você sentiu um remorso pungente a respeito de algo que tinha feito? Tal remorso foi parecido com o de Judas (sem esperança alguma) ou foi como o de Pedro em Mt 26, 75? Em que esse sentimento resultou?
2. (cf. 27, 24) A ação simbólica de Pilatos nessa passagem gerou a expressão “eu lavo minhas mãos”, que significa o desligamento de alguém de algum assunto sobre o qual não quer ter responsabilidade alguma. Para quais situações você “lavou suas mãos” mesmo sabendo que a responsabilidade sobre aquilo era sua? O que sua consciência lhe diz sobre essa ação?
3. (cf. 27, 25) Alguns cristãos usam essa passagem para justificar (erroneamente) seu anti-semitismo. Qual é a sua atitude perante os judeus e o judaísmo? Como essa atitude mudou ao longo dos anos? O quanto você sabe das origens judaicas do cristianismo?
4. (cf. 27, 46) Em que momentos de sua vida você já se sentiu abandonado por Deus? Qual era a ocasião? Que efeito essa experiência teve na sua fé?

CAPÍTULO 28

Para compreender

1. (cf. 28, 8) Que tipo de acontecimento é a ressurreição de Jesus? Que outro acontecimento é antecipado por ela?
2. (cf. *Mapa*: As aparições do Cristo Ressuscitado) De acordo com o que se encontra no Novo Testamento, quantas aparições Jesus fez aos seus discípulos? Para quantas pessoas, aproximadamente, Jesus apareceu ao todo? Por que para tantas?
3. (cf. 28, 19) Quais são as três etapas da missão dada por Jesus à Igreja?
4. (cf. 28, 20) Em que sentido Jesus estará sempre com a sua Igreja?

Para meditar

1. (cf. 28, 9) Se Jesus tomasse a iniciativa e encontrasse você antes que você o encontrasse, qual seria sua resposta? Você se lembra de algum momento em que isso aconteceu? Se não é capaz de se lembrar, como será capaz de reconhecê-lo caso Ele realmente venha ao seu encontro?
2. (cf. 28,19) Qual é a sua experiência com evangelização? Qual é sua atitude perante a idéia de praticá-la? O que você acha que Jesus quer que você faça com qualquer medo que você possa vir a ter?
3. (cf. 28,20) De que forma você reconhece a presença constante de Jesus em sua vida? O que você faz para estimular a presença dele ao seu lado?

FICHA CATALOGRÁFICA

Hahn, Scott; Mitch, Curtis; Walters, Dennis

O evangelho de São Mateus – Cadernos de estudo bíblico / Scott Hahn, Curtis Mitch e Dennis Walters; tradução de Thomaz Perroni – Campinas, SP: Ecclesiae, 2014.

Título original: *The Gospel of Matthew (Catholic Study Bible)*

ISBN: 978-85-63160-79-9

1. Estudos Bíblicos 2. Igreja Católica

I. Autores II. Título.

CDD – 220.7
282

Índices para Catálogo Sistemático

1. Estudos Bíblicos – 220.7
2. Igreja Católica – 282



O miolo deste livro foi feito com papel *chambrill* *avena* 80g, e a capa com cartão supremo 250g.